

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – JORNALISMO**

**A ESCRITA DE CARMEN DA SILVA:
*As colunas A arte de ser mulher***

**CLARICE MEDEIROS PASSOS
Porto Alegre, 2012**

CLARICE MEDEIROS PASSOS

A ESCRITA DE CARMEN DA SILVA:
As colunas A arte de ser mulher

Requisito parcial para a conclusão do
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
Orientação: Dr^a. Virgínia Pradelina da Silveira Fonseca

Porto Alegre, 2012



FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Autorizo o encaminhamento para avaliação e defesa pública do TCC (Trabalho de Conclusão de Cursos) intitulado “A ESCRITA DE CARMEN DA SILVA: As colunas *A arte de ser mulher*”, de autoria de Clarice Medeiros Passos, estudante do curso de Comunicação Social, Habilitação Jornalismo, desenvolvida sob minha orientação.

Porto Alegre, 11 de maio de 2012.

Assinatura:

Nome completo do **orientador**: Virgínia Pradelina da Silveira Fonseca

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Virgínia Fonseca, pelo auxílio e apoio nessa trajetória.

Aos meus pais, por sempre colocarem a educação no topo de suas preocupações e por sempre acreditarem em mim.

À minha avó, por ser um exemplo de vida.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar a vida e a obra da escritora e jornalista rio-grandense Carmen da Silva. Carmen manteve a coluna *A arte de ser mulher* na revista *Claudia* entre 1963 e 1985. No espaço, a autora abordou mensalmente temas polêmicos e foi precursora na abordagem da questão feminina com um viés progressista. Em um momento posterior do seu trabalho, ela se identificou com o movimento feminista brasileiro. Será feita uma recuperação histórica da autora através da análise bibliográfica e a Análise de Conteúdo das suas colunas. Faz parte do *corpus* dessa pesquisa 23 colunas escolhidas de forma aleatória – cada ano do seu trabalho é representado por uma coluna. Dessa forma pode-se identificar quais eram as maiores preocupações da autora. Também será feita um breve histórico do jornalismo feminino no Brasil, do surgimento da revista *Claudia* e das diferenças entre jornalismo feminino e jornalismo feminista.

Palavras-chave: Carmen da Silva; Jornalismo Feminista; Revista *Claudia*; História da Imprensa.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição temática das colunas analisadas.....	45
--	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. A HISTÓRIA DE CARMEN DA SILVA	13
2.1. Carmen da Silva e o movimento feminista brasileiro.....	22
3. A REVISTA CLAUDIA	28
4. METODOLOGIA.....	32
4.1 História da análise de conteúdo.....	32
4.2. Pesquisa bibliográfica.....	36
5. ANÁLISE DOS CONTEÚDOS.....	39
5.1. Jornalismo feminino e feminista.....	39
5.2 Etapas no trabalho de Carmen da Silva na revista <i>Cláudia</i>	41
5.3. Análise das colunas selecionadas.....	46
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	60
ANEXOS.....	64

1. INTRODUÇÃO

Carmen da Silva (1919-1985) escritora, psicanalista, jornalista e feminista passou 23 anos à frente da coluna *A arte de ser mulher* na revista *Claudia*, publicada mensalmente de 1963 até a sua morte em 1985. Nesse espaço, abordou vários temas tabus, como trabalho feminino, aborto, dupla moral, maternidade, infidelidade, e se tornou uma precursora do movimento feminista no Brasil. Nunca procurou dar respostas fáceis aos problemas das suas leitoras, mas buscava as fazer pensar e a questionar sua realidade. Para tanto, usava o método analítico, devido aos seus conhecimentos de psicanálise, para avaliar o comportamento da mulher brasileira e fazer com que ela pensasse sobre sua vida e buscasse respostas para seus dilemas.

Além da atuação na publicação, a escritora se tornou uma figura pública, sendo chamada para falar sobre a situação da mulher no país em inúmeros eventos. Para ela foi cunhada a expressão “mulheróloga”, alcunha dada pelo escritor Stanislaw Ponte Preta que mistura as palavras mulher e *logos* (conhecimento). Carmen também escreveu dois romances, uma novela e uma autobiografia.

A melhor definição, usada pela própria, é a de um “trabalho de formiguinha” na conscientização da mulher de classe média que lia a revista *Claudia*. Buscando não assustá-la com opiniões muito radicais, nem sendo demasiadamente branda na abordagem da questão feminina, ela conseguiu um equilíbrio entre suas opiniões progressistas, que foram se tornando mais aparentes a partir dos anos 1970, quando um movimento organizado das mulheres começou a surgir no país.

Nascida em Rio Grande, cidade portuária no interior do Rio Grande do Sul, Carmen da Silva não casou, nem teve filhos, o futuro esperado para uma mulher naquela época. Em suas memórias, ela se descreve como uma jovem inquieta, que não compreendia o porquê de tantas convenções sociais na provinciana Rio Grande. Tão logo se viu livre de empecilhos sociais, com a morte do pai e da mãe, foi buscar um ambiente mais aberto do outro lado do Rio da Prata. Viveu 20 anos entre Montevideu e Buenos Aires antes de voltar para o Brasil e, em 1963, assumir a coluna *A arte de ser mulher*.

Na capital Argentina, Carmen teve acesso a um grupo de companhias mais intelectualizadas, e participava, até onde era permitido por sua condição de estrangeira, da vida política porteña. Também foi lá que se lançou na vida literária, ao lançar seus primeiros

contos e romance. Essa passagem por Buenos Aires foi muito importante para sua formação tanto intelectual, quanto profissional.

Toma-se como data fundadora da segunda onda do feminismo no Brasil¹, o ano de 1975, ano internacional da mulher e quando houve a reunião constituidora do Centro da Mulher Brasileira, patrocinado pela ONU. No entanto, Carmen escrevia na *Claudia* desde 1963. Nessa data, nem mesmo o livro *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, havia sido publicado no Brasil. O livro, extremamente importante para a segunda onda do feminismo, foi lançado em 1949 na França e chegou ao país somente em 1968. Outro livro seminal para o movimento feminista, *A mística feminina*, de Betty Friedan, lançado em 1963 nos Estados Unidos chegaria somente em 1971 no Brasil. Nesse livro, Friedan aborda a onda de insatisfação que acometia as mulheres americanas. No Brasil de 1963, os temas da liberação feminina não haviam penetrado na sociedade essencialmente patriarcal e passavam longe dos meios de comunicação mais populares.

A revista *Claudia*, lançada em 1961, tinha como público-alvo a dona de casa de classe média e servia como um guia para orientar a mulher num país que estava se modificando. O final da década de 1950 e o início de 1960 é uma época de modernização e urbanização no Brasil. A imagem da mulher “moderna” é utilizada muitas vezes pela publicação. No entanto, a revista esbanjava conselhos matrimoniais. A abordagem dos problemas conjugais sempre colocava todas as responsabilidades na mulher. Se o homem não demonstrava mais interesse sexual, a mulher o devia seduzir; se ele estava cansado do trabalho, devia manter a casa organizada para sua volta; e, principalmente, não devia reclamar da vida.

Antes de Carmen chegar à revista, a coluna *A arte de ser mulher* era assinada por Dona Letícia. Especula-se que a coluna fosse escrita então pela equipe da redação, essencialmente masculina. Nela, se esbanjavam conselhos do tipo “se você se comportar direitinho, todos seus problemas acabarão”.

Em sua primeira coluna para a revista, *A protagonista*, Carmen já mostra como será a sua abordagem. Ela diagnostica uma insatisfação das mulheres de sua época e as incita a tomar as rédeas de suas próprias vidas, passando da passividade para a ação. Dessa maneira, conseguiriam “viver a sua vida” e se tornar seres humanos plenos. O que antes era um consultório sentimental, onde as opiniões sobre a vida alheia eram dadas sem muita pesquisa, com a nova colunista passa a ser um consultório quase psicológico, com informações baseadas em dados de pesquisas científicas.

¹ A primeira seria a luta pelo voto no final do século XIX e começo do século XX (PINTO, 2003).

Portanto, Carmen da Silva foi uma precursora na abordagem da temática feminina com uma perspectiva crítica tanto dentro da redação, quanto da sociedade como um todo. Não se pode quantificar objetivamente, mas é certo que o “trabalho de formiguinha” da autora criou frutos na sociedade e influenciou várias mulheres. E é devido ao seu caráter pioneiro, que as colunas de Carmen da Silva publicadas na revista *Claudia* são o tema deste trabalho.

Na tentativa de delinear este tema, estabeleceu-se como objetivo geral para esta monografia a análise das colunas *A Arte de ser Mulher*, na revista *Claudia*, entre 1963 e 1985. Como *corpus* de trabalho foram selecionadas 23 colunas, cada uma representando um ano de trabalho da autora na publicação.

Para alcançar esse objetivo, primeiramente far-se-á um resgate da biografia da autora. As fontes para isso serão buscadas na sua autobiografia *Memórias de uma senhora de respeito* (1982) e na dissertação *Carmen da Silva: o feminismo na imprensa brasileira*, de Ana Rita Fonteles Duarte.

Num segundo momento, discorrer-se-á sobre a história da revista *Claudia*, a partir do livro *História da Imprensa no Brasil*, de Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca, e *Imprensa Feminina*, de Dulcília Buitoni, assim como sobre o momento histórico em que a revista foi lançada e as colunas escritas, baseando-se no primeiro capítulo do livro *Pesquisa em Comunicação*, de Maria Immacolata Vassalo Lopes.

Posteriormente, procura-se fazer um mapeamento dos temas mais abordados na coluna. Com esse mapeamento, busca-se identificar os temas mais presentes e também refletir sobre as diferenças entre um jornalismo feminista e um jornalismo feminino, a partir de Dulcília Buitoni e do exemplo da revista norte-americana *Ms.*. Com a organização e sistematização desse *corpus*, espera-se compreender quais eram as maiores preocupações da autora.

Para a consecução desses objetivos específicos, utiliza-se como metodologia a pesquisa bibliográfica - para contar a história pessoal da autora, da revista *Claudia* e para discorrer sobre o momento histórico em que essas colunas foram escritas. Esse método é escolhido devido à impossibilidade de procurar fontes primárias para abordar esse assunto. Portanto, deve-se recorrer a livros já escritos sobre a história de Carmen da Silva e da revista *Claudia*.

Para identificar os temas mais frequentes nas colunas *A Arte de Ser Mulher*, utiliza-se a Análise de Conteúdo, que nos permite organizar e sistematizar o *corpus* da pesquisa, assim

como quantificar ocorrências a partir das quais inferir as concepções prevalecentes nos textos selecionados e os assuntos que mais preocupavam a escritora.

O tema foi escolhido por duas razões principais: a proximidade entre o tema e a autora deste trabalho e o fato do trabalho de Carmen da Silva ser pouco conhecido dentro e fora da academia, mesmo com sua grande importância.

Até pouco tempo atrás, nunca se havia ouvido falar da autora, nem dentro, nem fora da sala de aula – o que é interessante levando-se em conta os cinco anos no curso de Jornalismo. Tomou-se conhecimento de Carmen da Silva numa reportagem de *Zero Hora* sobre ela. Interessada na personagem, procurou-se conhecer mais sobre o assunto. Começou-se então a leitura da coletânea de colunas da autora *O melhor de Carmen da Silva*, quando se operou um processo de identificação imediata. Ela escrevia sobre coisas com as quais se estabelecia proximidade, apesar das diferenças temporais. Carmen da Silva, lá nos anos 1970, falava sobre assuntos que ainda nos dizem respeito na realidade atual.

Além das razões de ordem pessoal, o desconhecimento de sua obra motiva a redação deste trabalho. Apesar de ser um dos grandes nomes do jornalismo feminista, Carmen da Silva não é uma autora muito estudada na academia ou conhecida pelo movimento feminista.

Muito dessa falta de conhecimento pelo movimento feminista reside no fato de a colunista estar inserida em um meio de comunicação de massa e atingir o grande público com sua escrita. Essa situação faz com que sua abordagem não seja ser tão radical, o que poderia “assustar” o público e criar problemas dentro da redação da revista. Mesmo assim, sua escrita foi se radicalizando progressivamente, de forma que em meados dos anos 1970 já se autodenominava feminista, sem medo de chocar as leitoras. Sem contar, a qualidade indiscutível de seu texto, que além de leve e bastante divertido, levanta questões que ainda são de grande importância para as mulheres, seus anseios e seu problemas.

Esta monografia é composta de seis capítulos. Após a introdução, faz-se uma retomada de aspectos relevantes da biografia de Carmen da Silva, tendo como base a autobiografia já referida. Também, será explicitada sua relação com o movimento feminista. Além disso, aborda-se as razões que levam Carmen da Silva a se tornar colaboradora da revista naquele momento.

No terceiro, discorre-se sobre brevemente sobre as publicações femininas no Brasil, história da revista *Claudia* e sobre o momento histórico do seu surgimento.

O quarto capítulo trata das metodologias aplicadas para a consecução dos objetivos da pesquisa, e explica-se o conceito de Análise de Conteúdo e sua pertinência nesta monografia,

assim como o papel da revisão bibliográfica. Esse capítulo é construído a partir dos textos Heloísa Herscovitz e de Laurence Bardin. Também é explicado nesse segmento do que se trata a pesquisa bibliográfica.

O quinto capítulo é aquele em que se faz a Análise de Conteúdo dos textos constitutivos do *corpus* e as respectivas inferências. Também é nesse capítulo que se faz as distinções entre jornalismo feminino e jornalismo feminista e se apresenta a divisão cronológica que Carmen da Silva fazia do seu trabalho.

O último capítulo será reservado para as considerações finais do trabalho.

2. A HISTÓRIA DE CARMEN DA SILVA

Nascida em 31 de dezembro de 1919, na portuária Rio Grande, interior do Rio Grande do Sul, Carmen da Silva não seguiu o caminho pensado para as moças da sua época: casamento, filhos e uma vida centrada no lar. A mais nova dos cinco filhos de um casal de classe média alta, buscou outros horizontes. Como narra em sua autobiografia *Memórias de uma senhora de respeito*, desde cedo apresentou um comportamento inquieto.

Ser mulher nunca foi fácil para ninguém em nenhum lugar. Ser mulher numa cidade pequena nas décadas dos 30 e 40 era mais do que difícil, era dramático: havia que escolher entre a fuga, o martírio e o heroísmo. Confesso que escolhi a fuga (SILVA, 1984, p. 11).

De acordo com Carmen, a fuga era das poucas saídas para uma mulher na Rio Grande das décadas de 30 e 40:

Penso que é graças a essa atitude covarde que ainda estou aqui. Nem Joana d'Arc nem Anita Garibaldi: uma mulher como as outras, sem pena nem glória, mas viva e relativamente inteira. Outras permaneceram e conseguiram sobreviver, só elas sabem a que custo: a gaúcha é, antes de tudo, uma forte (SILVA, 1984, p. 11).

O livro, lançado em 1984, um ano antes de sua morte, segue o padrão das memórias de outras feministas de renome, ao tornar sua vida um exemplo de conscientização para outras mulheres. Como o slogan feminista afirma “o pessoal também é político”. Além das histórias pessoais, Carmen faz um panorama da situação da mulher numa cidade pequena no começo do século XX e de sua vida sentimental.

Uma geração empanturrada de romantismo cinematográfico, nutrido de ‘Stardust’, ‘Violinos ciganos’ e mocinha-e-mocinho-dançando-cheek-to-cheek-num-terraço-enluarado, na prática era condenada à mais árida privação sentimental. Quando muito, havia os namoros autorizados pela família: algumas dosadas visitas domiciliares, sempre sob a vigilância do pai, da mãe, dos avós, irmãos, tios e quem mais calhassem estar presente: qualquer reforço de olhos era bem-vindo para derrotar a astúcia dos jovens (SILVA, 1984, p. 16).

Para Ana Rita Fonteles Duarte, é possível ressaltar alguns pontos na vida de Carmen da Silva que explicariam em parte seu comportamento fora do comum para uma garota de Rio Grande no começo do século XX. São eles: a) a formação intelectual: educada em uma escola católica, Carmen se tornou normalista, nessa época a escola normal era uma promessa de “possibilidade de estudo e opção profissional” (DUARTE, 2004, p. 71); e b) a leitura. Conforme é narrado em suas memórias, ela sempre fora uma leitora voraz, o que fica claro pelas constantes citações literárias em seu texto.

Sozinha em meu quarto eu me escabelava recitando Shakespeare e Corneille no original [...]. Entupia-me de Nietzsche, Ingenieros, Krishnamurti, Ortega y Gasset – uma salada, um emaranhado difícil de destrinchar, mas algo estimulante que subia à cabeça como um vinho (SILVA, 1984, p. 28).

Na parte do livro em que são narradas as experiências do amadurecer feminina fica clara a falta de informação que as garotas tinham sobre seus próprios corpos. A história que Carmen conta sobre sua primeira menstruação é exemplar dessa falta de informação.

Meu corpo sofrera uma drástica mudança e alguém deveria explicar-me qual, como, em que sentido, com que consequências. Pouco me importava que aquilo acontecesse todos os meses com homens, mulheres, dromedários ou colibris: quem estava em causa era *eu*, o importante era saber o que estava ocorrendo *comigo*. Não passou pela cabeça a ideia de consultar minha priminha [mais velha]: era por mãos de minha mãe que eu tinha de entrar aquela comarca desconhecida, era dela que eu precisava receber uma confirmação qualquer, um sinal, um apoio. Seu silêncio me parecia uma recusa ativa, uma forma particularmente maligna de obstinação (SILVA, 1984, 22).

Outra situação marcante da condição feminina que Carmen ressalta de sua juventude em uma cidade provinciana é a do “primeiro baile”. Onde as moças ficavam sentadas junto a seus pais esperando que lhes tirassem para dançar, já que não podiam tomar a iniciativa. O supremo fracasso era passar todo o baile sem dançar.

Na verdade, nada era simples e casual nos ritos sociais da época – e as casadas mais maduras, que já tinham aprendido a lição, nos olhavam com um pequeno sorriso torcido de malignidade, como dizendo: aguenta que eu também já aguentei, você não é melhor do que ninguém. Aquilo fazia parte de nossa aprendizagem, o primeiro baile era uma espécie de vestibular para o desempenho do Papel Feminino. Estávamos aí para aprender a ser Verdadeiras

Mulheres: bonitinhas, enfeitadas como árvores de natal e, ao mesmo tempo, discretas, boazinhas, disponíveis, amorfas, reduzidas à mais absoluta passividade. Esperando. Esperando sem poder fazer nada: a impotência envolta em tules e crepes georgette. Macaquinhos amestrados que ficariam amontoados na jaula ou saíam de saiotê e chapéu a fazer suas gracinhas e receber aplausos e bananas, dependendo de um olhar do dono, um sinal do dono, um estalar de chicote do dono. Existe um sexo de patrões e um sexo de animaizinhos amestrados: estávamos aí para aprender quem governa o mundo, de que lado pende a balança do poder, quem é o dono e quem é o macaco. Ou melhor, a macaca (SILVA, 1984, p. 29).

Aos 23 anos, Carmen perde a mãe – seu pai já havia falecido anos antes – e se muda para Montevideú. A explicação para a mudança é simples: “[...] Porque não me alcançava a audácia para tentar o Rio de Janeiro. [...]. O Uruguai era próximo, quase familiar, o salto que não cobria distâncias temerárias nem grandes riscos” (SILVA, 1984, p. 42). A cidade tinha na época uma forte cena cultural, e o Uruguai dos anos 1940 era um país democrático.

Lá, começa a trabalhar no Comitê para a Defesa Política do Continente e no Escritório Comercial do Brasil. Mas o mais interessante é a independência nunca sentida antes. Pela primeira vez, os “poderes moderadores” não existem em sua vida. Também é no estrangeiro que Carmen conhece o assédio masculino, inexistente em Rio Grande devido à sua condição de “moça de família”. Em Montevideú ela afirma que chegava a ser uma homenagem, em Buenos Aires, no entanto, o assédio era quase sempre agressivo.

Devido a um relacionamento com um homem casado, o francês René, Carmen se muda de Montevideú para Buenos Aires, para acompanhá-lo. Ambos trabalhavam na mesma empresa de importações em que ele era sócio-diretor, e ela se tornou subdiretora.

Em suas memórias Carmen narra como começa a dirigir os negócios da firma na ausência de René. De acordo com a autora, essa “masculinização” era uma forma de agradá-lo.

Eu virar homem de negócios porque se tratava dos negócios de René. E aqui vem a grande incongruência, a ironia maior: eu virar homem porque era o que de mais “feminino”, no sentido piegas e tradicional, eu podia fazer por amor a ele. A dedicação fanática a seus interesses era o modo que eu tinha, torpe e desajeitada como sempre fui em matéria de habilidades domésticas, de ocupar-me dele, paparicá-lo, fazer-lhe infraestrutura, como toda a mulher que se preza. Ter a mente voltada para as operações triangulares e a cotação dos pesos uruguaios era o ersatz dos pratinhos gostosos que eu não sabia preparar para ele, equivalia a costurar botões nas camisas dele, cuidar da casa para ele, servir-lhe cafezinhos, fazer cafuné (SILVA, 1984, p. 59).

O relacionamento dos dois era problemático e marcado pelas tentativas de suicídio da mulher do empresário. Após vários rompimentos, Carmen avalia que o relacionamento era doentio e resolve encerrá-lo.

Foi só lá pela quinta ou sexta vez que apercebi, com um impacto que me tirou a respiração, o que a essas alturas já era o óbvio gritante para todo o mundo: a coisa compulsiva, o círculo vicioso, nossas manobras de cachorro querendo abocanhar o próprio rabo (SILVA, 1984, p. 53).

Na época em que Carmen viveu em Buenos Aires (1950 e 1962), a Argentina vivia sobre o regime ditatorial Peronista. Essa experiência a marcou bastante, pois, como ela afirma, não estava acostumada a viver em uma eterna paranoia, típica dos regimes autoritários.

Carmen presenciou o segundo período da presidência de Perón (1951-1955), caracterizado pela crise econômica e endurecimento da repressão frente à oposição formada pela aliança entre setores de classe média e adversários tradicionais do regime, como a oligarquia rural, fração da alta burguesia industrial e do capital externo. Apesar de ter vivido no Brasil durante o Estado Novo, era muito jovem para lidar com os melindres do regime autoritário, além do que seu círculo familiar não lhe permitia temer à repressão, executada em sua cidade de maneira restrita (DUARTE, 2005, p. 83).

Durante essa estada de doze anos e meio em Buenos Aires, Carmen escreve seu primeiro romance, *Septiembre* (1957), em que narra os dias da queda do regime peronista. O livro venceu, junto com *El Acoso*, de Alejo Carpentier, o prêmio *Faixa de Honra* da Sociedade Argentina de Escritores. Também foi em Buenos Aires que ela entrou em contato com a psicanálise, um conhecimento que usaria bastante em suas colunas na revista *Claudia*.

Após o lançamento de seu livro, Carmen começa a participar mais ativamente da cena literária e jornalística de Buenos Aires. Nesse grupo, era uma das poucas mulheres. Os escritores casados preferiam deixar suas esposas em casa e ir sozinhos aos encontros. Como deixa claro em seu livro de memórias, a opressão feminina não era um problema identificável para ela: “Seja entre as escritoras com quem eu tinha uma convivência mais assídua, seja no grupo da Associação Psicanalítica, a opressão feminina não era evidente demais – e eu simplesmente imaginava que ela não existia. Ou melhor, nem pensava a respeito.” (SILVA, 1984, p. 95).

Mesmo lendo *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, presente de René, Carmen passou incólume pelo livro. A questão da opressão feminina nesse momento não a incomodava. Ela acreditava que o preconceito não existia e considerava que se as mulheres não tinham direitos iguais aos homens era porque eram acomodadas. Aos poucos, a autora começa a abrir seus olhos para essa situação.

Só de um modo muito gradativo comecei a perceber a teia de aranha persistente e tenaz que envolve as mulheres, tolhendo-lhes os movimentos, a gaiola de ouro – para algumas, de arame enferrujado – da qual eu fugira num momento inspirado – porque podia fugir – sem ter, entretanto, muita consciência do que fazia (SILVA, 1984, p. 86).

Apesar da situação confortável em Buenos Aires, Carmen trabalhava como secretária na Embaixada Brasileira, após seu rompimento com René, a falta de possibilidade de participação política que sua situação de estrangeira acarretava se tornou um incômodo.

Eu não podia assinar manifestos, participar de passeatas, malhar e desancar publicamente o que quer que fosse ou mesmo aprovar com demasiada veemência: a todo instante tinha de sofrer meu potro.[...]. Em dia de eleição, eu acompanhava os amigos até quase a boca de urna, pegava os conhecidos vacilantes e ia tentando fazer sua cabeça até o último minuto – e depois me retirava com o rabo entre as pernas, remoendo a mágoa da exclusão (SILVA, 1984, p. 108).

Devido a esse sentimento de alienamento político, Carmen decide voltar ao Brasil em 1962, e se instala no Rio de Janeiro. Seu primeiro trabalho é em um escritório. Nesse ambiente, ela começa a observar a realidade da mulher brasileira.

Foi nesse escritório, entre moças ótimas, porém “normais” – pequena classe média típica, aspirações convencionais –, sem o talento e a personalidade de minhas amigas argentinas, que finalmente descobri a mulher. E, graças a essa descoberta, recobrei pelo menos uma parte da minha pluralidade (SILVA, 1984, p.117).

Acostumada a conviver somente com mulheres pertencentes aos círculos intelectuais, Carmen se tornou extremamente curiosa em relação à rotina de suas colegas de trabalho. Esse conhecimento serviria, mais tarde, de base para sua coluna na revista *Claudia*. O comportamento dessas mulheres lhe era estranho. Elas moravam sozinhas, longe dos pais, e

trabalhavam, mas toda sua existência era ordenada pela aceitação masculina e, o supremo sonho, o casamento. Mesmo sendo mulheres “independentes”, suas vidas não eram geridas por si, mas por uma necessidade de aceitação.

Entrei num frenesi de curiosidade, abordava-as a toda hora com as perguntas mais indiscretas: o que é que você faz à noite? E nos finais de semana? Tem quem cozinhe para você? Como se decidiu a morar longe da família? Que é que espera da vida? [...] Ao mesmo tempo, eu também vasculhava em meu próprio passado, revendo sob uma luz nova cada episódio, cada atitude, cada reação. Eu era relativamente senhora de meus atos, não estando preocupada demais com o que os homens gostam ou não gostam [...] e no entanto, quantos milhares de vezes aceitara, conciliara, claudicara, engolira, quantas culpas alheias assumira como se fossem minhas, quantos segundos planos ocupara, por achar que o primeiro não era meu lugar. Sim, estávamos todas no mesmo barco (SILVA, 1984, p. 119).

A aproximação com a revista *Claudia* se deu por sua iniciativa, como narra o então editor da revista *Claudia*, Thomaz Souto Corrêa, na coluna de despedida publicada na revista, logo após o falecimento de Carmen.

A carta era sem dúvida fora do comum: endereçada ao ‘Ao Diretor da revista *Claudia*’, chegou às mãos do Luis Carta, diretor de então. O Luís me chamou, eu era o redator-chefe, e juntos desconfiamos ter encontrado a jornalista e articulista com quem sonhávamos para preencher um espaço que, já naquele momento, o Brasil de 1963, nos parecia ainda inexplorado. O de alguém que mostrasse para nossas leitoras que a mulher precisava se preparar para uma nova posição na vida, que os costumes estavam mudando, e que a mulher tinha que se conscientizar de que sua situação era igual à do homem, ao lado do homem, fosse ela uma dona-de-casa, ou uma profissional em qualquer atividade (Corrêa apud Civita, 1994, p. 3)

Na carta, Carmen explicava que as mulheres brasileiras deviam buscar horizontes, além do lar, e a buscar novos papéis na sociedade². Também, foram anexados um currículo, artigos, contos e crônicas que ela havia publicado na Argentina. Portanto, Carmen entrou na revista para suprir uma lacuna em sua redação³: a de uma mulher que falasse de maneira franca e sem rococós com para outras mulheres. Alguém de uma fala arejada e moderna. Aquela gaúcha que passara boa parte de sua vida emigrada era exatamente o que *Claudia*

² Esse será o tema da primeira coluna de Carmen, *A protagonista*, em que afirma que as mulheres brasileiras devem tomar suas vidas em suas próprias mãos e começaram a ser protagonistas de sua própria vida, em vez de terem uma atitude passiva.

³ A presença de mulheres na imprensa dos anos 1960 era bastante pequena e normalmente circunscrita a suplemente femininos (DUARTE, 2005).

precisava. Em um momento de modernizações no país, não era de se estranhar que a grande revista feminina brasileira, que se orgulhava de ser uma publicação “moderna”, procure alguém que pudesse falar da questão feminina de maneira não conservadora.

Havia algum tempo, os editores buscavam um nome feminino que pudesse ocupar espaço na Revista falando para mulheres de maneira distinta do que até então era praticado na imprensa. O momento exigia da revista poder de argumentação e conhecimento maior para abordar assuntos relativos à mudança de comportamento. O senso comum já não dava conta da rapidez dos processos desencadeados por mudanças, na área das relações de gênero. A direção da revista sabia desse fato (DUARTE, 2005, p. 37).

Também, ao introduzir articulistas na publicação, existe a possibilidade de vozes dissonantes dentro de um mesmo veículo. Há um espaço para discussão de assuntos mais polêmicos.

Introduziu-se, aos poucos, o debate, retirando-se a responsabilidade da palavra final da revista, deixando essa tarefa mais a cargo das leitoras. Isso acontecia tanto para que a Revista evitasse o autoritarismo da verdade absoluta, como também para que a equipe produtora evitasse tomada de posição, o que agradaria uns, mas desagradaria a outros leitores. Essa atitude estaria situada como estratégia de tentar criar um vínculo aparente com o público leitor. Esse é, no entanto, o diferencial que não pode descartar, pois representa a alternativa mais liberal, adotada por *Claudia*. É nesse contexto que podemos compreender a presença de Carmen da Silva e sua seção *A arte de ser mulher* [...] (DUARTE, 2005, p. 36).

Carmen tinha acabado de fechar o contrato de publicação do romance com traços autobiográficos *Sangue sem dono*, que seria lançado no ano seguinte pela editora *Brasiliense*. No livro, é narrada a história de uma jovem que se muda de uma pequena cidade no Rio Grande do Sul para a Argentina em busca de autonomia. Com essa mudança, ela descobre o amor pela escrita.

Carmen é contratada como redatora de assuntos femininos e assume a coluna *A arte de ser mulher*, nome que detestava. “Confesso que [eu, Carmen da Silva,] não gostei do nome, sentia-lhe certo ranço de pieguice, um tom de coisa melíflua que não casava muito bem com meu enfoque” (SILVA, 1994, p. 42).

Antes de sua chegada à revista, o espaço já existia, mas era ocupado por uma desconhecida Dona Letícia. Apesar de não haver possibilidade de confirmação, desconfia-se de que quem escrevia a coluna fossem os membros masculinos da redação de *Claudia*. Nesse

espaço, os conselhos sempre reforçavam os costumes da sociedade patriarcal da época. Com sua chegada à revista, a coluna foi completamente modificada.

Meus artigos caíram como UFOS incandescentes no marasmo em que dormitava a mulher brasileira naquela época. Logo comecei a receber uma avalanche de cartas em todos os tons: desesperados apelos, xingamentos, pedidos de clemência: deixe-nos em paz, preferíamos não saber! Consciência dói [...] e lá vinha eu mês a mês com minha lengalenga, remoendo, insistindo, revolvendo as feridas (SILVA, 1984, 120).

Com a mudança de comando, a coluna começou a abordar os problemas da mulher brasileira com um viés mais crítico. Carmen usava seus conhecimentos de psicanálise para ajudar suas leitoras a tomarem decisões sozinhas. Como no método psicanalítico, a colunista evitava o aconselhamento direto e procurava fazer questionamentos que mexessem com suas leitoras.

A diferença entre o consultório tradicional e o que começou a ser trabalhado por ela, não dizia respeito ao teor dos questionamentos e desabafos feitos pelas leitoras, mas à própria forma de respondê-los. Ao invés de fornecer receitas prontas de felicidade às leitoras, Carmen optou por questionar os problemas e conflitos vividos pelas mulheres. Não tinha uma preocupação em trazer alívio imediato, mas queria, através de suas intervenções, reconstruir os ideais de mulher presentes na sociedade, desconstruindo convicções enraizadas e questionando as atitudes mais típicas do gênero feminino (DUARTE, 2005, p.43).

Com o sucesso de sua coluna, ela virou uma referência sobre o assunto no país, participando de programas de televisão e viajando para dar palestras em universidades, associações de moradores, clubes de mães. Também foi enviada à Europa por *Claudia* para fazer uma série de reportagens sobre a vida das mulheres em outros países. Pode-se ter noção do impacto de seu trabalho pelo número de cartas recebidas. “Ela [Carmen] chegou a receber de 400 a 500 cartas por mês, tendo esse número se estabelecido em torno de 150, na fase final de seu trabalho em *Claudia*” (DUARTE, 2005, p. 41).

Apesar de escrever sobre assuntos mais polêmicos, não há nenhuma referência a grandes conflitos com seus editores em suas memórias. É de se crer que ela tivesse certa autonomia no que queria escrever. No entanto, Carmen narra a divertida história de um chefe que queria que ela escrevesse uma coluna sobre o assunto: “Meu marido não me abraça mais”.

Tentei explicar-lhe o caráter machista dessa noção da onipotência feminina: “se seu marido não quer mais trepar é porque você não sabe fazê-lo querer”: ser onipotente é arcar com todas as responsabilidades, todas as culpas. Palavras ao vento, mais uma vez eu estava gastando saliva à toa. [...]. Passei dois anos esquivando o corpo como bem podia ao não-abraço conjugal, honny soit qui mai y pense. Depois, o senhor diretor bateu as asas em outra direção e as rendas pretas ficaram como mera lembrança de um pesadelo antigo e ligeiramente hitckcokiano. (SILVA, 1984, p.47)

Durante boa parte do tempo em que assinava a coluna, Carmen morava em um amplo apartamento no Posto Seis em Copacabana (RJ) que virou um local de encontro da “esquerda festiva”, com quem ela não conseguia se identificar – mesmo que tivesse se tornado uma referência para a geração mais jovem. Com 40 anos, Carmen sentia uma diferença geracional muito grande com os jovens da época. Segundo narra em suas memórias, seu apartamento vivia cheio de convidados, não convidados, que apareciam nas horas mais inadequadas e transformavam seu trabalho em algo quase impossível. Para fugir do agito, mudou-se para, à época, pacata Niterói.

Durante essa estada, Carmen se casou pela primeira vez com um advogado mineiro que é chamado de Mr. F (falante e folgado), em suas memórias. Essa relação, conforme narra, contrariava todas as suas crenças feministas e revelava que até mesmo uma pessoa consciente em relação aos problemas de gênero pode fazer julgamentos errados em sua vida pessoal. “Madurona, psicanalisada, feminista convicta, eu ia aos poucos incorporando essa visão negativa de mim mesma. Ante a persistência da catequese, de nada valia a prova dos fatos” (SILVA, 1984, p. 141).

Após a separação, Carmen volta ao Rio de Janeiro e se estabelece em um grande apartamento com a companhia de dois gatos.

No final de suas memórias, Carmen faz um balanço da velhice, da solidão e de sua vida:

Não tive a vida que, segundo as Normas Vigentes na cabeça dos cavalheiros chovinistas (sic), toda-a-mulher-quer-para-si. Acontece que nem as cabeças chovinistas (sic) funcionam maravilhosamente nem eu sou toda-a-mulher: minha condição plural não dilui minhas fronteiras de indivíduo: afirma-se em solidariedade, não em promiscuidade. E, como indivíduo, vivi exatamente como eu desejava. Nem sempre com total consciência no momento da escolha, mas, pelo menos, guiada por uma intuição que, a longo prazo, nunca me trai. (SILVA, 1984, p. 188).

E de sua condição de feminista:

Escolhi o feminismo como forma específica de luta porque é o terreno onde piso com mais segurança, maior conhecimento de causa: branca, alfabetizada, originária da burguesia média – no tempo em que isso ainda existia no Brasil –, a opressão sexista é a que mais intensa e diretamente senti na própria carne (SILVA, 1984, p. 189).

Após participar de um seminário em Resende/RJ, começou a sentir fortes dores abdominais. Antes de ir ao hospital, chegou a brincar “Gravidez nessa idade não pode ser”. Carmen faleceu aos 65 anos, em 29 de abril de 1985, de um aneurisma abdominal.

2.1 .CARMEN DA SILVA E O MOVIMENTO FEMINISTA BRASILEIRO

De acordo com Cynthia Sarti (SARTI, 2004), vários fatores explicam o ressurgimento⁴ do feminismo no Brasil na década de 1970:

Em 1975, a ONU declara o Ano Internacional da Mulher, pelo impacto que já se fazia sentir do feminismo europeu e norte-americano, favorecendo a discussão da condição feminina no cenário internacional. Essas circunstâncias se somavam às mudanças efetivas na situação da mulher no Brasil a partir dos anos 1960, propiciadas pela modernização por que vinha passando o país, pondo em questão a tradicional hierarquia de gênero (SARTI, 2004, p. 36).

Além da modernização do país, outro fator que influencia o ressurgimento do feminismo no país é o movimento de efervescência cultural e política que tomou conta de boa parte do mundo no ano de 1968.

O feminismo que eclode nas décadas de 1960 e 1970 nos Estados Unidos e na Europa está estreitamente relacionado a toda a efervescência política e cultural que essas regiões do mundo experimentam na época, quando se formou um caldo de cultura propícia para o surgimento dos movimentos sociais. A derrubada de dois grandes mitos foi central no cenário desses acontecimentos: nos Estados Unidos, a Guerra da Coreia e, principalmente, a

⁴ A primeira onda do feminismo seria o movimento sufragista, que lutava por direitos políticos, entre o final do século XIX e no começo do século XX. Seus principais nomes seriam a bióloga Bertha Lutz e da anarquista Maria Lacerda de Moura. (PINTO, 2003).

Guerra do Vietnã foram responsáveis pelo fim do sonho americano popularizado no *american way of life* (PINTO, 2003, p. 41).

Os conflitos raciais e as guerras começaram a colocar em cheque esse estilo idealizado de vida norte-americano. Logo, as revoltas iam se espalhar por vários âmbitos da sociedade e do mundo. No entanto, enquanto Estados Unidos e Europa viviam esse momento extremamente politizado, no Brasil vivíamos em uma ditadura.

O governo Médice inaugurou a partir de 1969 um regime de terror, radicalizando a política de repressão. O país viveu nesses anos uma experiência muito próxima do totalitarismo. O espaço político ficou reduzido a uma farsa, a censura extrapolou a questão política e chegou com muita força a questões ditas de moral e de costume (PINTO, 2003, p. 43).

Apesar desse ambiente pouco favorável, começa a surgir um movimento feminista no país na virada dos anos 1960, esse movimento se organizaria no decorrer da década seguinte.

Em 1972, acontecem dois eventos que provam que novos ares estão chegando ao Brasil. O primeiro deles é o congresso promovido pelo Conselho Nacional das Mulheres e organizado pela advogada Romy Medeiros⁵. Os temas em debates vão dos mais polêmicos como planejamento familiar aos mais prosaicos, como problemas com babás. O segundo evento, são as reuniões informais que os grupos de mulheres começaram a organizar no Rio de Janeiro e São Paulo para discutir os mais diversos temas, como sexualidade, política, arte, entre outros assuntos (PINTO, 2003).

Apesar desses movimentos no começo dos anos 1970, toma-se como data inaugural do movimento feminista brasileiro o ano de 1975.

Até então [1975] o movimento estava restrito a grupos muito específicos, fechados e intelectualizados, chegando mesmo a configurar mais como uma atividade privada, que acontecia na casa de algumas pessoas. Em termos da política nacional, os últimos anos da década de 1960 e os primeiros da década de 1970 haviam sido dominados pela linha mais dura do Exército. [...]. O espaço para qualquer manifestação pública fora praticamente reduzido a zero e a repressão chegava a níveis de violência antes não imaginados nem sequer pelos componentes do próprio regime (PINTO, 2004, p. 56).

⁵ De acordo com Céli Pinto (PINTO, 2004), Carmen da Silva havia participa desse evento junto com outras feministas de esquerda como Rose Marie Muraro e Heleith Saffioti.

Além da entrada em cena do General Geisel, que prometia uma distensão política gradual e controlada, o fato que explica a tomada desse ano como inaugural do feminismo no Brasil é o encontro na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), devido ao Ano Internacional da Mulher da ONU. No evento, foi criado o *Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira*. O surgimento do centro marca uma virada no movimento, passando de algo quase privado para o institucional.

O reconhecimento oficial pela ONU da questão da mulher como problema social favoreceu a criação de uma fachada para um movimento social que ainda atuava nos bastidores da clandestinidade, abrindo espaço para a formação de grupos políticos de mulheres que passaram a existir abertamente, como o *Brasil Mulher*, o *Nós Mulheres*, o *Movimento Feminino pela Anistia*, para citar apenas os de São Paulo (SARTI, 2004, p. 39).

A partir do encontro do Ano Internacional da Mulher, na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), o movimento feminista tomou impulso no Brasil e vários grupos começaram a surgir. Pode-se citar como fatores para esse crescimento:

[...] Podemos citar o projeto do novo Código Civil, apresentado ainda em 1975, ao Congresso Nacional. Mantinha a direção da sociedade conjugal com o marido, mas já apresentava avanços a fim de diminuir a inferioridade da mulher casada. Uma Comissão Parlamentar de Inquérito sobre a situação da mulher também seria instaurada em 1977. Nesse ano, seria promulgada a Lei do Divórcio e seria encaminhado, ao Congresso, o projeto de Reforma da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) que previa a manutenção do protecionismo da legislação às mães e liberava a presença de mulheres em determinados ramos considerados perigosos ou insalubres, além de propor a anulação de contratos de trabalho, considerados discriminatórios contra as mulheres (DUARTE, 2005, p. 103).

Na edição de março de 1975 da revista *Claudia*, *Carmen* escreve sobre a instituição do Ano Internacional da Mulher:

Que significa essa ação sem precedentes [a instituição do Ano Internacional da Mulher]?

Significa o reconhecimento a nível oficial das desigualdades, injustiças e limitações, clamorosas ou sutis, que ainda pesam sobre a condição feminina em nossos dias. Significa admitir, por fim, que a existência de uma imensa legião de “cidadãs de segunda classe”, discriminadas, marginalizadas do processo social ou mal integradas nele, constitui um fator a mais de desequilíbrio e tensão que tem de ser paliativo antes que possa estalar em

consequências mais graves. Os movimentos feministas se alastram presença atuante e desassombrada, na maioria dos países ocidentais, desenvolvendo um trabalho sério, que nem as habituais distorções da imprensa conseguem neutralizar; esses grupos pesquisam a fundo a situação real da mulher, apresentam denúncias precisas, esgrimem reivindicações concretas, muitas vezes através de atitudes e manifestações de enorme repercussão pública, criando uma conscientização de massas cada vez mais aguda em torno da questão feminina. Assim, o mais alto organismo internacional considerou oportuno e prudente chamar a si um problema que ameaça a chegar a um ponto crítico. (SILVA, 1975, p.85)

Em 1976, para não deixar o assunto morrer, a revista *Claudia* anuncia que este seria o Ano da Mulher em *Claudia*. Em sua coluna Carmen da Silva anuncia o acontecimento e explica o porquê dessa escolha:

Sim, por que não vamos nos contentar com a ajuda, (aliás ótima e oportuna) que recebemos da ONU em 1975 e, a partir daí, dar o assunto por encerrado: pronto, acabou-se, fim, volta a mulher a recolher-se à sua “insignificância”. Não, eu não. E aposto que vocês também. Após um começo tão auspicioso, não é o caso de cruzar os braços (SILVA, 1976, p. 72).

Os grupos feministas que surgiram faziam oposição ao regime militar da época e, apesar de terem surgido nas classes médias e intelectualizadas, funcionavam em coalizão com as classes populares.

Inicialmente, ser feminista tinha uma conotação pejorativa. Vivia-se sob fogo cruzado. Para a direita era um movimento imoral, portanto perigoso. Para a esquerda, reformismo burguês, e para muitos homens e mulheres, independentemente de sua ideologia, feminismo tinha uma conotação antifeminina. A imagem feminismo *versus* feminino repercutiu inclusive internamente ao movimento, dividindo seus grupos como denominações excludentes. A autodenominação feminista implicava, já nos anos 1970, a convicção de que os problemas específicos da mulher não seriam resolvidos apenas pela mudança na estrutura social, mas exigiam tratamento próprio (SARTI, 2004, p. 40).

Mesmo sendo considerada uma das precursoras do feminismo no Brasil, Carmen da Silva não é uma unanimidade dentro do movimento. Muitas das líderes consideram o texto de Carmen, demasiadamente brando e superficial.

A escritora feminista Rose Marie Muraro, por exemplo, afirmou que embora reconhecesse a importância do papel exercido por Carmen, junto às donas de casa de classe média, não tinha “paciência” para ler os artigos da jornalista, achava-os muito “chato”. Já era feminista quando Carmen iniciou sua militância e gostava de ler teorias mais aprofundadas sobre o tema (DUARTE, 2005, p. 50)

Apesar dessa reticência em relação ao trabalho de Carmen, a própria Rose Marie Muraro, que recebeu a honraria de ser a “Patrona do Feminismo no Brasil”, galardão delegado pelo ex-presidente Lula em 2005, reconhece que seu trabalho era importante. “A Carmen da Silva era uma pessoa para a classe média, não era para as feministas, embora as feministas tivessem consciência que a Carmen da Silva era um elemento fundamental para o feminismo do futuro” (MURARO apud DUARTE, 2005, p. 51).

A própria Carmen sabia que o seu trabalho era gradual, pois seu público não era de mulheres que já conheciam os principais conceitos do feminismo e que já pensavam sobre a condição de opressão em que viviam. Para um público que era na sua maioria leigo no assunto, Carmen não podia utilizar muitas abstrações e conceitos acadêmicos, nem mesmo abordagens muito radicais, o que poderia levar a um afastamento do público.

Carmen da Silva trabalhava com a perspectiva de mudanças, em longo prazo, no comportamento de suas leitoras. Não queria assustá-las, muito menos perdê-las, mesmo contrariando-as e utilizando seus protestos como motivações para novos artigos como fez muitas vezes. Tinha, no entanto, a consciência de que deveria conduzir o processo que teria de avançar, pouco a pouco (DUARTE, 2005, p.51).

Mesmo com essa abordagem, a reação do público aos seus primeiros artigos foi grande e muitas vezes violenta.

Entre os temas que rendiam mais polêmica, de acordo com Thomaz Souto Corrêa [editor-chefe de *Claudia* na época], estavam os primeiros artigos sobre a importância do trabalho para a mulher e em momento posterior, a questão da maternidade como opção e a problematização do aborto (DUARTE, 2005, p. 52).

Não se pode esquecer que durante boa parte do tempo em que Carmen escreveu na revista *Claudia*, não existia um movimento feminista organizado no Brasil.

Embora já viesse escrevendo para mulheres de classe média, desde 1963, e tivesse incorporado ideias presentes nas manifestações políticas de 1968, marco simbólico para o surgimento do novo feminismo, difundindo-as em seus artigos, entrevistas e palestras, a militância de Carmen, em consonância com outras mulheres e grupos seria fortalecida a partir de 1975 (DUARTE, 2005, p. 101).

Foi somente deste ano que o contato entre a autora e grupos feministas surgiu.

O primeiro encontro, eminentemente organizado por feministas, denominado “Semana de Pesquisas sobre o Papel e o Comportamento da Mulher”, ocorreu, no Rio de Janeiro, de 30 de junho a 6 de julho, na sede da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), reunindo várias mulheres que depois viriam a formar os principais grupos feministas brasileiros. Carmen, às vésperas de completar 56 anos, já transformada em figura de referência no assunto, foi procurada pela organização do evento para compor a mesa “Situação da Mulher no Brasil” (DUARTE, 2005, p. 101).

Mesmo que sua abordagem não fosse tão contundente, como Rose Marie Muraro gostaria, sua importância não deve ser diminuída. Principalmente pela atuação de vanguarda, já que desde 1963, Carmen escrevia sobre assuntos que o movimento feminista defende.

[...]Relatos dão conta do papel desempenhado por Carmen na divulgação da agenda feminista no país, a partir da seção *A arte de ser mulher*, em *Claudia*. Muitas das que participaram da semana da ABI [reunião do Ano Internacional da Mulher, em 1975] eram leitoras de Carmen, universitárias ou simplesmente curiosas, mobilizadas por seus escritos (DUARTE, 2005, p. 102)

Após a reunião na Associação Brasileiro de Imprensa (ABI) e o surgimento de um movimento de mulheres organizado no país, os artigos de Carmen assumem um tom mais militante. “Após a reunião da ABI, ela se inseriu no dia-a-dia dos grupos, da militância propriamente dita, e empreendeu, em *Claudia*, a mudança na abordagem da questão feminina, influenciada pelas discussões e respaldada por elas” (DUARTE, 2005, p. 102).

Carmen também foi uma das fundadoras do centro de pesquisa *Centro da Mulher Brasileira*, participava ativamente de palestras de vários grupos feministas, assinava manifestos e até mesmo das manifestações do *Dia internacional da mulher* participava, apesar da idade já avançada.

Em 1976, Carmen publica a coluna *Porque sou feminista*, em que relembra sua trajetória de 13 anos na revista e explica os motivos de sua identificação com o movimento das mulheres.

Já é hora de assumirmos aberta e francamente a definição: Eu sou feminista. Assim como são todas vocês que me escrevem, queixando-se de injustiças, discriminações, iniquidades, sejam elas de ordem geral ou referidas a tal ou qual situação específica. [...] Bem, também vocês são feministas. Mesmo que não o saibam, mesmo que vacilem em colocar-se esse rótulo que assusta tanta gente. Aliás, eu seria a última em recriminá-los por falta de coragem: as reservas, os temores, a insegurança foram inculcadas em todas nós como parte do sistema de manipulação que a mulher vem sofrendo a milênios (SILVA, 1994, p. 78).

Mesmo que para algumas representantes do movimento feministas a abordagem de Carmen fosse demasiadamente branda, ela conseguiu conscientizar muitas mulheres de classe média sobre os problemas da discriminação pelo gênero. Com seus artigos, ela ajudou a criar um público cativo e é bem possível que, muitas dessas leitoras, se engajaram nas lutas do movimento feminista.

3. A REVISTA CLAUDIA

De acordo com Dulcília Buitoni, a grande imprensa feminina inicia-se no Brasil com o lançamento de *Capricho*, pela editora Abril, em 1952 (BUTONI, 1986). A revista, em circulação até hoje, depois de várias reformulações, publicava principalmente fotonovelas, mas também abria espaço para assuntos típicos de revistas femininas, como moda, culinária e decoração. Em 1959, a mesma editora lança a revista de moldes *Manequim*.

Nos anos 50, a vinculação consumo/imprensa feminina estabelecia-se com uma intensidade progressiva, devido ao crescimento das indústrias relacionadas à mulher e a casa, ao fortalecimento do mercado interno e à relativa ampliação da classe média (BUTONI, 1986, p. 49).

Lançada em 1961, pela *Abril*, a revista *Claudia* veio para preencher uma deficiência em publicações femininas que existiam no Brasil da época. Sua única concorrente era a revista *Joia*, lançada pela Bloch em 1957. A publicação é considerada um avanço no que se escrevia para a mulher até aquele momento.

Claudia avançou com relação às predominantes fotonovelas publicadas pela própria Editora Abril, por ser uma revista no estilo “magazine moderno”, espécie de guia prático para todas as horas. Falava do cotidiano e dos assuntos considerados “femininos”, dando caráter mais jornalístico a alguns temas tratados e trazendo matérias substantivas e reportagens voltadas para um público eminentemente brasileiro. Seu primeiro número, em outubro de 1961, teve tiragem de 150 mil exemplares (DUARTE, 2005, p. 17).

Em uma crônica comemorativa dos vinte anos de publicação da revista, Carmen relembra este início.

Claudia trazia artigos, reportagens, notas sobre cinema, teatro, livros, beleza, moda, cozinha, decoração e outros temas habituais nas revistas femininas. A maior novidade, porém, era seu tom arejado, sua forma de se dirigir à leitora reconhecendo nela uma mulher concreta situada no aqui-e-agora e não uma abstração, uma vaga e idealizada visão do “feminino” concebida pela fantasia e pelos preconceitos dos homens (SILVA, 1994, p. 57).

Este lançamento se insere em um momento de urbanização e de industrialização no país, iniciado com o governo Juscelino Kubitschek (1956-1960). Também há, de acordo com Maria Immacolata Vassallo Lopes:

A instalação das bases industriais do mercado cultural nos anos 60 e sua consolidação nos anos 70 outorgaram aos fenômenos de comunicação de massa a importância que tem se expressado tanto pela atenção crescente da parte de disciplinas afins ou próximas, como pela demanda de um mercado ávido por profissionais competentes (LOPES, 2010, p. 17).

Essas mudanças integrariam a modernização pela qual o Brasil começava a passar naquele momento.

Todo esse processo integra a organização capitalista da cultura no país em sua etapa contemporânea. Ele se expressa basicamente na constituição progressiva do campo simbólico como sistema de relações de produção, circulação e consumo de bens culturais. Ocorre o aumento, a diferenciação e a profissionalização dos produtores e empresários de bens simbólicos; as agências de legitimação e de difusão passam a ser regidas por leis internas ao mercado cultural e assiste-se à constituição de um público cada vez mais extenso e socialmente diversificado. O acesso ao consumo cultural, num primeiro momento restrito a pequenas parcelas da população, generaliza-se rapidamente, incorporando inclusive as classes de baixa renda (LOPES, 2010, p.17).

Lopes periodiza a constituição de um mercado de bens culturais em duas etapas. A primeira vai dos anos 1930 até os anos 1950 e é denominada *Etapas Nacionais*. Essa etapa é marcada pelo início das transformações da sociedade contemporânea brasileira. “É quando ganham realce os processos socioeconômicos da urbanização e da industrialização e os processos político-culturais do nacionalismo e do populismo” (LOPES, 2010, p. 20).

A segunda etapa, em que *Cultura* se enquadra, é a de *Desenvolvimento Transacional* e tem início durante o governo Juscelino Kubitschek (1956-1960). A base é a ideologia desenvolvimentista.

A realidade do mercado cultural no país nesta segunda fase se caracteriza, fundamentalmente, pela consolidação do mercado cultural em bases industriais e pela reorganização da política cultural do Estado enquanto promotor do desenvolvimento capitalista em sua forma mais avançada. Os contrastes com a fase anterior demonstram o avanço das formas “românticas”, espontâneas e amadorísticas para atividades marcadas pela

eficiência, pelo profissionalismo e pelo padrão técnico elevado do período atual (LOPES, 2010, p. 28).

Uma das inovações da revista foi mostrar produtos de moda, decoração e beleza que estavam à venda no país, em vez de produtos estrangeiros inacessíveis à consumidora nacional.

Foi assim que apareceram em *Claudia*, pela primeira vez no Brasil, fotos de estúdio mostrando ambientes decorados com móveis nacionais, servindo de fonte de inspiração e informação de venda, uma vez que os mesmos móveis poderiam ser encontrados nas lojas de São Paulo e Rio de Janeiro (CORRÊA, 2008, p. 213).

Num Brasil em processo de modernização, o consumo era um dos grandes temas da publicação.

O Grupo Abril tinha consciência das possibilidades mercadológicas desse momento e representou, através da revista, o espírito da década com relação à mulher – a nova consumidora numa sociedade em processo de modernização. Sua leitora típica era a jovem dona de casa das camadas médias urbanas, com poder aquisitivo suficiente para permitir que não trabalhasse fora e dispusesse de outras mulheres para executar as tarefas domésticas. Seu dinheiro, ou na maioria das vezes, o dinheiro de seu marido, possibilitaria a aquisição de novos produtos, desde moda e beleza, passando por eletrodomésticos até a alimentação (DUARTE, 2005, p. 18).

A abordagem das questões femininas nesses primeiros anos era essencialmente conservadora e reafirmava os papéis tradicionais desempenhados pela mulher como mãe e esposa. “Eram comuns em *Claudia*, nesse período, artigos e reportagens orientando as esposas a como melhorarem a qualidade de vida dos maridos e prevenindo ações e gestos capazes de desencadear males à saúde do chefe da família” (DUARTE, 2005, p. 23).

Em matérias sobre sexualidade, era normalmente o ponto de vista masculino que imperava, mesmo que a revista se dirigisse ao público feminino. O prazer feminino ainda era um tabu e o sexo era visto principalmente por suas funções reprodutivas e de bem estar psíquico, como uma forma de relaxamento. Apesar de já ser aceito o trabalho feminino, este era aconselhável somente se a mulher não descuidasse do marido e da educação dos filhos.

Mesmo com uma abordagem essencialmente conservadora, *Claudia* foi a primeira revista feminina brasileira a tratar de questões comportamentais de formar mais arejada e

modernas. “A parte que *Claudia* dedicava a assuntos de interesse geral mudou e passou a tratar de temas que faziam parte do dia-a-dia da leitora: educação dos filhos, relações com o marido, o controle da natalidade e problemas com ela mesma [...]” (MARTINS e LUCA, 2008, p.231).

No entanto, a revista nesses primeiros anos, tinha uma abordagem bastante conservadora e de acordo com a sociedade da época. Nessa ambiente, que Carmen da Silva começou a escrever sua coluna *A arte de ser mulher*.

4. METODOLOGIA

O presente trabalho tem como objetivo geral a análise de vinte e três colunas *A arte de ser mulher*, publicadas na revista *Cláudia*, entre 1963 e 1985. Cada coluna escolhida representa um ano da escrita de Carmen na publicação. Os textos foram selecionados de forma aleatória.

Para a consecução desse objetivo será utilizada a Análise de Conteúdo para identificar os temas mais frequentes na coluna e, assim, inferir quais as concepções presentes nos textos e compreender quais temas mais preocupavam a autora. Nesse capítulo, será apresentada a história desse método de pesquisa e qual a sua importância para o presente trabalho.

Além da Análise de Conteúdo, também foi utilizada a Pesquisa Bibliográfica para narrar a história da autora e a da Revista *Claudia*.

4.1 História da Análise de Conteúdo

De acordo com Laurence Bardin, a metodologia Análise de Conteúdo surgiu no começo do século XX, nos Estados Unidos, dentro de um contexto behaviorista das ciências humanas, e foi desenvolvida na Escola de Jornalismo de Colúmbia⁶. Nesse primeiro momento, investigavam-se quantitativamente órgãos da imprensa. Com a Primeira Guerra Mundial, a análise começa a abranger também a propaganda.

O primeiro nome que de facto ilustra a história da Análise de Conteúdo é o H. Lasswell: fez análises de imprensa e propaganda desde 1915 aproximadamente. Em 1927 é editado: *Propaganda Technique in the World War* (BARDIN, 1979, p.15)

O início da Segunda Guerra Mundial faz com que a metodologia também seja usada para investigar o posicionamento de revistas em relação ao seu patriotismo, analisando se elas possuíam propagandas possivelmente subversivas. “Durante este período [2ªGM], 25% dos estudos empíricos que relevam da técnica de Análise de Conteúdo pertencem à investigação política” (BARDIN, 1979, p. 16).

⁶ No entanto, Bardin (1979) afirma que algumas investigações primitivas, como a interpretação religiosa e da dos sonhos, podem ser consideradas Análise de Conteúdo (BARDIN, 1979).

Segundo a mesma autora, o final dos anos 40 e início dos 50 do século XX é marcado pelas regras de análise desenvolvidas por B. Berelson, em parceria com P. Lazerfeld. A definição de Berelson se tornaria célebre: “A Análise de Conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação” (BERELSON apud BARDIN, 1979, p.19).

Essa formulação extremamente rígida pode ser creditada ao fato de que a Análise de Conteúdo era uma metodologia nascente num contexto em que se acreditava em objetividade científica nas Ciências Sociais e quando o rigor na quantificação era uma das obsessões dos pesquisadores.

Logo após a Segunda Guerra, a metodologia tem sua aplicação alastrada para outras áreas além da comunicação. Mesmo com essa diversificação, durante a década de 1950, os pesquisadores perdem o interesse pela técnica, sendo utilizada somente por um pequeno grupo de acadêmicos.

Apenas, no final da década de 1950, a técnica ressurge com força:

[...] Para além dos aperfeiçoamentos técnicos, duas iniciativas “desbloqueiam”, então a Análise de Conteúdo. Por um lado, a exigência da objectividade torna-se menos rígida, ou melhor, alguns investigadores interrogam-se acerca da regra legada pelos anos anteriores, que confundia objectividade e cientificidade com a minúcia da análise de frequências. Por outro lado, aceita-se mais favoravelmente a combinação da compreensão clínica, com a contribuição estatística. Mas, para além do mais, a Análise de Conteúdo já não é considerada exclusivamente com um alcance *descritivo* [...], antes se tomando consciência de que a sua função ou o seu objetivo é a *inferência*. Que esta inferência se realize tendo por base indicadores de frequência, ou, cada vez mais assiduamente, com a ajuda de indicadores combinados [...], toma-se consciência de que, a partir dos resultados da análise, se pode regressar às causas, ou até descer aos efeitos das características das comunicações (BARDIN, 1979, p. 22).

A partir dos anos 1960 a Análise de Conteúdo começa a ser muito influenciada pela entrada em ação dos computadores.

Além do tratamento informático permitir o “digerir” rápido de quantidades de dados impossíveis de manipular manualmente e autorizar testes estatísticos impraticáveis anteriormente, o uso do ordenador tem consequências sobre as questões privilegiadas da Análise de Conteúdo. O *computador* vem oferecer novas possibilidades, mas a realização de um programa de análise exige um *acréscimo de rigor* em todas as fases do procedimento (BARDIN, 1979, p. 22).

Nessa mesma época, a Análise de Conteúdo começa a ser influenciada por outras áreas, como a semiologia e linguística.

Atualmente, há uma integração dos campos quantitativos e qualitativos quando se usa a Análise de Conteúdo.

A tendência atual da Análise de Conteúdo desfavorece a dicotomia entre o quantitativo e o qualitativo, promovendo uma integração entre duas visões de forma que os conteúdos manifesto (visível) e latente (oculto, subentendido) sejam incluídos em um mesmo estudo para que se compreenda não somente o significado aparente de um texto, mas também o significado implícito, o contexto onde ele ocorre, o meio de comunicação que o produz e o público ao qual ele é dirigido (HERSCOVITZ APUD LAGO, 2010, P. 126)

Essa necessidade de integração do quantitativo e do qualitativo acontece devido ao reconhecimento de os textos têm múltiplos significados e que não podem ser compreendidos de forma descontextualizada.

Para Herscovitz, pode-se considerar a seguinte definição para a Análise de Conteúdo jornalística:

Método de pesquisa que recolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens impressas, gravadas ou veiculadas em forma eletrônica ou digital encontradas na mídia a partir de uma amostra aleatória ou não dos objetos estudados com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-os em categorias previamente testadas, mutuamente exclusivas e passíveis de replicação. A identificação sistemática de tendências e representações obtém melhores resultados quando emprega ao mesmo tempo a análise quantitativa (contagem de frequências do conteúdo manifesto) e a análise qualitativa (avaliação do conteúdo latente a partir do sentido geral dos textos, do contexto onde aparece, dos meios que o veiculam e/ou dos públicos aos quais se destina (HERSCOVITZ APUD LAGO, 2010, P. 127).

De acordo com Bardin (1979, p. 29), a Análise de Conteúdo tem dois objetivos. O primeiro é a “ultrapassagem da incerteza”, que é feito a partir da generalização e validação de uma leitura; e o segundo, o “enriquecimento da leitura”, que acontece quando é feita uma investigação profunda, levando a reflexões maiores do que aquelas que existiam *a priori*.

Por ser muito colada à experiência, o método pode ser usada de maneiras muito variadas:

A Análise de Conteúdo (seria melhor falar em análises de conteúdo) é um método muito empírico, dependente do tipo de “fala” a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objectivo. Não existe o pronto-vestido em Análise de Conteúdo, mas somente algumas regras de base, por vezes dificilmente transponíveis. A técnica de Análise de Conteúdo adequada ao objectivo pretendido tem que ser reinventada a cada momento, excepto para usos simples e generalizados, como é o caso do escrutínio próximo da descodificação e de respostas e perguntas abertas de questionário cujo conteúdo é avaliado rapidamente por temas (BARDIN, 1979, p.31).

Conforme Laurence Bardin (BARDIN, 1979), para proceder à Análise de Conteúdo deve-se passar por três etapas: a) a pré-análise; b) a exploração do material; c) o tratamento dos resultados e a interpretação.

A pré-análise seria aquele momento em que somos guiados por nossas intuições e em que organizamos o trabalho. Seriam três as missões dessa etapa da pesquisa: “a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, formulação de hipóteses e dos objectivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final” (BARDIN, 1979, p.95).

A seguir, a autora sugere que se passe para a escolha dos documentos a serem analisados. A partir dessa escolha, pode-se constituir um *corpus*. “O *corpus* é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos” (BARDIN, 1979, p. 96).

Para esta monografia, elegeu-se como *corpus* da pesquisa um conjunto de 23 colunas *A Arte de Ser Mulher*. Os textos, publicados originalmente na revista *Claudia*, entre 1963 e 1985, foram selecionados de forma aleatória, respeitando a de determinação de que cada ano de seu trabalho na publicação estivesse representado por uma coluna. Os textos foram pesquisados no Museu de Comunicação Hipólito da Costa, em Porto Alegre.

O próximo passo da Análise de Conteúdo para Bardin é a exploração do material. “Esta fase, longa e fastidiosa, consiste essencialmente de operações de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras previamente formuladas” (BARDIN, 1979, p. 101).

No âmbito desta pesquisa, esta fase corresponde ao momento em que se procura identificar e classificar os temas das colunas de Carmen da Silva e, assim, compreender seu posicionamento frente às dúvidas e dilemas de suas leitoras à época.

A codificação por tema é a mais comum em Análise de Conteúdo e em geral produz resultados positivos. Um tema é formado por uma unidade de texto que inclui o sujeito, o verbo e o objeto ou o agente, a ação e o alvo da ação (HERSCOVITZ APUD LAGO, 2010, P. 127).

É reconhecido que Carmen tinha posições progressistas para o período histórico, e num momento posterior de seu trabalho feminista. No entanto, somente a partir de uma análise mais detalhada poderemos chegar a essas conclusões.

A última fase da Análise de Conteúdo, como sugere Bardin, é aquela em que o pesquisador analisa os resultados e, a partir deles, faz sua interpretação. Nesta etapa, “pode propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos, ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas” (BARDIN, 1979, p. 101).

Os procedimentos de análise serão explicitados no próximo capítulo, em que serão explicitadas as categorias temáticas utilizadas.

4.2. Pesquisa bibliográfica

Como não existia a possibilidade de buscar fontes primárias, procurou-se fazer uma investigação a partir de uma bibliografia já existente, ou seja, fazer uma pesquisa bibliográfica. “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (GIL, 1999, p. 65).

Ela é desenvolvida principalmente a partir de material pré-existente, como livros e artigos. No entanto, ela não apenas repete aquilo que já foi pesquisado.

A pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sobre um novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras. (MARCONI, 1999, P. 73)

Para pesquisar sobre Carmen da Silva recorreu-se à sua autobiografia, *Memória de uma senhora de respeito*, e à dissertação *Carmen da Silva – O feminismo na imprensa brasileira*, de Ana Rita Fonteles Duarte. Além desses dois livros, também recorreu-se às colunas da própria Carmen para fazer um apanhado de sua vida. Sobre a revista *Claudia* foi utilizado o livro *História da Imprensa no Brasil*, de Ana Luiza Martins e Tania Regina de

Luca e o texto de Maria Immacolata Vassallo de Lopes sobre a periodização do surgimento dos Meios de Comunicação de Massa no Brasil.

5. ANÁLISE DOS CONTEÚDOS

No presente capítulo, será feita a Análise de Conteúdo das colunas selecionadas, a partir da análise temática dessas colunas, espera-se chegar aos temas mais presentes em seu trabalho e, assim, identificar quais eram as suas maiores preocupações no momento. Também será feito nesse capítulo, a diferenciação entre jornalismo feminino e jornalismo feminista, apresentando exemplos do segundo.

5.1. Jornalismo feminino e feminista

Para compreendermos o tipo de jornalismo praticado por Carmen da Silva na revista *Cláudia* é necessário, antes, apontar as diferenças entre jornalismo feminista e jornalismo feminino.

De acordo com Buitoni (1986), a imprensa feminina é definida pelo sexo do seu público. Desde o nome, a revista indica para quem ela se dirige e quais temas são abordados, aqueles considerados “tipicamente” femininos, como: “Perguntas, respostas, comida, emoção, sexo, fantasia, utilidades domésticas: a imprensa feminina é continente para tudo que se relacione com mulher e/ou família” (BUITONI, 1986, p. 11). Além disso, é comum uma linguagem afetiva e passional. A revista fala como se estivesse se dirigindo a uma amiga querida.

Os conteúdos tradicionais desse tipo de imprensa são moda, beleza, culinária e decoração, passando por assuntos comportamentais, como consultórios sentimentais em que as leitoras enviam questões para que obtenham ajuda com os especialistas das publicações.

Por tratar de “amenidades”, muitos consideram que o jornalismo feminino seja um gênero menor dentro do jornalismo.

Imprensa feminina não é jornalismo, afirmam muitos. Hoje, com o desenvolvimento da publicidade, as revistas femininas só serviriam de pretexto para o catálogo de anúncios ficar mais interessante. Não se poderia falar de jornalismo feminino, pois, se jornalismo é fundamentalmente o fato, os periódicos femininos quase não estão atrás do fato (BUITONI, 1986, p.11).

O valor mais importante nessa imprensa é a novidade, e não a notícia ou o fato, como no jornalismo tradicional.

Bem trabalhada, a novidade é uma qualidade capaz de revestir qualquer objeto. A ancoragem temporal desloca-se para uma relação mental: a revista (ou a indústria, a publicidade) inventa um modismo que logo é apresentado como o que existe de mais “atual”. “Atual” aqui é apenas sinônimo de novo, mediador de novidade e não de momento situado no tempo (BUITONI, 1986, p. 14).

Já a imprensa feminista, apesar de também se dirigir ao público feminino, se distingue por defender causas (BUITONI, 1986). O feminismo luta contra todos os tipos de opressão sexista sofridos pela mulher. Entre as causas típicas do movimento feminista estão a defesa da soberania da mulher sobre seu corpo e contra todos os tipos de violência, como a sexual e a doméstica, além da luta por igualdade salarial e contra todos os tipos de discriminação. Mesmo não havendo uma unificação do movimento, estes elementos costumam perpassar todas as correntes.

Um exemplo emblemático de publicação feminista comercial é a revista *Ms.*, que esteve em circulação nos Estados Unidos entre 1971 e 1989⁷. A publicação, criada pela jornalista e líder do movimento feminista norte-americano Gloria Steinem ajudou a disseminar o movimento no feminista nos Estados Unidos.

Ao mesmo tempo em que abordava temas polêmicos, como aborto, papéis sexuais, criação dos filhos e trabalho feminino, a revista veiculava anúncios publicitários. Para serem publicados, esses anúncios não podiam ferir a dignidade das mulheres. Assim, as editoras da *Ms.* conseguiam conciliar uma atuação política forte, de caráter reformista, com viabilidade financeira.

Como a primeira revista comercial americana a assumir a perspectiva feminista de forma tão desprovida de ambiguidade, a *Ms.* prometia ser um “fórum aberto, um lugar onde mulheres de diferentes origens poderiam encontrar ajuda e informação para melhorar suas vidas⁸”. Com circulação entre 400 mil e 500 mil cópias e um número de leitoras estimado em 3 milhões, a *Ms.* claramente funcionava como a expressão do feminismo popular e comercial nos Estados Unidos (FARRELL, 2004, p. 13)

No Brasil, não tivemos uma publicação feminista comercial com a abrangência de *Ms.*. No entanto, tivemos várias publicações menores ou alternativas que tratavam do assunto.

⁷ Após essa data, a revista passou a ser totalmente financiada pelas assinaturas, sem ter anúncios publicitários (Farrell, 2004).

⁸ Informação retirada do “Personal report from Ms”, janeiro 1973, p.114.

Em 1873, surge um jornal que divulga a “causa das mulheres” (PINTO, 2003). *O Sexo Feminino*, editado por Francisca Senhorinha Motta Diniz, circulou por dois anos em Minas Gerais e abordava assuntos como voto feminino e direitos civis. Outro jornal importante que abordava o tema da liberação feminina na época foi *A Família*, entre 1888 e 1887, em São Paulo. A referida publicação tinha como principal preocupação, a educação feminina como forma de libertação. Ambas os periódicos se enquadram na primeira onda do feminismo brasileiro, entre o final do século XIX até 1932. Neste ano, as brasileiras obtiveram o direito ao voto – a principal reivindicação do movimento naquele momento (PINTO, 2003).

Ao se referir à atuação da primeira onda do feminismo nos jornais, Celi Pinto afirma:

As atividades de mulheres feministas em jornais foram bastante expressivas e espalharam-se pelo país, pois na época, além dos jornais que circulavam nas capitais, havia um número incontável de pequenos jornais, tanto de interesse geral como de associações, sindicatos, grêmios literários ou que tratavam de assuntos específicos (PINTO, 2003, p.32).

Entre essa primeira fase do movimento no Brasil, até o início dos anos 1970, quando ressurgiu um movimento feminista organizado no país, há um vácuo de manifestações. Desse modo, não existem publicações que abordem o tema.

Este foi um período [1932-1970] de refluxo do movimento feminista. O movimento liderado por Bertha Lutz⁹ ainda tentou algumas intervenções no período do governo provisório pós-1930 e na breve experiência constitucional interrompida com o golpe de 1937. Após este ano o movimento praticamente morre. Desde a redemocratização em 1946 e, principalmente, durante a década de 1950 até o golpe militar de 1964, as lutas sociais estavam, no Brasil, e no mundo, muito determinadas pela vaga socialista e pela utopia comunista, em que não havia espaço para lutas, chamadas na época de particularistas, como a que seria levada posteriormente pelas mulheres (PINTO, 2003, p.11).

Já na segunda onda do feminismo brasileiro, publicações alternativas floresceram durante a década de 1970. É o caso do jornal *Brasil Mulher* (1976) e do *Mulherio* (1980).

Essas publicações se dirigiam, no entanto, a mulheres que já conheciam o movimento feminista, e que, portanto, podiam fazer uma abordagem mais profunda. Carmen da Silva

⁹ Bertha Lutz foi uma bióloga e sufragista brasileira, líder da primeira onda do movimento feminista no país. De família abastada, Bertha organizou em 1922 o I Congresso Internacional Feminista no Rio de Janeiro.

atuava em uma revista feminina comercial e dividia as páginas com reportagens do estilo “como salvar meu casamento” e anúncios de cremes e roupas. Ela tinha de lidar com os problemas de um público leigo, e que podia se chocar com abordagens muito radicais. Suas colunas podiam abordar assuntos mais polêmicos, mas sua liberdade nunca seria total. Mesmo assim, ela conseguiu se assumir como feminista nas páginas da revista e ter um espaço para que um debate mais aberto sobre a situação da mulher pudesse ser feito.

5.2 Etapas no trabalho de Carmen da Silva na revista *Cláudia*

Na coluna *O que seria do mundo sem nós mulheres?*, publicada na revista *Cláudia*, em dezembro de 1979, quando seu trabalho acabará de completar 16 anos na revista, Carmen faz uma retrospectiva de sua trajetória na publicação e identifica as fases de sua colaboração com a revista.

Em seu trabalho em *Cláudia*, Carmen costumava fazer colunas comemorativas dos aniversários de *A arte de ser mulher*. Nessas oportunidades, falava diretamente com suas leitoras num tom de cumplicidade, como se elas fossem parceiras de muitos anos.

Nos textos [comemorativos], Carmen costumava reafirmar laços com as leitoras, recuperando as dificuldades encontradas no momento de estreia, na Revista. Demarcava posições, afirmando não recuar ou abrir mão da objetividade no trato das questões femininas, e assumia o papel de responsável por mostrar, às leitoras, uma “visão nítida, muitas vezes cruel, de si mesmas” [aspas da autora] (DUARTE, 2005, p. 109).

Esses espaços também eram usados para abordar as mudanças comportamentais acontecidas na sociedade e para fazer um balanço do seu próprio trabalho.

Ao fazer isso (balanço do seu trabalho), Carmen da Silva demonstrava ter a noção do que representava o espaço que ocupara por todo aquele tempo. Comorava a existência da seção como uma vitória na batalha pelo poder dizer, pelo estar autorizado a discursar (DUARTE, 2005, p. 110).

Carmen divide seu trabalho em quatro fases, de acordo com: a) as temáticas mais presentes; b) o *feedback* dado por suas leitoras por meio de cartas enviadas à redação da revista; e c) os relatos dos principais problemas das mulheres no período. Obviamente, não se

pode considerar essas linhas como estanques, elas apenas servem para dar pistas sobre um organização do trabalho na revista *Cláudia*. Ainda que mais presentes em determinada fase, os temas se repetiam, não ficando circunscritos a apenas um momento.

De acordo com Carmen, a primeira fase de seu trabalho foi um momento em que ela incutia nas mulheres a ideia de que eram indivíduos com consciência sobre si, que deviam ser protagonistas de sua própria vida, não se deixando nas mãos de outros. Ela denomina esse período de “fase do despertador, ou fase de Lázaro”.

A ideia dominante era: “Acorda Bela Adormecida, levanta-te e anda”. Tratava-se de sacudir as mulheres que ainda viviam mergulhadas numa espécie de sonho vegetal: deitavam raízes, estendiam ramos, frutificavam, obedeciam à natureza mas sem imprimir-lhe a marca que é privilégio humano: a consciência de si, o pensamento crítico. Elas se definiam a partir de suas funções corporais e suas relações familiares: eram filhas, esposas, mães, apêndice, costela, cara-metade, ventre reprodutor – e fora disso, a nebulosa, o limbo (SILVA, 1994, p. 45).

Nessa fase, há vários artigos que incentivavam a mulher a buscar emprego fora do lar, que garantisse sua independência econômica, mas a ideia principal era fazer com que tivessem uma vida autônoma, não fossem presas somente ao lar.

Nesse momento, Carmen ainda acreditava que as diferenças entre os gêneros era causada pela acomodação feminina, que as mulheres é que não buscavam novos horizontes.

Seu primeiro artigo na revista, *A protagonista*, de setembro de 1963, aborda o que Carmen chama da insatisfação da mulher brasileira naquele momento. De acordo com ela, existiria um clima de mal estar entre elas causado pelo fato de que eram meras espectadoras e não protagonistas de suas vidas.

A protagonista de sua própria vida opta, resolve e conquista a partir de si mesma, isto é, conta com um centro de gravidade interno, um eixo em redor do qual giram suas decisões e seus atos. Este eixo é o eu. Não tem um eu miragem, um eu-fantasia arbitrariamente inventado à medida dos nossos devaneios, mas um eu real, isto é, um conjunto de necessidades, aspirações, possibilidades e limitações, avaliadas com a máxima honestidade e aceitas com o máximo realismo (SILVA, 1994, p.20).

O segundo momento do trabalho de Carmen se refere ao final da década de 1960, e é denominado por ela de “fase absolutamente institucional”, uma decorrência do primeiro momento em que conclamava as mulheres e se assumirem como seres autônomos.

Passada a fase da descoberta de si, *A arte de ser mulher* teria então se voltado para responder às inquietações manifestadas pelas leitoras, agora em fase de “descoisificação” e desalienação, que, dentro do processo evolutivo concebido por Carmen, haviam tomado consciência de si e percebido que os papéis sociais a que estavam submetidas, dedicando todas as suas atenções e energias, não as satisfaziam e nem as realizavam como seres humanos (DUARTE, 2004, p. 123).

Entre os temas mais abordados nesse momento estão a crise no casamento, ciúme, dupla moral, infidelidade e conflitos familiares. A autora também começa a abordar nesse momento um assunto extremamente polêmico: a possibilidade do divórcio¹⁰.

Além dos problemas familiares, a mulher tinha de enfrentar nesse momento o conflito de gerações com os filhos.

O investimento absorvente, na criação dos filhos, também não trazia os resultados esperados para quem julgava ser a “rainha do lar”. O cansaço do acompanhamento diário de bebês e crianças menores era substituído, mais adiante, pela relação conflituosa com os adolescentes e jovens ansiosos por liberdade e questionadores dos modelos e valores defendidos pelos pais (DUARTE, 2004, p. 132).

A terceira fase do trabalho de Carmen foi marcada por um engajamento mais explícito na causa feminista.

Esta seção assumiu uma tônica resmungona, entendendo-se por “resmungo” a denúncia fundada e sistemática das disparidades, injustiças e discriminações, a exploração da mulher, a asfixia de sua personalidade, a manipulação de sua afetividade, a opressão grosseira ou dissimulada sobre ela, a tenaz lavagem cerebral tendente a fixar a ideia da inferioridade natural do sexo feminino (SILVA, 1994, p. 48).

Na década de 1970, Carmen começaria a participar do nascente movimento feminista brasileiro e teria uma posição mais engajada em seus escritos.

Essa atitude [de engajamento] marca a posição de maior autonomia com relação à *Cláudia* e denota também para nós a ocorrência de mudanças na linha editorial da própria revista. Os onze anos de trabalho ininterruptos, em

¹⁰ A lei do divórcio foi aprovada no Brasil somente em 1977.

sua seção, a cautela na abordagem nos temas, o trabalho de *Cláudia* para ser percebida como revista moderna e a própria pressão social para o tratamento dessas questões são fatores que podem explicar o novo momento em *A arte de ser mulher*. (DUARTE, 2004, p. 149).

Essa abordagem feminista não transbordou para outros espaços da publicação e continuou restrito à coluna da jornalista. “Carmen da Silva funcionava como uma espécie de especialista da revista sobre essas questões [feminismo], o que acabava por isentar a publicação da abordagem do tema em seus outros espaços” (DUARTE, 2004, p. 151).

Um de seus temas recorrentes era a tentativa de desnaturalizar as diferenças de gênero, explicando que muitos preconceitos se baseavam em características que podiam ser explicadas pela cultura e não pela biologia, e, mais para o final da década de 1970, a problematização da maternidade, que passa a ser tratada por ela como uma escolha e não uma obrigação.

A última fase do trabalho de Carmen inicia-se em 1979 e coincide com a revisão de alguns pressupostos do próprio movimento feminista (DUARTE, 2004). Desse momento, vem uma valorização de características consideradas tipicamente femininas e que foram renegadas pelo movimento, como delicadeza, adaptabilidade, sensibilidade, solidariedade.

A quarta fase do meu trabalho, o tom que caracteriza meus últimos escritos, nasce precisamente dessa belíssima descoberta: digam o que disserem, mulher é uma criatura maravilhosa. O sal da terra, uma esperança de fraternidade nesse mundo que eles [os homens] estão estragando por tentarem construí-lo sem nós (SILVA, 1994, P. 50).

Mesmo que não sejam categorias estanques, a periodização que a própria Carmen fazia do seu trabalho nos auxilia a compreender cronologicamente como a sua escrita foi se modificando com o decorrer dos anos e se tornou assumidamente feminista. Também, é interessante notar quais temas que ela indicava como os mais citados em cada período.

5.3. Análise das colunas selecionadas

Como corpus desta pesquisa, selecionou-se uma coluna para cada ano do trabalho de Carmen na revista *Cláudia*, perfazendo um total de 23 artigos. A partir da leitura da publicação, foram escolhidos aleatoriamente os textos a serem analisados, para se tentar um retrato fiel das preocupações de Carmen nos anos em que escreveu *A arte de ser mulher*. As

colunas foram pesquisadas em revistas *Cláudia* arquivadas no Museu Hipólito da Costa, em Porto Alegre.

Após a seleção, foi feita uma leitura dos artigos e, a partir desta leitura, criadas categorias temáticas às quais as colunas pudessem ser circunscritas. Com isso, pretendeu-se identificar os assuntos que mais chamavam atenção de Carmen da Silva nos anos em que escreveu a coluna.

Fazem parte do corpus desse trabalho as seguintes colunas¹¹ publicadas na revista *Cláudia*:

- A protagonista (setembro/1963);
- As razões da independência (dezembro/1964);
- O eterno triângulo (março/1965);
- Divórcio: antes da lei a responsabilidade (maio/1966);
- O divórcio e os filhos (agosto/1967);
- Uma armadilha para a mãe moderna (novembro/1968);
- Qual é a imagem que você faz de si mesma (maio/1969);
- Revolução sexual? (novembro/1970);
- Aprenda a viver (fevereiro/1971);
- Com a palavra, nós, as mulheres (dezembro/1972);
- O casamento não é mais aquela festa (fevereiro/ 1973);
- Afinal, o que é o movimento feminista (novembro/ 1974);
- Afinal, somos realmente livres (setembro/ 1975);
- A grande batalha (maio/1976);
- Cuidado: até nosso sexo está sob controle (novembro/ 1977);
- Mulher: a grande vítima de crimes e agressões (maio/ 1978);
- Maternidade não é obrigação. É escolha (maio/ 1979);
- O sexo está em liquidação. É só apanhar, usar e...chorar (agosto/ 1980);
- Amor, um jogo de poder (até quando!...) (março/1981);
- As desventuras da ex-casada (setembro/ 1982);
- Nosso corpo nos pertence (junho/ 1983),

¹¹ De acordo com José Marques de Melo (MELO, 1985), há ambiguidade na definição do colunismo na imprensa brasileira. No presente trabalho, escolheu-se a seguinte definição: “seção especializada de jornal ou revista, publicada com regularidade, geralmente assinada, e redigida em estilo mais livre e pessoal do que o noticiário comum” (RABAÇA e BARBOSA apud MELO, 1985, p. 104).

- O lirismo dos homens diante dos problemas femininos (janeiro/ 1984)
- A face oculta (fevereiro/ 1985).

A partir da leitura das colunas, foram criadas as seguintes categorias temáticas para proceder a Análise de Conteúdo: protagonismo da vida, trabalho, relacionamento, divórcio, sexualidade, feminismo e reprodução. Chegou-se a essas categorias, a partir da leitura dos textos e a compreensão de que, apesar de serem bastante diferentes entre si em sua abordagem, eles poderiam ser encaixados nas temáticas propostas.

O tema mais presente foi o de “relacionamento”, com cinco ocorrências; seguido de “sexualidade”, com quatro. Empatam “protagonismo”, “trabalho”, “reprodução” e “divórcio”, com três ocorrências cada. E em último lugar fica “feminismo” com duas colunas.

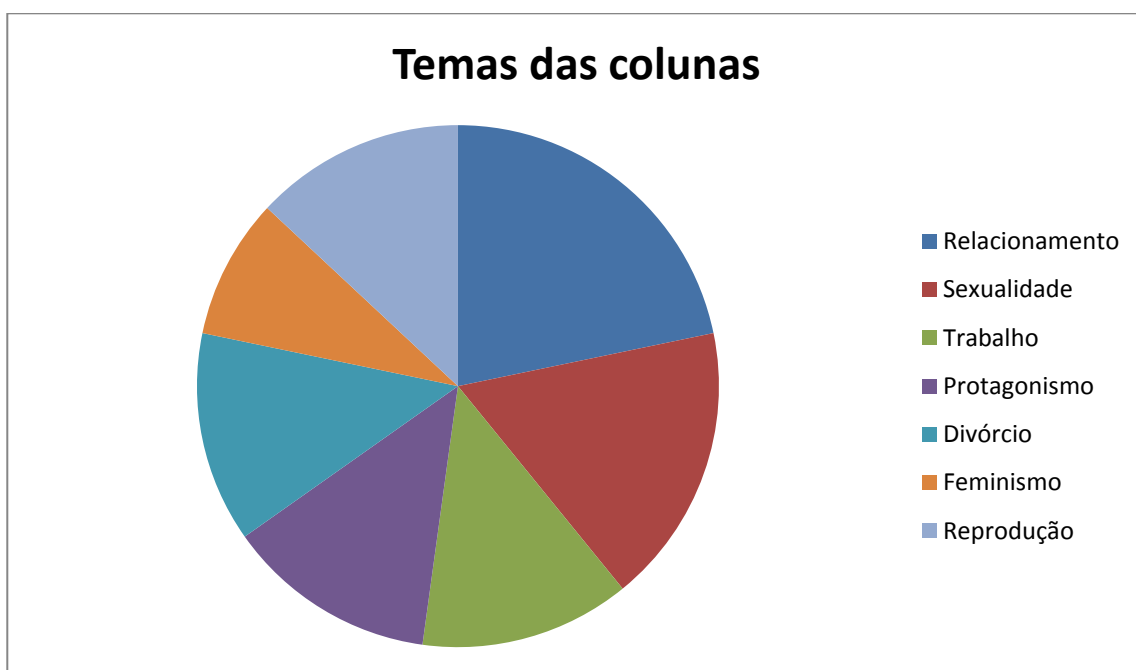


Gráfico elaborado a partir das ocorrências por categoria.

O assunto mais abordado nas colunas foi o de relacionamento. Nessa categoria estão incluídos temas como casamento, infidelidade e violência doméstica. São enquadradas as colunas: *O eterno triângulo* (março/1965), *O casamento não é mais aquela festa* (fevereiro/1973), *Mulher: a grande vítima de violência e agressões* (maio/1978), *Amor, um jogo de poder (até quando!)* (março/1981) e *A face oculta* (fevereiro/1985).

Em todas as colunas analisadas, Carmen faz uma abordagem da questão feminina sob uma ótica analítica e costuma dar conselhos baseados em pesquisas científicas. Ao contrário dos consultórios sentimentais presentes em grande parte das revistas femininas, em que o colunista dá dicas prontas para os problemas de suas leitoras, Carmen apresentava caminhos a serem seguidos, o resto a leitora deveria fazer por conta própria.

Em *O eterno triângulo*, Carmen aborda a infidelidade masculina e tenta desfazer a ideia de que o homem não foi feito para a monogamia e que consegue dissociar o amor do sexo, enquanto a mulher os confundiria, não conseguindo dissociar um do outro.

Por mais que os homens tenham tendência a idealizar as mulheres, devem saber muito bem que existem muitíssimas para as quais sexo e amor funcionam como entidades separadas. [...]. Inversamente, todos conhecemos homens que, apaixonados, não aceitam nenhum substituto para o objeto de seu desejo (SILVA, 1965, p. 43).

Em *o Casamento já não é aquele festa*, Carmen trata dos novos tipos de relacionamento que começam a surgir, mais igualitários e em que a mulher não tem um papel social secundário. Ao explicar o que significa o casamento naquele momento, ela afirma: “[a jovem de 1973] Não pensa no casamento pelo casamento em si, pois não teme o celibato nem está esperando que caia do céu um homem para dar-lhe o que ela já tem: uma identidade, uma razão de ser” (SILVA, 1973, p. 72).

Sobre a violência doméstica, Carmen aborda casos rumorosos de crimes passionais e de violência contra a mulher que ocorreram naquela época, como o assassinato da socialite Ângela Diniz por seu namorado, para abordar o problema. A partir desses casos, ela faz uma análise das defesas dos agressores e culpa toda a sociedade, devido à sua mentalidade, por esse tipo de violência:

Enquanto continuarmos aplicando dois pesos e duas medidas, conforme o sexo; enquanto a mulher for considerada objeto de propriedade; enquanto ela for encerrada num estereótipo santimonial de virtudes materno-domésticas, a própria sociedade estará contribuindo para engrossar a estatística criminal (SILVA, 1978).

Nos escritos dos anos 1980, *Amor um jogo de poder (até quando!)* e *A face oculta*, Carmen analisa os padrões de relacionamento e critica que o padrão de amor ainda seja o de submissão da mulher. Na segunda coluna, Carmen analisa especificamente o caso de

mulheres casadas com homens poderosos, que acabam sufocadas num relacionamento muito desigual.

Mesmo não tendo uma abordagem assumidamente feminista, Carmen sempre tentou enfocar o relacionamento entre os sexos de uma maneira progressista e não conformista. Ela tentou fazer com que as mulheres vissem que existiam outras possibilidades além do casamento e que não ficassem conformadas a relacionamentos abusivos e desrespeitosos.

Em segundo lugar, fica o tema da sexualidade: quatro das colunas analisada abordam esse tema. São elas: *Revolução sexual?* (setembro/1970), *Cuidado: até nosso sexo está sob controle* (novembro/ 1977), *O sexo está em liquidação. É só apanhar, usar e... chorar* (agosto/ 1980) e *Nosso corpo não nos pertence* (junho/1983).

Na coluna *Revolução Sexual?*, Carmen afirma que a revolução sexual em curso no mundo ainda não chegou ao Brasil e as pessoas que são sexualmente livres estão concentradas somente nos extratos mais altos da sociedade. Nessa coluna, o tema não foi abordado com um viés feminino, como acontece na maioria de seu trabalho, mas da sociedade como um todo.

O brasileiro em geral pensa e exerce o sexo em moldes tradicionais e patriarcais. Continuam gozando de ampla aceitação os velhos chavões do tempo da vovó: mulher foi feita para casar – virgem, naturalmente, pois as outras os homens só querem é para se divertir; mãe é sagrada (a da gente e a dos filhos da gente); “certas coisas” não se fazem com a mulher legítima – e por aí se segue; o decálogo da arte-de-conseguir-e-reter um marido ainda é igual, talvez com um pouco menos de ênfase na parte culinária (SILVA, 1970, p. 46).

Tanto em *Cuidado: até nosso sexo está sob controle* quanto em *O sexo está em liquidação. É só apanhar, usar e... chorar*, a autora aborda as consequências da revolução sexual e as novas exigências que a mulher sofreria: de um momento de extrema repressão, o sexo passaria a ter uma importância central; no entanto, os modelos de relacionamento e a posição da mulher na sociedade não haviam sido modificados.

[...]Ante a impossibilidade de continuar proibindo a sexualidade feminina, a sociedade machista passou a manobra-la mediante uma tática oposta: tornou-a obrigatória. Sexo virou dever, os meios de comunicação nos martelam sexo na cabeça a toda hora com uma insistência obsessiva, a pseudociência nos “vende” sexo e multiplica os sistemas de aprendizagem, os métodos e técnicas para obter prazer sexual maior, mais intenso, mais frequente (SILVA, 1980, 245).

Essa nova liberdade sexual seria, portanto, somente superficial:

O fato é que a liberdade – sexual ou qualquer outra – significa possibilidade de escolha e esta a mulher ainda não tem. Nem a terá enquanto não se mexer no essencial: o relacionamento de pessoa a pessoa entre os sexos, a posição da mulher dentro do sistema patriarcal (SILVA, 1977, 250).

Das 23 colunas, três abordavam a temática do protagonismo da vida. São essas: *A protagonista* (1963), *Qual é a imagem que você faz de si mesma* (maio/1969) e *Aprenda a viver* (fevereiro/1971).

Essas colunas tem a finalidade de criar uma consciência nas leitoras, fazendo com que elas tomem sua vida nas próprias mãos. Em *A protagonista*, Carmen afirma que essa falta de diligência sobre a própria vida acabava levando as mulheres à angústia e à insatisfação.

Alguns séculos de educação altamente restritiva e baseada em conceitos falsos deixaram às mulheres um pesado lastro de inibições, receios, hábitos de dependência e de rotina mental. Mas o mundo evolui e suas exigências abarcam hoje os dois sexos de modo peremptório e inelutável. E as mulheres, achando-se despreparadas, não sabem como enfrentar o desafio (SILVA, 1963, p. 119).

A imagem que ela usa para ilustrar essa situação é a de um barquinho à deriva. Para sair dessa situação de angústia, a mulher deveria se tornar senhora de si e tomar sua vida nas próprias mãos. Apesar do enfoque “progressista”, Carmen faz uma ressalva conservadora na coluna *A protagonista*:

Quero abrir um parêntese de advertência para tranquilizar as mais pacatas: não se trata de heroísmo em de grandes façanhas. Cada mulher pode e deve protagonizar sua vida dentro do âmbito que escolheu, seja ele vasto ou reduzido, segundo suas inclinações, acatando os ditames de seu temperamento e, em certa medida, do círculo social, econômico e cultural a que pertence. O problema não consiste em fazer coisas espetaculares, mas sim em tomar consciência dos seus objetivos e aceitar a tarefa que sua consecução impõe (SILVA, 1963, p. 119).

Em *Qual imagem que você faz de si mesma?*, Carmen faz um painel da autoimagem da brasileira.

Nossas mulheres, ao mesmo tempo em que acham “maravilhoso” ser mulher, assim em teoria, estão descontentes com sua sorte no que tange à realização de sua própria feminilidade; ao mesmo tempo que afirmam as doces prerrogativas de seu sexo, admitem que seu destino biológico é doar-se sem compensações, amar e sofrer por amor. É hora de reconhecer que essa autoimagem contraditória já está a ponto de ruir, pois sob o mito idealizador de feminilidade se assomam indisfarçáveis, os aspectos temidos da realidade negada (SILVA,1969, p. 368).

Em *Aprenda a viver*, Carmen exorta as mulheres a modificarem seus padrões de comportamento e a assumir o controle de suas vidas:

O que venho lhe propor aqui é justamente isso: mudar. Como quem se desprende de uma roupa tão justa, que parece pegada a pele, dificultando a respiração e a circulação, você vai procurar despir velhos condicionamentos, padrões estratificados, mecanismos compulsivos, constrangimentos mutilantes. Jogar pela borda certos enfoques, atitudes reações e modos de seu inautênticos que em absoluto não a singularizam como pessoa nem lhe enriquecem a vida pois não passam de maneirismos, cacoetes defensivos, artifícios voluntários ou involuntários que, ao longo do tempos e das lutas, foram se incrustando em sua personalidade e deformando-a. Em suma, a ideia é você se empenhar em descobrir e realizar seu verdadeiros eu (SILVA, 1971, p. 167).

Além da questão da autoconsciência e de protagonismo da sua própria vida, Carmen enfatiza bastante em seus primeiros escritos a importância do trabalho feminino. Apesar de mais frequente no momento inicial, essa temática perpassou todas as épocas de trabalho.

Em um momento posterior, Carmen também enfatizou os problemas que a mulher enfrentava ao entrar no mercado, como a dupla jornada e salários mais baixos que os homens.

Tem essa temática as colunas: *Trabalhar para não ser bibelô* (agosto/1964), *Como encontrar trabalho* (agosto/1972) e *A grande batalha* (maio/1976). Em *Trabalhar para não ser bibelô*, Carmen aborda o trabalho da recém-casada afirmando que, mesmo que o seu noivo tenha um situação financeira muito confortável, ela deve buscar um trabalho fora do lar: “A recém-casada moderna, mesmo nas melhores condições pecuniárias, terá um trabalho remunerado, isto é, uma tarefa que constitua obrigação, compromisso” (SILVA, 1964, p. 121).

Em *Como encontrar trabalho*, Carmen afirma que a mulher entre 30 e 40 anos está em busca de uma atividade profissional e elenca suas principais dificuldades, ao mesmo tempo em que dá dicas que podem ajudar a mulher a buscar uma ocupação fora do lar. A autora também relativiza o impacto do trabalho feminino dentro de casa:

A principal diferença estará nela própria [a mulher]. Ao assumir responsabilidade mais vastas, sente-se mais integrada na sociedade, menos só: deixa de girar em torno de si mesma, seu mundo se amplia, sua autoconfiança se fortalece (SILVA, 1972, p. 63).

Já em *A grande batalha* enfoca os dilemas que sofre a mulher que vai trabalhar com a educação dos filhos. Carmen enfatiza a importância de existirem locais públicos para que as mães possam deixar seus filhos e que os pais também tenham um papel ativo na educação e cuidado com a prole, não deixando tudo à responsabilidade feminina.

Acho que as mulheres trabalhadoras poderão encarar seus problemas com mais serenidade a partir do momento em que se desliguem dos preconceitos tradicionais sobre o papel feminino, procedendo a uma reavaliação objetiva de sua situação no mundo atual (SILVA, 1974, p. 128).

Das colunas analisadas, três abordavam o divórcio/desquite: *Divórcio: a responsabilidade antes da lei* (maio/1966), *O divórcio e os filhos* (agosto/1967) e *As desventuras da ex-casada* (setembro/1972). Nos primeiros escritos sobre divórcio, Carmen faz uma abordagem precursora do assunto já que a lei do divórcio brasileira é somente de 1977. Naquele momento só existia a possibilidade do desquite, em que as partes não podem ter um novo casamento. Apesar de ressaltar as dificuldades de uma mulher, Carmen afirma em *Divórcio: a responsabilidade antes da lei*:

A mulher que se desquita, de algum modo põe em questão todo o esquema das relações entre os sexos. Ela não se conformou com ficar em seu canto, calada e infeliz, aguentando tudo; não admitiu que a segurança fosse mais importante que o amor, a comunicação, a harmonia; não quis amarrar o homem contra a vontade dele; não fechou os olhos e engoliu sapos para deixar as coisas como estavam (SILVA, 1966, p. 148).

Em *O divórcio e os filhos*, a análise recai sobre as consequências que os filhos sofreriam com o final da relação dos pais:

Mesmo com o mais ferrenho apego às instituições, qualquer pessoa reconheceria que, do ponto de vista dos filhos, o divórcio seria o menor dos

males. Pois é isso precisamente o que ele é: jamais um bem dado que implica na admissão de um fracasso; mas, em muitos casos, a opção pelo mal menor (SILVA, 1969, p. 125).

É interessante ressaltar que o assunto do divórcio/desquite não ocupou somente seus primeiros escritos. *Aventuras de uma ex-casada* foi publicada em 1982, após a lei do divórcio, mas continua a denunciar as dificuldades que a mulher nessa situação sofre.

Vimos uma mulher assoberbada [a divorciada] pelo desempenho simultâneo de vários papéis: chefe de família que trabalha para sustentar os seus, presença doméstica atenta e vigilante, que faz a casa funcionar bem, mãe carinhosa que se desdobra, para criar, educar, cuidar, preencher as lacunas e, bem ou mal, dar os filhos um senso de lar, de família ainda inteira. Não raro ela é também uma mulher jovem, atraente, solicitada e sem qualquer vocação celibatária, fazendo malabarismo para, com muito esforço, muita culpa, arranjar uma beiradinha de tempo para sair, divertir-se, namorar, ter um pouco de vida pessoal (SILVA, 1982, p. 302).

O tema do feminismo fica em último lugar e aparece em duas das colunas analisadas e somente a partir dos anos 1970. Os primeiros escritos sobre o assunto o tratavam de forma didática para que a leitora brasileira conhecer seus principais paradigmas. Enquadram-se nessa categoria as colunas: *Afinal, o que é o movimento feminista* (novembro/ 1974) e *Somos realmente livres?* (setembro/ 1975).

Em *Afinal, o que é o movimento feminista*, a coluna é ilustrada com fotos de expoentes do movimento feminista no mundo, em substituição, às fotos de estúdio que eram comumente utilizadas. Na coluna, são apresentadas as várias formas de opressão sofridas pela mulher no Brasil. A autora tenta argumentar contra a resistência brasileira em relação ao feminismo:

Muitas mulheres têm consciência bem clara dos propósitos e da oportunidade do movimento feminista, concordam e simpatizam com ele do fundo do coração, mas não se atrevem a tomar posição a seu favor. Tradicionalmente submetidas aos “ideais” (às exigências) dos homens, temem prejudicar sua “imagem” e incorrer no desagrado masculino, vendo-se assim relegadas ao isolamento sentimental (SILVA, 1974, p. 136).

Em *Somos realmente livres?* (setembro/1975), o tom da coluna já é mais combativo em relação ao analisado anteriormente.

Nossa mulher é vítima de séculos e séculos de condicionamento pelo sistema patriarcal, reforçado nos últimos tempos pelo crescimento monstruoso dos meios de comunicação que nos dão uma imagem feminina cada vez mais coisificada, pelo florescimento de uma cultura de massa cada vez mais alienante e embotadora (SILVA, 1975, p. 141).

Carmen aproveita o espaço par fazer uma recapitulação de seu trabalho em *Cláudia*. Primeiro, a importância dada ao trabalho feminino:

Quando comecei a estimular as mulheres a saírem de suas quatro paredes, a assumirem uma atividade incluindo-se na produção e tentando, ao mesmo tempo, conquistar certa independência econômica, encontrei resistências intensíssimas. Brasileira com algum dinheiro e, sobretudo, casada não admitia o trabalho a não ser por estrita e inelutável necessidade econômica – e assim mesmo com um forte senso de inferioridade e humilhação (SILVA, 1975, p. 141).

A última das categorias analisadas é a de reprodução. Nesta categoria foram enquadradas colunas que abordam tanto o tema da maternidade, quanto do aborto. Três colunas se encaixam nessa situação: *Uma armadilha para a mãe moderna* (novembro/1968), *Maternidade não é obrigação, é escolha* (maio/1979) e *O lirismo dos homens diante dos problemas femininos* (janeiro/ 1984).

Na primeira coluna, Carmen fala sobre a influência da psicologia na criação dos filhos. Apesar de considerar algo salutar, ela pede que as mães tomem cuidado com a psicologia mal aplicada e que olhem primeiro para si mesmas antes de “psicologizar” a educação dos filhos:

Eis a questão crucial que se coloca ante um grande número de mães modernas. Côncias de sua responsabilidade, sinceramente empenhadas em não repetir erros educativos que muitas sofreram na própria carne, querem penetrar os delicados mecanismos da psique infantil, saber o que se passa na mente de seus filhos, conhecê-los. Até aí, sua atitude só é digna de aplauso. Mas talvez não estejam igualmente ansiosas de autoconhecimento; talvez prefiram não remexer nas águas profundas de seus conflitos não elaborados, de seus velhos traumas, de suas contradições internas. E é então que sua boa vontade esbarra num muro de limitações intransponíveis e as teorias falham na hora de levá-los à prática: a omissão do principal neutraliza seus esforços. Apesar dos milênios transcorridos, o famoso “nosce te ipsum” – conhece primeiro a ti mesmo – permanece válido (SILVA, 1969, p. 41).

Nas outras duas colunas é defendida a soberania feminina sobre seus corpos. Em *Maternidade não é obrigação, é escolha* (maio/1979) há a defesa da autonomia da mulher na

questão da reprodução. De acordo com a autora, ela sofreria tanto pressões para ter mais filhos, quanto para ter menos (no caso da população mais pobre).

Cada país tem uma política de natalidade, oficial ou oficiosa, fixa ou variável. Aqui procura-se retardar os casamentos, ali estimula-se a anticoncepção e a esterilização, acolá outorgam-se prêmios e vantagens às famílias numerosas, mais além empregam-se métodos indiretos de persuasão num sentido ou noutro. Ora procura-se afastar as mulheres do lar, incorporando-as em massa à produção, ora criam-se os maiores obstáculos a seu acesso ao mercado de trabalho, instando-as com belos discursos edificantes a reassumir a sublime função materna. Tudo isso – estudos, campanhas, pregação ideológica, programas oficiais ou não – passa olímpicamente por cima de nossas cabeças. Mulher não é ouvida nem cheirada. Não lhe cabe opinar e sim fazer ou não filhos, conforme políticas traçadas a sua revelia e nem sempre coincidentes com seus interesses, quer na condição de mulher, quer como parte do povo. Tanto nos países declaradamente totalitários como nos que se pretendem democráticos ou mais ou menos, a filosofia dominante – seja qual for o rótulo que a disfarça – implica uma brutal coisificação da mulher, ela seria apenas um ventre a serviço do Estado (SILVA, 1979, p. 235).

Para a autora, a escolha ou não da maternidade é um direito inalienável da mulher, que deve ser dividido somente com o pai, caso haja um comprometimento com a paternidade. Ao Estado, caberia dar suporte à maternidade, com assistência social.

O tema do aborto também é tratado nesta coluna. Carmen não se posiciona a favor, mas pondera: “Não será a clandestinidade apenas uma fachada, um meio de manter a hipocrisia social e cobrar uma taxa de risco que vem aumentar os lucros de uma já rendosíssima indústria?” (SILVA, 1979, p. 239).

A questão do aborto é retomada em *O lirismo dos homens diante dos problemas femininos* (janeiro/ 1984). Dessa vez com uma abordagem diferente. A partir de um debate exibido na televisão, Carmen aborda as ideias dos debatedores e se posiciona de maneira contrária a alguns dos argumentos apresentados:

O debate deixou bem clara uma coisa: todas as mulheres (pelo menos duas, eu sei que são mães), inclusive Hebe Camargo, que não se distingue propriamente por tomadas de posição revolucionárias, eram a favor da legalização do aborto. O procurador, homem, era contra. A Igreja – que só admite mulheres no grau mais baixo de sua hierarquia – é contra. Na elaboração das leis, a mulher jamais foi consultada. Os homens são “pela vida”. E nós, que damos vida com nossa própria e sangue, que nutrimos a vida com leite de nossos peitos, que cuidamos da vida, às vezes sozinhas, com mais absorvente e amorosa dedicação, aparecemos como as vilãs da

história. Não dá a impressão de que há algo muito errado com tudo isso? (SILVA, 1984, p. 201).

Os assuntos abordados por Carmen da Silva em seus anos de atuação na revista *Cláudia* foram dos mais diversos. A partir das temáticas indicadas no presente trabalho, pode-se ter uma amostra de quais temas estavam mais presentes em sua escrita. A abordagem que a autora tem no período que vai do começo dos anos 1970 até 1983 indica o porquê de sua escrita poder ser considerada como feminista.

A maneira como escrevia sua coluna até esse momento tinha uma abordagem mais “aberta” da questão feminina, mas não era feminista. A partir do momento em que existe um movimento feminista organizado no Brasil, Carmen começou a abordar temas mais “polêmicos” e apresentou as expoentes e as principais discussões do movimento para um público leigo.

Também, a partir de uma visão cronológica dos textos, podemos identificar como sua abordagem foi se radicalizando, isso dentro do possível em uma revista comercial que tinha como público-alvo a mulher de classe média.

Os excertos apresentados servem para deixar a autora “falar” com suas próprias palavras, sem a mediação direta da autora desse trabalho. Com essa metodologia, esperamos fazer com os leitores conheçam a escrita de Carmen da Silva a partir de suas próprias colunas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos 23 anos em que manteve a coluna *A arte de ser mulher* na revista *Cláudia*, Carmen da Silva abordou uma gama de assuntos, como casamento, sexualidade feminina, aborto, dupla moral, violência - com um tom arejado e progressista. Carmen começou a escrever em 1963, quando não havia um movimento feminista organizado no país. Nem mesmo os livros seminais da segunda onda do feminismo, como o *Segundo Sexo* (lançado em 1949), de Simone de Beauvoir; e *A Mística Feminina* (lançado em 1963), de Betty Friedan, haviam sido lançados no Brasil. Iniciou com uma abordagem “tímida”, para não assustar sua leitora. Com o passar dos anos e com a liberalização dos hábitos, foi cada vez mais assumindo que era feminista (uma palavra que poderia assustar muitos).

O início da parceria entre a revista *Cláudia* e Carmen se deu porque o veículo necessitava de uma articulista que pudesse corresponder aos novos anseios que essa sociedade em modificação trazia. O moderno sempre foi um valor muito presente nas colunas e Carmen representava essa modernidade no veículo.

Nos anos 1970, foi festejada pelo nascente movimento feminista brasileiro como precursora das ideias no país. No entanto, nem todas as expoentes do movimento concordam com essa afirmação, pois seu texto seria muito primário para aquelas que já eram feministas. De acordo com o material levantado no estudo, consideramos que essa acusação é uma falácia, pois mesmo sem grandes rupturas com o pensamento dominante, Carmen fez um importante serviço de divulgação das ideias feministas.

Mesmo atuando em um meio de comunicação comercial em que a questão da mulher ainda guardava certo ranço patriarcal e tendo como público a mulher de classe média, que, na maioria dos casos não era uma ativista do movimento feminista, Carmen conseguiu fazer um trabalho bastante relevante na conscientização de seu público e trouxe novas ideias para as páginas da revista *Cláudia*.

No presente trabalho, buscamos fazer uma pequena amostra dos temas mais presentes e, a partir destes, conhecer os assuntos que ela considerava mais relevantes.

Em primeiro lugar, como era de se esperar em uma revista feminina, ficou o tema dos relacionamentos. Mesmo um assunto tão comum nas páginas desse tipo de publicação, com Carmen teve outro enfoque. Ela não dava dicas de como “manter marido a qualquer custo” ou orientava diretamente as leitoras em suas dúvidas. Ela utiliza o método analítico, mais presente nos artigos iniciais, para desestabilizar suas leitoras. Elas, a partir dessa desestabilização, buscariam respostas aos seus problemas.

A mulher não era vista mais como um apêndice do homem, mas um ser completo que buscava uma vida independente de seu companheiro. O casamento também não era abordado como a única forma de realização feminina, era considerado algo importante, mas a mulher deveria buscar o seu próprio destino, na visão da autora.

O segundo tema mais popular foi o da sexualidade. Com a revolução sexual do final dos anos 1960, a sexualidade feminina passa a não se restringir à reprodução ou a satisfazer as demandas dos parceiros. Esta mudança foi festejada, no entanto, essa mudança trouxe novas situações, como a mercantilização do sexo e a sua obrigatoriedade, ambas denunciadas como novas formas de opressão.

Em terceiro lugar empataram protagonismo/tomada de consciência, trabalho, divórcio e reprodução. O protagonismo/tomada de consciência foi um dos temas de maior relevância no início da escrita de Carmen em *Cláudia*. Por meio deles, a autora queria que suas leitoras tomassem controle de suas vidas, não fossem apenas espectadoras do que ocorria à sua volta, mas participantes ativas. O divórcio foi abordado em uma época em que ainda não era permitido e se chamava desquite. A autora defendia o divórcio nos casos em que não havia outras opções.

A importância do trabalho feminino foi “martelado” em todas as fases de sua obra. Desde o começo, Carmen enfatizou a importância de a mulher buscar uma profissão, que garantisse sua independência financeira e fizesse com que ela tivesse uma existência fora do lar. Mesmo em um momento em que as mulheres só trabalhavam fora quando não havia outra possibilidade, e tinham vergonha da situação, Carmen ressaltou como o trabalho era salutar para expandir o horizontes da mulher.

A questão da reprodução engloba tanto a maternidade quanto a não-maternidade. Carmen ressaltava que em ambos os casos, a escolha cabia à mulher. A maternidade não era vista como a vocação feminina, mas como uma possibilidade que devia ser escolhida após muita reflexão.

Em último lugar ficaram as colunas sobre o feminismo. Mesmo que muitos dos textos estudados fizessem afirmações feministas, somente duas colunas da amostra trataram somente sobre o tema, e principalmente nos anos posteriores de seu trabalho. No entanto, não é necessário que a palavra feminismo esteja escrita nos outros textos para se compreender a influência desse pensamento nos textos da autora.

Muitas das abordagens da autora podem parecer “bobas” nos dias que correm. No entanto, não podemos esquecer do momento histórico em que a autora escreveu. Mesmo com

uma amostra pequena, acreditamos que ela seja relevante e que se deu dada uma contribuição para o estudo da obra de Carmen da Silva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Martins Fontes, 1979.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Imprensa feminina**. São Paulo : Ática, 1986.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira**. São Paulo Summus, 2009.

DUARTE, Ana Rita Fonteles. **Carmen da Silva: o feminismo na imprensa brasileira**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.

FARRELL, Amy Erdman. **A Ms. Megazine e a promessa do feminismo popular**. São Paulo: Barracuda, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

LAGO, Cláudia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2007.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**. São Paulo, SP : Loyola, 2010.

MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1999.

MARTINS, Ana Luiza. LUCA, Tania Regina de. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo : Contexto, 2008.

MELO, Jose Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis : Vozes, 1985

PEDRO, Joana Maria. **Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978)**. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo,v.26,n. 52,Dec. 2006 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010201882006000200011&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 23 de maio de 2012.

SARTI, Cynthia Andersen. **O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória.** Estudos feministas, Florianópolis 12(2): 264, mio/agosto 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n2/23959.pdf>. Acessado em 26 maio de 2012.

SILVA. Carmen da. A Protagonista. **Revista Claudia.** São Paulo, ano III, nº24, pág 108-112, setembro/ 1963.

SILVA. Carmen da. Trabalhar para não ser bibelô. **Revista Claudia.** São Paulo, ano IV, nº35, pág 66-121, agosto/ 1964.

SILVA. Carmen da. O eterno triângulo. **Revista Claudia.** São Paulo, ano V, nº42, pág 42-110, março/ 1965.

SILVA. Carmen da. Divórcio: antes da lei a responsabilidade. **Revista Claudia.** São Paulo, ano VI, nº56, pág 60-150, maio/1966.

SILVA. Carmen da. O divórcio e os filhos. **Revista Claudia.** São Paulo, ano VII, nº71, pág 36-125, agosto/1967.

SILVA. Carmen da. Uma armadilha para a mãe moderna. **Revista Claudia.** São Paulo, ano VIII, nº86, pág 39-41, novembro/1968.

SILVA. Carmen da. Qual a imagem que você faz de si mesma. **Revista Claudia.** São Paulo, ano IX, nº92, pág 166-168, maio/1969.

SILVA. Carmen da. Revolução sexual?. **Revista Claudia.** São Paulo, ano X, nº108, pág 65-68, setembro/1970.

SILVA. Carmen da. Aprenda a Viver. **Revista Claudia.** São Paulo, ano XI, nº 113, pág 104-107, fevereiro/1971.

SILVA. Carmen da. Como encontrar um trabalho. **Revista Claudia**. São Paulo, ano XII, nº131, pág 62-65, agosto/1972.

SILVA. Carmen da. O casamento não é mais aquela festa. **Revista Claudia**. São Paulo, ano XIII, nº137, pág 70-72, fevereiro/1973.

SILVA. Carmen da. Afinal, o que é o movimento feminista. **Revista Claudia**. São Paulo, ano XIV, nº158, pág 131-138, novembro/1974.

SILVA. Carmen da. Afinal, somos realmente livres. **Revista Claudia**. São Paulo, ano XV, nº168, pág 140-144, setembro/1975.

SILVA. Carmen da. Este é o ano da mulher. **Revista Claudia**. São Paulo, ano XV, nº152, pág 85-91, março/1975.

SILVA. Carmen da. A grande batalha. **Revista Claudia**. São Paulo, ano XVI, nº176, pág 146-149, maio/1976.

SILVA. Carmen da. Vamos em frente. **Revista Claudia**. São Paulo, ano XVI, nº172, pág 72-77, janeiro/1976.

SILVA. Carmen da. O casamento não é mais aquela festa. **Revista Claudia**. São Paulo, ano XVII, nº194, pág 248-253, novembro/1977.

SILVA. Carmen da. Mulher: a grande vítima de crimes e agressões. **Revista Claudia**. São Paulo, ano XVIII, nº200, pág 224-228, maio/1978.

SILVA. Carmen da. Maternidade não é uma obrigação. É escolha. **Revista Claudia**. São Paulo, ano XIX nº212, pág 235-239, maio/1979.

SILVA. Carmen da.. O sexo está em liquidação. É só apanhar, usar e...chorar. **Revista Claudia**. São Paulo, ano XX, nº227, pág 241-245, agosto/1980.

SILVA. Carmen da.. O sexo está em liquidação. É só apanhar, usar e...chorar. **Revista Claudia**. São Paulo, ano XXI, nº234, pág 187-191, março/1981.

SILVA. Carmen da.. As aventuras da ex-casada. **Revista Claudia**. São Paulo, ano XXII, nº252, pág 301-306, setembro/1982.

SILVA. Carmen da.. Nosso corpo nos pertence. **Revista Claudia**. São Paulo, ano XXIII, nº261, pág 271-274, junho/1983.

SILVA. Carmen da. O lirismo dos homens diante dos problemas femininos. **Revista Claudia**. São Paulo, ano XXIV, nº268, pág 241-245, janeiro/1984.

SILVA. Carmen da. A face oculta dos executivos e suas infelizes senhoras. **Revista Claudia**. São Paulo, ano XXV, nº281, pág 165-168, fevereiro/ 1985.

SILVA. Carmen da. **Histórias híbridas de uma senhora de respeito**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SILVA, Carmen da. **O melhor de Carmen da Silva/organização**, Laura Taves Civita: seleção de textos, Julia Tavares – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.

Anexos

As colunas A arte de ser mulher analisadas



Teatro de CARMEN DA SILVA
Foto de OTTO STUPAKOFF

ARTE DE SER MULHER / A PROTAGONISTA

No teatro, identificada com a protagonista, cada uma de nós sente-se um pouco Fedra, Cleopatra, Desdêmona ou Sa-die Thompson. Por duas horas, participamos do arroubo, da exaltação, da intensidade de uma vida que não é nossa e cujo esplendor não é nosso e Terminado o espetáculo, vol-tamos com relutância a um mundo quotidiano que nos parece opaco, sem relêvo, gris. E no entanto, a riqueza, a transbordante plenitude, que alcançamos fugazmente e por empréstimo, podem ser nossas: dia a dia, hora a hora, ao longo da existência. Não é preciso para isso que nos transformemos em altivas An-tígonas ou em perplexas Ofé-lias; basta sermos — real e profundamente — protagonistas duma aventura apaixonante e singular; que é a nossa própria vida.

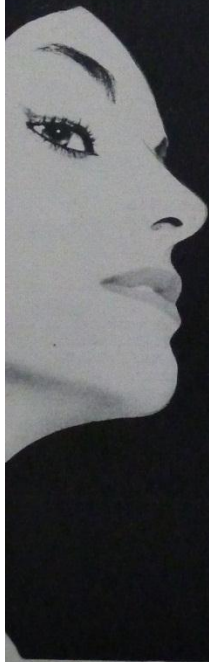
NOVA
FONTE
DE VIDA PARA
SUA BELEZA

HI
NA

penetrante, activa o metabolismo
ante a irritação, desfazendo linhas
mantêm a cutis jovem.

o em proteínas,
E e B₆,

Westerley



STIGIAÇÃO CIENTIFICA AO SERVIÇO DE SUA BELEZA

A PROTAGONISTA

(conclusão da página 111)

cunstância na vida que permita conciliar as vantagens de uma situação oposta; cada escolha determina a aceitação dos aspectos favoráveis e desfavoráveis do que se escolheu e obriga, também, a renunciar ao que ficou à margem da opção.

Vemos **vedettes** de conduta desequilibrada e mesmo escandalosa, mulheres predestinadas ao esplendor dos refletores, tentarem uma, duas, dez vezes, viver uma existência pacata e normal; cada nôvo fracasso as arrasa, mas continuam se encarniçando na busca: o lobo quer por força vestir a pele de cordeiro. De outro lado, vemos mulheres bem instaladas numa vida convencional se torturarem sonhando com um destino de exceção para o qual não foram talhadas: o cordeiro pretende uivar como lobo.

Para o ideal autêntico, a inclinação predominante, nenhum preço, nenhum sacrifício é excessivo: se experimentamos a tentação de pechinchar, é porque o ideal é falso. Chamemo-lo, então, veleidade, "hobby", distração para as horas vagas; demos a César o que é de César e não nos aflijamos mais. Não é negando nossa realidade anímica que nos sentiremos seguras e contentes.

OS FALSOS VALORES

Tão graves como os falsos ideais no sentido de obstaculizar o lôgro de uma existência plena, são os falsos valores. Não pretendo chegar à afirmação dogmática de que tais ou quais valores são melhores ou mais verdadeiros; apenas recomendo que ninguém aceite valores emprestados, seja por submissão, inércia ou espírito de rotina.

Boa parte de nossas opiniões, gostos e pontos de vista foram adquiridos por herança ou por imitação, sem que nos detivéssemos a analisar sua validade. Temos predileções, antipatias, interpretações do mundo, teorias estéticas e políticas adotadas desde tempos imemoriais por influência de nossos pais, nossos professores, nossos maridos. E dando tudo isso por definitivo e imutável, lá vamos como pagaios repetindo que não gostamos de pintura moderna, que odiamos certo gênero de filmes, que a política não nos interessa, que o universo de hoje é imoral e desumano. Será certo que pensamos assim?

Empreendamos uma aventura: vamos olhar o quadro, a película ou a opinião até agora rejeitados, com olhos novos, li-

vres de preconceito, como se os examinássemos pela primeira vez. Sem prévios ceticismos, sem prévias credulidades. Não se trata de aceitar ou recusar nada em primeira instância, mas somente de aprender a ver como as crianças, com a mirada inocente e receptiva que descobre o mundo.

O melhor aliado da rotina mental é o conformismo, o apêgo à fórmula: "Se as coisas sempre foram assim, não há motivo para que sejam diferentes". Tudo pode ser diferente a partir de agora, dêste preciso minuto. Quem sabe os livros que até ontem lemos já não são os que hoje queremos ler; quem sabe essa pintura tão insólita e complicada tem alguma mensagem para nós; quem sabe os ensinamentos de nossos pais, tão sensatos e bem intencionados, já não tenham total vigência no mundo tal como é hoje.

Abramos a mente aos estímulos que a vida está constantemente oferecendo, aceitemos os desafios de cada dia, sacudamos as traças e teias de aranha que podem ter se alojado sub-repticiamente em nossa inteligência. Os resultados podem ser assombrosos. Mesmo se nossos pontos de vista não mudarem, mudará nossa atitude com relação a eles: saberemos que são **realmente** nossos.

E AGORA, UM POUQUINHO DE GEOMETRIA

Um pouquinho só de geometria elementar, de inegável utilidade prática: o que é uma linha? Ninguém vacila na resposta: é uma sucessão de pontos.

Pois bem, se nos fixamos determinada linha vital, não podemos perder de vista a necessidade de traçá-la, ponto por ponto, na direção desejada. Não caíamos na ingenuidade de crer que algum de nossos atos pode ser um círculo fechado, sem projeção, continuidade ou conseqüências. Se nossa meta é o norte, não podemos traçar pontos para o lado sul.

A PROTAGONISTA É VOCE

Segura de seus desejos, de suas opções, de suas opiniões; disposta a construir sua felicidade em vez de esperá-la dos demais ou do acaso; reconhecendo que as coisas gratas e desejáveis estão **aqui** e não **lá** — esse brumoso **lá** que não se refere a nenhum ponto do tempo nem do espaço — você deixará de ser um joguete do destino, atemorizado e insatisfeito. Com o leme na mão, esquivando escolhos e tempestades, sentirá que o destino é seu co-piloto e não um monstro ameaçador. Você será um ser humano completo num mundo que foi feito para que nele os seres humanos vivam, amem, atuem, riem — se realizem, enfim. ★



DANA... RENDE NO

1º pó co

tão delicado qu
com a
em mágica suavidade



**TRABALHAR
PARA
NÃO SER
BIBELÔ**

A ARTE DE SER MULHER

Carmen da Silva

A velha senhora observa o enxoval da neta, meneia a cabeça: "Ah, quando eu me casei levava doze dúzias de camisas de batista de Gande bordadas pelas irmãs do convento. E lençóis, meu Deus, tinha lençóis para a vida inteira; alguns nem chegaram a ser usados". Lança um olhar incompreensivo e vagamente reprobatório para os nailons, os dacrons, as rendas sintéticas, os linhos que já não têm etiqueta belga; suspira, murmura entre dentes: "Eram outros tempos" e sente um pouco de pena. Talvez da neta, talvez do mundo que não é o mesmo.

No enorme casarão de seus pais, onde a avó continuou a viver depois de casada, havia cinco escravas libertas que se revezavam para lavar, passar e engomar aqueles primores: as finíssimas batistas, as rendas de bilro e frivolité, as toalhas de filó ou da ilha da Madeira. Rodeada de preciosidades empilhadas num número incrível de armários e baús cheirando alfazema, a avó passou diretamente da infância ao matrimônio; em realidade, até o nascimento de seu primeiro filho, ela brincava com bonecas às escondidas do marido e dos pais, que rivalizavam em severidade. Sempre os temeu, nunca ousou levantar a voz ou os olhos na frente daqueles adultos intimidantes e seguros de si. Ao marido ela chamava de "seu" Chico porque tinha vergonha de tratá-lo de outro modo. Letra de fôrma a avó não lia muito bem, mas como tocava piano, como recitava em francês! Naquela pequena comarca de fantasia e alheamento, à margem da vida real, a avó era feliz — a seu modo. Já suas filhas, depois de casadas, não viveram o mesmo paraíso artificial. Um segundo furacão varria a Europa; as batistas de Gande e os pralinés de Paris já não eram facilmente obtíveis; em compensação, daquele continente abalado nos vinham ventos renovadores que iam pouco a pouco modificando os costumes. As jovens senhoras daquela geração tratavam seus maridos com êles; fumavam, completavam o curso secundário, uma ou outra ia à universidade e muitas delas até gostavam bastante de enfiar o nariz nos livros. Agora a neta habita um planeta que já não é possível reconhecer, tem hábitos arcaicos que a avó, no fundo de seu coração, qualifica de "licenciosos". Veste blue-jeans e veste (ou despe?) biquínis. Sai à noite com jovens de sua idade, lê de tudo um pouco, interessa-se pelo que acontece no mundo, tem idéias próprias e não aceita de olhos fechados a opinião dos mais velhos. É alegre, desportiva, saudável, otimista, forte. E quando lhe contam a história de sua avó, afirma com petulância que se lhe impusessem uma existência semelhante ela fugiria ou poria fogo na casa. Essa é a recém-casada de hoje. Bem integrada na realidade do mundo atual, moderna, evoluída, gozando dos privilégios que a época lhe outorga e aceitando as correspondentes responsabilidades — porque aprendeu desde cedo que ambos vão juntos. / cont. pág. 120

O ETERNO TRIÂNGULO

Um artigo de Carmen da Silva

O artigo sobre individualidade masculina, n.º 21, de outubro de 1964, foi publicado no mesmo número da revista. Por certo, a primeira publicação da obra "O Eterno Triângulo" em Portugal, em 1964, foi a edição portuguesa da obra de Carmen da Silva, "O Eterno Triângulo".

Por isso, que os homens tenham sempre estado mais longe das questões de género, não quer dizer que os homens tenham sempre estado mais longe das questões de género. O homem sempre esteve mais longe das questões de género, não quer dizer que os homens tenham sempre estado mais longe das questões de género.

Quando se trata de questões de género, os homens sempre estiveram mais longe das questões de género. O homem sempre esteve mais longe das questões de género, não quer dizer que os homens tenham sempre estado mais longe das questões de género.

Quando se trata de questões de género, os homens sempre estiveram mais longe das questões de género. O homem sempre esteve mais longe das questões de género, não quer dizer que os homens tenham sempre estado mais longe das questões de género.





NÃO PENSE A SENHORA QUE SÓ OS HOMENS SABEM APLICAR DINHEIRO

Positivamente não creia na superioridade masculina em saber como aplicar bem suas economias. Muitos homens, a maioria com inúmeras obrigações diárias, protegem e aumentam seu patrimônio, confiando-os a um Fundo de Investimentos.

O Fundo Vera Cruz de Valorização é o investimento, a longo prazo, que realmente resguarda seus bens da inflação e assegura seu futuro e o da sua família.

É fácil a Sra. participar no Fundo Vera Cruz de Valorização. Procure hoje sem compromisso, informações e literatura com todas as melhores distribuidoras de Investimentos e Corretores de Fundos Públicos.


FUNDO VERA CRUZ
DE VALORIZAÇÃO

Administração de **GUINLE S.A.**
INVESTIMENTOS
Capital Registrado: Cr\$ 25.000.000
Carta de Autorização da SUMOC nº 192.

Almeida, Melo

Conselheiros de Investimentos
SERVIÇO NACIONAL DE INVESTIMENTOS LTDA.
Orientação e Assistência.

Com os mapas de Quatro Rodas você pode viajar apenas nesta pequena área:



Deseja viajar de carro pelo Brasil? Consulte as coleções da revista Quatro Rodas. As equipes que elaboram os mapas rodoviários de Quatro Rodas já percorreram milhares de quilômetros de estrada de norte a sul do Brasil. Visitaram vilas e cidades, pesquisaram centenas de hotéis. Outro tanto de restaurantes. E paisagens. E atrações turísticas. E festas regionais.

Quem tem bôca vai a Roma. Mas, no Brasil, é muito mais seguro confiar nos mapas que Quatro Rodas publica todos os meses.

Não perca nenhuma edição de Quatro Rodas!

O ETERNO TRIÂNGULO

(conclusão da pág. 44)

sação íntima de carência através de vínculos com terceiros que, de alguma forma, refletem esse objeto reprimido.

A infidelidade é, pois, o resultado de um mecanismo de dissociação psicológica. O indivíduo psicologicamente sadio coloca num mesmo objeto seu amor, seu desejo sexual, seu respeito, sua ternura. Sua aprendizagem erótica foi exitosa, ele pôde aceitar a sexualidade dos pais e, em consequência, a sua própria; superou a rivalidade com o pai e finalmente identificou-se com ele, isto é: escolheu uma mulher para amá-la, possui-la e ter com ela relações sexuais satisfatórias. Deixou de ser uma criança enciumada e cheia de culpa. Por seu lado, o neurótico passa a vida inteira tentando armar um quebra-cabeça de duas peças; se abandona uma, sente que não obtém uma totalidade; ao juntá-las, angustia-se porque isso equivale a unir o bem e o mal (segundo o conceito infantil); torna, então, a separá-las — e recai no círculo vicioso. Aliás, é notória a preocupação da maioria dos maridos prevaricadores no sentido de “não misturar as coisas”. Consistentemente, justificam-se com a necessidade de preservar a paz do lar — essa mesma paz que suas aventuras põem em constante risco; inconscientemente, o verdadeiro motivo é manter a imagem da mãe pura (a esposa) incontaminada de qualquer associação com a mãe sexual. Alguns, entretanto, não tomam semelhantes precauções; recebem a amante no escritório, dão-lhe o telefone de casa e chegam mesmo a provocar encontros entre as duas; no cinema, no teatro, sentam-se ao lado da mulher legítima enquanto a outra permanece a poucas filas de distância. Paradoxalmente, sendo piores maridos sob o ponto de vista social, são menos neuróticos: podem pelo menos tentar uma integração do objeto dissociado. Não sei até que ponto isso servirá de consólo para a esposa traída e publicamente humilhada.

A menina

A evolução psicossocial da menina segue as mesmas linhas gerais, porém com uma diferença importante. É com a figura materna que ambos — tanto ela como o menino — estabelecem o primeiro vínculo amoroso; mais tarde, quando a se-

xualidade infantil se define e intensifica, o garoto sofre um incremento de seus impulsos e sentimentos pela mãe, ao passo que a menina deve mudar de objeto: ela “descobre” o pai e a ele dirige suas atenções eróticas. Sua rival de hoje é, pois, sua amada de ontem; dela a pequena ainda depende primordialmente em matéria de amparo e cuidados. Portanto, seu ciúme agressivo é mais traumático, desperta-lhe mais culpa e exige uma repressão maior. Em circunstâncias propícias, ela estará mais disposta que o menino a renunciar ao objeto impossível — no caso, o pai — por amor à mãe. É o sacrifício que há de garantir-lhe uma futura vida sentimental equilibrada e feliz, com plena coincidência de seus afetos e seus desejos sexuais. Mas justamente por ser mais vulnerável à culpa, ela se acha mais exposta à neurose que o varão. Em condições adversas, também precisará dissociar, como ele, seus objetos de amor em bons e maus: a mãe que mimia e a que “usurpa” o pai; o pai que a ama e o que a “engana” com a mãe. Terá, então, as mesmas dificuldades neuróticas que o homem para integrar numa só pessoa sua ternura e sua sexualidade. Talvez não venha a ser uma esposa infiel, por temor à pressão social (os homens a pretendem casta — mãe assexuada — e punirão seus deslizes aplicando-lhe o rótulo de prostituta — mãe sexual); mas pode ser leviana e fácil ou, ao contrário, uma das tantas esposas carinhosas — e de sexualidade inibida; talvez nunca se decida por um objeto — pois precisaria ter dois, coisa que a sociedade não lhe permite — permanecendo fixada a um amargurado celibato; ou quem sabe simplesmente canalizará sua dissociação interior através dos mais variados sintomas físicos.

Não são estes os únicos fatores da infidelidade matrimonial, mas são, sem dúvida, os mais importantes: é axiomático que em todo o (toda) amante infiel, existe uma desintegração psicológica mais ou menos séria. Há uma verdade igualmente válida para os dois sexos; quem trai seu amor é porque não ama bem. E só quem tem problemas neuróticos de algum tipo é incapaz de amar bem: a natureza humana foi feita para o bom amor — o amor que, às vezes, acaba; mas, enquanto dura, é sólido, exclusivo e total. *

do sa-se n-sua li-da-ão se e n-na-a-a-a-se la n->cl o t- r- e- e o o n- t- e-) o n- t- e-)

confiança, comunicação e lealdade, a maioria deles teria de reformular sua conduta. A partir daí, provavelmente seriam todos mais felizes, inclusive eles próprios. Mas vivemos numa sociedade tão paradoxal que, nela, ainda há muita gente capaz de sacrificar a felicidade só para não abrir mão do mínimo privilégio — ainda que seja o triste privilégio da cegueira, da dispersão sentimental, da insatisfação e do vazio.

O grande crime da desquitada é o fato de ela não se ter conformado com as aparências, com a desdita calada convertida em rotina, com a estabilidade social e a segurança econômica: ela quis uma relação amorosa autêntica e feliz — ou então nada.

Talvez alguma leitora menos avisada ou mais tímida suponha que estou fazendo a apologia do desquite. De nenhum modo: já acentuei no princípio que a separação legal é a saída para os fracassos irremediáveis, e antes de aceitá-los como tais é de supor-se que cada um tenha pôsto em jogo sua melhor boa-vontade, apegando-se a tudo o que de positivo houver a preservar; mais uma vez estou repetindo o óbvio. O desquite nunca é um bem: no melhor das hipóteses ele é o mal menor. Mas acho respeitável a coragem de quem enfrenta a realidade cara a cara, sem aceitar subornos, principalmente tratando-se de uma realidade tão atrozmente dolorosa como o fracasso conjugal.

O DIVÓRCIO É UM MAL?

Uma lei que faculta mas não obriga parece-me perfeitamente democrática; cada indi-

víduo poderá, segundo suas necessidades e convicções, acolher-se a ela ou não.

Um importante problema seria solucionado: os divorciados poderiam contrair nova união legítima; esse é o aspecto mais interessante do divórcio, a única inovação sobre o desquite.

Há quem tema que ele provoque a dissolução da família. O receio me parece infundado. Acredito que, promulgada a lei, a imensa maioria dos desquites homologados se transformaria em divórcio. Mas aumentaria o número de separações?

Tenho minhas dúvidas. Difícilmente um casal deixa de separar-se só porque a única fórmula legal existente — o desquite — é incompleta. Quando já não se suporta mais a convivência, serve até a mera separação de domicílios, sem mais trâmites legais. E quando, apesar de tudo, se prefere tolerar para não incorrer nos inconvenientes do desquite, os do divórcio seriam igualmente evitados. Aliás, é de notar-se que Argentina e Brasil, dois países predominantemente católicos, onde não há divórcio, ocupam respectivamente o terceiro e o quarto lugar na América Latina quanto à proporção de desquites. Não há lei que dissolva uma família ou uma sociedade que já não trouxer em si mesma os germes da dissolução.

É certo que muito homem casado anda por aí sussurrando em ouvidos crédulos: "Ah, se eu pudesse recuperar minha liberdade! Mas liberdade total: com você, tudo teria de ser sem limites!" — e muita senhorita ingênua acredita piamente que se o divórcio fosse pro-

mulgado hoje, amanhã mesmo se corrigiriam alguns milhares de destinos errados. Em geral os que esgrimem a lei como escusa são os maiores inimigos do divórcio, que os deixaria a descoberto.

Os mais intensos preconceitos antidivorcistas encontram-se num determinado tipo de esposa, infelizmente muito comum. É a que não tem uma identidade própria, uma personalidade: limita-se a encarnar A Espósa; e tão pouco vê no marido o homem Fulano de Tal, com suas características e peculiaridades, mas sim O Marido, símbolo e representante de uma "classe". É fácil reconhecê-la: fica indignada se chega a saber que algum homem — não o seu — teve um deslize extraconjugal; assume, por delegação, o ciúme de todas as demais mulheres e tem uma feroz acrimônia contra as jovens bonitas e provocantes, contra as possíveis "destruidoras de lares" — mesmo que o seu não esteja em perigo; sente-se pessoalmente lesada quando outro homem se separa da esposa. Não tolera, não perdona, não vê casos pessoais: para ela, os casados não são pessoas e sim meros membros da Instituição. Evidentemente, essa visão deformada é consequência da educação feminina: preparada apenas para ser esposa, apêndice, complemento, ente que só se justifica através do seu estado civil, ela não tem (nem pode ter) uma concepção global do ser humano: seu mundo se compõe de Espósas e Maridos, em redor dos quais pululam os outros, divididos entre Os Que Favorecem e Os Que Atrapalham o casamento. Tudo isso implica numa despersonalização.

(conclui na página 150)

flamatic exclusivo de WALLIG O FOGÃO

Escolha uma das bocas e gire o botão indicado. Viu? O queimador acende, sem fósforos nem eletricidade. É a vantagem do Flamatic, acendimento automático.

Conheça quanta coisa boa - e exclusiva - Wallig lhe reserva. Flamatic, Grelha Integral, Tampo Bandeja, entre outras. Tudo somado à beleza de linhas, cores e acabamento.



COMPRE WALLIG E VEJA O QUE É FOGÃO

Procure pela árvorezinha

V. a encontrará nas capas das revistas Claudia, Manequim, Claudia Noiva, Mamãe e Bebê, Quatro Rodas, Transporte Moderno, Máquinas e Metais, Capricho, Ilusão, Noturno Contigo, Zé Carioca, Pato Donald, Mickey e Intervalo.

Revistas que V. lê com prazer. Revistas que V. pode levar para casa. Revistas que educam, entretêm; revistas feitas pensando-se em você.

EDITORA
ABRIL



DIVÓRCIO. ANTES DA LEI, A RESPONSABILIDADE

(conclusão da página 149)

zação — talvez originada no temor neurótico de ligar-se afetivamente, de pessoa concreta a pessoa concreta, num vínculo concreto. Muitas vezes as frustrações sofridas em seu casamento influem nesse processo: a mulher dilui suas decepções para torná-las mais suportáveis; não é seu marido que é insatisfatório, são os maridos (assim, em abstrato) que não prestam; não é ela que se sente infeliz, é o destino de esposa (outra abstração) que é penoso. Essas mulheres, que constituem legião, como qualquer observador pode notar, não assumiram seu eu: só existem através do casamento. Compreende-se que ataquem o divórcio com a máxima virulência: para elas, seria uma verdadeira desintegração.

É O DIVÓRCIO UM BEM?

Para o caso antes assinalado — possibilidade de nova união — o divórcio, sem dúvida, é um bem. Mas não convém a gente se entusiasmar demais com o possível alcance de uma lei. Não há lei capaz de mudar de um dia para outro a personalidade humana, as reações psicológicas dos indivíduos, os cacotes de uma sociedade determinada.

Já vimos qual é a situação da desquitada em nosso meio. Nada nos induz a crer que, divorciada, ela venha a merecer melhor tratamento. Inclusive podemos perguntar até que ponto ela se beneficiaria da possibilidade de contrair novo casamento, pois enquanto não mudassem os preconceitos, os homens continuariam a procurá-la principalmente como companheira de aventuras. Dentro do atual panorama, a divorciada parece que teria escassas chances matrimoniais — a menos que se separe de um marido expressamente para casar-se com outro; e nesse caso, que epítetos lhe porá a sociedade!

A lei ampara os direitos daqueles que têm suficiente maturidade e capacidade para exercê-los. Mas, por si só, ela não cria em ninguém essa capacidade, essa maturidade. Para os que não as têm, o divórcio representaria, no melhor dos casos, apenas uma solução de fora para dentro; e, no pior, nova fonte de conflitos e problemas.

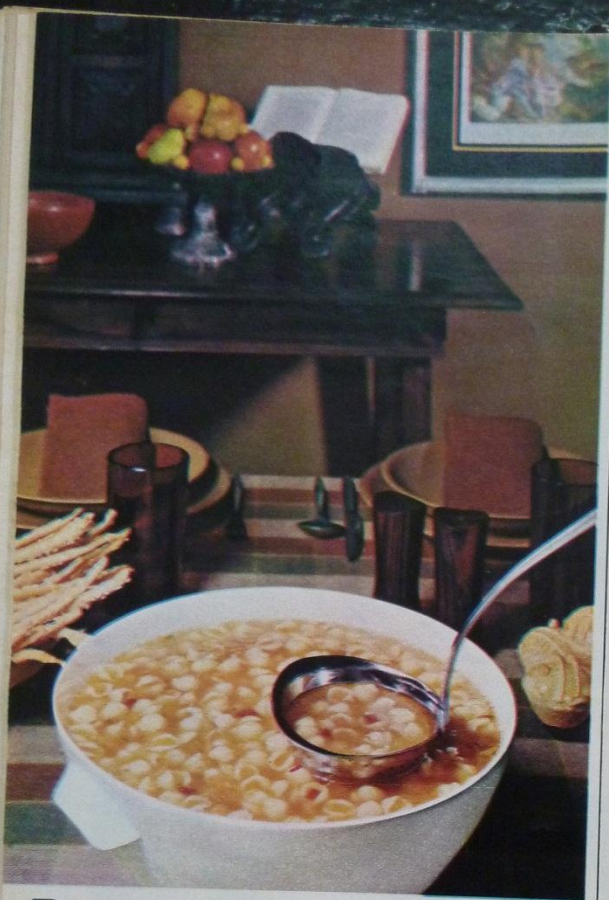
Acredito que a mulher brasileira, antes de pôr-se a lutar pela conquista do divórcio, deve realizar urgentemente as etapas prévias, isto é, lutar para conquistar-se a si mesma como ser humano integral, para atingir sua plena maturidade psicológica e social, superando seu indiscriminado apego a tradição, seu conformismo, seu amor à comodidade e à rotina, sua marginalidade com relação ao mundo. Só nessas condições, liberta de limitações e preconceitos, terá vigor e autoridade para pleitear suas reivindicações divorcistas. Compreendendo que as leis a restringem porque ela própria se quer restringida, a mulher terá de evoluir para colocar-se à altura das soluções que deseja.

Carmen da Silva

O DIVÓRCIO E OS FILHOS

A antiga e acirrada polêmica entre divorcistas e antidivorcistas vem ocupando com expressiva freqüência as páginas da imprensa brasileira. Inquéritos sociológicos, pesquisas de opinião, sondagens, entrevistas, artigos, debates e mesas-redondas demonstram o fervoroso interesse que o tema está suscitando em nosso público.

● Não pretendemos abordar globalmente o problema, para tratar de um só aspecto, talvez crucial: o da repercussão do divórcio sobre os filhos, especialmente quando eles são pequenos. ● Que a separação os afeta é ponto pacífico. O filho ama o pai e a mãe; precisa do carinho e da presença dos dois e não apenas de um ou de outro. A ausência de um dos pais lhe traz mágoa, saudade e, não raro, culpa, pois ele pode atribuir êsse afastamento a seus próprios impulsos hostis ou competitivos, imaginando, por exemplo: "Tanto quis ter mamãe só para mim que papai acabou indo embora", ou "tive raiva dêle, desejei que êle desaparecesse e agora êle desapareceu **de verdade**". É indispensável que os pais lhe expliquem, sincera e objetivamente, que, de comum acôrdo, "acharam melhor" não continuar vivendo juntos; mas devendo guardar para / leia, por favor, na página 124



Para um bom jantar, sirva uma boa sopa: Carne com Conchinhas Maggi.

Quando está frio lá fora, nada melhor do que o calor gostoso de uma boa Sopa Maggi. As sopas Maggi têm autêntico sabor caseiro... são preparadas com legumes tenros e fresquinhos, carnes suculentas e conchinhas deliciosas. Em poucos minutos, V. serve uma nutritiva Sopa Maggi - o início gostoso da boa refeição!



E bom ter sempre à mão Sopas

MAGGI

O DIVÓRCIO E OS FILHOS

(conclusão da página 37)

si detalhes e intimidades impróprias para crianças, suas explicações incompletas e superficiais nem sempre bastam para dissipar aquelas angustiosas fantasias, inconscientes ou mesmo conscientes, do filho.

Além disso, a partida de um dos pais destrói o núcleo de algo importantíssimo para a segurança infantil: o senso de estabilidade. A situação se agrava ainda pelas várias modificações materiais e sociais que o divórcio geralmente acarreta: mudança de domicílio e de atividades, alteração do ritmo de vida familiar, novo círculo de relações, eventual rompimento com parentes políticos aos quais a criança talvez tivesse apêgo, perguntas indiscretas ou insinuações maldosas de terceiros, etc.

Em vista de tudo isso, é de se perguntar até que ponto os pais têm o direito de tomar uma resolução que incide tão negativamente sobre os filhos. Será lícito que os inocentes arquem com as consequências dos erros e frustrações alheios? A felicidade ou, pelo menos, a tranquilidade de cada um dos cônjuges pode pesar mais na balança do que suas responsabilidades paternas?

Necessidades emocionais da criança

Para responder a essas indagações temos de repisar noções já bastante conhecidas mas sobre as quais vale a pena insistir. O papel dos pais e o clima afetivo reinante no lar são decisivos para a evolução emocional da criança. A aprendizagem sentimental se faz na infância — e não mediante discursos ou sermões, mas sim através de exemplos e vivências. Os laços amorosos que os pais mantêm entre si e com os filhos determinam a futura capacidade destes para o amor, a amizade, a comunicação, o diálogo. Ao respeitar, apoiar e orientar os pequenos, os pais estão incutindo neles confiança em si próprios e no mundo; e ao exercer adequadamente a autoridade que for necessária, dão-lhes uma visão realista das inevitáveis limitações decorrentes da razão e da vontade alheia que é preciso considerar. Dispensando um tratamento equitativo a todos os irmãos, reforçam em cada um deles o senso de solidariedade e justiça. Numa atmosfera basicamente afetuosa e marcada pelo respeito mútuo, as ocasionais divergências fortalecem a personalidade infantil e ajudam a desenvolver a independência de critério e uma dose amor, generosidade e responsabilidade — transformam numa criatura amável, generosa e responsável o pe-

queno ser que, ao vir ao mundo, trazia uma bagagem de instintos, exigências e necessidades puramente egoístas.

Mas essas lições, repetidas, não de ser dadas ao vivo; reduções à mera teoria, perdem sua eficácia. Os mais edificantes ensinamentos são a gentileza e a bondade, por exemplo, só têm valor se gentileza e bondade constituem a tônica das relações familiares; de outro modo, se convencerem em pregações vazias, desvalorizam-se pelo ouvido e não entram pelo outro. Ensinar amor significa dar amor e ver em torno de si um amor genuíno e compartilhado. Educação sexual não é só questão de transmitir aos filhos conceitos intelectuais, mesmo fundados nas doutrinas mais modernas; se os pais são inibidos ou sexualmente frustrados, falhará o essencial, que consiste em criar neles uma aceitação simples e natural do sexo.

Em síntese: o que a mente da criança absorve, assimila e grava é o exemplo, a observação direta, a experiência sensível, a realidade vivida. Se os ensinamentos dos pais entram em contradição com essa realidade, não servirão para conflitar o espírito infantil, causando perplexidade, confusão e insegurança.

Ficou claro, pois, que o ambiente do lar, a cálida presença dos pais junto aos filhos, a autenticidade dos vínculos afetivos entre os membros da família, são fatores primordiais para garantir a estabilidade sentimental da criança e suas chances de vir a ser um adulto razoavelmente equilibrado e feliz. Ao mesmo tempo, no entanto, ficou igualmente claro que não é qualquer lar que preenche esses requisitos, que não são quaisquer pais que cumprem essas condições, que não basta o esforço e a boa vontade para suprir a espontaneidade dos sentimentos.

O divórcio afetivo

Apesar de todas as suas consequências, não é a separação legal e material, em si, o que mais profundamente abala a criança, mas sim o divórcio afetivo entre os pais. Se este chega a ocorrer, a família se desintegra de fato, mesmo que essa dissolução não seja sancionada no plano jurídico.

mesmo que o casal continue a viver sob o mesmo teto, guardando cuidadosamente as aparências e atenção à sociedade e em benefício dos filhos.

Acabando o amor surge o ódio, o ressentimento, o despeito, a intolerância, e só subsiste o vínculo legal amarrado — ou melhor, amarrando os dois cônjuges que, no seu íntimo, preferiam estar a quilômetros de distância um do outro. Até a mais pequena brada das pessoas suporta mal a convivência cotidiana e obrigatória com um indiferente. E se em lugar da indiferença o que restar entre ambos for decepção e rancor, a situação será de todo insustentável.

Na melhor das hipóteses, marido e mulher podem disfarçar seus sentimentos e controlar suas atitudes, evitando que as crianças presenciem ásperas discussões, cenas de hostilidade aberta, ciúmeiras, picaretagens, brigas. Em vez disso, os pais devem

vão t

uma

sem

ou sil

péssim

do ár

essa c

chada

ram:

formu

ções i

um ri

se tra

meia c

espêss

tem a

estalar

angusti

acabam

tales de

Emb

sentime

a psiqu

se insin

cha, se

inadequ

conjugal

lhos. Ser

fazem, o

carregam

que lhes

pacientam

suas expa

com a

acusadore

gam até

lhos, pois

mais fácil

de culpa,

excessiva,

numa sufc

nal. A et

vaivém de

que a rejei

além de o

sentimento

a genuína.

Mil vez

filhos seri

Por doloro

cal será m

esse clima

tável, preci

dia e o ódi

em suma, t

efeitos reais

Estávam

nas da hip

par que, pe

linha ante o

nem sempre

raro que se

a nu e os re

juizes freqü

brigas, recri

propérios; o

tomar partid

trumento par

dos entre du

entre dois a

inexplicávelm

patíveis, os in

a cenas e dr

deveriam ser

criança. Mes

inho apêgo à

vista dos filh

menor dos ma

mente o que

dado que impl

fracasso; mas

a opção pelo r

Os filhos

Há casais q

pressão de se

...mas essas ligas...
 ...de ser dadas...
 ...gentileza e a...
 ...são têm valor...
 ...constituem a...
 ...miliarem de...
 ...teriam em pre...
 ...pelo outro. Es...
 ...dar amor, faz...
 ...amor e ver em...
 ...genuíno e comp...
 ...sexual não é só...
 ...tir aos filhos...
 ...modernas, se o...
 ...sexualmente fr...
 ...essencial, que...
 ...uma aceitação...
 ...sexo.

Em síntese: o que a mente da criança absorve, assimila e gera é a realidade, a observação direta, a experiência, a realidade vivida. Se os ensinamentos dos pais entram em contradição com essa realidade, os filhos servirão para confrontar o espírito infantil, causando perplexidade, confusão e insegurança.

Ficou claro, pois, que o ambiente do lar, a cálida presença dos pais junto aos filhos, a autenticidade dos vínculos afetivos entre os membros da família, são fatores primordiais para garantir a estabilidade sentimental da criança e suas chances de se tornar a ser um adulto razoavelmente equilibrado e feliz. Ao mesmo tempo, no entanto, ficou igualmente claro que não é qualquer lar que preencha esses requisitos, que não são quaisquer pais que cumprem essas condições, que não basta o esforço e a boa vontade para suprir a espontaneidade dos sentimentos.

O divórcio afetivo

Apesar de todas as suas consequências, não é a separação legal e material, em si, o que mais prejudica a criança, mas sim o divórcio afetivo entre os pais. Se esse divórcio ocorre, a família se desestrutura, mesmo que esse desmoronamento seja sancionado no plano legal, mesmo que o casal continue a viver sob o mesmo teto, guardando conscientemente as aparências e a atenção à sociedade e em benefício dos filhos.

Acabando o amor surge o ressentimento, o despeito, a mágoa — ou melhor, um rancor — que os cônjuges que, no seu íntimo, nãoariam estar a quilômetros de distância um do outro. Até a mais insignificante das pequenas supostas diferenças da vida cotidiana e obrigatoriamente indiferente. E se em algum momento houver uma diferença o que restar, entre a vida de decepção e rancor, é a sensação de todo insustentável.

Na melhor das hipóteses, os pais podem controlar suas emoções e as crianças não sofrerão os efeitos, mas os pais não podem controlar os sentimentos, os pais não podem controlar os pais.

vão testemunhar uma cortesia gelada, uma cordialidade hipócrita, gestos sem conteúdo, palavras sem calor — ou silêncio e distância. Em suma, um péssimo arremêdo de amor. Apesar do árduo preço que custa ao casal, essa contenção, essa correção de fachada, entretanto, se autoneutralizada, os antagonismos calados, as inflexíveis recriminações, as frustrações inexprimidas, as agressões que se traduzem numa tensão que permeia o ambiente a ponto de torná-lo espesso e malsão. As crianças sentem a tempestade latente, ameaçando estalar a qualquer momento. E é tão angustiada essa expectativa que elas acabam desejando que realmente estale de uma vez, para alívio geral.

Embora rigidamente policiados, os sentimentos do casal lhe intoxicam a psique e contaminam a conduta, se insinuam através da mínima brecha, se extravasam mesmo de modo inadequado. E assim a infelicidade conjugal será transferida para os filhos. Sem querer, sem perceber que o fazem, os cônjuges amargurados descarregam sobre as crianças parte do que lhes vai na alma: nervosos, impacientam-se com elas, mal toleram suas expansões infantis, exasperam-se com a presença desses pequenos acusadores de olhos sagazes e chegam até a deplorar o fato de ter filhos, pois sem eles tudo seria bem mais fácil. E, de súbito, enchem-se de culpa, sobram numa ternura excessiva, numa ansiosa preocupação, numa sufocante intensidade emocional. A criança vive num perpétuo vaivém de rejeição e amor, intuindo que a rejeição é injusta e que o amor, além de oscilante, está matizado de sentimentos que pouco têm a ver com a genuína afeição materna e paterna.

Mil vezes menos nocivo para os filhos seria, neste caso, o divórcio. Por doloroso que seja, o corte radical será menos neurotizante do que esse clima torturado de um lar instável, precário, onde o amor é paródia e o ódio é a música de fundo — em suma, um lar que, para todos os efeitos reais, já se desfêz.

E estávamos até agora falando apenas da hipótese menos adversa: do par que, pelo menos, tenta manter a linha ante os filhos. Lamentavelmente, nem sempre isso se dá; ou melhor, é raro que se dê. Com a sensibilidade a nu e os nervos exacerbados, os cônjuges frequentemente explodem em brigas, recriminações, lágrimas, improperios; os filhos são chamados a tomar partido ou utilizados como instrumento para ferir o outro; dilacerados entre duas lealdades conflitantes, entre dois amores que tornaram incompatíveis, os inocentes se vêm expostos a cenas e dramas que a todo preço deveriam ser poupadas a qualquer criança. Mesmo com o mais ferrenho apego às instituições, qualquer pessoa reconheceria que, do ponto de vista dos filhos, o divórcio seria o menor dos males. Pois é isso precisamente o que é: jamais um bem, dado que implica na admissão de um fracasso; mas, em muitos casos, a opção pelo mal menor.

Os filhos como pretexto

Há casais que dão sempre a impressão de se acharem à beira da

ruptura. Vivem em crise, atacando-se, criticando-se, queixando-se, detestando-se mutuamente. Ou então, enquanto um dos dois desempenha o papel de algoz, o outro assume o de vítima. O desastre matrimonial é assunto público: os amigos estão todo o tempo à espera do momento em que a coisa vai estourar e os próprios interessados alimentam essa expectativa, fazendo do divórcio o tema central de suas fantasias, lamúrias e ameaças: "Ah, se não fosse por causa das crianças...!"

E, no entanto, jamais se separam. As crianças deixam de sê-lo: crescem, vão à universidade, conquistam diplomas, ganham a vida, casam. E o par continua desajustado, inimigo, cada um a suspirar por seu lado: "Ah, se não fosse por causa dos filhos...!"

Observando atentamente esses casais, surpreende a indestrutibilidade de sua união: sempre comprometida, sempre parecendo instável, ela dura ao longo de anos e anos, de infundáveis disputas, de um invariável e quase acrobático beirar o precipício.

E evidente que estamos ante uma relação absolutamente neurótica. Os cônjuges têm uma sorte de delírio mórbido na agressão, na violência, no martírio. A personalidade de cada um floresce no clima de drama e antagonismo que eles amorosamente cultivam, nutrindo-o dia a dia com o calor de seu ódio, o orvalho de suas lágrimas. Unidos pela compulsão sado-masoquista, pela necessidade íntima e insubornável de receber e infligir sofrimento, eles não podem prescindir um do outro. Os filhos, pequenos ou grandes, são esgrimidos aqui como mero pretexto para encobrir a neurose dos pais, mascarando-a de dever moral, abnegação, bondade, espírito de sacrifício. Se não os tivessem, adotariam crianças. Ou então argumentariam com a partilha dos bens, a dificuldade de vivenda — qualquer coisa que, bem ou mal, justificasse a necessidade de permanecerem juntos.

Muita gente ingenuamente supõe que uma lei permitindo o divórcio viria desemaranhar esses intrincadíssimos e apertados nós matrimoniais. Nada mais inexato. Quem está realmente decidido a separar-se, há de fazê-lo mesmo sem o amparo de nenhuma lei. Mas quem usa como pretexto a insuficiência do desquite como solução, o interesse dos filhos, as razões econômicas etc., não está desejando saídas mas sim desculpas.

Talvez surpreenda às leitoras o fato de eu ter iniciado este artigo anunciando que o divórcio está em pauta, quando tudo o que nele se diz seria igualmente aplicável ao desquite, que é a única modalidade de separação legal até hoje existente entre nós. É precisamente por isso. Já promulgado o desquite no Brasil, quem a ele se opõe "por causa dos filhos" será uma voz isolada, falando a título meramente pessoal. E quando se menciona a possibilidade de sancionar o divórcio que se levanta, com pretensões de validade universal, um sacrossanto clamor em defesa dos direitos e necessidades das crianças. O exame desapassionado dos fatos nos leva à conclusão de que há um só meio eficaz de defender os filhos: a felicidade conjugal dos pais. Plena e real. Na ausência desta, os paliativos freqüentemente são piores do que a própria enfermidade.



OFEREÇA MAIS REQUINTE... MAIS BELEZA!

LYCEU DE ARTES E OFFICIO
 Premiados nas exposições
 SEVILLA — ANVERS — M...
 Rua João Teodoro, 535 - Fone

CLAUDIA-125

cozinha
m
s



ens

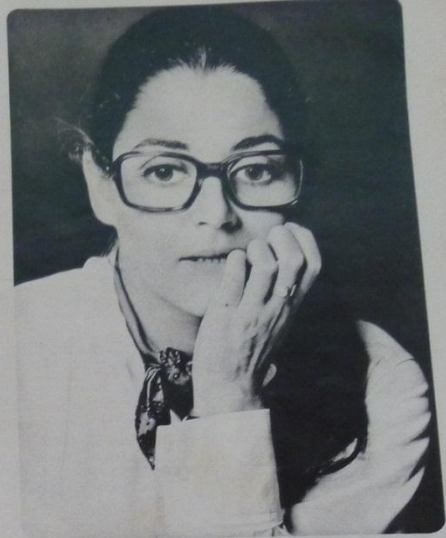
prazer.

O é para ser embutido, na
ser a gás ou elétrico.
ne e vermelho.
0 cm de profundidade.
pada interna.
ura e se encaixa em
étricas e os comandos
m de largura.
cozinha toda Kitchens.

ão Paulo
O HORIZONTE: AV. JOÃO PINHEIRO, 11, JARDIM
110 * PORTO ALEGRE: RUA PROF. ANTONIO
BELEM, RUA GASPAR VIANA, 216, TEL. 301.4111
TEL. 2330 * CUIABÁ: TRAVESSA D. BOSCO, 87, TEL.

A ARTE DE SER MULHER/
UM ARTIGO DE CARMEN DA SILVA

UMA ARMADILHA PARA A MÃE MODERNA



A criança sempre foi motivo de encantamento e objeto de exaltação. Em todas as épocas, a arte e a literatura enalteceram a pureza da frente infantil, a louçania quase insolente das faces de cetim, o vermelho das comovedoras boquinhinhas desdentadas, as covinhas das mãos inábeis e rechonchudas, o vacilante gorjeio que tenta fazer-se palavra. Nossa idealização transformou a criança em símbolo de todos os dons que perdemos e desejaríamos recuperar: a inocência, a alegria, a espontaneidade, a graça, a mente alerta, a fácil aceitação do novo, a imaginação livre e sóita, a intuição do universo em torno. Mesmo no mundo atual, de gente frenética de pressa e reconcentrada em seus próprios assuntos, os homens suavizam o olhar e as mulheres se desfazem em enternecimento ao contemplar uma criança.

Mas só em tempos relativamente recentes foi descoberta a realidade mais óbvia, a mais chamativa evidência a seu respeito: a criança é o adulto de amanhã e as duas etapas se ligam por um nexo qualitativo, sem saltos ilógicos, dramáticas modificações, bruscos hiatos. As características, o modo de ser do adulto não se instalam subitamente nele, como brotados por geração espontânea, uma vez ultrapassada a idade infantil e a ado-

lescência. Seu caráter, as virtudes e defeitos que nele háo de predominar são basicamente determinados pelas primeiras experiências infantis; a educação impartida no lar e as atitudes paternas exercem uma influência decisiva sobre o desenvolvimento da personalidade e fixam de modo quase indelével o padrão de conduta e reações do futuro adulto. Do frágil recém-nascido ao indivíduo na plenitude de seu vigor físico, de suas faculdades intelectuais e de sua maturidade psicológica, a ponte vai sendo construída dia a dia, ao longo dos anos, gradualmente por um processo ininterrupto, gradual, coerente e, por momentos, árduo: no famoso "paraíso" da infância, como em todos os paraísos que nos é dado viver na Terra, as alegrias vêm entremeadas de vicissitudes.

Uma dura verdade

Como invariavelmente ocorre cada vez que a ciência — ou o simples bom senso — tenta derrubar preconceitos enraizados e abalar secretos interesses, a formulação do óbvio despertou protestos, resistências, celeuma. Os pais, sobretudo, defendiam-se com particular encarniçamento de uma revelação que os responsabilizava pelos eventuais fracassos e dava às suas queixas

um indisfarçável matiz de auto-reprovação: o filho que "saiu" improbo, covarde ou vadio, era a consequência previsível, quase matemática, do ambiente em que se criara, do clima emocional familiar, do afeto parental insuficiente ou mal inspirado, das falhas educativas. Era preciso reconhecer que os filhos não "saíram" isso ou aquilo por mero acaso: os pais os faziam assim. Até então simultaneamente idealizada e coisificada, a criança passava a adquirir uma nova dimensão.

A força de reiteração e comprovações irrefutáveis, a verdade foi conquistando algum terreno. Mas não tão amplo como seria de se desejar: certos setores se mantêm irredutíveis. Muitos pais ainda continuam apegados à velha crença de que um filho é um bichinho a domesticar, uma pequena máquina de acatar ordens e proibições impostas a torto e a direito, respeitando-as como palavra sagrada. Esses pais, infelizmente bastante numerosos, julgam que sua missão consiste em afirmar autoridade sem sacrificar o comodismo: é mais fácil intimidar do que ensinar, mais tranqüilo castigar do que corrigir, custa menos pregar sermões do que dar exemplos, o berro e a palmada constituem o caminho mais curto para a obediência cega que pretendem.

Irritam-se contra qualquer tentativa sensata de limitar o que consideram suas prerrogativas paternas e contestam com indignação "essas baboseiras inventadas por quem não tem o que fazer". Todos já tivemos oportunidade de assistir a uma dessas cenas deprimentes em que um adulto, fora de si, obstina-se em provar a uma pobre criança que ele é o mais forte.

Essa descrença, crua porém realista, apresenta a situação tal como ela é vista de fora, por olhos imparciais; os próprios interessados, acreditando-se pais irreprensíveis e amantíssimos, esgrimem sua experiência pessoal para fundamentar seus "métodos": eles também foram educados assim, e afinal não "sairam" tão maus... Não se precisa de muita malícia para captar um inequívoco sabor de vingança nessa repetição, contra uma geração inocente, das arbitrariedades que eles próprios padeceram.

No seio de grupos mais esclarecidos, as coisas se passaram de modo diverso. Hoje em dia, nenhuma pessoa medianamente informada nega abertamente os novos preceitos educativos, ou se atreve a insinuar que a palmatória, como sistema, é mais eficaz que o carinho e a compreensão. Mães de certa cultura falam de traumas, frustrações, complexos e recalques com o mes-

A Arte de Ser Mulher / Só quem é livre pode dar liberdade a seus filhos



mo entusiasmo com que as mães de cinquenta anos atrás (ou menos!) falavam da disciplina e da vara de marmelo.

Os resultados, entretanto, nem sempre são animadores e muitas pessoas já começam a se perguntar se não terão sido enganadas em sua boa fé. Em realidade, o que acontece num imenso número de casos, é que a adesão aos princípios pedagógicos atuais é apenas aparente, superficial: uma superestrutura sob a qual continuam a agitar-se relutâncias internas, dúvidas, recônditos temores. Múltiplos pais, embora bem intencionados, limitam-se a papaguear da boca para fora idéias que seus próprios atos estão contraditando a cada instante. E dessas situações paradoxais que se ocupa o presente artigo.

A psicologia mal aplicada

Algumas mães modernas, imbuídas de noções "arcejadas", educam seus filhos na base do manual de psicologia, o que absolutamente não é criticável em si; mas o manual de psicologia mal assimilado pode ser funesto: leva a esquecer que a criança não foi feita para a teoria mas, ao contrário, a teoria foi levantada a partir do estudo e da compreensão da criança; em outras palavras: cada criança é um ser concreto, uma individualidade bem diferenciada, com suas necessidades específicas, seu temperamento, sua sensibilidade, seu próprio acervo de vivências, suas circunstâncias peculiares; de nenhum modo ela é a reprodução literal do "caso número cinco" descrito no capítulo tal ou qual do livro dêse ou daquele eminente psicólogo. Não se trata aqui de discutir a excelência do texto e os méritos do autor; trata-se de entender que um filho — seu filho — é uma pessoa e não uma abstração, um esquema. Fraca psicologia é a que serve de pretexto

para desvitalizar o vivo, desumanizar o humano.

A correspondência que recebo de certas mães — quase sempre de bom nível intelectual — ilustra claramente essa tendência a reduzir a criança a uma equação e enquadrar seu comportamento numa série de fórmulas preestabelecidas.

Algumas, por exemplo, estão preocupadíssimas em "evitar" a seus filhos o complexo de Édipo que, diga-se de passagem, não parece evitável dentro do sistema familiar vigente e nem é uma experiência negativa a temer; racionalizam assim sua rejeição às expansões afetivas e às mais sadias manifestações de carinho filial, tornando-as indesejáveis "sintomas edípicos". Outras lêem várias centenas, se não milhares de páginas, a fim de preparar-se para o grande momento em que deverão responder "com a máxima naturalidade" às primeiras perguntas infantis sobre sexo — e já se pode imaginar quanta "naturalidade" haverá na abordagem de um tema que lhes exige tanta intelectualização. Outras, ainda, se apoquentam durante semanas a fio pensando nas possíveis consequências nocivas do gesto de impaciência que não puderam dominar, da palavra que lhes escapou em tom mais áspero, indagando-se se não terão comprometido irremediavelmente o equilíbrio psíquico de seus filhos.

Em suma, essas mães transbordam de noções preconcebidas e rígidas sobre o que deve ser a maternidade, o que deve ser a criança; se o desenrolar das situações não se dá conforme o previsto em seu figurino, surge inquietação, angústia, culpa, sensação de perigo.

Sob um disfarce nôvo, assoma a face do velho processo: idealização e coisificação.

As crianças educadas nessas condições vivem sob uma constante vigilância que se pretende indulgente e compreensiva mas que, na realidade, é ansiosa; não é de surpresa e tender que se tornem inseguras e tender que se verem todos os seus atos, gestos e reações observados, medidos, comparados com um modelo — impossível de imitar, porque só existe na cabeça da mãe.

Ora, de um maior conhecimento da psicologia infantil, de uma inteligência mais aguda das motivações e sentimentos da criança, deveria decorrer, logicamente, a possibilidade de relações mais estreitas e descontraídas entre mães e filhos; sobretudo levando-se em conta que, ao sentir-se genuinamente compreendida, a criança se permite uma grande liberdade de auto-expressão, o que ainda melhor capacita os pais para lerem nela como no clássico livro aberto.

Se, em vez de propiciar vínculos mais espontâneos e satisfatórios, as noções maternas sobre psicologia vêm criar tensão e agravar dificuldades, temos de admitir que há algo errado, não na psicologia em si, mas no enfoque de quem a aplica.

Um caso ilustrativo

"Meu filho não mostra nenhum ciúme do irmãozinho recém-nascido e estou aflitíssima porque acho que ele não é normal", queixava-se uma das mães que nos consultou. Havia várias hipóteses cabíveis: talvez essa mãe, tão precipitada em rotular seu filho de anormal, simplesmente não fosse capaz de detectar as manifestações, por vezes bem indiretas, do ciúme infantil; talvez a criança, precisamente por se perceber fiscalizada, tomasse o máximo cuidado em disfarçá-las ou reprimi-las; talvez ainda o carinho e apoio de outros adultos — avó, tias, babá —, menos absorvidos pelo recente nascimento, bastassem para compensar o pequeno; ou quem sabe, este já contasse com suficientes interesses extrafamiliares — escola, companheiros, atividades —, de modo a não ficar afetado demais pela chegada do nôvo irmão.

Um exame mais detido revelou que o conflito — como aliás era de se esperar — residia na mãe e não no filho. Era ela que, revivendo inconscientemente situações de sua própria infância, fizera um jogo múltiplo de identificações e projeções. Identificada com o bebê, desejava monopolizar todo o amor — daí que achasse justo e até necessário o ciúme do outro filho. Identificando-se com o outro filho, por sua vez, através dele reeditava antigos sentimentos de ciúme e rivalidade com seus próprios irmãos e, numa dessas incongruências típicas da fantasia inconsciente, projetava tais sentimentos no pequeno para, simultaneamente, justificá-los e negá-los. Ao externar sua aflição pela suposta ausência de reação filial, ela convertia os demais em suas testemunhas de defesa: "Meu filho teria motivos para estar enciumado e, no entanto, não está"; significava no plano inconsciente: "Vejam, eu não tenho (não tive) ciúmes de meus irmãos — e bem que poderia ter tido!" Acrescenta-se ainda o fato de que ela realmente estava negligenciando um pouco em relação a ele. Por acaso, descobriu-se que desde a chegada do bebê o "indiferente" garoto de quatro anos... voltara a urinar na cama!

A cilada da psicologia

Estamos aqui em presença da grande cilada da psicologia: a dis-

torção subjetiva, os obstáculos íntimos. São estes que é preciso superar em primeiro lugar para que se possa aferir o que ocorre em torno, às vezes com gritante evidência. A leitura dos mais massudos tomos científicos ou da melhor literatura de divulgação, a frequentação de cursos e conferências, são de escasso valor para ajudar a compreensão dos problemas alheios se, de saída, tratamos de visualizá-los com a óptica deturpada pelos nossos problemas psicológicos.

Eis a questão crucial que se coloca ante um grande número de mães modernas. Côncias de sua responsabilidade, sinceramente empenhadas em não repetir erros educativos que muitas sofreram na própria carne, querem penetrar os delicados mecanismos da psique infantil, saber o que se passa na mente de seus filhos, conhecê-los. Até aí, sua atitude só é digna de aplauso. Mas talvez não estejam igualmente ansiosas de autoconhecimento; talvez prefiram não remexer nas águas profundas de seus conflitos não elaborados, de seus velhos traumas, de suas contradições internas. E é então que sua boa vontade esbarra num muro de limitações intransponíveis e as teorias falham na hora de levá-las à prática: a omissão do principal neutraliza seus esforços. Apesar dos milênios transcorridos, o famoso "nosce te ipsum" — conhece primeiro a ti mesmo — permanece válido.

Só quem superou a própria imaturidade pode estimular devidamente a maturidade de seus filhos. Só quem faz e aprecia cabalmente a experiência pessoal da liberdade sabe educar uma criança para a liberdade. Só quem vive bem instalada na realidade do mundo é capaz de guiar a outrem no mundo. Só uma convicção sólida e um constante exercício dos valores garantem a eficácia dos ensinamentos morais.

Qualquer outro caminho peca pela base. Armar-se de noções sobre psicologia e focalizar a lente exclusivamente sobre os outros, passando por alto a "viga no próprio olho", não conduz a grande coisa em matéria educativa — nem em quaisquer outros campos. As mães que assim procedem estão, de certa forma, negando a humanidade singular de seus filhos para convertê-los em entidades abstratas, "casos", pequenos robôs cujas reações independem do ambiente; e essa intelectualização da relação materno-filial encobre a melancólica incapacidade de estabelecer autênticos vínculos amorosos, de ser humano a ser humano.

Carmen da Silva

CLAUDIA - 41

A MULHER PODE DEMONSTRAR AMOR, MAS QUE SEJA NA HORA E DO JEITO QUE O HOMEM QUER

respondecia que recebo e da que ela dirige a outras publicações. Tenho estudado, em suma, as manifestações da mulher e para a mulher com vistas a descobrir como ela se vê e como imagina que a vêem, como encara sua feminilidade e seu papel no mundo e como se situa face a ambos; numa palavra, a imagem que ela tem de si mesma.

É óbvio que esse estudo não me conduziria muito longe se eu me limitasse a aceitar o sentido literal de suas declarações sem passá-las pelo crivo da análise psicológica que desvenda as contradições, capta as insinuações interpreta os símbolos e desentranha a verdade latente sob as elaborações intelectuais. Os conceitos e opiniões admitidos e emitidos para uso externo não nos revelam toda a história. Estamos cansados, por exemplo, de ouvir afirmar: "Hoje em dia, a mulher já deixou de ser uma boneca de luxo", em entrevistas concedidas por damas que são "notícia" precisa e exclusivamente por sua beleza, suas roupas, suas jóias, seu ócio elegante, sua badalção social — enfim, por sua condição de bonecas de luxo. Por aí já se vê...

Minhas observações levaram-me à conclusão de que a mulher brasileira média tem de si mesma uma visão paradoxal, que abarca dois enfoques aparentemente opostos:

— De um lado, a desmedida exaltação da feminilidade, com a conseqüente negação de todos os aspectos desfavoráveis da realidade que ela vive.

— De outro, uma noção amarga e depressiva da condição feminina, tomada como um fardo, quase uma maldição biológico-social.

A visão idealizada

Nossa mulher encampa sem vacilar a idealização da feminilidade contida em superstições e lendas de todos os tempos, na literatura e no folclore — sobretudo em relação à maternidade. No fundo de seu coração, cada mulher se considera um pouco mais do que simplesmente humana, algo intocável e precioso, pósto que é ou teoricamente pode ser mãe.

Longe de mim a intenção de amesquinhar uma das experiências femininas mais plenas e enriquecedoras quando vividas de modo sadio e consciente, na alegria e no amor.

Notamos, porém, que não raro esse enaltecimento da maternidade está completamente desvinculado da situação concreta que a mulher vive como mãe.

Nem sempre a maternidade é resultado de uma opção. E, mesmo que haja escolha, ela nem sempre obedece ao legítimo desejo de ter filhos. Muitas maternidades são inspiradas em motivos que poderíamos chamar espúrios: pretexto para esquivar o enfrentamento de outras responsabilidades, meio para consolidar um casamento em crise, criando novas obrigações que retenham o marido no lar ou outras razões do mesmo teor.

Além disso, não são, infelizmente, nada raras as mães que têm vínculos pouco satisfatórios com seus filhos e um mediocre desempenho educativo: toleram as restrições impostas pela presença de um bebê, irritam-se com a natural algazarra infantil dentro de casa, proíbem por comodidade, ralham por impaciência, castigam por mau humor, descarregam sua agressividade e seus problemas sobre a prole. Sabemos, é claro, que as crianças dão trabalho; mas, para certas mães, elas representam apenas trabalho, aborrecimento, sacrifício: o prêmio de agüentá-las é aquela horinha tranqüila ao pé do receptor, vendo a novela...

Não pretendo afirmar que esses casos, embora numerosíssimos, constituam a regra. O ponto a destacar aqui é outro: as mulheres separam o exercício real da maternidade (eu mesma tal como sou, em relação com estas crianças, meus filhos, tais como eles são, a vivência do nosso dia-dia) da *idéia* da maternidade. O que sublimam é a *idéia*, é o ser mãe considerado em abstrato. Ou seja: uma imagem pré-fabricada de si mesmas como mães, que lhes vem de suas próprias fantasias infantis reforçadas pelos mitos sociais da maternidade. Em outras palavras: as mulheres colocam um espelho diante de um rosto que não é o seu verdadeiro rosto — e reivindicam como sua a auréola que vêem refletida no cristal.

As relações com o sexo oposto

Nas relações com o sexo oposto, difíceis e conflituadas como elas são entre nós, a mulher põe em jôgo uma intensa negação da realidade para preservar uma auto-imagem aceitável. A lei e os costumes vigentes no sistema patriarcal fazem dela um ente secundário — idealizado, cantado em prosa e verso mas nem por isso menos reduzido à condição de objeto, de coisa subalterna, dominada e humilhada. Descreveremos de modo muito sucinto — pois os portmores e exemplos exigiriam centenas de laudas — a situação da mulher brasileira de hoje face ao homem.

Sua subordinação econômica e pessoal traduz-se numa permanente sensação de irrealização e insegurança. No campo afetivo (como também no social, sem dúvida), decisões e iniciativas cabem ao homem: é ele quem traça o rumo que tomará uma ligação amorosa. A mulher apenas opta *negativamente*: pode recusar um candidato que não lhe interessa — sem-

pre e quando não se deixe apavorar pela infalível pressão familiar e social no sentido de que "mais vale um pássaro na mão..." Pode terminar um romance que passou a aborrecê-la — à condição de ainda não se ter amarrado ao homem pela dependência material. Mas é justamente quando ela ama — isto é, quando a relação torna-se algo vital — que ela deve recolher-se a uma angustiosa espera passiva.

Demonstrar amor ela pode — na hora e do jeito que o homem quer. Suas demonstrações têm de ser dosadas segundo o capricho dele, pois, cioso de sua posição de "macho que conquista", é ele quem estabelece os limites compatíveis com sua necessidade de afirmação e domínio.

A conduta, as atitudes e até a aparência femininas têm de se ajustar às pretensões e preconceitos masculinos: os homens gostam disso, não gostam daquilo, preferem as mulheres assim ou assado... Naturalmente, eles foram condicionados a gostar e desgostar segundo velhos tabus que já não convencem as pessoas mais esclarecidas. Romper com esses tabus implica, entretanto, criar novas bases de relacionamento entre os sexos — coisa que muita gente considera necessária mas que poucos estão dispostos a empreender como experiência pessoal, arcando com os correspondentes riscos. Principalmente os jovens, moças e rapazes, reclamam formas mais evoluídas de relação dentro do par; mas, na hora põ-las em prática, encolhem-se num timorato acatamento às normas convencionais: "Acho os conceitos válidos, mas nossa sociedade ainda não está habituada..."

Com tudo isso, o papel da mulher brasileira ante o homem reduz-se a: atrair, seduzir, incitar, envolver, obter o que deseja mediante a simulação hipócrita ou o "nhenhenhem" de criança. Não mostrar mais capacidade, inteligência e caráter do que o "candidato" possa tolerar sem sentir menoscabada sua superioridade masculina; pagar com fidelidade a infidelidade do marido e procurar reconquistá-lo mediante recursos de cosmética, indumentária, culinária, doçura, habilidade, astúcia, submissão e, sobretudo, uma férrea disciplina sobre o que cada um tem de mais legítimo e espontâneo: seus sentimentos; suas formas podem — e devem — transparecer sob a camisola sutilmente erótica; mas a frustração, a mágoa, a suscetibilidade ferida, essas não devem transparecer jamais.

Eis a grandes traços do triste quinhão da mulher em nossa sociedade, a dolorosa realidade que ela enfeita e romantiza até apresentá-la como um privilégio. Tratada como irresponsável ou débil mental, mandada, dirigida — no melhor dos casos, com afetosa indulgência paternalista —, ela brada: "Que mais deseja a mulher senão ser protegida, amparada, mimada?" Defraudada em suas aspirações pessoais de felicidade, ela cla-

ma altisonante: "Existe objetivo mais belo que se dedicar de corpo e alma a fazer a felicidade do homem que consegue abafar a voz de sua decepção, de seu ressentimento. Marginalizada, relegada ao ramerrão da doçura mesticida, ela pontifica: "A missão da mulher é estimular a carreira do marido" — sem pensar que a mulher sem marido ou casada com um homem sem carreira não tem destino nem finalidade na vida. Na qualidade de boneca de carne, exorbita a importância de seu aspecto físico, escraviza-se à moda, sofre por não poder manter o padrão que desejaria e repete, convicta, consoladores axiomas publicitários: "Hoje em dia não há mulheres feias", enquanto se examina angustiadamente ao espelho. E os transportes dos poetas líricos do século passado continuam encontrando eco em sua mente, ela não vacila em acreditar que um sorriso de mulher é capaz de remover montanhas.

Tão pensosa é sua realidade, que ela a distorce e nega, criando uma auto-imagem enaltecida às raias da impotência: suas limitações se transformam em encantos irresistíveis, sua humilhação em glória.

A face sombria

Com alarmante intensidade e frequência, a mesma mulher que se reveste com esses fantásticos outropês de auto-idealização revela a face sombria da visão que ela tem da feminilidade. Basta ouvi-la em suas afirmações de que amor é sacrifício, maternidade é abnegação, o destino feminino é renúncia; e como se indigna quando contraditada! Parece zangar-se com a possibilidade de que alguém obtenha, sem incorrer em autodemissão, o que ela em última instância não obtém mesmo abdicando de sua personalidade.

Sua autodesvalorização está presente nos conceitos que ela emite sobre o homem: "Eles querem aproveitar — e fazem muito bem, afinal estão em seu papel!" Justificam de saída as trações de que são vítimas, fornecendo argumentos (falsos) ao traidor: a promiscuidade é inerente à natureza masculina, enquanto a dedicação monogâmica seria apañágio feminino: "Para eles, o sexo é diferente, não tem a mesma significação que para nós".

Em resumo, nossas mulheres, ao mesmo tempo que acham "maravilhoso ser mulher", assim em teoria, estão descontentes com sua sorte no que tange à realização de sua própria feminilidade; ao mesmo tempo que afirmam as doces prerrogativas de seu sexo, admitem que seu destino biológico é doar-se sem compensações, amar e sofrer por amor.

É hora de reconhecer que essa auto-imagem contraditória já está a ponto de ruir, pois sob o mito idealizador de feminilidade se assomam, indistintamente, os aspectos temidos da realidade negada.

A ARTE DE SER MULHER UM ARTIGO DE CARMEN DA SILVA

REVOLUÇÃO SEXUAL?

Ha poucos dias foi abor-
dado por uma revista de
mídia universitária, de
clãs e muito diferente do di-
stribuída, ou comercial de sua
sua, com muitos reton-
dos na boca. Queriam saber o
que se passou com a revolução
sexual e a resposta foi: "ainda
não iniciamos aqui revolução
nenhuma nesse terreno e nem se-
rá, quando muito, entrinco-
mos na fase dos conflitos minoritários,
das conspirações de mesa de bar
e dos movimentos de quadrilha,
não costumam dar em nada".

Surpreendidas, recriminam-
te por fechar os olhos a "modo" que
está sendo vivido por milhões de
revelações, ao abito universi-
tário, que abrangem menos de 1,5%
de nossa população, e a presença
de uma minoria que representa
repressiva (humanamente) C.
taram a crescente revolta juvenil
contra os preceitos tradicionais e o
deleção sexual.

de si desqualifica a noção de re-
volução). mencionaram vários epí-
teto, que se refere a uma "revo-
lucionária" que se refere a uma
tariam uma paulatina liberalização
(isto é, evolução e não revolução)
dos usos; estabelecer-se sobre a
e a possibilidade, as convenções
e as preocupações geradas ou quase
geradas, e, entretanto, incluíam
sobre a possível dissolução dos
expansão dos tempos e chances
consueta e desintegrada da fun-
ção. Entretanto, não foram recebi-
da, trancaram, não foram recebi-
com espírito crítico, elas também
se escampan: daí que se prescri-
em dar corpo ao que ainda é

As alegações que fizeram são
estúpidas, mas aplicadas a um peque-
no grupo específico, não tradizo-
do o conjunto da realidade inco-

mostrado contra dele crescente ope-
riza, pelo menos verbal. Porém, o
que se observa é a mudança de
estado embrionário, suas potencia-
lidades não foram sem romantiza-
do realista. Ainda não compre-
te os casos brasileiros discorre-
com a experiência da União Livre,
ambos a sociedade patriarcal e o
sejável. Em vez do vínculo a cada
momento, colocado como objeto, o
mas se apoiando no desentendi-
de por onde dar, tenta de continuar

nos que se constata com uma
solução esperta e complicada que
dele. E mesmo assim, cada traze cada
desquite, vem atingindo cifra alar-
mante, apesar de seu ridículo car-
acrossa dos filhos) sobre o obje-
ge que "se porco maléfico, talvez
ocidentais e afriças (esta última
através dos filhos) sobre o obje-

Quarta questão fundamental que,
institucionalmente resolvida entre
samento é o problema da limitação
dos filhos. Religião, superstições,
preconceitos, restrições sexuais e
do brasileiro, ignorância e pobreza
continuam cobrando o amor con-
jugal seja ao pai ou ao filho. A
saúde física, seja dos tormentos de
consciência — e não raro dos três
juntos, necessitam-se ainda as difi-
dades de vivência após, na classe
média, espíritos a fase pré-con-
jugal há um século, anamora na fa-
milias, criando viciação que desin-
riera a convivência e privando o
casal de intimidade.

Quarta questão fundamental que,
institucionalmente resolvida entre
samento é o problema da limitação
dos filhos. Religião, superstições,
preconceitos, restrições sexuais e
do brasileiro, ignorância e pobreza
continuam cobrando o amor con-
jugal seja ao pai ou ao filho. A
saúde física, seja dos tormentos de
consciência — e não raro dos três
juntos, necessitam-se ainda as difi-
dades de vivência após, na classe
média, espíritos a fase pré-con-
jugal há um século, anamora na fa-
milias, criando viciação que desin-
riera a convivência e privando o
casal de intimidade.

Quarta questão fundamental que,
institucionalmente resolvida entre
samento é o problema da limitação
dos filhos. Religião, superstições,
preconceitos, restrições sexuais e
do brasileiro, ignorância e pobreza
continuam cobrando o amor con-
jugal seja ao pai ou ao filho. A
saúde física, seja dos tormentos de
consciência — e não raro dos três
juntos, necessitam-se ainda as difi-
dades de vivência após, na classe
média, espíritos a fase pré-con-
jugal há um século, anamora na fa-
milias, criando viciação que desin-
riera a convivência e privando o
casal de intimidade.

Assim, a tradicional instabili-
dade em desequilíbrio antes de ter
sido resolvida, não se resolveu, mas
não se mudou) do processo de
volvido, no caso de um mundo
idem. O casamento no Brasil é
uma instituição que sobrevive por
outra incoerência, uma livre que
impedida de crescer, ainda não deu
fruto que permitam ignorar de sua
necessidade.

Nessa enumeração temerária
e necessariamente incompleta das
questões, a primeira, a da sexuali-
sexualidade brasileira, constitui o
núcleo central. Ela não se resolveu,
nem, tampouco, se resolveu, mas
perduram as circunstâncias que
a tornam um problema de fundo
de fundo originário, imutável,
indefinido, e, portanto, imutável.

São muitas etapas a serem pa-
ra uma revolução sexual que, por
coincidência, parece ocorrer, apenas
coincidência, por parte de alguns
dores — sem massa identificada
com a causa, sem líderes identi-
ficados com a massa.

A MENTALIDADE

A mentalidade vigente ao nos-
so tempo reflete e reflete as con-
dições objetivas de nossa vida. Não
dele. E mesmo assim, cada traze cada
desquite, vem atingindo cifra alar-
mante, apesar de seu ridículo car-
acrossa dos filhos) sobre o obje-
ge que "se porco maléfico, talvez
ocidentais e afriças (esta última
através dos filhos) sobre o obje-

82



Os velhos adeptos das uniões livres acabam casando direitinho, sob o pretexto de "dar satisfação aos velhos".

REVOLUÇÃO SEXUAL? /continuação

A mesma mentalidade que consagra o sistema convencional — namoro, noivado, casamento indissolúvel — contribui para aviltá-lo através de pressões econômicas, sociais e familiares que matizam de cálculo a escolha do companheiro. Para a maioria das nossas mulheres, carentes de independência econômica, valorização social e objetivos vitais próprios, as considerações (conscientes ou não) de segurança material, prestígio, idade, probabilidades matrimoniais, etc. pesam mais na balança do que o amor, a afinidade, a atração sexual; ou talvez devêssemos dizer que, nessas mulheres, os sentimentos "espontâneos" nascem e se nutrem de motivações que, na origem, nada têm de sentimentais e sexuais. A mulher de trinta anos recebe de braços abertos o candidato matrimonial que teria recusado aos vinte; a que perdeu a virgindade aceita com humilde gratidão a proposta matrimonial, venha de quem venha; e, se o homem conhece essa circunstância prévia, realmente assume grandes ares de generoso redentor, disposto a passar por alto o passado, sempre e quando o presente lhe der garantias sobre o futuro...

Não se iludam os pequenos círculos mais evoluídos: eles constituem exceção, enclaves de pensamento pioneiro no seio de uma sociedade ainda sufocada de tabus e repressões. Recebo milhares de cartas de todo o Brasil, leio inquéritos de opinião, viajo pelo interior e círculo pelos bairros de minha cidade, mantenho contatos com estudantes, organizações femininas, clubes de mães, entidades culturais e associações diversas que me solicitam conferências e palestras, o que já indicaria certa abertura. Na prática, o que encontro predominantemente é a timidez e o medo; além dos trinta anos, o que as pessoas em geral procuram são argumentos pseudo-intelectuais para fundamentar seus preconceitos; na faixa juvenil, o que desejam é apoio e cumplicidade para transgredir normas incômodas porque restritivas e já racionalmente insustentáveis, mas que ainda são respeitadas no fóro íntimo como expressão da "boa moral".

Aliás, mesmo entre os grupos "avançados" são mais as vozes do que as nozes. Os jovens adeptos das uniões livres quase sempre acabam casando muito direitinho sob o pretexto de "dar satisfação aos velhos"; seu inconformismo se expressa através da redação inconven-

cional das convencionais participações de casamento... Atrás de opiniões supostamente arejadas não raro se descobre o ranço das noções tradicionais. Numa pesquisa entre universitários, publicada recentemente pela revista REALIDADE (e na qual vários jovens responderam que "os que não ligam para virgindade falam da boca para fora", "a pornografia concorre para destruir a família", "quero casar de véu e grinalda"), uma moça declarou que o casamento na base da virgindade corre o risco de falir na noite de núpcias, demonstrando assim sua idealização da famosa Primeira Noite — a experiência singular e decisiva que tanto impressionava a vovó... Entrevistando um conhecido intelectual, um semanário insiste na pergunta: "Você já papou uma baiana?" Falso prafrentismo que delata o velho enfoque patriarcal do sexo como afirmação agressiva, antropofágica de coisificação do parceiro: a mulher baiana é equiparada ao famoso vatapá de sua terra, fazendo-lhe mesmo uma concorrência bastante desleal.

Na mesma pesquisa acima citada, 60% dos entrevistados são a favor de uma política oficial de controle da natalidade, isto é, da ingerência do Estado numa questão de fóro íntimo e decisão pessoal. É bem provável que a classe alta (54% de opiniões afirmativas) e a média (62%) se refiram a uma política oficial aplicada à classe baixa — a que mais prolifera e menos condições tem de manter a prole; e é possível que a classe baixa (64%), por sua vez, entenda por política oficial o fornecimento gratuito de meios anticoncepcionais inacessíveis para seus recursos. Seja como for, é uma proporção alarmante de pessoas que se manifestam propícias à intervenção autoritária na vida sexual de cada um.

EROTISMO E NUDEZ

O erotismo permeia de tal modo nosso cotidiano, que até para vender tratores ou inseticidas recorre-se a uma figura seminua em atitude sexualmente sugestiva. Ora, o erotismo só funciona como fator de promoção comercial onde a repressão é intensa: as imagens remexem com os anseios reprimidos e os desejos frustrados, sensibilizando para a mensagem publicitária. Se um anúncio de lençol, por exemplo, em vez de acentuar as vantagens

concretas do produto — qualidade, beleza, durabilidade, economia —, exibe uma modelo com expressão de deleite voluptuoso, é porque pesquisas de mercado, estudos de motivação, etc. revelaram que é melhor negócio capitalizar a insatisfação sexual das donas de casa. Recentes experiências demonstraram que as "feiras de pornografia" só atraem anciãos e turistas estrangeiros: num país tão liberal que tais exposições são permitidas, os indivíduos sexualmente aptos não se interessam por elas. A invasão do sexo em domínios que não são seus é sintomática de que alguma coisa está atrapalhando seu extravasamento normal pelos canais competentes.

Quanto à arte, lidando com os temas permanentes da humanidade, não poderia deixar de lado o erotismo; mas não nos enganemos com certa maior "audácia" atual: entre nós, o teatro, a literatura, as artes plásticas, o cinema avançado ainda têm um consumo minoritário, limitado às classes de maior poder aquisitivo e cultural — e mesmo assim estão sujeitas à tesoura implacável do censor. As artes de massa — o cinema dito comercial, a televisão e os espetáculos "digestivos" — continuam muito bem comportadinhas, afirmando o predomínio dos valores tradicionais.

PELO MUNDO

Em países escandinavos e nos Estados Unidos estão sendo realizadas experiências de revisão drástica dos padrões sexuais e familiares vigentes por grupos que criam comunidades próprias onde "todos amam todos", o que permite a convivência sem regras; pares, só os que se formam ao sabor do impulso do momento, em total espontaneidade; e o cuidado das crianças cabe por igual a todos os membros.

O casamento coletivo não constitui novidade; ao que parece, ele precedeu o individual; a novidade consiste em reproduzir a modalidade primitiva de união tribal no seio da presente sociedade altamente sofisticada.

Sustentam esses grupos que a família monogâmica, patriarcal e autoritária traz em si os próprios germes que a corroem: egoísmo, possessividade, ciúme, monotonia, abusos do pátrio poder, conflito de gerações — além de fixar desde a infância o modelo dos males que afliam a humanidade: divisão arbi-

trária em castas e hierarquias, individualismo exacerbado, predomínio da força sobre a razão (o pai "está certo" porque é o pai, isto é, o mais forte), a repressão sexual com suas consequências: insatisfação, neurose, delito. A reestruturação da sociedade em bases mais sadias e naturais exigiria como primeiro passo a reestruturação da família.

Tal formulação parece pôr o carro adiante dos bois; se dará resultado, apesar da "tração traseira", só o tempo dirá, ampliando ou extinguindo essas pequenas comunidades atípicas, mostrando a qualidade do indivíduo adulto que elas produzem e sua influência na sociedade em geral.

Por enquanto, trata-se de verdadeiras ilhas de experimentação, paralelas à sociedade que pretendem modificar. Desprezando as conquistas da higiene e vivendo da produção artesanal, parecem recusar não só as formas autoritárias e repressivas do sistema, como também uma parte inalienável do acervo cultural da humanidade. Paradoxalmente, consomem os produtos da sociedade industrial, isto é: necessitam dela para subsistir.

Contudo, surgem indícios de que alguns desses grupos procuram superar essa contradição básica e começam a tomar consciência de que a participação é meio de luta mais eficaz que a marginalização. Na Holanda, cinco hippies candidataram-se e foram eleitos ao Conselho Municipal de Amsterdam. Se serão absorvidos pelo sistema ou se nele injetarão o elemento revolucionário é o que também se está por ver. De qualquer modo, estamos ante um dado novo e desconcertante, cuja importância só o futuro revelará.

De alto potencial revolucionário é o trabalho que os cientistas realizam nos laboratórios e centros de pesquisas, isolando o gene, estudando a reimplantação do óvulo fecundado, "fazendo" bebês em provetas — enfim, modificando radicalmente alguns dos fatores, até agora considerados imutáveis, que presidem as relações humanas.

Tudo isso acontece fora de nossas fronteiras e longe de nosso desenvolvimento, nossa etapa cultural, nossa mentalidade. Aqui, a revolução sexual ainda está esperando a tomada de consciência, o esforço e a lucidez de cada um — você, eu, todos — para ser conquistada.

Carmen da Silva



Decidir, você já decidiu: o trabalho é a única saída para o seu caso. Falta coragem, saber por onde começar. Neste artigo, baseado em cartas de muitas leitoras, Carmen da Silva aponta muitos caminhos que podem indicar a você

COMO ENCONTRAR UM TRABALHO

A ARTE DE SER MULHER. UM ARTIGO DE CARMEN DA SILVA

A desocisão da mulher, sua pro-moção humana e social, a tentativa de levá-la a realizar em plenitude suas potencialidades psíquicas e intelectuais levantam oposições e resistências não só entre os homens como também entre as próprias interessadas. Apagadas a seus hábitos, preconceitos, rotinas e tradições, elas reagem com angústia, às vezes até com violência, à abertura de novos horizontes e perspectivas mais amplas.

As mais recalcitrantes, aqui como em todos os lados, costumam ser as donas de casa e mães de família de classe média,

sem atividades extradomésticas, na faixa idade que vai dos trinta e tantos aos quarenta e vários. É compreensível que assim seja. No rarrêro da existência, suas faculdades se embotam: falta-lhes a energia, a flexibilidade de adaptação a situações novas, a decisão rápida e objetiva das pessoas turmbadas na ação. A essas alturas, elas já não têm o vigor, o espírito alerta, a intrepidez e a firmeza de possibilidades dos vinte anos; mas não alcançaram ainda a placida indiferença da ancia que já se marginalizou de todos e, não teme as eventuais mudanças.

FOTO DE LUIZ EMPORI

quências gravíssimas: imaginem a secretária de laboratório que copia na ficha de Pedro os resultados dos exames de Paulo, a enfermeira que se engana de injeção.

O TRABALHO COMO FUGA

Cansada da estreiteza de seus horizontes, da monotonia de suas tarefas, da falta de objetivos vitais e, talvez, também da tibieza de suas relações matrimoniais, a dona de casa às vezes encara o trabalho com ilusões desmedidas, supondo-o uma panacéia para todos os seus males: graças a ele, será importante, admirada, sua vaidade obterá as maiores gratificações. Independente de suas habilidades reais — que são o que vai pesar na balança —, ela se imagina em cargos interessantes e relevantes; conforme seu temperamento, espera afirmar-se e dominar, desenvolver sua criatividade, exercer influência social, exibir charme e receber homenagens; em suma, ela sonha com ser a exceção e não a regra.

As coisas não são bem assim: vamos desidealizá-las e colocar os pés na terra. Certamente ela não vai conseguir um trabalho superior a suas capacidades, avaliadas por outrem de modo muito realista. O mais provável é que ela venha a ser uma rodinha a mais na engrenagem — e não a manivela que move todo o mecanismo. Como todos nós, aliás; seus esforços não se destacarão como fator decisivo de evolução e progresso no mundo: eles se somarão ao grande esforço comum nesse sentido. E já é bastante, quando a gente aprende a não querer pegar a lua com as mãos.

Igualmente convém não exagerar as repercussões do trabalho da mulher sobre sua vida familiar. Uma família normal se alegrará de seus eventuais sucessos e conquistas; mas a família nunca nos olha com os olhos dos outros e dentro de casa ela continuará a ser a mesma esposa e mãe da qual se exigirá tanto quanto se exigia antes, quando ela não tinha outras ocupações.

A principal diferença estará nela própria. Ao assumir responsabilidades mais vastas, sente-se mais integrada na sociedade, menos só; deixa de girar em torno de si mesma, seu mundo se amplia, sua autoconfiança se fortalece. Mais segura de si, passará a encarar os problemas com maior equanimidade. Mais autônoma, mais "gente", ela se vincu-

la melhor com os seus, pois já não depende tanto deles nem se justifica só através deles; e esse novo plano de relações possibilita um diálogo mais aberto, um entendimento mais profundo e enriquecedor. Enfim, ao crescer em sua própria estima e auto-respeito, ela de algum modo induz os outros a respeitá-la. Isso, naturalmente, se ela não for neurótica demais para fazer do trabalho mais um instrumento de autopunição: essas não são as situações que estamos considerando aqui.

COMEÇAR DE NOVO

Alertadas as mulheres para os fatores subjetivos capazes de atrapalhar suas boas resoluções, vejamos agora os aspectos práticos do assunto e as sugestões concretas que podemos oferecer — complementadas com um serviço informativo na página 56 desta revista.

Após quinze, vinte ou mais anos de inatividade, não se pode pretender de saída um emprego cem por cento conveniente. Talvez mesmo ele deixe bastante a desejar quanto a tipo de tarefa, remuneração, localização. Mas quase sempre vale a pena aceitá-lo como uma espécie de trampolim. Sabemos que os empregadores em geral fazem resistência à admissão de mulheres casadas e de meia-idade, a menos que elas tenham muito a oferecer; portanto, se não contamos com habilidades extraordinárias, não podemos desprezar as brechas que nos são abertas. Ninguém vai "descobrir" a dona de casa fechada em seu lar: é no ambiente de trabalho que ela vai revelar suas possíveis habilidades, relacionar-se com muita gente vinculada ao comércio, à indústria, às profissões, adquirir prática e "fazer antecedentes" utilíssimos para a próxima tentativa.

Pode ser que haja um antigo diploma de estudos superiores guardado há muito no fundo da gaveta. Antes de pensar em usá-lo, é preciso examinar dois pontos: a) se ele corresponde a uma atividade para a qual há bom mercado de trabalho (sem grandes despesas prévias — como, por exemplo, instalar um consultório, adquirir equipamento custoso, se não se tem condições de arcar com elas); b) se implica conhecimentos de fácil atualização. Certas carreiras científicas e técnicas requereriam quase um reestudo do princípio ao fim, em vista das novidades surgidas nos

últimos anos. Outras especializações (idiomas, literatura, música, enfermagem, contabilidade, etc.) atualizam-se em tempo relativamente curto.

As mesmas considerações são válidas se houver intenção de fazer algum curso novo: que ele tenha campo de aplicação e que não seja longo demais, pois, já sem a despreocupação, a memória aguçada e a capacidade de absorção dos anos moços, corre-se o risco de desistir na metade do caminho. Pela mesma razão, não nos parece de bom alvitre escolher cursos aos quais só se terá acesso após cumprir etapas prévias. Faltando, por exemplo, a formação ginásial, seria melhor ater-se às especializações que não a exijam.

O TOQUE PESSOAL

Talvez você não tenha um grande pendor para idiomas, aritmética e outras disciplinas afins. Não importa: faça um balanço de seus talentos especiais. Aquele jeitinho de passar adiante a bom preço tudo o que quer descartar — vestidos usados, móveis, jóias — indica uma vocação de vendedora que convém desenvolver e aproveitar. Habilidade manual, bom gosto para roupas, arranjos de flores, enfeites de mesa, decoração de casa, a bossa excepcional para a costura, o bordado, o croché, o desenho, a receita diferente — tudo conta ponto.

Certas mulheres acham decepcionante trabalhar para fora fazendo o mesmo que fazem no lar. Mas nunca é exatamente o mesmo: há o compromisso com terceiros, a necessidade de caprichar para impor seu produto, o contato com grande número de pessoas, a abertura para um campo de possibilidades mais vasto. Fazer pratinhos por encomenda pode ser o caminho para ditar um curso de arte culinária e, daí — quem sabe — entrar para o jornalismo especializado. Imaginação e perseverança levam longe. Sei de uma senhora com três filhos (e com um diploma de grego arquivado) que se pôs a criar colares originais: em três meses fez mais relações que em doze anos de casada, seus trabalhos figuraram em desfiles de modas e exposições de artesanato.

Talvez alguém objete que em plena era da tecnologia o artesanato já não tem razão de ser. Pois os fatos nos mostram que ele está no auge: mesmo nos países que realmente atingiram a

fase tecnológica (o que ainda não é o caso do nosso), extensas comunidades vivem do trabalho artesanal, criativo e rendoso.

UMA HISTÓRIA BONITA

Ocorreu há muitíssimos anos, mas ainda conserva todo o seu valor de estímulo e exemplo. Relatando-a, embora de forma muito sintética, presto uma homenagem de admiração e carinho à minha tia M.

Ela jamais havia trabalhado e não possuía qualquer habilitação. Mas, quando enviuvou, quis fazer algo para aumentar sua renda e encher seus dias. Começou modestamente ajudando na secretaria da escola onde estudavam seus dois filhos. Ali lhe permitiam, fora do horário, utilizar a máquina para treinar datilografia. Em pouco tempo ela dominou o teclado e pôs-se a fazer cópias, por encomenda dos pais dos alunos que, por sua vez, a recomendavam a outras pessoas.

O diretor de uma companhia teatral encarregou-a de copiar os papéis dos diversos figurantes. Como sempre havia modificações de última hora a fazer nos textos, solicitaram sua presença nos ensaios, que ela acompanhava com todo o interesse e atenção. Aos poucos foram-na integrando à família teatral: o apontador estava ausente, ela o substituiu; uma atriz faltava no ensaio, M. lia seu papel. De "coringa" foi passando a auxiliar indispensável e, quando deu por si, era assistente de direção.

Na escola convidaram-na a organizar o teatrinho infantil. O sucesso foi tal, que outros colegas a requisitaram para o mesmo fim. A essas alturas, além de ganhar o sustento de seus filhos, M. tinha uma atividade interessante, variada, criativa.

Hoje, com mais de setenta anos e já sem nenhuma necessidade material de trabalhar, ela ainda não parou: tem um pequeno jardim de infância onde, entre outras crianças, cuida também de seus netos. Quando suas contemporâneas lhe perguntam como consegue manter uma aparência tão jovem, M. responde que está "ocupada demais para ter tempo de envelhecer".

Quem não deseja viver setenta anos de juventude? Não é impossível, não depende de cosméticos e plásticas: é simplesmente um destino a construir. Como M. construiu o dela. Como vocês podem construir o seu. **FIM**

CLAUDIA - 65

PENSE AGORA EM SEU FUTURO

Em Horóscopo Capricho, você tem 100 páginas de futuro, por apenas Cr\$ 1,00! É um livro de bolso baseado em estudos dos maiores astrólogos brasileiros e estrangeiros!



SIGNO DO MÊS: AQUÁRIO

Horóscopo do mês: FEVEREIRO para todos os signos, semana por semana.

E mais: Romancescope, um horóscopo só de amor. O radar feminino que se chama intuição. A respiração loga que refresca o espírito.

HORÓSCOPO

Em todas as bancas

CASAR NÃO É O ÚNICO OBJETIVO DA VIDA

mulheres de antanho, nascida e feita para o casamento. *O casamento é que é feito para ela: uma possibilidade a mais, uma decisão que ela assume com plena consciência, quando acha que será melhor assim, que esse será o caminho mais adequado para conduzir à satisfação não só de suas necessidades emocionais e sexuais, como também de suas aspirações de desenvolver-se como pessoa.* A moça de antes casava por casar: porque as amigas já haviam casado, porque tinha medo de ficar solteira, porque era incapaz de defender-se na vida e precisava de amparo, porque não queria sentir-se marginalizada e diferente das outras — em suma, porque não sabia o que fazer de si mesma, não sabia como andar sem a muleta matrimonial. Nessas condições, ela vivia ansiosa à espera do “candidato”; e, quando este se apresentava, recebia-o com gratidão servil. A partir daí, passaria o resto da vida desdobrando-se em tolerância, obediência, dedicação e cuidados domésticos, para ser “a mulher que ele sonhara” e retê-lo a seu lado. Já a jovem 1973 tem uma atitude completamente diversa. Não pensa no casamento pelo casamento em si, pois não teme o celibato nem está esperando que caia do céu um homem para dar-lhe o que ela já tem: uma identidade, uma razão de ser. Portanto, ela escolhe. Só aceita um companheiro porque o ama, porque acredita na possibilidade de vir a ser realmente feliz com ele, porque acha, baseada no amor mútuo, na atração, no entendimento, que pode empreender com ele, de modo enriquecedor para ambos, a árdua e maravilhosa aventura de viverem juntos.

UMA RELAÇÃO MAIS NATURAL

Por tudo isso, por não ver no homem um encosto, uma solução de vida, um trunfo a conseguir, a noiva 1973 não se preocupa em prender seu homem mediante os recursos femininos tradicionais, do artifício, da hipocrisia, da conduta fabricada para agradar ao outro ou engambelá-lo. Agora, ela ri das advertências inquietas de sua

mãe: “Os homens não gostam disso, eles exigem aquilo, enjoam-se quando encontram muita facilidade” — e daí por diante. Ela não desdenha o sexo, mas também não o vê como um bicho-de-sete-cabeças. No clima de naturalidade que preside as relações entre os jovens, já não cabem os temores, os receios, as angústias do passado; e muito menos ainda cabe a utilização deliberada e astuciosa do sexo como armadilha para conduzir um homem, de boa ou de má vontade, pela trilha matrimonial. Para os noivos 1973, o sexo é um aspecto do relacionamento, talvez o mais gratificante, mas está bastante desmistificado, despojado da velha retórica que o rodeava de solenidade, malícia e até sordidez. Ela não passa horas diante do espelho, preparando-se para esperá-lo: recebe-o com simplicidade, na tranqüila certeza de que ele a ama pelo que ela “tem dentro”, por sua personalidade, pelo ser humano que ela é e não pelos cuidados narcisistas que dedique à sua aparência. Ela não se preocupa por ser uma dona de casa deficiente, uma administradora mediocre, uma negação como cozinheira: compartilhando com o futuro marido os encargos e as responsabilidades sociais, tem todo o direito de esperar que ele compartilhe com ela as tarefas domésticas e educativas tradicionalmente atribuídas à mulher. Aliás, graças a isso, podemos observar nos casais jovens, estilo 1973, que têm filhos pequenos, um relacionamento muito mais íntimo e positivo entre o pai e a criança; quando só a mãe se ocupava dela, como no passado, o pai levava alguns anos para tomar conhecimento pessoal, humano, da existência dos filhos.

Enfim, posto que não precisa do homem para sentir-se gente — e sim unicamente para completar-se no plano emocional — a noiva 1973 não vai ao casamento com expectativas desmedidas, imaginando que, após o “grande passo”, tudo lhe será dado em bandeja; sabe muito bem que uma convivência harmoniosa, uma união bem sucedida, é algo a ser construído pelos dois na base da lealdade, do diálogo sincero, do respeito pela personalidade do outro, de um genuíno e profundo intercâmbio afetivo.

O QUE É O MOVIMENTO FEMINISTA?

A ARTE DE SER MULHER
UM ARTIGO DE CARMEN DA SILVA

Não temos propriamente um movimento feminista no Brasil. Consultada a respeito, a brasileira, no melhor dos casos, mostra-se reticente; o mais comum, porém, é que reaja mal, desqualificando o feminismo como exagerado e ridículo ou simplesmente desnecessário. Parece estranha essa atitude: nossas mulheres procuram sabotar um movimento mundial que visa precisamente a liberá-las das discriminações que sofrem e das formas tradicionais de servidão a que estão submetidas. Alegar que não existe tal discriminação e servidão é fechar completamente os olhos à realidade; uma breve síntese da situação feminina entre nós basta para demonstrar o contrário.

A brasileira média vive mergulhada de cabeça em tabus sexuais. Inútil dizer que hoje em dia já não é assim e falar em "sociedade permissiva", porque no Brasil ela ainda não se impôs. Por certo, reina bastante liberdade de costumes no seio das chamadas "elites", econômicas e intelectuais; em alguns grupos auto-intitulados representantes do *underground* e também em pequenos círculos sofisticados que habitam os bairros elegantes das grandes cidades. Mas isso de nenhum modo reflete o panorama geral: é a exceção e não a regra. Aliás, mesmo dentro dessa exceção tenho encontrado muitíssima gente conflituada pelo choque entre suas justificativas intelectuais e suas reações emocionais; não raro, nossas moças avançadas e "badalativas" são um poço de contradições e problemas.

Quando se fala em movimento feminista, nós, as brasileiras, franzimos a testa, como que perguntando: o que temos com isto? Carmen, neste artigo, mostra que temos muita coisa a ver com este movimento.



Gloria Steinem, americana: comanda importante revista feminista.

A regra são os preconceitos, temores e inibições que dominam a imensa maioria de nossas mulheres — situação que, no fundo, mudou muito menos do que parece durante os últimos anos. É verdade que, a esta altura, já nenhuma pessoa com bom nível de instrução e informação sustentaria que é justo haver duas morais sexuais: uma, permissiva, para os homens; outra, restritiva,

para as mulheres. Mas conhecemos o nível médio de instrução de nosso povo — e isso significa que *continua* havendo duas morais. Os pais concedem às filhas maior liberdade de horários e movimentos do que antes; mas preocupam-se de que os limites considerados "corretos" não sejam ultrapassados. As jovens enchem-se de insegurança e culpa com as intimidades que, pe-

la força do instinto, são levadas, contra a vontade, a conceder durante o namoro. A moça se problematiza por não ser mais virgem; suas tentativas de bravata e desafio caem por terra quando encontra um novo parceiro: aí sente-se obrigada a confessar-se em tom de *meia culpa*, para que ele decida se nessas condições ela ainda lhe serve ou não. A casada resigna-se a uma vida de insatisfação sexual por inibição, falta de franqueza, medo de ferir o amor-próprio do marido; um deslize extraconjugal poderia custar-lhe muito caro; mas ele, sim, pode permitir-se esse luxo, com a aprovação tácita e até o estímulo da sociedade. Em caso de desquite, a mulher tem de provar uma conduta imaculada para manter a guarda dos filhos que ela gerou, gestou, pariu a amamentou.

Temos escasso poder de decisão sobre nossas próprias funções reprodutoras: elas são administradas e legisladas por uma sociedade de homens, sem que ninguém nos consulte. Na classe média, a maternidade da mulher solteira acarreta problemas graves e traumatizantes. O aborto é crime, a contracepção está sujeita a intenso controle; algumas de suas formas são proibidas. E apesar de todos os avanços da ciência, ainda não se conseguiu uma pílula anticoncepcional que seja *realmente* inócua para o organismo. De todo modo, cabe à mulher o ônus da contracepção — sem que lhe caiba o direito de escolher e aplicar o método que prefira. Alguns sistemas estudados para evitar a concepção através

CLAUDIA - 131

21-9830 e
representações -
DE 0472 -
Rarco, 337 -
estro & Cia.
DO 0502 -
Pedro II,
Itzawoff - BR
Rua de
MT - Ayres
EM - PA -
478

...XAR O PREÇO
...TI,
...ndam por aí...



...do
...do

ENZETTI
ATRAVÉS DOS TEMPOS

CARMEN DA SILVA/continuação

PELA LEI, O HOMEM É A CABEÇA DO CASAL

do homem despertam forte resistência social.

O DIFÍCIL EQUILÍBRIO NA VIDA CONJUGAL

No plano do relacionamento homem—mulher, seria absurdo negar que persiste entre nós a noção da subordinação feminina. Nosso Código Civil considera o homem o “cabeça do casal”: o casamento é um contrato entre superior e subalterno e não entre dois sócios com iguais direitos e responsabilidades. Não pretendo, porém, abordar aqui aspectos jurídicos e sim as vivências cotidianas do par médio. Ao homem cabe sempre a última palavra; o autoritário ordena e proíbe, o delicado argumenta, baseando-se — com razão ou sem ela — em sua maior experiência, seu maior conhecimento do mundo; seja como for, a vontade que predomina é a dele. Conforme sua mentalidade, esse domínio estende-se inclusive a questões fúteis e mesquinhas: as roupas e a maquiagem que a mulher usa, as pessoas que ela pode ou não frequentar, as saídas sem companhia, o comportamento mais ou menos espontâneo diante de terceiros, a participação nas conversas, o cultivo de interesses alheios ao lar, a adoção de idéias discordantes das dele.

A subordinação cerceia a personalidade feminina e cria situações profundamente angustiantes. Coisificada, a mulher tem de ajustar-se à idéia — por mais falsa que ela seja — que o homem faz dela: uma imagem de ternura, dedicação incondicional, passividade, submissão, renúncia. A mulher de caráter forte e afirmativo tem de anular-se para corresponder a esse “ideal” e merecer amor. Quando ofendida em seus sentimentos ou sua dignidade, ela deve engolir ca-

lada, recalando protestos, lágrimas e recriminações, que não rimam com a “feminilidade”; trata-se de reprimir agressão e neurotizar-se para não desagradar ao homem que pôde desagradá-la impunemente.

Quanto ao físico, o homem cultiva a imagem feminina de beleza e juventude. Ora, estes são bens precípuos e fatalmente chega o momento em que as pessoas começam a perdê-los. Para a mulher é um drama: consagrou vinte anos de sua vida a um homem e, de repente, esses vinte anos voltam-se contra ela, como uma ameaça de abandono e solidão no ocaso da vida. Ele também envelheceu, talvez tenha criado calva e barriga; mas “em homem está tudo bem”: pode continuar pretendendo mulheres jovens e belas; às vezes, deixa a esposa envelhecida e casa-se tranquilamente com uma beladade, que poderia ser sua filha ou neta. Mas uma mulher quatro ou cinco anos mais velha que o namorado vacila em casar com ele, apavorada ante a perspectiva de perdê-lo quando seus encantos começarem a declinar.

Sem a menor cerimônia, um imenso número de maridos vota à mulher o exercício de um direito que a própria Constituição lhe garante: a liberdade de trabalho. A família passa apertos econômicos penosos e desnecessários porque o marido — por ciúme, vaidade, afã de domínio — quer sua mulher em casa. E muitíssimas mulheres portadoras de um diploma arduamente conseguido vêm-se obrigadas a enfurnar-se no lar, entre fraldas, panelas e espanadores, com seus conhecimentos se desatualizando, sua mente se embotando e sua contribuição produtiva negada à sociedade, porque os maridos se opõem a que elas exerçam uma profissão.

Mas ele consente quando o salário dela é absolutamente indispensável para comple-

segue
CLAUDIA - 133

A moda muda.



**Mas o tecido
continua a ser
Dona Isabel.**

**SUPER
LONITA**

© DONA ISABEL



DONA ISABEL

...a



Germaine Greer, socióloga: escreveu "A Mulher Eunuco".

mentar o orçamento. Ai a mulher escapa um pouco à opressão doméstica para cair sob outra forma, socialmente organizada, de domínio masculino.

O TRABALHO: MAIS UMA FORMA DE DOMÍNIO MASCULINO

É sabido e provado que os empregadores remuneram o trabalho feminino em nível inferior ao do homem. Também aqui um preceito constitucional é violado: "A igual trabalho, igual salário" — mas que pode ela fazer sozinha contra isso? A conquista de um emprego é uma via crucis para a mulher. Se é solteira, recusam-se a tomá-la para serviços de maior responsabilidade, alegando: "Amanhã ou depois ela casa e larga tudo"; se é casada, esbarra num obstáculo quase intransponível: a empresa não quer correr o risco de ter de pagar-lhe licença-maternidade. Em ambos os casos, de pouco lhe vale um diploma, uma especialização: apesar de seus belos discursos da boca para fora, os homens mantêm o preconceito de que mulher "foi feita" para desempenhar tarefas secundárias: secretária, assistente, auxiliar — e só lhe oferecem cargos abaixo de suas qualificações. Dificilmente ela tem acesso aos postos importantes; a menos que prove — se lhe derem oportunidade de fazê-lo — uma nítida e inquestionável superioridade sobre seus concorrentes masculinos. Ai ela será admitida

CONSEGUIR EMPREGO: UMA LUTA

— ganhando bem menos que eles.

Conseguido o emprego, a mulher casada deve desempenhar também suas funções de dona de casa e mãe. Faltam creches, meios coletivos de assistência às crianças. Algumas poucas podem contar com uma ajuda familiar: em geral uma avó que, embora afetuosa, está algumas décadas atrasada quanto a métodos educativos. Na maioria dos casos, a solução é o cuidado mercenário, oneroso e quase sempre de baixo nível. Na classe proletária, a criança menor fica a cargo da maior — que sacrifica sua própria infância, arcando com uma responsabilidade que ela ainda não está em condições de cumprir a contento.

Além disso, o marido e a sociedade esperam que o perfeito funcionamento do lar — ordem, limpeza, refeições — corra por conta da mulher; quer executando, quer dirigindo a lida, ela não tem lazer; regressa do trabalho para continuar trabalhando. Estatísticas de certos países demonstram que a trabalhadora casada, em geral, dedica aos afazeres de casa pelo menos o dobro do tempo absorvido por suas atividades externas. E apesar dessa acumulação esfalfante, ela vive acoissada de culpa, desdobrando-se para compensar os filhos e o lar das horas que passa longe deles.

Pintei, de modo muito esquemático, o panorama da vida sexual, afetiva, doméstica e laboral da brasileira média; sem entrar em pormenores, segue

CLAUDIA - 135



"Estou apaixonada por um fofão!"

"Lindo. Macio. Saudável. Suave. Não empelota, nem dá alergia. Com ele durmo bem, acordo feliz. O sobrenome dele é Trorion."

Travesseiros Suavespuma
Um produto qualidade



RUGAS...
NUNCA MAIS

Rugaplex
DEIXA VOCE
ETERNAMENTE JOVEM

Previne o aparecimento das rugas e sozinha com as células, renovando as células cansadas dando nova vida à sua pele. É um hidratante completo, com o ressecamento natural da pele, ativando o tecido celular, mantendo dessa maneira, o teor de umidade indispensável à vida sã da sua pele.



VIRLIS INDUSTRIA E COMERCIO LTDA
Estrada de Campinas, 950
CEP 04664 - Sto. Amaro - São Paulo

UM DIREITO: A CONQUISTA DAS RUGAS

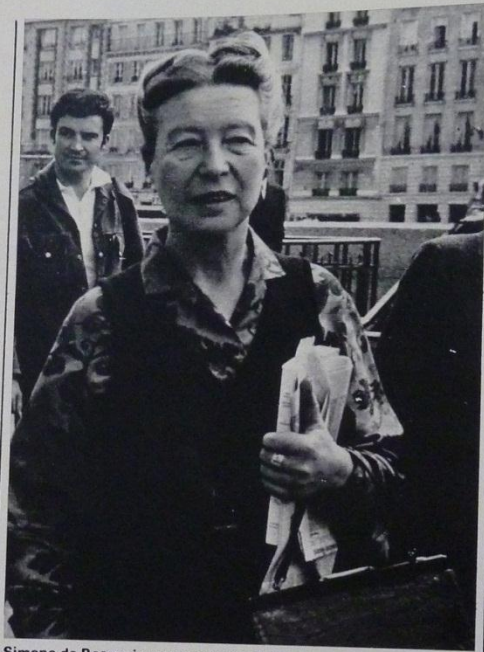
sem me deter em outros aspectos de coisificação feminina, da discriminação sexista, da utilização da mulher como elemento de consumo, da mística da mulher reduzida a suas funções biológicas e domésticas. Creio, entretanto, que cada leitora poderá encontrar aqui, muito resumidas, suas próprias experiências e observações.

UM PANORAMA EXPRESSIVO

A conclusão que se impõe é que, diga-se o que disser, a condição feminina entre nós ainda é de escravidão a preconceitos milenares: somos sacrificadas, exploradas, consideradas seres humanos de segunda categoria impedidas de atingir o nível de dignidade e amadurecimento pessoal a que todo ser humano tem direito.

Ora, a luta do movimento feminista mundial é justamente nesse sentido. Trata-se de superar tabus, desbloqueando os instintos e as emoções, de modo a permitir entre homem e mulher um relacionamento livre, espontâneo, igualitário, onde não caiba a astúcia, a hipocrisia, a agressão subterrânea, a desconfiança, o domínio de um sobre o outro, a asfixia da personalidade de um pelo outro. Nas circunstâncias atuais, a mulher vive ao lado de seu homem tensa e insegura, sofrendo os impulsos, calando os ressentimentos, estudando as atitudes, sem coragem de mostrar o que sente e dizer o que pensa; enfim, de ser ela mesma, de assumir sua humanidade total — rugas inclusive.

Trata-se de pleitear condições equitativas de trabalho e participação social; que não nos fechem o caminho a nenhuma atividade ou realização pelo simples fato de sermos mulheres; que nos paguem sa-



Simone de Beauvoir, representante da luta da mulher francesa.

lários condizentes com as tarefas que executamos e nos outorguem a hierarquia que somos capazes de alcançar, sem discriminações fundadas no sexo. Trata-se de dividir a responsabilidade do trabalho doméstico, que ora recai exclusivamente sobre nós, limitando-nos as possibilidades de expansão e absorvendo todas as nossas horas de lazer. De não permitir que a maternidade se transforme num empecilho ao nosso desenvolvimento pessoal, amarrando-nos ao lar — seja materialmente, seja sob a forma de ansiedade e culpa quando dele nos ausentamos. Trata-se de reivindicar a criação de uma infra-estrutura social (creches, escolas, simplificação e coletivização dos serviços domésticos, tudo isso a preços acessíveis) que assegure tranquilidade à mulher e libere

seu tempo para o trabalho produtivo, o aprimoramento cultural, a participação no mundo, o pleno exercício de suas potencialidades.

Essa breve enumeração não esgota o elenco das aspirações feministas; mas basta, por enquanto, para dar uma idéia geral de seu teor.

POR QUE A BRASILEIRA SE OPÕE

Seria de perguntar, pois, de onde provém a ojeriza da mulher brasileira contra um movimento que viria beneficiá-la em todos os setores de sua vida. A explicação não é difícil.

Em muitos casos, é uma questão de desinformação pura e simples. Os meios de divulgação tratam bastante mal

o feminismo, deturpam — às vezes grosseiramente — seus postulados e objetivos, empenham-se em pô-lo em ridículo, destacando ao extremo algumas atitudes exageradas de pequenos grupos radicais, que nunca faltam em qualquer movimento. Sim, é certo que a queima de sutiãs em praça pública, mesmo como ato simbólico, parece injustificada e tola; mas a Inquisição durou séculos, queimou gente — e nem por isso bastou para desqualificar o cristianismo: só desqualificou mesmo os inquisidores. Portanto, seria interessante não se limitar às informações pitorescas e procurar documentar-se melhor sobre o feminismo através de fontes sérias e imparciais.

Muitas mulheres têm consciência bem clara dos propósitos e da oportunidade do movimento feminista, concordam e simpatizam com ele do fundo do coração, mas não se atrevem a tomar posição a seu favor. Tradicionalmente submetidas aos "ideais" (às exigências) dos homens, temem prejudicar sua "imagem" e incorrer no desagrado masculino, vendo-se assim relegadas ao isolamento sentimental. Em carta, uma leitora expõe uma visão sumamente lúcida dos problemas e das reivindicações femininas; conclui, entretanto, com uma interrogação apavorada: "Mas tudo isso não vai dificultar ainda mais nosso relacionamento com os homens, que já é tão complicado? Vamos comprar novas brigas com eles?" A insegurança e o medo inspiram a noção reacionária de que mais vale um mal conhecido do que um bem por conhecer — principalmente se esse bem tem de ser conquistado à força de empenho e luta.

Existe também o caso da mulher tão intensa e longamente condicionada para aceitar a situação subalterna que já nem a sente como tal. Não

concebe sequer a idéia de ter um objetivo próprio na vida, de tomar uma decisão, fazer algo por si mesma, sentir-se gente. Suas aspirações se resumem em depender, ser dirigida, protegida, dizer amém; e quando consegue realizá-las, refocila-se num contentamento bovino. Mas este, em geral, dura pouco: quem não é capaz de manter-se sobre os próprios pés não escolhe onde se encosta — e é aí que entram em cena homens de baixa qualidade humana, que fazem dela gato e sapato, afundando-a numa infelicidade aturdida.

AS
FALSAS
LIBERADAS

Já se tornou rotina ouvir mulheres famosas e milionárias (às vezes, famosas só porque são milionárias) afirmarem que o movimento feminista é supérfluo: já superaram sozinhas todos os preconceitos. Essas declarações em tom suficiente merecem um exame. Os preconceitos não são os mesmos nas diferentes categorias econômicas: as "elites" têm seus próprios códigos, assim como a classe média e a operária têm, cada uma, os seus. Por exemplo: um filho ilegítimo é um estigma na classe média; entre proletários, é apenas uma boca a mais, que convém alimentar porque, a curto prazo, se transformará em mais um braço produtivo. Já as classes altas, dispendo de todos os meios de anticoncepção, não vêm na maternidade ilegítima conotações morais: é mera questão de decisão pessoal — que pode ter, quando muito, conseqüências econômicas: possíveis complicações de herança, de transmissão de bens, etc. De modo que essas mulheres "liberadas", na realidade não superaram coisa nenhuma: elas jamais sofreram o peso dos preconceitos que oprimem a classe média e simplesmente se comportam segundo as normas liberais de seu próprio meio. Outros problemas, como a discriminação salarial contra a mulher e a escravidão do trabalho doméstico, também não as afetam, dado seu pa-

drão econômico. Portanto, as componentes desse grupo absolutamente minoritário não me parecem porta-vozes adequados da condição feminina em geral.

Noutro setor, também minoritário, encontramos as que conseguem escalar posições de destaque, afirmar-se numa car-

reira, conquistar altos postos, prestígio profissional e pessoal. Sabemos que, para a mulher média, o sucesso é quase invariavelmente o resultado de uma enorme dose extra de esforço, tenacidade e sacrifício. Não lhe basta apresentar condições de igualdade com os concorrentes masculinos: ela

tem de mostrar mais méritos, maior capacidade, energia e dedicação ao trabalho. Ao mesmo tempo, precisa desdobrar-se para atender também o lar e os filhos — ou talvez se veja ante a perspectiva cruel de renunciar a tê-los. Pois bem, é comum que essas mulheres desdenhem o feminis-

segue

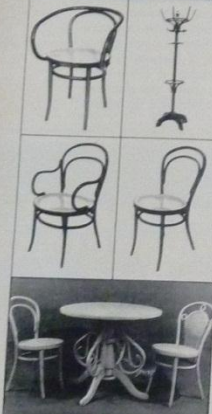
Com o Talco Cashmere Bouquet a sua pele pode ser tão suave e macia quanto a de Sandra Brea.

Sandra Brea sabe o quanto é importante ter uma pele bonita. Muito do seu sucesso depende disso. Na hora de escolher o seu talco ela não hesita: exige o Talco Cashmere Bouquet. Porque Cashmere Bouquet é um talco puríssimo, muito fino, que deixa sua pele suave, macia e delicadamente perfumada. Estas são as razões de Sandra Brea. Você certamente terá as suas.



Tradição de 30 anos em móveis vergados.

Grande variedade de camas, sofás, cadeiras, cabides.



MAGALI LTDA.

Alameda Góes, 1007 - São Paulo - Brinquente na Serrinha



Quando crescer quero ser presidente.

É a vontade do menino Dirceu, Salvador quer ser fotógrafo e Geri pintor. Gonçalo sabe desenhá-lo, mas sua grande esperança é vir a ser um grande médico. Há uma vontade, um desejo, uma esperança em cada um deles. São mais de 500 crianças recolhidas e educadas até terem uma profissão e serem úteis à sociedade. E que, além disso tudo, ainda recebem roupas, alimentação e abrigo.

Tudo isto é feito através de inúmeras obras assistenciais mantidas pela Liga das Senhoras Católicas.

Creche São Casário - Escola Maternal - Creche São Antônio - Dispensário São José - Casa da Infância do Menino Jesus - Educandário Dom Duarte. E não é só isto. A Liga das Senhoras Católicas mantém ainda outras obras que protegem, amparam e alimentam centenas de crianças, jovens e idosos. E por isso que elas precisam do seu auxílio. Contribua restando o seu donativo ou inscrevendo-se como contribuinte mensal.

LIGA DAS SENHORAS CATÓLICAS
 Há 50 ANOS PROMOVENDO O BEM-ESTAR
 Sede: Rua Jacquin, 388 - Fone: 23-4410 - São Paulo

CARMEN DA SILVA / conclusão

VEJA POR QUE ALGUNS HOMENS ESTÃO CONOSCO



As Três Marias: escreveram as Novas Cartas Portuguesas e foram transformadas em líderes feministas.

mo, alegando que se elas pudessem triunfar apesar de tudo, por que as outras não poderiam? Seria o caso de perguntar-lhes se não prefeririam que o triunfo lhes houvesse custado um preço menos arrasador; tem-se a impressão de que a luta as endureceu e amargou, a ponto de perderem o senso de solidariedade com suas companheiras de sexo: há muito ressentimento oculto nessa atitude vindicativa de desejar que "as outras também tenham de agüentar tudo o que eu agüentei".

OS HOMENS CONOSCO

E, agora, eis o outro lado da questão: inspirado num dos mais ativos grupos feministas — o Women's Lib, dos Estados Unidos —, surge lá o Men's Lib, um movimento de reivindicações especificamente masculinas. Não se trata de uma reação contra o feminismo; muito pelo contrário, os objetivos de ambos se harmonizam e complementam. Esses homens uniram-se para corrigir, na parte que recaí sobre

eles, as distorções de todo tipo derivadas dos preconceitos relativos aos papéis dos dois sexos. Eles estão cansados de ser machões fortes, sábios e triunfadores; recusam-se a arcar sozinho com a responsabilidade do sustento familiar, que freqüentemente asfixia o indivíduo, condenando-o à mediocridade de um emprego seguro e cercando nele todo impulso de busca, pesquisa, ação criativa; aspiram ao direito de ser menos agressivos, menos competitivos, menos empurrados à força para o êxito pecuniário, até agora considerado a suprema expressão da masculinidade. Desejam dedicar mais tempo a seus filhos, abandonando a imagem de provedores, juizes de comportamento e bicho-papão das crianças, para desfrutar da paternidade também em seus aspectos, emocionais gratificantes. Reclamam o privilégio — até aqui considerado feminino — de ter sensibilidade, sentimentos, dúvidas, fraquezas humanas, enfim, de se tornarem gente e não simples máquinas de fazer dinheiro e pilares de segurança de mulheres e menores desamparados. Como no caso do feminismo, esta enumeração de

propósitos é incompleta, mas abrange os aspectos que mais nos interessam. Os homens começam a tomar consciência de que a divisão da humanidade entre fortes e fracos, protetores e protegidos, dominadores e dominados, rouba também a eles — como às mulheres — a possibilidade de vínculos satisfatórios, de vida plena, de humanidade totalmente assumida. Enfim, o Movimento de Liberação Masculina significa o reconhecimento de que o sexismo vigente aliena e mutila por igual a personalidade de ambos, homem e mulher; e que é preciso criar novas formas de relacionamento para desrobotizar os dois sexos e reumanizar a vida.

A notícia é auspiciosa: o machismo perde adeptos. Embora constituindo movimentos separados — o que é prático, pois cada um dos dois grupos sabe, por vivência direta, onde lhe aperta o sapato — eles estão conosco, lutando por objetivos que, em essência, coincidem com os nossos. É ótimo que fique assim provado que não há nenhuma incompatibilidade entre as aspirações deles — pelo menos, dos melhores entre eles — e as nossas.

A ARTE DE SER MULHER
UM ARTIGO DE CARMEN DA SILVA



AFINAL, SOMOS REALMENTE LIVRES?

Dentro da programação do Ano Internacional da Mulher, a ONU patrocinou a realização, no Rio de Janeiro, de um seminário de pesquisa sobre o papel e o comportamento da mulher brasileira. Sobre o desenvolvimento dos trabalhos, os debates, as sugestões e ensinamentos, prometo para breve uma notícia tão ampla quanto possível nestas colunas.

Fui chamada a dar um depoimento pessoal: o resumo de minha experiência ao longo de doze anos de contato com a mulher brasileira: através de Claudia, de uma vastíssima correspondência, de conferências, palestras, diálogos, mesas-redondas, etc. Esse trabalho é o que, em grandes linhas, sintetizo aqui.

De saída, quero estabelecer uma distinção. Acredito que em todos os lados — ou, pelo menos, em todo o Ocidente — a problemática feminina é essencialmente a mesma, redutível aos mesmos denominadores comuns: discriminação, coisificação. Entretanto, varia enormemente o modo como os problemas incidem sobre as mulheres pertencentes a grupos sociais diversos — tanto mais num país como o nosso, em que as diferenças sócio-econômicas são tão acentuadas. É óbvio que a questão da discriminação salarial, por exemplo, só afeta a mulher trabalhadora; bem como duvido muito que a proletária se preocupe pelo fato de que em certos restaurantes ou bares de luxo mulher não seja admitida sem companhia masculina.

Assim, não tenho a pretensão de focalizar a mulher brasileira de modo global, de exprimir conceitos válidos para todos os estratos sociais; minha experiência se refere sobretudo à mulher de classe média e média-alta, que forma o setor majoritário de meu público. E quando entrarem em pauta mulheres pertencentes também a outros grupos sociais, este fato será devidamente esclarecido.

Quando comecei a estimular as mulheres a saírem de suas quatro paredes, a assumirem uma atividade incluindo-se na produção e tentando, ao mesmo tempo, conquistar cer-

ta independência econômica, encontrei resistências intensíssimas. Brasileira com algum dinheiro e, sobretudo, casada, não admitia o trabalho a não ser por estria e inelutável necessidade econômica — e assim mesmo com um forte senso de inferioridade e humilhação. A atitude predominante era, conforme o caso: "Trabalho porque não tenho mais remédio", ou então: "Graças a Deus, não preciso trabalhar". O ápice dessa mentalidade manifestava-se na carta de uma leitora que me dizia indignadíssima: "A senhora acha tão importante ganhar dinheiro que só falta nos aconselhar a pegar nossos filhos e ir vendê-los na feira".

Essa recusa pelo trabalho se escudava em todos os pretextos criados e manejados pela ideologia sexista com relação ao papel tradicional da mulher: a maternidade sagrada, o trabalho doméstico sentimentalizado, transformado em símbolo de dedicação e prova de amor. Sabemos como é: você não varre *contra* a sujeira, varre *a favor* do marido; alimenta-o para mimá-lo e ser gentil com ele — e não, concretamente, para repor as energias e a força de trabalho dele em benefício de quem as explora.

A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO FEMININO

Assim, esposas e mães, há doze anos atrás, idealizavam ao máximo suas funções, escamoteando sistematicamente os aspectos embrutecedores e repetitivos das tarefas (quer para quem as realiza, quer para quem fiscaliza sua realização); pareciam viver em constante enlevo ante o desabrochar intelectual e emocional dos filhos e de nenhum modo reconheciam que doze ou mais horas por dia de dialogar quase que exclusivamente a nível da mentalidade infantil fosse um esforço exaustivo e, a longo prazo, embotador para um adulto. Enfim, afirmavam-se felizes e realizadas, com uma ênfase tão exagerada, que isso se tornava suspeito: era bastante ób-

vio que tratavam de convencer-se a si mesmas.

Já a mulher de meia-idade, com a situação econômica e doméstica mais ou menos estabilizada, com os filhos crescendo afastando-se de casa, com o marido distanciado por anos e anos de monotonia conjugal, bem como de experiências e interesses não compartilhados (justamente porque ele trabalhava e ela não), não tinha coragem nem forças para idealizar sua própria vida. Queixava-se diariamente de inutilidade, não no terreno social mas no afetivo: "Os meus já não precisam de mim". Sentia-se solitária, insatisfeita, acumulava sintomas físicos variados, caía em crise de ciúme do marido, em revolta contra as mulheres mais moças.

Enfim, as mulheres exclusivamente dedicadas ao lar e aos filhos passavam os anos jovens num encantamento fabricado que, na idade madura, se transformava em brutal desencanto.

UM LENTO E DIFÍCIL DESPERTAR

Hoje em dia esse panorama parece ter sofrido importante modificação. A brasileira média começa a encarar o trabalho com outros olhos.

A jovem solteira já não o vê apenas como um trampolim para o casamento, mas sim como um meio de conquistar relativa independência, multiplicar seus contatos humanos e seu campo de experiência. Claro, sabemos que o fator independência, no caso, é mais teórico do que real: a moça que começa a trabalhar no Brasil, mesmo portadora de um título universitário, em geral não ganha o suficiente para subsistir sem o auxílio de sua família. Quanto mais o contingente feminino aumenta numa determinada profissão (por exemplo, professoras, enfermeiras), mais essa profissão se desvaloriza.

Quanto às jovens mães, são bem menos as que se resignam de bom grado a encerrar-se na domesticidade e na maternidade, sem mais horizontes, prin-

cipalmente se contam com algum diploma ou antes exerceram alguma profissão; ouço com frequência o protesto: "Não estudei e me preparei para viver entre fraldas e panelas". Cresce o número das que querem trabalhar fora, são cada vez mais insistentes as reivindicações de soluções viáveis e a preço acessível para o atendimento das crianças, como creches, instituições especializadas, etc.

Na grande maioria dos casos, o principal obstáculo à sua inclusão no campo do trabalho é a oposição dos maridos. Adiante voltarei a falar sobre este ponto.

Ao mesmo tempo, a mãe de família que trabalha fora não o faz sem culpa, mesmo tendo a quem confiar os filhos nas melhores condições possíveis. Recai sobre ela o peso da ideologia tradicional, dos velhos preconceitos, ela se sente menos mãe, acusa-se de egoísmo, receia consequências traumáticas para as crianças, vive inquieta e dividida.

Mas a diferença mais notável é a que se registra numa faixa etária um pouco mais elevada. É surpreendente o número de mulheres de meia-idade que aspiram a iniciar ou a retomar um trabalho, com a idéia de que só através de uma atividade externa recuperariam o senso de identidade e de realização pessoal. As mulheres acima dos 40 anos querem trabalhar.

Não é fácil para elas: na maioria dos casos, são pessoas sem especialização; ou, quando muito, contam com um diploma arquivado há tanto tempo que já se tornou mais ou menos inútil por falta de atualização. Algumas desempenharam, no passado, cargos de importância e, no entanto, estariam dispostas a recomeçar praticamente a partir de zero.

Chega a ser patético: elas querem fazer algo, o mercado as recusa por falta de habilitação. Elas retomam cursos interrompidos vinte ou mais anos atrás, estudam idiomas, datilografia, contabilidade, enfermagem, decoração, letras, etc., levam alguns anos a preparar-se — e o mercado as recusa, agora por causa da idade. Elas teimam, se empenham, empreendem novos es-

tudos; mas, enquanto isso, o tempo vai passando — e precisamente esse tempo joga cada vez mais contra elas.

Quero destacar aqui um fato chamativo. Nessa faixa de idade, a mulher que quer trabalhar fora, em geral já não encontra no marido a ferrenha oposição que encontrava anos atrás. Talvez ele não a tome muito a sério, mas também não cria empecilhos.

O panorama, em geral, é o seguinte: o jovem brasileiro de classe média costuma achar bastante normal que sua mulher trabalhe e ajude a sustentar o lar; tanto mais que, com a vida cada dia mais difícil e cara, essa colaboração, mesmo que não seja indispensável, pesa muito na balança.

Já o homem acima dos 30 anos, mais ou menos estabilizado no emprego ou na profissão, capaz de garantir um padrão pelo menos decoroso, reivindica ciumentamente sua mulher em casa. Em geral, ele alega os inconvenientes do trânsito e dos horários, as liberdades de modos e de linguagem dos ambientes predominantemente masculinos, as possíveis gracinhas por parte dos colegas, o eventual assédio dos chefes — enfim, trata de preservá-la do enfrentamento com certos aspectos ingratos da realidade.

O motivo mais forte, porém, ele não o confessa — mas é fácil deduzi-lo do que transparece com bastante evidência através de seus pretextos. Ele não quer é que sua mulher disponha de recursos econômicos próprios, que conte com certo espaço pessoal de decisão e manobra, que possa colocar-se ante ele com relativa autonomia. Prefere mantê-la numa dependência material que lhe garanta impunidade: por pior que ele seja, será sempre o "mal necessário".

Dessa maneira, mantém as energias e a criatividade dela exclusivamente a serviço da comodidade dele, perpetuando-a no papel de objeto sexual e doméstico.

Mas eis que ela começa a envelhecer, a perder o atrativo sexual, a transformar-se na matrona que só é admitida no trabalho por conveniência prática da empresa e não como chamariz. Ao mesmo tempo, a

segue

**NO TRABALHO,
JÁ DEMOS UM
GRANDE PASSO**



essa altura, com a infra-estrutura doméstica já montada e automatizada, a presença dela é menos necessária em casa — enfim, nem o conforto nem a segurança machista do marido parecem ameaçados. Nesse momento, então, ele toma atitude de concessão generosa: “Bem, se isso te diverte, vai trabalhar.”

Vemos, pois, que a mulher brasileira de classe média acomodada está hoje em dia bem mais inclinada ao trabalho do que doze anos atrás. Entretanto, continua encarando-o sob um ângulo puramente pessoal. Trata-se de trabalhar “para não ficar em casa sem fazer nada”, para encher horas vazias que já não são reclamadas pelo marido ou pelos filhos, para encontrar um novo interesse na vida, no momento em que os interesses até então predominantes começam a declinar. O trabalho é, de certo modo, idealizado como uma redenção: a conquista da identidade, a afirmação no mundo lá fora, as relações interessantes, os desafios estimulantes.

O que ela ainda não conseguiu entender é o trabalho como uma imposição social. O fato de que o mundo só funciona com o trabalho, pelo trabalho, graças ao trabalho. Que quem quer que viva numa comunidade, recebendo os bens e serviços que ela proporciona, sem contribuir em absolutamente nada para sua produção, é um parasita, um peso morto. A mulher brasileira descobriu o trabalho como solução pessoal mas não assumiu ainda uma genuína consciência de responsabilidade e participação social.

**A MULHER
ANTE
A LIBERDADE**

Desejo abordar aqui a imagem que a mulher brasileira tem de si mesma, o modo como ela encara sua condição feminina e humana. Neste terreno, sempre segundo minha experiência pessoal, tenho de reconhecer



Dana
Paris - New York
Maquiagem Cremosa - Pó Compacto - Pó Facial - Blush - Cakes - Sombra Compacta
Delineador - Rímel - Creme de Limpeza - Loção Adstringente

**Nostálgica, meiga ou fatal.
Escolha com Tabu a mulher que você
quer ser.**



que, agora casos isolados — talvez até bastante numerosos —, em linhas gerais o panorama não apresenta modificações muito notáveis. Nossa mulher é vítima de séculos e séculos de condicionamento pelo sistema patriarcal, reforçado nos últimos tempos pelo crescimento monstruoso dos meios de comunicação que não dão uma imagem feminina cada vez mais coisificada, pelo florescimento de uma cultura de massa cada vez mais alienante e embotadora. Nada disso a ajuda a tomar uma efetiva consciência não só de seus direitos e deveres concretos de cidadã como também dos direitos e deveres inalienáveis da pessoa humana: optar, dispor de si mesma, fixar seus próprios objetivos existenciais, colocar-se no mundo como *sujeito*, como uma liberdade atuante.

Nas classes mais elevadas a mulher é objeto de luxo — e gosta disso: o luxo a compensa de ser *coisa*, ela se aturde, se embriaga de satisfações narcisistas; não é à toa que essas mulheres ganharam o rótulo de “bonecas deslumbradas”. Também não é por acaso que elas costumam ser inimigas ferrenhas do feminismo: o ócio, o luxo, o prestígio lhes vêm da fortuna de um homem ao qual elas servem de cartão de visitas e relações-públicas. Temos de tomar com um grão de sal sua afirmação de que “já se liberaram por si mesmas”: certos aspectos materiais da opressão feminina — relacionados com o trabalho, a remuneração, a infra-estrutura doméstica, o atendimento pessoal aos filhos — nunca pesaram sobre elas.

E quanto ao resto, quem “curte” o privilégio de ter uma gaiola de ouro, prefere não encarar o fato de que não é dentro da gaiola que a liberdade se exerce.

Já a mulher de classe média e média em ascensão, fechada numa jaula menos suntuosa e com menos oportunidades de aturdimento brilhante, por momentos experimenta um senso de irrealização, impulsos de transcender seu mundinho, revolta contra as limitações impostas. Essa revolta, porém, é apenas passiva, traduzindo-se em mau humor, insatisfação,

agressividade difusa contra o ambiente ou contra si mesma; se chega a expressar-se, é de modo incompleto, através de vagos queixumes e resmungos, sem conduzir a nenhuma tentativa concreta de libertação. A título de exemplo: mencionei há pouco o fato de que muitas mulheres se vêem impedidas, durante os anos jovens, de exercer alguma atividade por causa da oposição dos maridos. Elas vivem se queixando às amigas, a mim — mas não se atrevem a insurgir-se contra a proibição em si, a reivindicar diretamente do marido a liberdade de trabalho que a Constituição lhes garante. A mulher de classe média se amargura por sua situação, mas nada faz de efetivo para poder modificá-la.

Sem dúvida, ela se concede um número cada vez maior de pequenas liberdades que, na realidade, não são tais: seriam apenas minúsculas desforras — como a da criança que desafia a autoridade dos adultos, mas, às escondidas, com medo da punição. Em suma, trata-se de *transgredir* as normas vigentes, mas não de questionar seriamente as validades delas, propondo outras em sua substituição.

Nas classes mais baixas, o arbítrio masculino não é contestado nem sequer em pensamento. O homem manda, e decide e veta porque é homem, sempre foi assim, é a ordem natural das coisas e não há nada a discutir. Tanto mais que, nesse estrato social, discussão em geral não dá certo e é comum que a mulher apanhe para aprender a calar a boca. Se não são pancadas, é a ameaça de expulsão: “Se não está contente, ponha-se porta afora”. Essa ameaça — expressa talvez em termos um pouco menos crus — também é frequente no seio da classe média; mas aí ela é acompanhada da chantagem: “Vai mas não leva os filhos”. A verdade é que as mulheres se intimidam tanto que nem procuram averiguar até que ponto ela tem apoio legal: apavoram-se e ficam quietas. Aceitando a mitologia sexista da mulher “feita para” o amor, para o homem, para a maternidade, seria de acreditar-se que, pelo menos no campo do relacionamento afetivo e

segue

Aqui estão mais três provas que atestam a evolução de Dr. Scholl.

Dr. Scholl, que é quem mais entende de pés em todo o mundo, vestiu seus desodorantes com roupa nova. Manteve a mesma eficiência no cuidado diário dos pés, provando que, através de uma tradição de produtos de qualidade, se pode evoluir.



DESODORANTE PÉDICO

Controla a transpiração e mantém os pés secos e frescos durante o dia.

REFRESCANTE PÉDICO

Desodorante, antiperspirante que alivia os pés cansados e sensíveis.

DESODORIZANTE PARA CALÇADOS

Desinfetante, fungicida e bactericida que previne e combate os fungos do pé de atleta nos sapatos, eliminando os odores desagradáveis.

Dr. Scholl

para o conforto dos pés.

NO AMOR, CONTINUAMOS BONECAS



sexual, a brasileira procurasse se afirmar, impor sua própria tônica, realizar-se. Vemos, ao contrário, que nesse terreno sua passividade chega a extremos.

SUBMISSA NO AMOR E NO SEXO

A mulher não se interroga muito para saber se de-veras ama, se aceita em profundidade o possível parceiro; preocupa-se demais é em saber se é amada e aceita por ele, se pode confiar na solidez dos sentimentos dele. Ela só dá importância aos próprios sentimentos quando eles não são correspondidos, isto é, quando lhe servem de pretexto para uma orgia masoquista de rejeição; fora disso, ela mal os questiona. Acostumada a depender, a considerar-se apêndice e delegar sua identidade a

outrem, ela só se vê através dos olhos masculinos, da aceitação masculina — e é desta que obtém algum reforço para sua escassa segurança.

Mais do que uma genuína satisfação emocional, o que ela deseja encontrar em seus vínculos amorosos é justamente isso: segurança, mesmo que seja ao preço de sacrificar sua personalidade, sua auto-expressão, seus desejos e até sua própria estima.

Sexualmente, o mais comum é que a brasileira média se considere obrigada a prestar os serviços requeridos e conceder satisfação, embora hipócritas, à vaidade viril; em função disso, ela simula prazeres que não sente.

Certamente, hoje em dia, ela se tornou muito menos resignada e se aflige cada vez mais por sua falta de resposta sexual; o curioso é que estaria disposta a tentar mil soluções, exceto, justamente, a mais indicada e eficaz: a tentativa de

discutir o problema com o parceiro. Ela não vê nisso um gesto de intimidade e franqueza, e sim uma confissão humilhante que a colocaria em situação de inferioridade.

Não creio, porém, que essa atitude seja totalmente sincera; interpretando as confissões que recebo, acredito que a mulher, mesmo reconhecendo a imperícia do companheiro, prefere tomar sobre si a culpa do fracasso ou do desajustamento sexual, por dois motivos: primeiro, para não correr o risco de arrancar o suscetível orgulho viril; segundo, para manter inabalada sua própria noção do prestígio e da superioridade masculina: trata-se, aqui, de idealizar o apoio em que ela se escora.

No terreno das relações pré-conjugais, a mulher brasileira média continua mergulhada no ranço dos velhos preconceitos. Não nos iludamos com a desenvoltura de certos grupinhos sofisticados que nem são maiormente representativos do grosso da população brasileira, nem são tão desenvoltos como tratam de parecer. E também não nos enganemos com expressões como "sociedade permissiva": nós aqui recebemos os ecos, as notícias dos avanços e progressos que ocorrem lá fora, discutimos e papagueamos sobre eles mas levamos muito tempo para assimilá-los; nosso comportamento real ainda é caudatário — a tal ponto que nem sequer uma lei de divórcio ultramoderada conseguiu obter aprovação.

Diga-se o que se disser, o brasileiro médio ainda "cobra" a virgindade feminina com verdadeiro encarniçamento. E ela paga o preço, se tem moeda para pagá-lo; se não a tem, sofre os tormentos do inferno mas não lhe ocorre em nenhum momento discutir a iniquidade da cobrança. Isto, aliás, não surpreende; pois enquanto a mulher, coisificada, continua a colocar-se ante o homem na posição de objeto, ela tem de afirmar, com a submissão moral e a integridade física, o domínio dele, a superioridade dele, o direito dele de exercer o monopólio inclusive sobre o passado dela; tem de provar, enfim, que já era propriedade dele mesmo antes de conhecê-lo.

FIM

A GRANDE BATALHA

FICO O DIA INTEIRO, NO ESCRITÓRIO



CUIDANDO DOS PROBLEMAS DO CHEFE



À NOITE, QUANDO CHEGO EM CASA



TENHO QUE CUIDAR DOS PROBLEMAS DO MEU MARIDO



"Vou trabalhar!" Eis aí o nosso grito de independência, mas que na verdade não passa de um grito de guerra, pois vamos enfrentar uma grande batalha: lutando por salários iguais, por cargos de chefia, enfim, para sermos tratadas como *profissionais*. E no fim do dia, cansadas, continuamos a luta, em casa.

O ANO DA MULHER EM CLAUDIA

A ARTE DE SER MULHER
UM ARTIGO DE CARMEN DA SILVA



resce, hoje em dia, o número de mulheres que procuram no trabalho a independência econômica, sem a qual toda tentativa de emancipação falha pela base, bem como o senso de identidade, a participação social, afirmação de si mesmas e o desenvolvimento da personalidade.

O fato, porém, é que a imensa maioria das mulheres que trabalham fazem-no sem escolha, por necessidade econômica. E hoje em dia isso já não se aplica só às mulheres do meio rural e proletário que, com ou sem feminismo, sempre tiveram de trabalhar. Também na classe média a atual situação torna cada dia mais indispensável o trabalho feminino para juntar as pontas do orçamento no fim do mês. Até algum tempo atrás, grande número de mulheres do setor "acomodado" podia ficar no lar cuidando da organização doméstica, criando os filhos, papiricando o marido — tarefas que a sociedade idealiza como realização da "feminilidade" normal.

Mas eis que o "engano d'alma ledo e cego" ruiu — e elas se vêem agora confrontadas com a necessidade de trabalhar fora, que veio sacudir pela base seus esquemas tradicionais. Acabou-se a mãe em tempo integral, a esposa em eterna disponibilidade, a fada do lar com ócio para inventar cada dia novos agrados e requintes. O choque da realidade rompeu o espelho ideal em que a mulher de classe média fora induzida a mirar-se, e ela se encontra de repente ante uma

nova imagem de si mesma: a trabalhadora. Imagem satisfatória e lisonjeira sob vários aspectos, mas também angustiosa: obrigada a passar longas horas fora de casa, ela se sente dividida, inquieta e, sobretudo, culpada.

De suas dúvidas, do senso de culpabilidade que a acossa vamos nos ocupar aqui.

PREOCUPAÇÕES CONCRETAS



endo a mulher a maior responsável pela educação dos filhos, sua ausência não prejudicaria de certa maneira a família?"

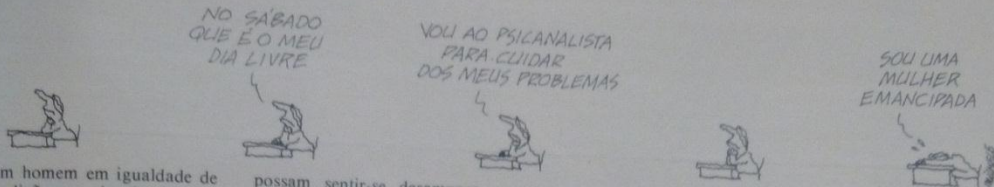
"Que acontecerá com esses filhos que ficam longas horas por dia separados da mãe?"

"Será que a mulher pode desempenhar ao mesmo tempo o papel de esposa perfeita e de funcionária pública?"

"Fomos educadas em termos de dona-de-casa, esposa e mãe, com responsabilidade total pelo bom andamento e pela harmonia da vida no lar. Agora trabalhamos fora e sentimos que nem tudo em casa marcha com a regularidade e a eficiência que seriam, não digo ideais, mas pelo menos desejáveis. Não é natural que sintamos frustração por essas deficiências e falhas?"

Quatro perguntas em transcrição textual, tiradas ao acaso dentre as inúmeras que recebo no mesmo sentido, revelando a inquietação feminina ante a necessidade de assumir um novo papel.

O conflito não é fácil de resolver. Sabe-se muito bem que mulher não disputa cargos



com homem em igualdade de condições: se ela não for *melhor* — mais eficiente, mais paciente, mais dócil, mais dedicada ao trabalho, mais resignada a um salário inadequado —, o escolhido será ele. Portanto, não é questão de despachar as tarefas de qualquer jeito: mulher tem de mostrar serviço. Ou então conformar-se com trabalhar nos setores em que os homens não concorrem: as “profissões femininas”, em geral tão desvalorizadas e mal pagas (e por isso relegadas à mulher) que talvez nem compensem o gasto da condução.

De outro lado, o condicionamento, a pressão dos preconceitos exigem-lhe um perfeito desempenho materno, conjugal e doméstico: sempre a postos ao lado dos filhos e à hora da chegada do marido, tudo com aspecto impecável — casa bem arrumada, crianças limpas, esposa faceira, refeições saborosas, horários respeitados —, tudo funcionando bem. Com menos que isso ela não se dá por satisfeita e se acusa de não estar à altura de suas obrigações.

O que mais lhe dói são as horas passadas longe dos filhos. Mesmo deixando-os em boas mãos, quando isso é possível, sua tranquilidade é apenas relativa; avó ou mima demais ou tem noções muito rígidas e antiquadas; outros parentes nunca têm tanta paciência como a mãe; as babás em geral são ignorantes, supersticiosas, fazem-se obedecer por intimidação e cometem vários erros educativos — enfim, nenhum substituto parece cem por cento adequado.

Sobretudo, ela se atormenta com a idéia de que, sem sua presença constante, os filhos

possam sentir-se desamparados, largados, mal-queridos, expondo-se assim a carências emocionais e, talvez, futuros transtornos psicológicos.

LUTA POR SOLUÇÕES

Alguns desses temores são justificados e exigem soluções que, uma vez mais, a própria mulher terá de conseguir mediante seu esforço consciente e tenaz.

A sociedade absorve e utiliza o trabalho que a mulher realiza fora de casa: se o remunera (mesmo mal), é porque dele tira lucro. Os bens e serviços que ela produz são obtidos a menor custo, pois ela recebe salários inferiores aos dos homens em tarefas equivalentes. A mão-de-obra feminina, qualificada ou não, ajuda a enriquecer a sociedade.

Mas também no exercício de suas funções biológicas a mulher está produzindo trabalho útil. Acima de qualquer consideração, a sociedade se compõe de gente: sem os seres humanos, o mundo seria apenas uma bola com acidentes geográficos girando feito bobo: para que, para quem, com que fim? Se o Sol derretesse a bola, se o esfriamento da crosta terrestre a congelasse, se um choque cósmico a destruísse, daria tudo na mesma: o mundo somos nós.

Ora, o que “fornece” gente — matéria-prima da sociedade, razão de ser do mundo, mão-de-obra produtiva, impulso de todo e qualquer progresso — é o ventre da mulher. Milhões de agricultores plantando o trigo, o arroz, a

cana; milhões de operários construindo cidades, estradas, barragens, usinas, fazendo andar as máquinas, fabricando tudo o que utilizamos; cientistas pesquisando o segredo do universo, artistas criando beleza — Einstein, Freud, Beethoven, Michelangelo ou João da Silva pendurado num andaime —, todos eles saíram de um ventre de mulher. Uma hipotética greve geral de ventres acabaria com o mundo tal como o concebemos, em duas gerações — isto é, de duas não-gerações.

É óbvio, pois, que o menos que a sociedade deve à mulher é proporcionar-lhe os meios para que ela possa cumprir as exigências básicas da sobrevivência dessa mesma sociedade, ou seja: trabalhar e ter filhos; contribuir para o progresso social e garantir a continuidade da espécie. Sem incompatibilidade entre ambas as tarefas, sem angústias, malabarismos estafantes.

Quais seriam esses meios? O primeiro e mais urgente são os equipamentos sociais para um adequado atendimento infantil. Lugares onde a mãe possa confiar seus filhos a equipes especializadas em puericultura, psicologia, pedagogia. Lugares onde a criança esteja bem cuidada e segura, aprendendo desde cedo a conviver num grupo social mais vasto que o lar. Só o estabelecimento de creches e afins, em número suficiente e em condições acessíveis, permitirá à mulher sair de casa com ânimo leve e espírito confiante, dispor sem culpa de boa parte de seu tempo, suas energias e sua criatividade, aplicando-os a seu próprio desenvolvimento e em benefício de toda a coletividade.

Não nos enganemos, porém. Enquanto a mão-de-obra feminina não for numericamente importante e, por isso mesmo, decisiva na economia, nossos apelos morrerão sem eco. E também não se trata de que a mão-de-obra feminina predomine somente nos setores mais humildes — trabalho desqualificado, agrícola, fabril ou doméstico —, onde as mulheres, por falta de instrução e de recursos, resignam-se ao pior e nada reclamam. Somos nós, mulheres de classe média esclarecida, que temos de invadir o mercado de trabalho e aí, como elementos atuantes e influentes, impor a força das necessidades e reivindicações de todas as mulheres.

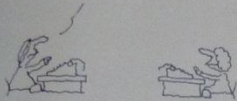
EDUCADORA, SOZINHA?

Em certos aspectos, as angústias e inquietações da mulher que trabalha fora são provocadas principalmente pelos preconceitos culturais com relação ao papel feminino. Vejamos: “Sendo a mulher a maior responsável pela educação dos filhos...”, “Que acontecerá com esses filhos que ficam longas horas por dia separados da mãe?” Destaco esses dois trechos porque eles expressam uma opinião bastante generalizada — embora errônea.

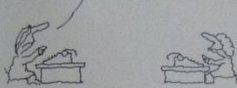
Em primeiro lugar, quando um homem e uma mulher, juntos, decidem procriar, trazer ao mundo um novo ser, educá-lo, socializá-lo, fazê-lo gente, estão assumindo uma responsabilidade que incumbe, solidária e equitativamente, aos dois. É uma escolha dual,

segue

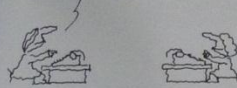
CHATO NÃO
É TRABALHAR



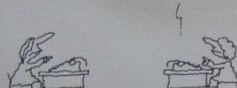
CHATO É, DE NOITE,
ENCONTRAR O
PRÓPRIO MARIDO
LENDO O JORNAL



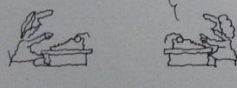
E NÃO QUERENDO
AJUDAR EM NADA COM
AS CRIANÇAS PORQUE
ISSO É "COISA
DE MULHER"



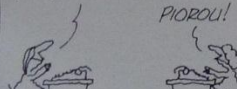
MEU MARIDO
TAMBÉM DIZIA QUE
NÃO TINHA JEITO



MAS EU O CONVENCI
QUE O FILHO É
DOS DOIS E ELE SE
DISPÓS A
COLABORAR

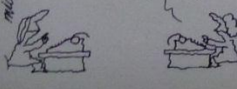


E MELHOROU?



PIOROU!

AGORA TENHO
QUE ENSINAR
AOS DOIS



A ARTE DE SEËR MULHER
UM ARTIGO DE CARMEN DA SILVA

A REGUA QUE O HOMEM PODE OFERECER

um ato de amor recíproco, de confiança no futuro comum; tanto as alegrias como os deveres decorrentes dessa opção cabem a ambos por igual.

Já sob outro aspecto — o jurídico —, sabemos que o filho não pertence nem exclusiva nem principalmente à mãe. Até mesmo quando ele é apenas uma célula em seu ventre, a sociedade toma sobre ele uma ingerência muito direta, negando ou regulamentando a liberdade de abortar. Sobre o filho nascido, a mãe não detém, nem sozinha nem primordialmente, o pátrio poder, que nosso Código Civil atribui prioritariamente ao pai. Esse aspecto discriminatório do atual projeto de Código Civil originou um pedido de revisão do Centro da Mulher Brasileira, apresentado à Câmara Federal com o aval de milhares de assinaturas provenientes de todo o território nacional. A lei (a sociedade) interfere nessa relação, impondo a ambos os pais deveres e punindo eventuais transgressões. Ora, se tanto o pai como a sociedade têm direitos sobre a criança — e até direitos que, em certos casos, se sobrepõem aos da mãe —, é evidente que, em contrapartida, também são responsáveis por ela.

Do ponto de vista prático, salta à vista que o processo educativo só é eficaz se conta com a colaboração dos dois. Não só no que diz respeito à educação emocional, que, como sabemos, é em grande parte um reflexo do clima reinante no lar; mas também no que concerne à educação moral. De nada adianta a mãe ensinar aos filhos, com palavras e exemplos, o valor de certos princípios, hábitos, virtudes, se o pai não os pratica e, não obstante, continua sendo a pessoa mais importante, a presença mais prestigiada, a autoridade máxima da casa. De nada valem os bons ensinamentos e os sermões edificantes de um só dos pais quando a conduta do outro os desmente ao vivo.

Vemos, pois, que a suposta maior responsabilidade educativa da mãe não deriva nem da ordem natural, nem da ordem jurídica, nem de qualquer van-

tagem psicopedagógica; ela é apenas o resultado de uma *circunstância social* que, precisamente, hoje em dia, já se modificou. Com efeito, se o pai estava na fábrica, na usina, no escritório, no gabinete, e a mãe disponível em casa, era lógico que ela dedicasse mais tempo aos filhos: mera divisão de tarefas, só justificável enquanto cada um atuava num só campo. Do momento, porém, em que a mulher também passou a atuar na fábrica, na usina, no escritório, no gabinete, os dados da situação mudaram: se ambos trabalham, ambos têm obrigações fora, ambos contribuem para a manutenção do lar, também as responsabilidades parentais e os cuidados materiais com os filhos devem ser compartilhados por igual.

MÃE DE MENOS, MÃE DE MAIS



u tro
pro-
blema
q u e
angus-
tia as
mulhe-
res é a

da presença em tempo integral junto aos filhos. Sem dúvida, os cuidados, o carinho, a atenção da mãe são indispensáveis à criança — mas não necessariamente o dia inteiro. A *qualidade* da presença (serenidade, paciência, bom humor, genuíno interesse, respeito pela personalidade infantil) compensa amplamente a quantidade: as horas de mútua companhia tornam-se privilegiadas. Por outro lado, a mãe fechada em casa, sem horizontes nem oportunidades de realização pessoal, e ainda com preocupações econômicas — isto é, inquieta, irritada —, descarrega seus problemas e frustrações sobre os filhos, transmitindo-lhes vinte e quatro horas de tensão neurorizante. Naturalmente, é preciso que as crianças disponham de companhia adequada enquanto os pais estão trabalhando: mais uma vez as creches, as escolas maternas, os equipamentos coletivos.

A experiência nos tem mostrado de sobejo que a mulher

que se dedica a ser somente mãe, sem nenhum compromisso profissional, nenhuma atuação direta no meio social, tende a exagerar a nota: fazendo dos filhos sua justificação existencial e válvula de escape para suas energias represadas e suas aspirações irrealizadas, ela se excede nos cuidados, mimia demais, reprime demais, mantém as crianças presas à barra de sua saia, abafando os naturais anseios de independência infantil; não raro seu carinho possessivo e exclusivista mutila-lhes a personalidade; eles se enchem de culpa pelos sacrifícios (superfluos) que ela faz, não têm oportunidade de desenvolver sua própria capacidade de juízo e iniciativa, tornam-se tímidos, encolhidos — ou então vêm-se transformar, futuramente, nesses tantos jovens que vemos por aí, egocêntricos, petulantes, caprichosos, crentes de que tudo lhes é devido, reclamando todos os direitos e negando-se a assumir qualquer dever.

Tudo isso já é bastante sabido. Contudo, a classe média continua apegada à ideologia da mulher-em-casa, da mãe-*por-cento-mãe*: é o exemplo que lhe vem da infância, o que se habituou a considerar normal: mãe em casa ocupando-se das crianças e papai na rua ganhando a vida; permanece a identificação com o antigo modelo, o desejo inconsciente de reproduzir a primitiva constelação familiar. Constelação essa que, por sua vez, não surgiu do acaso, e também não é à toa que ainda hoje ela continua sendo insistentemente "vendida" pelos modernos meios de comunicação: como no passado, a sociedade estimula e ampara o trabalho masculino, enquanto incentiva a mulher a ficar em casa, idealizando seu papel doméstico e materno, e procurando dificultar ao máximo seu ingresso no sistema de produção; desse modo, ela é mantida como mão-de-obra de reserva, destinada a "tapar buracos", a desempenhar as tarefas que os homens recusam, a entrar no mercado de trabalho como concorrente (involuntária) quando se trata segue

IIIIIIH!
UM
INSETO!!!



NA REALIDADE
ELI NÃO SOU
UM INSETO

SE UMA MULHER
COMO VOCE
ME DER LIM
BEIJO



ELI ME
TRANSFORMAREI
NO REI
DOS MARIDOS



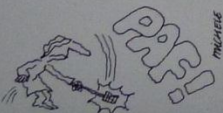
ENTÃO CASAREI
COM VOCE, LHE
DAREI UMA LINDA
CASA PARA
CUIDAR



LHE DAREI INÚMEROS
FILHOS E VOCE
SERÁ A RAINHA
DO LAR



ESPERANDO
TODAS AS NOITES
O SEU REI
VOLTAR DO
TRABALHO
(E...)



A ARTE DE SER MULHER UM ARTIGO DE CARMEN DA SILVA

A PAZ QUE SÓ A VERDADE PODE DAR

de neutralizar as reivindicações deles. Toda a literatura lírica e altissonante em torno da rainha do lar, em última instância, tem por finalidade muito concreta e interessada fazer da mulher um instrumento de coação sócio-econômica a ser esgrimido contra o homem — inclusive contra o próprio companheiro. Nada mais alheio do que isso ao verdadeiro espírito do feminismo, que de nenhum modo pretende opor os parceiros naturais numa absurda guerra, em benefício apenas dos grupos que querem dividir para reinar e explorar machismo, para manter intocados seus privilégios, à custa da maior parte da humanidade.

HARMONIA A DOIS

Fomos educados com responsabilidade total pelo bom andamento e pela harmonia da vida no lar...

Não é preciso um grande esforço intelectual para perceber que a harmonia de dois não pode depender de um só, que ninguém se "harmoniza" sozinho, sem a boa vontade e a colaboração do outro: um casal harmonioso se compõe de dois. Duas pessoas que, de comum acordo, resolveram conviver numa base de intercâmbio afetivo, compartilhar suas experiências existenciais e sua mais profunda intimidade emocional e sexual, estabelecer alguns objetivos coincidentes e outros independentes mas não opostos — em suma, procurar ser felizes juntos, empenhados por igual numa aventura humana que compromete a ambos até o cerne. Querer transformar esse relacionamento, essencialmente dual, numa situação a ser "manejada" pela habilidade, a diplomacia, as concessões e até os sacrifícios de um só é o modo mais seguro de torná-lo artificial e vazio de conteúdo.

Sem dúvida, ainda goza de ampla aceitação entre as mulheres (bem condicionadinhos

que elas foram) a idéia de que o bom entendimento e a estabilidade matrimonial dependem principalmente da esposa. A ela caberia ceder, conciliar, amoldar-se, calar, evitar atritos e discussões, anular-se para não incomodar o outro. Noção derivada, é claro, do preconceito da inferioridade da mulher: subalterna, dependente, incapaz e necessitada de proteção, ela deve submeter-se, agüentar e engolir. Tanto mais que se crê que, no fundo, casamento é questão unicamente do interesse feminino: homem só se "amarra" quando não tem mais remédio e está sempre atrás de um bom pretexto para cair fora. Também isso é resultado do condicionamento familiar e social: as mulheres são levadas a empenhar-se a fundo em "conseguir marido", mesmo ao preço da astúcia, da hipocrisia, da chantagem sexual; é óbvio que nunca poderão estar seguras do amor, da aceitação, da solidariedade do homem que (acreditam elas) casou meio induzido, meio contra a vontade. Reparem quanto de agressão e desdém se esconde sob a submissão feminina: os homens seriam uns bobocas que a gente leva pelo nariz a fazer o que não querem.

Apoiado numa estrutura capenga, sem centro de equilíbrio, não é de surpreender que o casamento ande de mal a pior, como se comprova através da simples evidência estatística.

A PERFEIÇÃO É IMPOSSÍVEL

Era esposa perfeita e funcionária pública? ... Nem tudo marcha em casa com a regularidade e a eficiência desejáveis...

Passei minha infância num casarão enorme, com pelo menos meia dúzia de empregados: quase uma pequena empresa que minha mãe dirigia, fazendo-a marchar à perfeição. Mas isso faz muitíssimo tempo. De lá para cá houve uma guerra mundial, o Brasil

começou a se industrializar, criando uma alternativa para a mão-de-obra desqualificada que, aos poucos, foi se retirando do serviço doméstico. Crises, inflação alteraram o padrão de vida e as expectativas da classe média, cujo setor feminino passou a incorporar-se quase maciçamente ao mercado de trabalho. Um processo desordenado de crescimento urbano dificultava a venda, os transportes, os serviços em geral: vive-se cada vez com menos espaço, enfrentando filas sempre maiores, gastando mais horas nas compras, na condução. Nessas condições, a noção do que seja um bom funcionamento doméstico tem de ser reajustada, adaptada ao mundo atual, de modo a pôr a tônica na praticidade e não no requinte: a pretensão saudosista de reproduzir "o sistema da casa de mamãe" teria de ficar reservada aos milionários. E, naturalmente, na medida em que marido e mulher compartilham as tarefas sociais, devem compartilhar também as do lar — incluindo no nutirão os filhos de ambos os sexos.

O aspecto mais importante, porém, é a preocupação obsessiva das mulheres com a perfeição — ou algo que se aproxime dela. A partir do momento em que se revelaram capazes de atuar com eficácia no mundo lá fora, sentem-se obrigadas a mostrar-se perfeitas e inexecutíveis no desempenho dos papéis de dona-de-casa, esposa e mãe. Parece evidente que, tendo interiorizado os preconceitos machistas, a mulher que trabalha acredita estar usurpando privilégios masculinos e sacrificando sua feminilidade; culpada e angustiada, ela exacerba então suas "virtudes femininas" para, de algum modo, fazer-se perdoar pelo marido, filhos, sociedade.

Enfim, acho que as mulheres trabalhadoras poderão encerrar seus problemas com mais serenidade a partir do momento em que se desligarem dos preconceitos tradicionais sobre o papel feminino, procedendo a uma reavaliação objetiva de sua situação no mundo atual.

FIM

CUIDADO: ATÉ NOSSO SEXO ESTÁ SOB CONTROLE



A julgar pelo que dizem, pelo que me escrevem, pelo que involuntariamente revelam em seus gestos, atitudes e reações, nota-se que as mulheres cada vez mais sentem-se incômodas dentro da pele, acossadas por uma vaga insatisfação, anseios indefinidos, uma sensação como de abafamento, de vazio sem perspectivas. Queixam-se de que *algo lhes falta* — e não sabem o que é. Tateiam um pouco ao acaso, apontam para aqui, ali, acolá: é porque não posso trabalhar fora, ou porque trabalho demais, ou porque não gosto do meu trabalho, é porque não arranjo empregada, é porque as crianças estão numa fase difícil, é porque não tenho tempo para nada, é porque estou envelhecendo, é porque meu marido já não é o mesmo — mas no fundo nenhum desses pretextos chega a convencê-las: elas têm a íntima certeza de que seu mal-estar vai além das causas circunstanciais que invocam.

Esse é o problema que Betty Friedan definiu como "o mal sem nome" — mais precisamente, a crise de identidade. Decorre da carência de um centro de gravidade, de um ponto de equilíbrio: a noção do próprio eu, a consciência de si mesma. Não se trata de

Antigamente, o homem exigia da mulher pureza e castidade.

Hoje, as coisas mudaram, mas eles continuam donos da situação: agora somos acusadas de sermos frias e imaturas sexualmente. Como chegar a um ponto de equilíbrio, a uma vida sexual tranqüila e feliz? Esta é a pergunta que tentamos responder aqui.

UM ARTIGO DE CARMEN DA SILVA

estar ou não realizada como ser humano, como mulher, como mãe; a questão é mais grave: esse potencial de realização, essa personalidade que surdamente reclama seus direitos, são completos desconheci-

dos: a mulher ainda não desvendou seu próprio "enigma", não descobriu *quem ela é*.

São tantos os mitos que a cultura masculina inventou sobre nós, com tanta insistência e eficácia eles nos foram mar-

telados na mente e no espírito que se torna sumamente difícil tomarmos uma consciência objetiva do que somos. Puse-ram-nos ante os olhos um espelho deformante, roubaram nossa verdadeira imagem, dando-nos em seu lugar um amontoado de clichês e ameaçando-nos com os castigos do inferno — o desamor, a solidão, o ridículo — se não nos ajustássemos a eles. Fomos despersonalizadas, robotizadas, despojadas até de concreção: mulher não existe em si, sem referência ao homem: ela é a mãe, a esposa, a noiva, a irmã, a filha — enfim, ela é o papel que desempenha, *de fato ou não*, junto ao homem. Ao dizermos "sou mulher", nossa representação mental não traduz realidade nenhuma ligada ao ser humano, ao ser feminino: o que ela traduz é uma colcha de retalhos de chavões que nos foram aplicados. Somos mero reflexo da ideologia criada pela sociedade patriarcal.

Quer a mulher aspire a uma genuína emancipação, quer ela não pretenda senão atingir um certo grau de segurança e harmonia interior, o primeiro e indispensável passo a dar é a reconquista de si mesma. Recusar a visão distorcida que o espelho masculino lhe apresenta e ver-se através dos próprios



olhos, julgar-se por critérios próprios, assumir seus próprios valores, necessidades e projetos. Enfim: descobrir o que ela é.

Em artigo anterior, assinalai alguns aspectos dessas distorções que nos impingem: a imagem que a cultura nos dá sobre nosso próprio corpo (mulher = homem mutilado e, portanto, arcando com uma carga inata de carências e inferioridades) e a conseqüente apropriação que o homem faz da maternidade, reservando-se o controle sobre ela (estímulo ou desestímulo à natalidade, legislação sobre anticoncepção, aborto, etc.) e o exercício do pátrio poder. Gostaria de focalizar agora um ponto que vem despertando muita revolta, manifesta ou recalçada, entre as mulheres: a visão patriarcal da sexualidade feminina.

Tendo-se erigido em proprietário de nossa maternidade, o homem torna-se também dono de nossa sexualidade: o ventre feminino é uma fábrica que ele empresa segundo seus interesses.

Ora, não é tarefa simples dominar e manejar um instinto vital ao sabor do capricho alheio. Aliás, os próprios homens vaidosamente afirmam que, *neles*, a sexualidade é incontrolável. Precisaram, pois, pôr em ação um vastíssimo aparelho de persuasão — o poder estatal, a religião, a filosofia, todas as ciências e técnicas, da biologia à cibernética, da psicologia à comunicação —, enfim, todos os possíveis instrumentos de manipulação ideológica (isto é, de lavagem cerebral) para convencer-nos de que a sexualidade feminina é, *por natureza, completamente diferente da do homem*. En-

PRIMEIRO, ELES EXIGIAM PUREZA DE CORPO E ALMA

quanto neles é imperativa, premente e inespecífica, dirigindo-se de modo indiscriminado a qualquer objeto, em nós ela seria apenas um aspecto acessório que só aparece — quando aparece — ligado a sentimentos de ternura, dedicação exclusiva e incondicional, impulsos de aninhar, cuidar, submeter-se, servir. Tais impulsos e sentimentos — sempre segundo eles — podem existir sozinhos, sem quaisquer matizes sexuais. Estes poderiam permanecer latentes a vida inteira, a menos que um homem muito especial (na mente de cada um deles: “eu, por exemplo”) se dispusesse a despertá-los. Fora dessas circunstâncias, a sexualidade feminina seria anormal e, portanto, condenável.

A MULHER SÓ DESEJA O “GRANDE AMOR DE SUA VIDA”

Não quero ilustrar esse ponto remontando-me às épocas em que a adúltera ou a solteira não casta era apedrejada até a morte. Deixo de lado o que ocorria há apenas quarenta ou cinquenta anos, quando a única atitude possível de uma esposa digna era submeter-se ao sexo sem nenhum prazer, a título de obediência conjugal e abnegada concessão às exigências “menos nobres” da natureza masculina. Passo por alto inclusive algumas situações mais do que corriqueiras no Brasil de hoje: jovens punidas e até expulsas de casa por uma transgressão sexual, moças que se autodesvalorizam por não mais serem virgens, homens que controlam com pulso de ferro a moral familiar, enquanto se fazem de garanhões lá fora, sobretudo com mulheres de condição humilde — empregadas domésticas, esposas e filhas de colonos, postulantes a empregos. Penso de-

ter-me apenas no que acontece hoje, aqui e agora, com as mulheres — solteiras, casadas, mães de família — da classe média urbana esclarecida.

Mais forte, profunda e persistente do que certas noções importadas de permissividade que andam no ar, a educação familiar e o código social enfanaram na mente feminina — e agigantaram em seu superego — a idéia de como deve ser uma “verdadeira mulher”. Dela se espera, entre outras coisas, recato, contenção, coqueteria inocente compensada por um rigoroso domínio dos instintos.

Suas aspirações devem ser de ordem institucional: o marido, o lar, os filhos. Seus impulsos sexuais não têm direito de se manifestarem por si mesmos: só se tornam lícitos quando acompanhados dos mais românticos e definitivos sentimentos: mulher deseja “o grande amor de sua vida”, “o homem que escolheu para sempre” e nenhum outro. Senão, já seria pouca-vergonha.

CEDER PARA NÃO PERDER O NAMORADO. MAS, E A CULPA?

Junto ao preconceito moral vem outro de ordem francamente utilitária. Está culturalmente estabelecido que no jogo amoroso corresponde à mulher o papel de caça — e quanto mais esquiva, mais estimulante para o caçador, que assim estaria mais exposto a cair em seu próprio laço e terminar caçado (casado). Mulher fácil é muito desvalorizada, “não arranja marido”, os homens só querem é aproveitar-se dela e ridicularizá-la. Espicaçar e resistir, além de ser a atitude moral “certa”, outorga à mulher um ilusório espaço de manobra, uma enganosa sensação de estar dirigindo a cena. Dessexualizada

pelo homem, ela vingava-se especulando justamente com a sexualidade dele.

Abramos aqui uma exceção: a mulher que já passou por mãos masculinas se tornaria, sempre segundo eles, descontroladamente sexual. A solteira não virgem deveria ser pasto de todos: “Por que não eu?” A desquitada e a viúva atraentes são confrontadas a cada instante com as mais grosseiras propostas de “beneficência” gratuita: “Finalmente, você deve estar precisando!” Uma vez desperta para o sexo, ai dela se não for propriedade privada de alguém.

A transgressão do código sexual que a sociedade nos impõe acarreta, em geral, conseqüências cruéis; não menos cruéis são os sofrimentos físicos e psíquicos que advêm de seu cumprimento. A jovem solteira, ante o impetuoso despertar de sua sexualidade, sente-se esmagada de culpa, confusão, desprezo por si mesma. Eventuais efusões eróticas com o namorado mergulham-na num abismo de auto-recriminação: a própria e a que ela atribui, quase sempre com razão, a ele, que passaria a depreciá-la. Angustia, jura a si mesma conter-se, não reincidir. Mas surge nova oportunidade, ele exige carícias, ameaça zangar-se, ela deixa-se vencer pela força do instinto e pelo receio de perdê-lo se não ceder. O até-onde-se-pode-ir, o problema de não contrariar o namorado nem arriscar seu desprezo, o descobrir se ele insiste por desejo ou com a intenção maldosa de “aproveitar-se” ou pô-la à prova ainda hoje constituem um tormento para as jovens. Não poucas chegam a considerar-se anormais, temendo para si um triste futuro: a que objeções não as arrastará sua sexualidade? Empenham-se então num penoso esforço de repressão, reafirmando sua natureza, procurando mutilá-la em favor do

mito. Ou seja: passar da saúde à doença.

ELA FANTASIA PAIXÕES SÓ PARA JUSTIFICAR O SEXO

Com frequência, essa luta inglória entre o instinto e o preconceito conduz a um processo psicológico de auto-engano. Posto que só o amor legítima o desejo feminino, muitas mulheres tratam de convencer-se de que estão apaixonadíssimas por um indivíduo que, na verdade, simplesmente as atrai. Ou nem isso: é apenas o que está mais próximo, mais à mão para estimular e canalizar sua sexualidade. O convívio, as excitações expansões criam um laço

sensual que elas precisam rotular de "grande" amor para justificar-se ante seus próprios olhos. Ou o parceiro não participa da farsa sentimental e elas sofrem a dor e a humilhação do amor não correspondido, ou ele entra no jogo e podem chegar a um casamento que desemboca em desastre quando a realidade derrota a fantasia.

O amor fabricado à força como excusa moral também é comum entre mulheres casadas que tiveram alguma aventura extraconjugal; para em certo modo legitimá-la, sua imaginação tece os mais exaltados sentimentos, dedica-se a cultivar a idéia da grande paixão impossível, atormenta-se com ela durante anos a fio.

Com o correr do tempo, as ideologias exigem alguns rea-

justamentos, tanto mais necessários quando a ciência e a técnica avançam às disparadas, suscitando contradições.

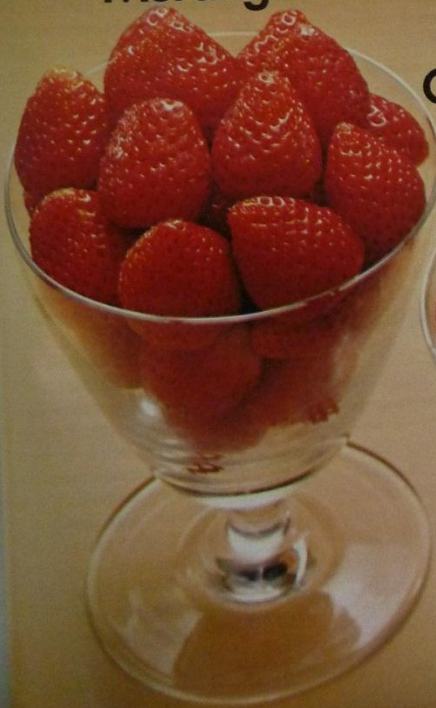
A PÍLULA: UM PASSO EM FALSO PARA A LIBERDADE

O temor à superpopulação mundial, por exemplo, apresou o lançamento da pílula anticoncepcional (aliás, parece que nem houve tempo de torná-la inofensiva à saúde). Esta, por sua vez, ao dissociar a sexualidade feminina da maternidade, veio outorgar, *pelo menos em teoria*, maior espaço de liberdade à mulher: consequência indesejada mas inevitável, que exigia uma revisão dos velhos códigos.

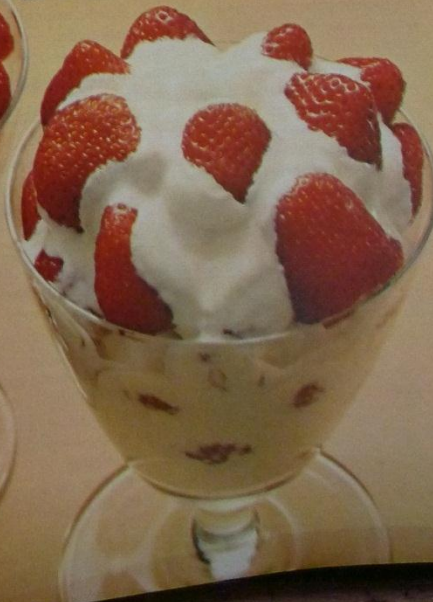
Era preciso modernizar a fachada, mas sem abrir mão dos freios e restrições que garantem ao homem o domínio sobre a sexualidade feminina. Tratou-se, pois, de *regularizar novos comportamentos antes que a mulher percebesse sua chance e começasse a tomar liberdades por sua própria iniciativa*.

Nesse sentido, deu-se o dito por não dito. De um momento para outro, sexo deixou de ser privilégio masculino: também a mulher tem direito ao prazer. Aliás, mais do que direito: o orgasmo, que antes era quase um atestado de "virilidade psicológica", transforma-se em obrigação. Pretendeu-se que a mulher abandonasse bruscamente séculos de condicionamento repressivo e virasse os ponteiros sem demora na direção segue

Morangos.



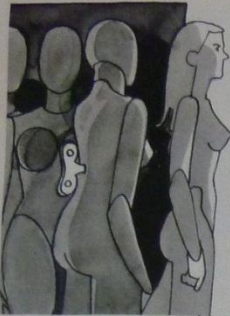
Morangos envolvidos pelo Creme de Leite Nestlé.



Veja só no que dá quando você usa um creme de leite natural e pronto para servir. O Creme de Leite Nestlé é puro creme de leite. E só o Creme de Leite Nestlé envolve, deliciosamente, morango por morango. Faça esta demonstração ao vivo e prepare-se para repetir o espetáculo.



Gostoso até o fim.



oposta; trata-se de convencê-la de que há algo erradíssimo com a mulher que não atinge o clímax sexual. O que constitui, é claro, um novo modo de enquadrá-la, culpabilizá-la, inundá-la de sentimentos de inferioridade e frustração. Antes tão culpada por apenas sonhar com o prazer sexual, agora tem de culpar-se por não o obter. O que ninguém lhe diz é que esse “algo errado” está no sistema patriarcal e não nela.

SEXUALIDADE LIVRE... PORÉM COM UM SÓ HOMEM

A nova ênfase no orgasmo feminino vem servindo de pretexto para transformar as relações sexuais numa espécie de acrobacia de circo ou de pista olímpica: cursos, terapias, ginásticas, livros, conferências, práticas de exercícios constantes para aperfeiçoar a técnica e melhorar a *performance*. A eficiência sexual, a resposta a tais ou quais estímulos, o tempo, a intensidade, tudo vem sendo medido, tabelado, computado, reduzido a fórmulas. Antes de conceder-nos a sexualidade, o sistema tudo fez para desumanizá-la, esterilizá-la, rodeá-la de ritos de modo a torná-la compulsiva e geradora de ansiedade. Que acontecerá ao sistema se a mulher resolvesse ser simplesmente natural e viver seu corpo sem problemas?

Na verdade, a aparente reviravolta não consegue disfarçar o ranço da ideologia tradicional que a inspirou. Mesmo tendo passado de tabu a dever, a sexualidade da mulher ainda é

AGORA, RECLAMAM QUE SOMOS FRIAS

vista como “diferente por natureza”. Textos e discursos de tom “científico” afirmam, por exemplo, que a resposta sexual feminina é muito mais lenta que a do homem. Talvez seja estatisticamente certo — assim como é estatisticamente certo que as japonesas que usavam tamancos estreitos ficaram com os pés deformados. Ninguém conjectura, porém, se essa maior lentidão decorre de sua fisiologia, de sua natureza de mulher, ou de sua *necessidade condicionada pela cultura machista* de assegurar-se do interesse do companheiro, sentir que não está sendo usada como objeto de desafio que logo será depreciado. O fato de não ter pressa, a atitude gentil e atenciosa viriam desse modo atenuar as inibições que o próprio preconceito sexista vem inculcando nela há muitos séculos.

Outra diferença seria que o clímax feminino não vem como reação espontânea e sim como resultado de uma paciente aprendizagem, um longo período de treinamento e adaptação nos braços de um parceiro ao qual ela está unida pelo hábito e pela confiança. Em outras palavras: o marido. Sexualidade livre... porém estritamente conjugal.

Isso não quer dizer que a mulher solteira, omitida no “manual de técnicas” seja deixada em paz: também ela recebe a pregação de que a satisfação sexual é obrigatória, de que mulher abstinentes é quadrada, anormal, neurótica — ou se ainda não é, está a um passo.

Com isso, conseguiu-se enfiar na cabeça das moças — pelo menos nos círculos de certa sofisticação intelectual — que a virgindade, mesmo voluntária, é um fardo humilhante, levando-as a precipitar experiências que talvez nem sequer desejem. Muitas, inclusive, aceitam o parceiro menos agradável, pensando: “Bem, se

este depois me desprezar e virar as costas, tanto dá”. É o tabu funcionando dentro do contratabu, são os preconceitos não superados reclamando seus foros; no companheiro desvalorizado, elas projetariam a própria desvalorização que, na qualidade de moças “evoluídas”, recusam-se a admitir.

Tenho testemunhado dolorosos conflitos de jovens que, na aparência, levam uma vida sexual desenvolvida mas sem convicção íntima, sem estrutura psicológica para sustentar seus atos. E eu me pergunto como poderiam tê-las.

O fato é que liberdade — sexual ou qualquer outra — significa possibilidade de escolha e esta a mulher ainda não a tem. Nem a terá enquanto não se mexer no essencial: o relacionamento de pessoa a pessoa entre os sexos, a posição da mulher dentro do sistema patriarcal.

Nossa imagem continua inalterada. À mulher, e só a ela, atribui-se a responsabilidade pela preservação dos valores morais da família e, através desta, os da sociedade: cabe-lhe perpetuar pela educação e pelo exemplo edificante as instituições e os chamados bons costumes, mola mestra da própria ideologia machista que a oprime.

ELE NUNCA SE JULGA RESPONSÁVEL PELA “FRIEZA” FEMININA

A mentalidade masculina mantém-se impavidamente imodificada. Através de seus veículos de manipulação ideológica, a cultura masculina continua impondo um conceito de feminilidade praticamente igual ao de sempre: doçura, dedicação, diligência, fidelidade, submissão.

A mulher-cartaz, provocante e *sexy* que a publicidade nos

mostra só serve para vender mercadorias ao público em geral e sonhos difusos a cada homem em particular.

Ao lado desses sonhos, a realidade cotidiana que eles cobram de nós é um conjunto de virtudes, condutas e atitudes pautadas pelos seus próprios desejos e interesses, pelas suas necessidades de segurança e auto-afirmação. Talvez nos abram uma brecha para sermos até astronautas ou chefes de Estado... à condição de permanecermos “femininas”, isto é: *acima de tudo*, esposas e mães. O “acima de tudo” representa a garantia de que, sejam quais forem nossas realizações externas e nossas aspirações íntimas, só nos sentimos gente em função deles.

Se o homem não admite ser questionado em seu papel social, muito menos ainda o admitiria quanto a seu desempenho sexual. Muitos sexólogos afirmam que grande parte das dificuldades sexuais femininas decorre da inabilidade do parceiro. Em teoria, não poucos leigos concordam, inclusive criticando o comportamento de outros homens que conhecem. Mas são sempre *os outros*: nenhum coloca o caso em si. Qualquer insinuação da mulher nesse sentido fere fundo seu amor-próprio e eles reagem com agressão, jogando toda a culpa nela. Eu própria recebo uma infinidade de cartas de leitoras queixando-se da falta de jeito e de sensibilidade do companheiro.

Exorto-as a tentarem o diálogo, a dizerem delicadamente a ele o que me dizem — mas confesso que tenho pouca fé nos resultados. A tal ponto a vaidade sexual masculina é intocável, a tal ponto a mulher foi condicionada a calar seus desejos e pensar que em matéria de sexo só o homem é entendido, que um diálogo dessa índole exige quase heroísmo — e, ou pára na metade, ou conduz a uma briga feroz. Os

para vender
público em be-
ra a cada ho-
t.
es sonhos, a
na que eles
um conjunto
lutas e atitu-
ões seus pró-
teresses, pelas
s de seguran-
ção. Talvez
brecha para
autas ou che-
à condição
nos "femini-
na de tudo, es-
O "acima de
a garantia de
forem nossas
nas e nossas
is, só nos sen-
ção deles.
ão admite ser
seu papel so-
is ainda o ad-
seu desempe-
tos sexólogos
nde parte das
ais femininas
lidade do par-
i, não poucos
am, inclusive
omportamento
ns que conhe-
sempre os ou-
loca o caso em
nsinuação da
ntido fere fun-
prio e eles re-
são, jogando
la. Eu própria
nidade de car-
ueixando-se da
e sensibilidade
entarem o diá-
delicadamente
dizem — mas
enho pouca fe-
A tal ponto a
masculina é in-
sonto a mulher
la a calar seus
r que em mate-
o homem é en-
o diálogo dessa
uase herosismo
na metade, ou
briga feraz. Os

mesmos homens que nos rotu-
laram de fingidas ficariam
ofendidos se suas mulhe-
res não simulassem o prazer
que eles não lhes dão.

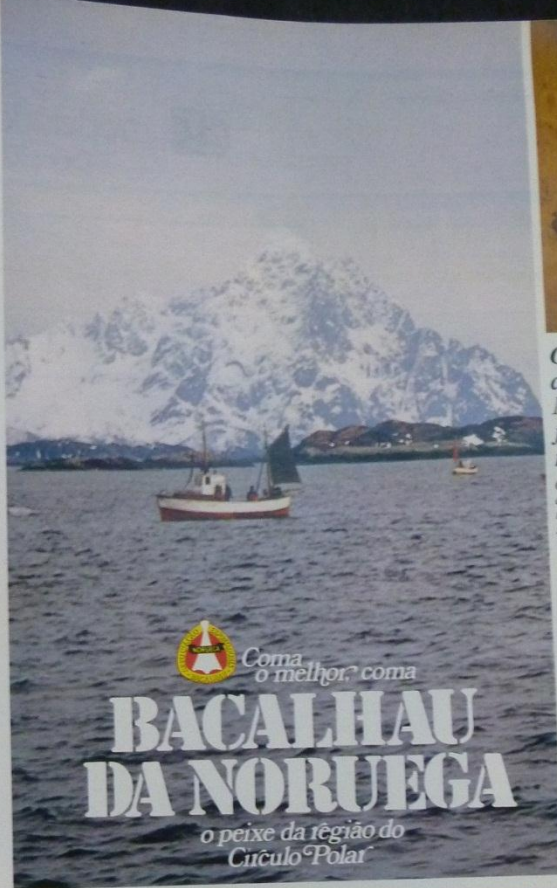
QUANDO ELA DEIXARÁ DE SER PASSIVA PARA SE TORNAR PARCEIRA?

Sobretudo, o homem co-
mum de nenhum modo aceita
renunciar ao papel de caçador
— e a mulher comum teme os
riscos que correria se não se
prestasse a esse jogo. Tradicio-
nalmente associada a idéias de
prestígio e dominação, a sex-
ualidade masculina tornou-se
predatória, mais importante
como demonstração de poder
do que como fonte de prazer.
Fora desse esquema, o homem
sente-se defraudado, castrado.
Segundo um eminente sexoló-
gista italiano, dr. Giovanni
Caletti, o atual incremento da
impotência e da homossexuali-
dade masculinas seria uma
apavorada resposta a um
maior grau de desinibição e
iniciativa por parte da mulher.

O tema foi apenas aflorado:
ele mereceria um tratamento
muito mais extenso e exausti-
vo. Creio, entretanto, ter dado
pelo menos uma idéia de como
até nossos mais legítimos im-
pulsos instintivos foram detur-
pados pela cultura masculina e
reinventados à moda dela. De
como fomos distanciadas de
nossa própria realidade, sen-
tindo, pensando e agindo por
controle-remoto.

Um auto-exame sincero e
sem preconceitos, um confronto
entre nossa "realidade real" e
a figura ideal que nos apresen-
tam para que docilmente a co-
piemos nos revelará pouco a
pouco a que ponto nos foi
usurpada nossa identidade.
Reconstruí-la a partir de da-
dos verdadeiros parece-me a
tarefa mais compensadora que
possa empreender qualquer
mulher.

FIM



O mar ao longo da costa Norueguesa é frio, limpo e rico em peixes.

O peixe norueguês está colo-
cado entre os melhores do
mundo; rico em proteínas e
saúdável, é uma fonte de alto
valor nutritivo.
O bacalhau norueguês é um
produto especialmente salga-
do e seco que contém, em alto
grau, todas as boas caracterís-
ticas do peixe fresco. O valor
nutritivo de 1 kg de bacalhau
corresponde a cerca de 3,2 kg
daquela encontrado no peixe
fresco; pobre em gordura, ri-
co em iodo, minerais e vitami-
nas, saudável, nutritivo e de
fácil digestão, um produto na-
tural, simples, puro e mundi-
almente conhecido.
O bacalhau norueguês pode
ser servido de diferentes ma-
neiras e em deliciosas varia-
ções.

Bacalhau no espeto

Ingredientes: bacalhau em pe-
daços; pimentões cortados;
cebolas cortadas; champi-
gnons; sumo de limão; alho
amassado; folhas de orégano;
pimenta moída (grossa). Par-
te-se o bacalhau aos pedaços e
demolha-se durante um dia
(24 horas). O bacalhau e legu-
mes, pimentões, cebolas e
champignons são enfiados no
espeto.
Colocar os espetos num prato
e molhar com um molho feito
com azeite, sumo de limão,
alho amassado, folhas de oré-
gano e pimenta moída (gros-
sa). Deixar repousar 1/2 hora



e levar à grelha. Aconselha-se
ter ao lado, um frasco de bor-
rifar, pois os pingos de azeite
podem acender o curvã.
Os espetos depois de grelha-
dos colocam-se em cima do
arroz. Em vez do arroz pode-
se servir batatas assadas no
forno com nata azeda e cebo-
linha cortada miudinha.
Acompanhar com pão fran-
cês e salada.
Também se pode servir com
um molho preparado com os
seguintes ingredientes: ket-
chup, um pouco de água, oré-
gano e algumas gotas de azei-
te, sumo de limão, um alho
amassado e pimenta moída
(grossa).
Deixar o molho ferver 15 mi-
nutos em fogo muito brando.

MULHER, A GRANDE E AGRESSÕES

Quantas vezes a mulher é vítima de agressões sem perceber? Pequenos gestos, como um empurrão ou um aperto no braço, podem significar o começo de outras violências mais sérias. Por que bofetões e tapas não são fatos exclusivos das crônicas policiais? Acontecem com maior frequência do que se imagina. A mulher precisa tomar consciência de tudo isso para poder se defender e se fazer respeitar como ser humano.



UM ARTIGO DE CARMEN DA SILVA

Pessoas bem integradas na sociedade, cumpridoras das leis e dotadas do que se convencionou chamar de "sensibilidade moral média", sentem justificado alarme ante o terrível incremento da violência entre nós e no mundo em geral. Refiro-me aqui especificamente à violência física, ao ataque dirigido contra a vida ou a integridade corporal da vítima. Não que eu subestime outras formas, não menos mortíferas, de violência: a agressão econômica, os atentados contra a identidade, a liberdade, a dignidade e muitos outros; se estou me limitando a abordar a violência sob seu aspecto mais óbvio e cru é apenas por uma questão de espaço e clareza.

Chegou a hora de colocar algumas perguntas fundamentais a respeito. A violência física é coisa somente de marginal, de delinqüente "assumido", ou permeia também a conduta dos cidadãos honestos e bem-pensantes? Até que ponto estes últimos prestariam, muitas vezes, uma tranqüila cumplicidade ativa ou passiva a atos brutais, mesmo que não os cometam pessoalmente?

Posta nestes termos, a questão talvez desperte uma pri-

meira reação de, pelo menos, surpresa. Examinemos, porém, a violência contra o sexo feminino.

Os abusos físicos contra a mulher em geral só chegam aos tribunais se houve uma clara, precisa, inequívoca ruptura da lei em circunstâncias impossíveis de ocultar. Lesões corporais, por exemplo, é caso ambíguo; abrangem infinitas gradações, as marcas que deixam podem ser imputadas a acidentes ou apresentadas como tendo sido auto-infligidas. Mulher surrada, castigada, sequestrada — mas quem viu, quem garante, quem testemunha? O mais freqüente é que tudo acabe ficando no âmbito privado: dentro de casa, em família e aqui não aconteceu nada, não senhores.

Já o homicídio é diferente. Fisicamente, um cadáver atravança e não é fácil desfazer-se dele. Juridicamente, tem de ser explicado. Mulher espancada, estuprada, maltratada, pode calar a boca — e quase sempre é o que ela acaba fazendo por ser a atitude mais prudente. Assassinada, porém, seu corpo fala por ela, transforma-se num grito, num clamor de justiça.

No entanto, muitas vezes é um grito que soa em vão. O

assassino confesso de Ângela Diniz aguarda em liberdade um julgamento que promete se espichar até as calendas gregas. O indivíduo fortemente suspeito de ter assassinado a jovem Cláudia Lessin Rodrigues, e certamente culpado de ter-lhe fornecido drogas em doses cavalares e de ter jogado seu dacáver ao mar, hoje circula à vontade pela Suíça, onde ele pôde (nós não podemos) chegar sem atestado de bons antecedentes e sem arcar com o ônus do "depósito prévio". Os acusados do estupro e morte da menina Aracelli estão soltos, tranqüilos e muito bem de saúde. Nada mais se soube sobre o assassinato da contadora Haydée, sobre o malcondado "suicídio" da jovem Carmen Dolores, sobre o processo contra o homem que matou sua esposa de 21 anos e grávida de cinco meses. Deixando de lado as folhas sensacionalistas e lendo somente a imprensa convencional e moderada do Rio de Janeiro, encontro infinidade de exemplos semelhantes: mulheres são sequestradas, assassinadas — e fica tudo por isso mesmo. Esse silêncio, essa indiferença se parecem demais com uma cumplicidade pelo menos tácita. E é muito comum que a convên-

cia social se manifeste aberta e francamente. Enquanto o assassinato de Ângela Diniz ainda ocupava manchetes, assistimos a um verdadeiro festival de irracionalidade. Órgãos de comunicação, juristas, elementos representativos da sociedade declararam alto e bom som (e o povo, cuja opinião eles dirigem, fez coro) que a moça, volúvel e leviana, "merecia e provocou o assassinato". As boas consciências, os cidadãos bem instalados na vida preferiram essa clamorosa aberração que a chamada imprensa séria divulgou e endossou. O ilustre defensor do réu assim se expressou em entrevista a um prestigioso matutino carioca: "Hoje os casos que vão a júri são os do Esquadrão da Morte, assaltos a mão armada ou homicídios cometidos sem uma motivação que seja nobre, que seja digna. O crime passionnal está diminuindo, não sei por quê". Não lhe bastou defender seu cliente que lhe pagava para isso — e que a opinião dirigida já transformara em herói romântico; não lhe bastou lamentar (!!!) que os crimes dessa índole não fossem mais freqüentes nos prosaicos dias que correm; do alto de seu renome e autoridade, ele outorgou ao assassinato

DE VÍTIMA DE CRIMES

uma auréola de nobreza e de dignidade.

LEGÍTIMA DEFESA DA HONRA É PRIVILÉGIO DO HOMEM?

A observação nos mostra que, quando um homem assassina uma mulher, a boa consciência da sociedade só se abala se nunca houve entre eles qualquer relação com o mais tênue matiz sexual. Matar para roubar, assassinar a velha parenta com olho na herança, liquidar a sócia para apoderar-se de seu patrimônio são atos que invariavelmente despertam indignação e revolta. Mas matar a esposa, a concubina, a amante, a namorada, atuais ou ex, ou até mesmo a mulher pretendida e jamais conquistada provoca logo uma curiosa inversão de critério: automaticamente a vítima passa a ser culpada e o assassino assume o papel de vítima. Quando um homem mata uma mulher com quem tem, teve ou pretendeu ter qualquer vínculo, a sociedade, as instituições, os costumes, os cidadãos honrados e bem-pensantes precipitam-se a colar rótulos atenuantes e a pôr panos quentes: crime passionnal, forte emoção, legítima defesa da honra.

Não se discute o conceito em si de passionalidade e forte emoção; pelo contrário, evita-se cuidadosamente mostrar sua verdadeira face feita de violência, possessividade, coisificação da mulher, intolerância, macheza de rufião que prefere destruir a ver seu domínio contestado. A "honra" do assassino — seja ele um homem honrado ou não — é o rótulo pretensamente jurídico que procura disfarçar a verdade: a brutalidade, um exacerbado senso de propriedade do objeto-mulher, uma delirante suscetibilidade ao escárnio — e o escárnio é o castigo que a sociedade bem-pensante impõe ao homem cujo domínio sobre a fêmea foi de

algum modo questionado. A justiça e a opinião pública passam a preocupar-se com o comportamento privado da vítima, à luz de leis não escritas, inspiradas numa moral medieval. Seus menores atos, gestos e palavras, seu passado remoto e até suas possíveis intenções secretas são minuciosamente devassados no empenho de transformar o assassino em justiceiro e convalidar seu ato com reação "normal" do indivíduo ofendido em seus brios. A chamada "defesa da honra" é uma das mais sinistras farsas que a sociedade nos impinge.

A antropóloga social Mari-za Correa, em sua tese de mestrado (*Os Atos e os Autos — Representação Jurídica dos Papéis Sexuais*, Universidade Estadual de Campinas, 1975), acompanha passo a passo 35 julgamentos de homens que cometeram ou tentaram o homicídio chamado passionnal. Desses processos extraíram algumas ilustrações significativas. Após dezessete anos de casados, o marido mata a mulher, que, cansada de maus-tratos e desentendimento, pretendia abandoná-lo. O assassino alega "que desconfiava de sua mulher pois a vaidade excessiva para uma mulher casada, mãe de família, era de causar dúvidas". O trabalho dela numa repartição (onde também conseguira colocar o marido que durante oito anos não se fixara em nenhum emprego) foi interpretado pelo júri como prova de seu descaso pelo lar e seu afã de ostentar luxo. Por incrível que pareça, as testemunhas foram inquiridas até sobre o número de pares de sapatos que a vítima possuía! Fundamentando-se nesta e noutras minúcias do mesmo calibre, o júri aceita a tese da legítima defesa da honra. No recurso do promotor vamos, por fim, encontrar um apelo à lei e ao bom senso: "O cônjuge que se julga traído (ainda que sem razão plausível) lavra com tiros de revólver a sentença de morte de sua consorte,

fazendo com que o adultério, sem prova concreta, seja o único crime punido com pena de morte — e esta imposta pelo particular, a um tempo acusador, juiz e algoz".

Outro homem, já com antecedentes policiais, chega em casa embriagado e castiga tão brutalmente a esposa e as filhas a ponto de ir parar na cadeia, de onde é tirado por "pessoas influentes". A mulher refugia-se com as crianças em casa de parentes onde o marido se apresenta dias depois, instando-a a voltar. Ante a negativa, mata-a com um tiro de revólver, ferindo inclusive a filha que estava no colo da mãe. Alega a defesa: "Fulana, em sua frialdade marmórea, dirigia ofensas ao acusado, tripudiando sobre seus sentimentos mais nobres, ferindo-lhe acerbamente a honra... Arquejante ao peso de sua desgraça incomparável, o acusado saca uma arma e atira contra a esposa. Sacrifica o ser que mais adora. Ofensas à sua honra, ele que não merecia, não as ouviria mais. Insultos, afrontas, ultrajes não mais existiriam. Sua dignidade, num ímpeto paroxístico, ele defendera"...

Demos a essa subliteratura o devido desconto: a função do defensor é exculpar seu cliente. Mas atentemos para um fato importante: se ele esgrime certos argumentos é porque sabe que eles encontram eco, repercutem, impressionam os jurados, coincidem com os preconceitos do cidadão médio. Se ele explora a nota da honra viril (de um homem bêbedo, violento e com antecedentes penais), se ele afirma que mulher que rejeita um marido que a espanca e brutaliza "merece" a morte é porque essa é a linguagem certa para sensibilizar os representantes da sociedade em que vivemos.

A autora da tese acima citada faz um levantamento provando que, se na época do crime, o homicida tem emprego e trabalha mais ou menos a con-

tento, isso conta pontos quase decisivos a seu favor, não importa quão violento e brutal ele se tenha mostrado nas relações com o outro sexo. O homem é julgado por sua utilidade social imediata e o crime passa a segundo plano. Já a mulher é julgada por um padrão moral de recato, modéstia, confinamento ao lar, docilidade ante o marido, abnegação materna e laboriosidade doméstica.

Esta é a imagem feminina oficial, não importa quão antiquada, quão divorciada da realidade dos dias de hoje. Quanto menos a mulher se pareça a esse modelo ideal congelado no tempo, mais a justiça e a sociedade se ensanham contra ela, procurando legitimar sua eliminação.

Enquanto continuarmos aplicando dois pesos e duas medidas, conforme o sexo; enquanto a mulher for considerada objeto de propriedade; enquanto ela for encerrada num estereótipo santimonial de virtudes materno-domésticas, a própria sociedade estará contribuindo para engrassar a estatística criminal.

QUANDO A VÍTIMA SE TRANSFORMA EM CULPADA...

Dados recolhidos num processo que corre na 7.ª Vara Criminal do Rio de Janeiro: às 20h30 do dia tal, N.N., 53 anos, casada, passeava na avenida Atlântica em companhia de uma menor, filha de sua empregada, levando dois cachorrinhos pela trela. Um dos animais desvencilhou-se e escapou para a praia; ao correr atrás dele, foram surpreendidas por quatro indivíduos que se jogaram sobre elas, lançaram brutalmente N.N. ao chão, rasgaram-lhe as roupas e submeteram-na a conjunção carnal com três deles, enquanto o quarto imobilizava a criança.

Não é um fato excepcional: segue

NOS CRIMES CONTRA A MULHER, A SOCIEDADE JOGA A PRIMEIRA PEDRA

em quatro meses, as delegacias do Rio de Janeiro registraram 171 queixas de estupro — e a polícia estima que, de cada cem casos, apenas um é denunciado. Em geral, os atos de violência sexual só transcendem pelo concurso de outras circunstâncias que impossibilitam o ocultamento: assassina-

to da vítima ou de seu acompanhante, presença de testemunhas alheias à família (como no caso de uma menor de idade que os violadores retiraram a força do velório de seu pai).

Confidências cochichadas, desabaços íntimos, indiscrições do pessoal de serviço nos

revelam que nos assaltos domiciliares, hoje rotineiros, as mulheres são habitualmente estupradas.

E, no entanto, calam. Denunciam os roubos e os maus-tratos, exibem hematomas, lista dos valores subtraídos, mas, sobre a violação, nenhuma palavra. E é muito fácil compreender seu silêncio: estamos cansados de saber que em caso de estupro, a sociedade cai com todo o seu peso sobre a vítima, procurando humilhá-la e culpabilizá-la.

E, no entanto, é mais do que óbvio que a própria sociedade fomenta o estupro. O consumismo estimula de mil modos o desenfreado instintivo. Temos uma inflação de subliteratura e pseudo-arte pornográfica, exacerbando uma sexualidade doentia, violenta, impessoal, completamente dissociada de vínculos humanos. A publicidade faz uma descarada exploração do corpo feminino, apresentando uma visão degradante da mulher: ou mero objeto de uso sexual ou anjo do lar manipulando detergentes e ele-

trodomésticos; ou scios e nádegas em oferta, ou mãos de cozinheira-faxineira.

A família dita bem constituída, isto é, bem integrada nos esquemas vigentes, incute nos filhos varões o desrespeito pela mulher e a irresponsabilidade sexual, ensinando-lhes que “homem deve aproveitar” no sentido de acumular proezas de descompromissado caçador de fêmeas.

Dá-se por sentado que a sexualidade masculina é predatória e incontrolável, cabendo à mulher abster-se de provocá-lo mediante uma conduta de vestal — ou então arcar com as consequências. Isso se expressa claramente num grosseiro ditado popular: “Meus bodes estão soltos, quem tiver cabritas que se cuide”.

DEPOIS DO ESTUPRO, A MULHER SILENCIA

Marginal, filhinho de papai ou respeitável patrão o homem

Com esta dupla,
os lençóis
Eggi by Artex
vão fazer você
deitar e rolar.



Così, Jarbas, Segrino

ios e nã-
mãos de

n consti-
integrada
s, incute
srespeito
onsabili-
ndo-lhes
roveitar”
lar pros-
sado ca-

que a se-
preda-
cabendo
provocã-
duta de
car com
o se ex-
“Meus
m tiver

IA

papai
omem

que viola uma mulher sente-se justificado pela mentalidade reinante de coisificação do sexo feminino.

Aliás, a tendência da sociedade — e da justiça que dela emana — é de só admitir que houve estupro quando as circunstâncias são clamorosamente brutais: mulher amarrada, dominada entre muitos homens, ameaçada com armas. E mesmo assim nunca faltam tentativas de responsabilizá-la alegando modos ou indumentária provocante, presença em local mais ou menos solitário, saída à noite. E, sobretudo, parece indispensável provar virgindade anterior ao ataque: mulher não virgem tornar-se-ia propriedade pública.

Se havia qualquer relacionamento prévio entre os dois, o pressuposto é que ela foi aquiescente: a mera força muscular, sem ajuda de armas, não costuma ser considerada suficiente coação.

As perguntas formuladas pelos honestos cidadãos bem-pensantes e pelos encarregados de ministrar justiça encer-

ram outras tantas acusações contra a vítima: por que aceitou o convite? Por que entrou no carro? Que fazia com ele nesse lugar? Fica bem claro que uma mulher prudente deveria contar com a inofreável bestialidade masculina e precaver-se; se não o fez, teve o que merecia — ou o que procurava.

Parece geralmente aceita a noção de que é um erro pretender manter um relacionamento civilizado com um indivíduo do sexo masculino.

Uma reportagem do *Jornal do Brasil* sobre Foz de Iguaçu traduz de modo aberto e chocante a convicção da sociedade com a violência sexual contra a mulher: “J.C., mestiça paraguaia, 12 anos de idade, baixinha e doente de vermes, feita mulher aos 9 anos por obra de um brasileiro *muy fuerte* graças aos encantos de uma noite de luar...” A vítima fala da força física que o violador empregou contra ela; o jornalista fala de lua e de romance... É fácil embelezar fatos sórdidos, sempre que a

vítima não seja a própria mãe, esposa, filha, irmã — enfim, propriedade privada.

É por isso que as mulheres silenciam. E quando não podem impedir que o caso transcorra, são as primeiras a sofrer as sanções — das quais, em geral, o agressor está livre. Na justiça, sua vida íntima será aleivosamente esmiuçada. (Os juízes norte-americanos sumariamente absolvem o esturador se ele provar que a vítima, no momento, vestia minissaia ou não usava sutiã.) Em seu ambiente, se o nível sócio-econômico for baixo, ela sofrerá tanto escárnio, desdém e desvalorização que, não raro, sua única saída será prostituir-se. Nos meios mais sofisticados a família sente-se ferida, o marido humilhado não consegue “superar o trauma”, já não a pode ver com os olhos de antes e acaba pedindo desquite. Parece evidente que seu círculo teria preferido que ela fosse decente e imaculadamente assassina.

Para não alongar demais o tema, deixo de particularizar

outras formas de violação, talvez menos brutais mas não menos lesivas à dignidade feminina: as palavras e os gestos de convite, os insultos à mulher que passa, as palmadas, beliscões e apalpadelas nos cinemas, nos transportes, nas aglomerações, a perseguição nas ruas.

A sociedade pretende que as mulheres sejam belas, tentadoras, “femininas” no sentido de frágeis e passivas; e, ao mesmo tempo, rochedos de virtude sexual, fechadas em casa e dotadas de força hercúlea para defender-se se o ataque lhes cair a domicílio. Ao outorgar uma auréola de prestígio ao desenfreado sexual masculino, ao fomentar uma sexualidade agressiva e despersonalizada, ao sustentar a visão da mulher como objeto sexual, a própria sociedade se torna co-autora do estupro.

Segundo informação que nos foi fornecida por um representante brasileiro ante um Congresso Internacional de Direito de Família, realizado no Canadá, uma pesquisa do segue



E você sabe por quê?
Porque, além de suas sete novas estampas, eles estão sendo confeccionados com a dupla perfeita: Fortrel® & Algodão.

Perfeita porque une as qualidades naturais do algodão à praticidade do Fortrel - fibra de poliéster da Celanese - que garante maior durabilidade aos lençóis, pois estes não desbotam, não encolhem, são fáceis de lavar, passar e secam rapidamente.

Fortrel & Algodão, a dupla ideal para o nosso clima.

Siga o exemplo de um dos maiores fabricantes do país.

Descubra você também as vantagens que só Fortrel poliéster & Algodão oferecem.



Fortrel é marca registrada da Fibers Industries Inc., subsidiária da Celanese Corporation.

Maternidade não é uma obrigação. É escolha

Carmen da Silva coloca aqui uma questão fundamental para todas nós: o direito de escolhermos entre ter ou não filhos. Você pode não perceber, mas este direito está sendo manipulado por outras mãos e você às vezes, tende a fazer o que a sociedade quer e não o que seu íntimo determina.

A ARTE DE SER MULHER — UM ARTIGO DE CARMEN DA SILVA

Na imprensa, na literatura científica, em todos os foros e até nas ruas, o debate sobre natalidade está aceso. Uns proclamam em tom apocalíptico que o Brasil tem gente demais: "Não podemos consentir que continuem nascendo crianças condenadas à pobreza, à doença, ao desamparo! Sem um controle eficaz e drástico de natalidade, jamais solucionaremos o problema da miséria!" Com o mesmo grau de convicção, outros afirmam que somos um país subpovoado: "Nosso índice demográfico é baixíssimo! Precisamos de mais gente para ocupar o território e explorar nossas riquezas!" Enquanto estes nos exortam: "Multipliquem-se!", aqueles nos gritam: "Esterilizem-se!" E durma-se com um barulho desses.

A questão preocupa não só o Brasil como o mundo inteiro. A Índia e a China estão botando gente pelo ladrão, a França e a Suíça já começam a se alarmar com sua população estacionária ou míngua. Os técnicos manejam cifras, esgrimem estatísticas — produção de alimentos, necessidades habitacionais, novos empregos requeridos —, e muitos deles, partindo de idên-

ticos dados, chegam a conclusões diferentes, o que faz pensar que seu enfoque nem sempre é isento de subjetividade.

Cada país tem uma política de natalidade, oficial ou oficiosa, fixa ou variável. Aqui procura-se retardar os casamentos, ali estimula-se a anti-concepção e a esterilização, acolá outorgam-se prêmios e vantagens às famílias numerosas, mais além empregam-se métodos indiretos de persuasão num sentido ou noutro. Ora procura-se afastar as mulheres do lar, incorporando-as em massa à produção, ora criam-se os maiores obstáculos a seu acesso ao mercado de trabalho, instando-as com belos discursos edificantes a reassumir a sublime função materna.

Tudo isso — estudos, campanhas, pregação ideológica, programas oficiais ou não — passa olímpicamente por cima de nossas cabeças. Mulher não é ouvida nem cheirada. Não lhe cabe opinar e sim fazer ou não fazer filhos, conforme políticas traçadas a sua revelia e nem sempre coincidentes com seus interesses, quer na condição de mulher, quer como parte do povo. Tanto nos

países declaradamente totalitários como nos que se pretendem democráticos ou mais ou menos, a filosofia dominante — seja qual for o rótulo que a disfarça — implica uma brutal coisificação da mulher: ela seria apenas um ventre a serviço do Estado.

PARA ESCOLHER, É PRECISO CONHECER O MUNDO QUE ME CERCA

Quero ser mãe ou não quero: maternidade é escolha e não obrigação (muitas vocações maternas são mera influência cultural). Sendo uma decisão que envolve minha personalidade total — a consciência e o inconsciente, o instinto e a razão, as emoções e o corpo, o projeto pessoal de existência e o desempenho social — a opção tem de ser minha. A ser compartilhada com o pai na medida de seu comprometimento profundo com a paternidade e, em termos recíprocos, comigo; mas sem ingerências autoritárias ou suasórias de terceiros.

Quero ter um filho só — ou dois, ou cinco: é resolução ligada à minha irrenunciável li- segue

Talheres & bandejas



Fábrica: 95180 - Farroupilha/RS
Escritórios: São Paulo, fone: 280-3378
Rio de Janeiro, fone: 224-5004

TRAMONTINA
a qualidade de aço



A ARTE DE SER MULHER

Maternidade não é uma obrigação. É escolha

berdade. Para bem escolher o número, preciso contar com uma base cultural (instrução, acesso à informação atualizada), que é dever constitucional do Estado garantir a cada cidadão. Para cumprir minha escolha, devo conhecer métodos anticoncepcionais eficazes, livres de efeitos colaterais físicos e traumatismos psíquicos, e ter acesso econômico a eles. Quero criar bem meus filhos sem me marginalizar da vida ativa — e para isso reclamo as creches e os serviços sociais que a lei prescreve e que ainda continuam só no papel. Quero que eles vivam numa sociedade que ofereça a todos condições de sobrevivência digna: é um direito que me — e lhes — assiste.

E, sobretudo, não quero que me enfiem culpas na cabeça por ter filhos ou não os ter, por ter muitos ou por ter poucos. Se desejo a maternidade, que não me imponham renunciar a ela em nome dos cálculos cabalísticos dos tecnocratas; se não a desejo, que não me venham cobrar mais braços para o trabalho ou cifras para engrossar o censo.

Recuso, enfim, a coletivização de meu ventre. Não aceito que o Estado se omita no que é seu dever constitucional — prestar assistência social concreta à maternidade e à infância —, ao mesmo tempo que se intromete onde não é chamado, tentando ditar-me decisões que pertencem a meu foro íntimo.

Colocadas as coisas nestes termos tão claros, certamente qualquer mulher concordará comigo. E muitíssimos homens também — aliás quase todos os que têm o nível míni-

mo para entender conceitos. Contudo, esse consenso não nos leva muito longe. De parte dos homens, a compreensão é só teórica: mera expressão verbal de boa vontade desligada dos fatos. Na prática, eles continuam donos do corpo, da psique e do comportamento femininos: a "verdadeira" mulher seria aquela que se ajusta às fantasias masculinas (em geral, calcadas na imagem materna, isto é, subjetivamente deformadas e objetivamente situadas uma ou duas gerações atrás). Com isso, eles sentem-se muito capazes e autorizados para legislar sobre nosso corpo — maternidade, anticoncepção, aborto — com uma impávida suficiência que prescinde da opinião das interessadas. E, de parte das mulheres, nem sempre há uma clara consciência das manobras e agressões praticadas contra sua autonomia corporal. Manipulação ideológica, medidas coercitivas, imposições, proibições, abusos muitas vezes passam despercebidos graças aos preconceitos, aos costumes, aos condicionamentos, às tradições longamente arraigadas.

Mas, se nos detivermos a examinar a realidade, veremos que a apropriação masculina do corpo da mulher começa cedo. Até algum tempo atrás (bem depois dos espartilhos, das armações de arame, dos sapatos menores que o pé, mas não tão remoto que não possa ser lembrado por qualquer mulher na faixa dos trinta e poucos anos), menininha bem-educada sofria um duro constrangimento corporal: não sentar de pernas abertas, puxar o vestidinho para baixo, de modo a

co
pu
ma
co
je
ser
siv
co
bai
ta
—
to
ros
arti
foi i
V
disp
mor
quis
gio
mar
tent
arm
quis
esp
em
esp
ou
filh



le gação.

entender conceitos, esse consenso não muito longe. De parte s, a compreensão é mera expressão ver- vontade desligada. Na prática, eles con- nos do corpo, da o comportamento fe- "verdadeira" mu- aquela que se ajusta as masculinas (em adas na imagem ma- é, subjetivamente s e objetivamente si- a ou duas gerações m isso, eles sentem- apazes e autorizados ar sobre nosso cor- ternidade, anticon- borto — com uma suficiência que pres- pinião das interessa- parte das mulheres, pre há uma clara a das manobras e praticadas contra omia corporal. Ma- ideológica, medidas s, imposições, proi- busos muitas vezes despercebidos graças onceitos, aos costu- s condicionamentos, es longamente arrai-

se nos detivermos a a realidade, veremos apropriação masculina o da mulher começa é algum tempo atrás pois dos espartilhos, ações de arame, dos menores que o pé, mas remoto que não possa rado por qualquer mu- faixa dos trinta e pou-), menininha bem-edu- ria um duro constran- corporal: não sentar as abertas, puxar o ves- para baixo, de modo a

cobrir os joelhos, não correr, pular ou subir em árvores, manter seus gestos e posições comedidos e "femininos". Hoje isso já se modificou mas não sem conflitos: acredito, inclusive, que o desbragamento físico das jovens nas discotecas e bailes carnavalescos representa uma sorte de compensação — frenética, agressiva, portanto altamente marcada de neurose — daquela compostura artificial que tanto tempo lhes foi imposta.

Virgindade era requisito indispensável no mercado matrimonial, e matrimônio era requisito indispensável do prestígio feminino. Cabia à moça manter-se "pura" contra as tentações internas e contra as armadilhas ardilosas dos conquistadores, cheios de lábia e esperteza e muito interessados em submetê-las à prova: que espécie de mulher era ela, séria ou fácil, digna de ser mãe dos filhos dele ou garota do tipo

use-e-descarte? Também isso mudou mas não tanto como alguns acreditam. Nos grupos metropolitanos mais sofisticados existe muita permissividade da boca para fora — e milhões de grilos bulindo no íntimo. Já nos meios mais acanhados e menos intelectualizados (quase todo o Brasil), os antigos preconceitos conservam todo o seu vigor. Aí seria até escandalosa a idéia de autonomia corporal feminina; o corpo da mulher continua sendo propriedade indiscutida do homem: do pai que zela por sua "honra", do sedutor que tenta se aproveitar, do candidato a marido que quer ter certeza de levar "material" de primeira mão, do patrão que se outorga o medieval "direito de pernada", do marido que monopoliza, controla, usa a seu bel-prazer (haveria muito a dizer a respeito do estupro conjugal) e considera o ventre dela como mero depositário de sua

própria posteridade, sua estirpe, seu nome. E, logo, dos filhos homens, fiscais implacáveis da conduta e das atitudes maternas. Um pequeno episódio ilustrativo: uma jovem senhora (classe média intelectual), sensível ao ritmo, foi com seus cinco filhos assistir a um desfile de carnaval. As meninas não tinham recomendações a fazer, mas os garotos — 7 e 10 anos — advertiram-na competidamente: "Mamã, mexer um pouquinho as cadeiras para os lados, pode; para a frente e para trás, não!" Superficialmente divertido, o caso evidencia com meridiana clareza a absorção precoce das noções machistas de propriedade e domínio.

EVITAR UMA ESCOLHA QUE ÀS VEZES É UMA OBRIGAÇÃO

Dia das Mães, Ano Interna-

cional da Criança — pretextos feitos na medida para explorar sensibilidade: quem não se comove com a maternidade e a infância? Certamente veremos belas senhoras da "alta roda" fotografadas junto de seus rebentos — se possível, muitos, embora a prole numerosa seja excepcional nos grupos de alto poder aquisitivo. Boas roupas, rostos saudáveis e risonhos, ao fundo o jardim com piscina: uma festa para os olhos.

Convém não esquecer os aspectos sombrios que esse quadro não mostra. Não penso enumerar aqui os mais óbvios — miséria, esqualidez, crianças abandonadas — e sim aqueles em que a mulher é vítima direta dos abusos e distorções sociais.

Sabemos, por exemplo, que está sendo levada a efeito em todo o Brasil, sobretudo nas regiões menos desenvolvidas, uma campanha de anticoncepção organizadíssima, eficiente

segue



BOM DIA GLASSLITF
Café, açúcar, farinha e arroz, cada coisa em seu lugar. Se não fosse GLASSLITF, puxa! Lembre-se disso quando estiver no super-mercado.

BOM DIA GLASSLITF



Você parece ter mais idade do que realmente tem?

É claro que você não espera aparentar vinte anos eternamente. Para dizer a verdade, você provavelmente nem mesmo gostaria de aparentar vinte e um anos de novo, com seu rosto sem refletir as emoções e experiências que fizeram de você a mulher que é. Contudo é desagradável que as pessoas pensem que você tem mais idade do que realmente tem. Não vai adiantar nada você ficar triste, se você pensar que deixou o brilho da juventude escapar. É apenas hora de descobrir os maravilhosos benefícios de um extraordinário fluido de beleza, segredo conhecido por mulheres em vários países e que sabem aparentar o máximo de juventude, não obstante a idade. Especialistas em beleza descobriram este notável fluido que é rico em umidade e outros elementos amaciantes para suavizar o ressecamento.

Aplique delicadamente o fluido de beleza Oil of Olay sobre todo o rosto e pescoço. Observe como ele desaparece em sua pele, para agir contra o ressecamento que acentua pequenas linhas e rugas que podem fazer com que você aparente mais idade, do que gos-

taria. Realmente, a partir do momento que você começar a usar Oil of Olay, vai sentir sua pele se tornar macia, suave; e uma nova aparência vai resplandecer no seu rosto, cheia de frescor e brilho.

Você vai perceber a mudança refletida no seu espelho. Outras pessoas vão perceber também, mesmo que nada comentem.

Você vai se surpreender como Oil of Olay penetra rápida e completamente na sua pele e como nunca deixa uma sensação engorçada. Oil of Olay age como os fluidos naturais da pele para ajudar a manter o delicado equilíbrio de oleosidade e umidade necessário para uma aparência sempre jovem.

Aplique Oil of Olay toda noite para que sua ação embelezadora aja durante as horas de sono.

Também, a qualquer hora do dia quando a pele parecer pedir um alívio contra o ressecamento e um aumento de umidade.

Porque deixar que as pessoas pensem que você tem mais idade? Oil of Olay pode ajudar você a dizer uma deliciosa mentirinha a respeito da sua idade.

Oil of Olay é marca.

Maternidade não é uma obrigação. É escolha

e absolutamente inescrupulosa. Mulheres ignorantes são induzidas a tomar pílulas anticoncepcionais sem saber como nem por que, sem prévio exame médico e com a mais criminosa indiferença pelas seqüelas. Num importante matutino carioca, o conceituado ginecologista dr. Mário Vitor de Assis Pacheco, secretário geral da Associação Médica do Rio de Janeiro, fustiga o uso indiscriminado da pílula: "Infelizmente ainda não há consciência dos que trabalham em laboratórios farmacêuticos, nem das autoridades, nem da classe médica que receita o uso de pílulas anticoncepcionais. Os perigos causados pelos hormônios não são ensinados na faculdade de medicina".

Além de distribuir pílulas abertamente e sem entraves (e agora também com o estímulo oficial de um nebuloso programa de "prevenção de gravidez de alto risco"), a mesma entidade utiliza ainda métodos mais perigosos: no curso de trinta dias, um ginecologista de minhas relações atendeu em seu serviço hospitalar duas mulheres pobres e analfabetas, com hemorragias graves — ambas levavam um DIU inserido no útero *sem ter a menor idéia disso*.

Há já algum tempo a imprensa informou que as garis das prefeituras carioca e fluminense são obrigatoriamente submetidas a testes mensais de gravidez — e um resultado positivo significa demissão imediata. Após as primeiras denúncias, o assunto sumiu do noticiário e ninguém ficou sabendo se e quais medidas foram tomadas com relação a

esse atentado contra os direitos humanos, a Constituição Nacional, a legislação trabalhista e a mera decência comum.

Claro que é direito inalienável das mulheres não querer mais filhos, ou nenhum filho. O papel de uma sociedade que se pretende civilizada consiste em proporcionar-lhes, à sua escolha, recursos de anticoncepção eficazes e inócuos para a saúde e o equilíbrio psíquico. O contrário — explorar sua ignorância (de que a sociedade, aliás, é a principal responsável), passar por cima de sua vontade, manipular seu corpo como território colonizado — constitui uma inominável violência, cometida com a cumplicidade passiva — mas não menos culposa — dos indiferentes, dos comodistas, dos que dão de ombros alegando que "de momento, não se pode fazer outra coisa". Pode-se — e deve-se. E esse é um campo de luta que reclama a atuação de mulheres conscientes.

O ABORTO: UMA SOLUÇÃO QUE SÓ PREJUDICA A MULHER

Segundo as estatísticas, no Brasil são provocados 2 milhões de abortos clandestinos por ano. A informação é, no mínimo, intrigante e suscita várias perguntas: de onde vêm essas cifras? Referem-se apenas a intervenções médicas ou abarcam também as truculentas manipulações de "comadres", curiosas, curandeiras? Como pode haver tal precisão numérica numa atividade clandestina? Onde estão as autori-

dade
proit
gress
mais
que
de
clanc
facha
hipoc
taxa
tar o
dosis
O
ça (e
é que
moder
tal co
ções,
qüela
primi
por e
venç
gue f
da",
de sa
tão in
dico
as ne
conc

ção.

ntre os direi-
Constituição
siação traba-
decência co-

eito inaliená-
s não querer
nenhum filho.
ociedade que
tada consiste
lhes, à sua
de anticon-
inócuos para
rio psíquico.
explorar sua
e a socieda-
cipal respon-
cima de sua
ar seu corpo
olonizado —
minável vio-
com a cum-
— mas não
— dos indife-
distas, dos
os alegando
não se pode
. Pode-se —
é um campo
a a atuação
entes.

: UMA
QUE
DICA
IER

atísticas, no
cados 2 mi-
clandestinos
nação é, no
e e suscita
de onde vêm
rem-se ape-
médicas ou
as truculen-
de “coma-
urandeiras?
tal precisão
vidade clari-
as autori-

idades, que não conseguem
proibir tal número de trans-
gressões, realizadas, além do
mais, com uma tranquilidade
que permite levantar gráficos
de “produção”? Não será a
clandestinidade apenas uma
fachada, um meio de manter a
hipocrisia social e cobrar uma
taxa de risco que vem aumen-
tar os lucros de uma já ren-
dosíssima indústria?

O que se sabe com segurança
(e é fácil obter testemunhos)
é que a mulher de condição
modesta que baixa a um hospi-
tal com hemorragias, infec-
ções, perfurações ou outras se-
quelas de manobras abortivas
primitivas e brutais é punida
por certos médicos com inter-
venções dolorosas feitas a san-
gue frio — “para que aprenda”,
como dizem eles. Gostaria
de saber se esses profissionais
tão imbuidos de moralismo sádico
tomam com suas mulheres
as necessárias precauções anti-
conceptivas ou deixam o pro-

blema por conta delas. Gosta-
ria de saber se nenhum deles ja-
mais recorreu a um colega para
“dar um jeito” em sua esposa
ou amiguinha. Decisão tanto
mais fácil para eles porque, na
hipótese (remota, como já vi-
mos) de conseqüências penais,
a mulher é responsabilizada
mas seu companheiro não.

A ESCOLHA SÓ É VERDADEIRA QUANDO NÓS NOS PERTENCEMOS

Algumas situações são uma
chocante afronta ao nosso sen-
so de humanidade e justiça.
Outras, de tão corriqueiras,
nem chegam a despertar a
atenção. Muita gente acha na-
tural, por exemplo, o controle
paterno sobre a sexualidade da
filha maior de idade; quando
muito, alguém julgará esse ze-
lo excessivo e antiquado — o
que, convenhamos, não é uma

crítica muito forte. O homem
que cobra da mulher descen-
dência imediata, num momen-
to inoportuno em que a mater-
nidade viria interferir de modo
desastroso com seus projetos
de vida, costuma ser visto com
simpatia: a ânsia de paternida-
de é um sentimento nobre; to-
da a reprovação dirige-se con-
tra ela, que antepõe suas con-
siderações “egoístas” ao cum-
primento dos sacrossantos de-
sejos do marido. Nesses e em
muitos casos semelhantes, é
raro que se questione o proble-
ma de fundo: a apropriação do
corpo feminino por parte do
Estado, da sociedade, de cada
homem em particular, a ad-
missão tácita de que *mulher
não se pertence*.

Por incrível que pareça, a
mulher ainda tem de enfrentar
uma árdua luta para conqui-
star sua identidade (seu ser real,
à margem das fantasias mas-
culinas e dos rótulos culturais)
e o domínio de seu próprio

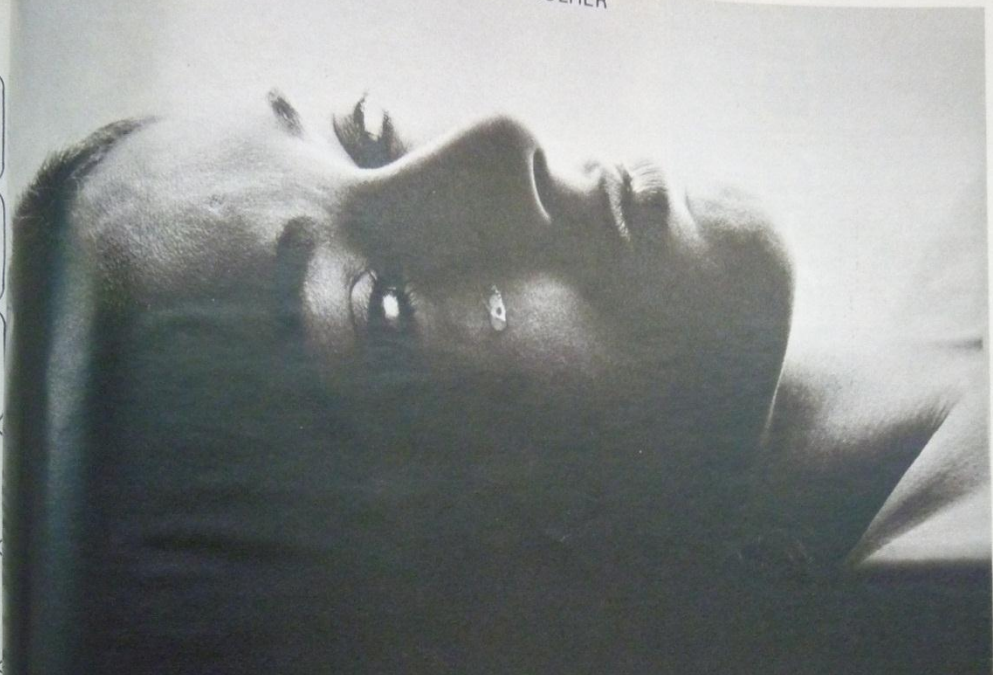
corpo, que é onde essa identi-
dade se objetiva. Mas a luta
vale a pena — e não unica-
mente em nome da dignidade,
o que já bastaria para mais do
que justificá-la. Na realidade,
só a mulher conhece e vive em
todos os planos — físico, emo-
cional, prático, social — a di-
ferença entre a maternidade
escolha e as outras: materni-
dade-imposição, maternidade-
acidente. E não me estendo
aqui sobre a diferença entre a
criança-que-veio-por-acaso e o
filho desejado, amado, protegi-
do pelos pais e amparado pela
estrutura social, porque o tema
daria para encher milhares de
páginas. Só a mulher — cada
mulher — vive a intimidade de
seu corpo como uma experiên-
cia concreta e contínua e não
como uma abstração intelectual.
Eis, então, um programa
válido, um começo-de-conver-
sa urgente e necessário a em-
prender com a maior decisão
— e já.

FIM



Você não está vendo simples recipientes de plástico. Você está vendo GLASSWARE, que com seu fechamento à vácuo conserva 10 vezes mais os alimentos, mantendo o sabor 10 vezes mais tempo. O líquido não sai. O ar que tira o sabor dos alimentos não entra. Tenha o dia inteiro a ajuda de GLASSWARE.

BOM DIA GLASSLITE



O SEXO ESTÁ EM LIQUIDAÇÃO. É SÓ APANHAR, USAR E... CHORAR

A partir dos anos 60, nós começamos a discutir exaustivamente o relacionamento entre o homem e a mulher, principalmente no aspecto sexual. No entanto, este debate tão oportuno, necessário e saudável tomou alguns caminhos perigosos, provocando certos equívocos e muita confusão. De repente, o sexo foi resgatado da sua milenar armadura repressiva e cai no outro extremo: é utilizado como um artigo de consumo. Sexo é muito bom. Mas com amor, sem repressão ou consumismo.

UM ARTIGO DE CARMEM DA SILVA/FOTO: IVSON

Sexo: um tema que nossa (in) civilização conseguiu transformar no maior bicho-de-sete-cabeças da face da Terra. Há quase duas décadas comecei a abordá-lo nestas páginas com cautela, cheia de eufemismos e não-me-toques para não ser apedrejada em sentido figurado ou até mesmo literal. Sim, naquela época o Brasil já havia superado o puritanismo vitoriano, já admitia que sexo não era sujo e pecaminoso. Ao contrário, era ótimo, divino-maravilhoso, expressão de amor. Mas veja lá: de preferência — muito de preferência — amor conjugal. San-

cionado, certinho, de papel passado. Senão onde vamos parar?

Meados da década de 70, começo da de 80; sexo virou moda, tornou-se corriqueiro, vulgarizado, banal, explorado, consumido. Simples e inconseqüente como beber um copo d'água, dizem. Prova de saúde psíquica: quem não transa sexo é doente, dizem. Indispensável para a saúde física, como escovar os dentes ou fazer exercícios, dizem. Atividade sofisticadíssima: você tem de aprender artes, técnicas, refinamentos, ritmos, posições, flexões, contorções,

CLAUDIA - 241

de Janeiro
Collection.
rida pela

ALIDADE

mentos com o que
. Vestidos, maca-
onê. O jeans que
mais calor às cria-
ronta-entrega: R.
146.

ENTREGA

(o nome que
em suas blu-
moda jovem e
ngos, 30 s/305
0 e 222-9241.

IS

da Torre,
negro),

255-9558.

TO

ERÃO

cores da nova
minis, vestidos,
bem a nova co-
onta-entrega.
el.: 239-1547.

AM AS NO-

DO MUNDO

aiões, shorts e
til.

el. 237-7696.

A DIFERENÇA

OVIDADE.

JOVEM.

ÇÃO

RA-VERÃO

entrega:

ana, 540 s/403

16-3434.

1
moda

ÃO INÉDITA

LISTAS.

EMA

S.

a do dia-a-dia.

R. Visconde de

LABILLÉ

conhecer a sua

stand à Av. Copacabana Cen-

ção de blusas, saias

tr do guarda-roupa d

rações infantil/juveni

Siqueira Campos, S

Av. Copacabana).

zonas erógenas, métodos de sensibilização, táticas de excitabilidade, recursos de sincronia — enfim, coisa de usar com manual de instruções para tirar melhor proveito. Dizem. E as contradições entre o exagero simplista do "copo d'água" e as complexidades do sexo quase cibernético não correm por minha conta e sim por conta dos meios de comunicação.

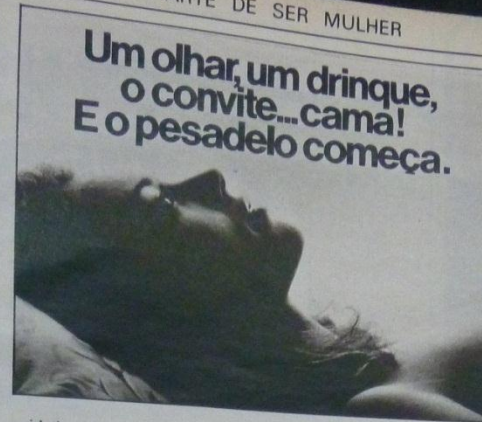
Só que as contradições, venham de onde vierem, desconcertam, confundem. E num tema tão delicado porque ligado à vida, aos instintos, aos afetos, à liberdade profunda, à experiência emocional e corporal de cada um, a desorientação tende a converter-se em insegurança, ansiedade, angústia. E é aqui onde temos de começar a falar sério.

As mulheres sentiram-se roubadas no amor

Sair dos desvãos secretos para instalar-se sob os refletores da mais badalativa publicidade foi uma reviravolta importante. Para bem? Para mal? De que modo essa mudança vem afetando as pessoas?

No que nos diz respeito, o aspecto mais positivo foi que a mulher descobriu, por fim, seu direito ao prazer sexual. Em teoria, isso não era novidade: já vinha sendo discretamente afirmado desde os primórdios da psicanálise. Mas não convencia muito, não só porque era difícil aceitar de golpe uma linguagem nova, tão contrária aos condicionamentos e repressões tradicionais, mas sobretudo pelo tom solene, que não parecia acenar com maior liberdade e sim com mais exigências e compromissos. Talvez as mulheres se perguntassem se valia a pena substituir sua frieza forçada e já costumeira por uma sensibilidade sexual normativa, codificada, cientificamente dirigida no sentido de oferecerem a seus maridos "orgasmos vaginais indicativos de feminilidade adulta expressada numa relação de objeto a nível genital"... oh, oh! Com o mais reverente respeito pelo dr. Freud e seus primeiros seguidores, vamos reconhecer que é dose! Se isso era desrepressão, imaginem como seria antes.

No plano científico, devemos agradecer a Wilhelm Reich, que introduziu o impulso, a espontaneidade, o jogo de cintura. E, no terreno existencial, foram as feministas que puseram a boca no trombone, reivindicando o prazer em termos ligados à experiência e acessíveis ao entendimento de qualquer pessoa comum. O prazer em si, o prazer porque sim, o simples e bom prazer, a alegria de sentir e dar prazer e a liberdade de obtê-lo do jeito que fosse.



Um olhar, um drinque, o convite... cama! E o pesadelo começa.

Daí, mulheres que toda a vida tinham aceito — na neurose ou na sublimação, na resignação ou na revolta, no sofrimento ou na apatia — que a insatisfação sexual fosse seu quinhão natural começaram a perceber que vinham sendo roubadas, espoliadas, esbulhadas. Resolveram que não queriam continuar renunciando à própria sexualidade e aceitando como um sacrifício a relação com seus homens, na base de agüentar caladas, desejando que "aquilo" acabasse depressa. Ou de simular prazer "por gentileza" e também para apressar o prazer do companheiro. Ou de excitar-se em vão, para depois ficar mordendo o travesseiro de frustração e raiva. Ou de simplesmente protelar o problema para o dia seguinte, mediante as já famosas "dores de cabeça". Com explicáveis receios, vacilações, timidez e muita insegurança, puseram-se a tentar uma vida sexual mais satisfatória.

Não está sendo fácil. Algumas trazem repressões tão intensas que não conseguem expressar-se em qualquer tipo de linguagem, verbal ou corporal, manifestar ao parceiro seus desejos — e ficar-lhe suas preferências — e ficam rezando para que ele as adivinhe, ao mesmo tempo que

acumulam contra ele um injusto rancor porque ele não adivinha coisa nenhuma e acha que está tudo bem. Outras falam, mas com tanto acanhamento, tanta inibição que, inconscientemente, transmitem sua própria insegurança ao companheiro, afetando-o ao ponto de ele reagir, seja com dificuldades sexuais (impotência, ejaculação precoce, etc.), seja com fantasias paranoicas de estar sendo traído (onde é que ela aprendeu essas novidades??), seja com um senso esmagador de insuficiência — e, em muitíssimos casos, com as três coisas juntas. E há um grande número de mulheres que está descobrindo que sim, que vale a pena, que era isso mesmo o que queriam, que deviam mais era ter começado muito antes.

A revolução sexual também retrata uma sociedade melhor

Amor requer um teto, intimidade, tempo, certa despreocupação. Assim, uma revolução sexual exige, entre outras coisas, que a população tenha condições razoáveis de vida e convívio, serviços coletivos para o atendimento às crianças, lazer, cultura. E, é claro, meios anticoncepcionais seguros, o que pressupõe pesquisa, aperfeiçoamento, fabricação, distribuição. Tudo isso com o devido apoio legal, com os correspondentes recursos econômicos e dentro de um clima ideológico adequado. Ou seja: a revolução sexual tem de aliciar aliados ou conquistar baluartes em praticamente todos os setores: a lei, a ciência, a técnica, a indústria, a economia, a organi-

zação social, os meios de comunicação.

Não nos assustemos com a magnitude da tarefa: como em todas as revoluções, começa-se modestamente pelo princípio. E aqui não podemos subestimar o valor da ação individual ou de pequenos grupos: ação ágil, rápida, tantas vezes decisiva. Neste sentido, cada alcova se transforma num importante foco de "guerrilha" na luta contra os preconceitos e repressões. Talvez as mulheres tivessem menos dificuldade em vencer suas inibições se tratassem de situar-se em perspectiva histórica. Com um grão de sal, é claro: não estou sugerindo que façam amor solenemente e em nome de "causa", mas sim que pensem um pouco além do objetivo imediato — aliás, totalmente legítimo — de obter mais prazer para si. Na realidade, elas estão também aliciando mais um adepto. "fazendo a cabeça" de mais um homem. E como cada indivíduo exerce alguma influência sobre seu círculo — família, amigos, colegas, tanto mais se atuar no campo da educação, da comunicação, da difusão de idéias — a revolução irá aos poucos ampliando-se em círculos concêntricos. Ao reivindicar satisfação sexual, ao fazer seu homem compreender que é direito dela, que é justo e bom e generoso para os dois, ela está contribuindo para aumentar o futuro espaço de liberdade e as expectativas de felicidade de suas companheiras mais jovens, de sua irmã menor, de suas filhas, das amiguinhas de suas filhas, das gerações vindouras.

E não posso mencionar a revolução sexual sem destacar a atuação fundamental do SIF Serviço de Informação Feminina. Há uns trinta, quarenta anos atrás, as confidências entre mulheres não primavam pela sinceridade. Do alto de seu pedestal de "iniciadas", as recém-casadas contavam às amigas solteiras histórias fantásticas destinadas a manter os mitos da noite de núpcias, da alcova conjugal. Talvez tentassem também enganar a si mesmas ou ocultar dolorosas e humilhantes decepções. O fato é que, enquanto acreditaram na conversa masculina da mulher-inimiga-de-seu-sexo, as mulheres contaram muita balela umas às outras. Mas o recente ressurgir do feminismo veio unilas em associações, entidades,

segue

**Um homem, uma mulher,
o amor... cama!
Um sonho possível.**



grupos de trabalho, de debate ou de reflexão, para uma troca de ideias e experiências a partir do princípio de que *quem melhor entende de mulher é mulher mesmo*. E foi assim que cada uma descobriu que seu problema de cama não era só seu, que sua particular dificuldade sexual não era tão particular assim, que seus desejos e anseios, queixas e rejeições eram os mesmos de muitas outras — enfim, que ela não era anormal ou diferente, que não estava só. Nesse intercâmbio cada mulher encontrou novo alento e maior autoconfiança.

A mulher vai lutar muito para ser dona do seu corpo

Falei em conquistar aliados mas ainda não chegamos lá. De momento, o que nos sobra são adversários. E menos mal quando nos fazem oposição aberta, pois pior ainda é a ação dos traidores, sabotadores, agentes duplos e quinta-colunas. Vamos tratar de detectá-los e desmascará-los.

A sociedade patriarcal não vai permitir de mão beijada que a mulher assuma sua liberdade sexual. A razão é escandalosamente simples: liberdade sexual significa ser dona do próprio corpo, das próprias emoções, das próprias ações, ou seja: pertencer-se no plano físico, afetivo e existencial. Ora, no terreno da relação do par, isto significa o fim da esposa submissa, da escrava doméstica, substituída pela companheira igual. No terreno econômico, o corpo da mulher é explorado como fonte de riqueza: produz "efetivos", força de trabalho intelectual e manual; seus pensamentos e emoções são manipulados no sentido de prendê-la com maior dedicação à tarefa de reproduzir e disciplinar a mão-de-obra em benefício das classes dominantes. Deixá-la dispor de seu corpo para o prazer e a alegria, parir e criar seus filhos por amor e com amor, educando-os numa concepção humanista e libertária, equivale a dar um golpe de morte nos interesses do sistema.

Assim, ante a impossibilidade de continuar proibindo a sexualidade feminina, a sociedade machista passou a manobrá-la mediante uma tática oposta: tornou-a obrigatória. Sexo virou dever, os meios de comunicação

nos martela sexo na cabeça a toda hora com uma insistência obsessiva, a pseudociência nos "vende" sexo e multiplica os sistemas de aprendizagem, os métodos e técnicas para obter prazer sexual maior, mais intenso, mais freqüente. É um frenesi de sexo, como se o mundo estivesse por acabar e devêssemos correr para esgotar agora, já, nossa quota de sexo.

O resultado é que ninguém acha que tem o bastante ou o suficientemente bom. As pessoas se cobram sexo mesmo quando não sentem desejo. "Há *xis* tempo não tenho relações", queixam-se algumas mulheres, que talvez precisamente há *xis* tempo não estejam interessadas em homem nenhum, ou estejam empenhadas de corpo e alma em alguma atividade que as absorve e apaixona. As mulheres se cobram orgasmos, ficam tensas e ansiosas durante o amor, observando-se, tomando o pulso de suas sensações para ver se "desta vez acontece" — e privando-se, enquanto isso, de sentir o que de bom está *realmente* acontecendo. Os homens reclamam orgasmo das parceiras, alguns se preocupam tanto com isso que lhes tolem a espontaneidade, controlam-nas, exigem delas relações conforme o figurino ou, do contrário, acusam-nas de frigidez. E, em matéria de sexo, o "figurino" nada mais é do que a norma, o constrangimento, a imposição que sufoca o impulso, num terreno onde tudo deveria fluir simples e natural. A supervalorização consumística do sexo tornou-se assim, paradoxalmente, um obstáculo a mais no caminho da liberação sexual.

A idealização da sexualidade

tende a criar expectativas tão desmedidas, fantasias tão delirantes que a realidade só pode trazer decepção. Sexo é bom. Feito na hora certa, com a pessoa certa e no clima certo, é delicioso e costuma deixar como saldo uma excelente disposição de ânimo, um senso de paz interior e harmonia com o mundo. Mas, por favor, quando ouvirmos falar em sensações paradisíacas, abismos de paixão e loucura, torvelinho dos sentidos, voragens de sensualidade, pincaros do prazer, catadupas de sensações, vertigens, arrepios e outras sublitteráticas do gênero, não nos enganemos: deve ser propaganda de pornochanchada e nada tem a ver conosco.

Entre as tentativas de liberação sexual que as mulheres vêm fazendo (e o sistema procurando atrapalhar), podemos assinalar outro aspecto positivo. Desvinculado da procriação, o sexo desliga-se também da institucionalização. No passado, antes de começar a fazer sexo, uma mulher tinha de empenhar todo seu futuro, assumir e legalizar um compromisso para toda a vida. O "primeiro homem" costumava ser o único, modelo e padrão; sua sexualidade sintetizava toda a sexualidade, seu modo de ser era regra, se tivesse falhas podia apresentá-las como virtude a uma pobre esposa que comprara nabos em sacos sem meio de verificar seu valor. Hoje em dia, para praticar sexo, ninguém precisa comprometer-se às cegas até o fim dos tempos. Mas a sociedade machista logo desvirtuou essa liberdade, propondo uma alternativa que a empobrece e limita. Trata-se do sexo casual: olhou, simpatizou, falou, achou

o papo agradável e daí — por que não?

É comum que tais aventuras, freqüentes sobretudo entre as jovens e as recém-desquitadas dos círculos sofisticados, acabem em decepção. Para começar, decepção no plano estritamente sexual: em geral, não "dá certo" para nenhum dos dois. E compreende-se: o prazer aumenta quando há uma instância razoável de demora entre o desejo e a satisfação; a água geladinha satisfaz mais quando chega cinco minutos depois da consciência da sede, o cafezinho desejado fica mais gostoso se aspiramos seu aroma enquanto aguardamos que ele seja coado, o chamado "tédio dos ricos" não é senão o imediato entre o querer e o possuir. No sexo, mais do que em qualquer outra coisa, é importantíssimo o tempo de espera que eleva a tensão a um nível ótimo, acrescentando a intensidade da descarga. O escasso prazer das relações baseadas no "afinal-por-que-não?" vem da falta de desejo, expectativa, antecipação, satisfação, imaginada antes de ser realizada.

A repetição desses encontros sexuais meio a frio costuma trazer um gosto amargo de futilidade, de coisa que não conduz a nada nem deixa lembranças, de promiscuidade um pouco humilhante, esbanjamento de si mesma. Não é de estranhar, pois carregamos um lastro de preconceitos muito antigo e muito forte que não se pode eliminar de um dia para o outro com um simples sacudir de ombros. Tomar o sexo como brincadeira inconsequente não só contradiz o condicionamento que trazemos na massa do sangue — e que, em última análise, poderia ser desdenhado porque se baseia em tradições superadas; contradiz também uma percepção íntima, um sentimento profundo de que sexo é uma *relação entre pessoas, um vínculo humano e social*. Não é o caso de sacralizá-lo, pô-lo nas nuvens, exigir que ele só se dê ao nível das grandes paixões ou dos sentimentos duradouros. Mas também não é o caso de reduzi-lo a uma simples ginástica, um passatempo sem importância para encher o intervalo entre o uísque e o cigarro. O sexo leviano, amesquinhado, não é filho da liberdade: é o parente mais próximo da repressão.

FIM

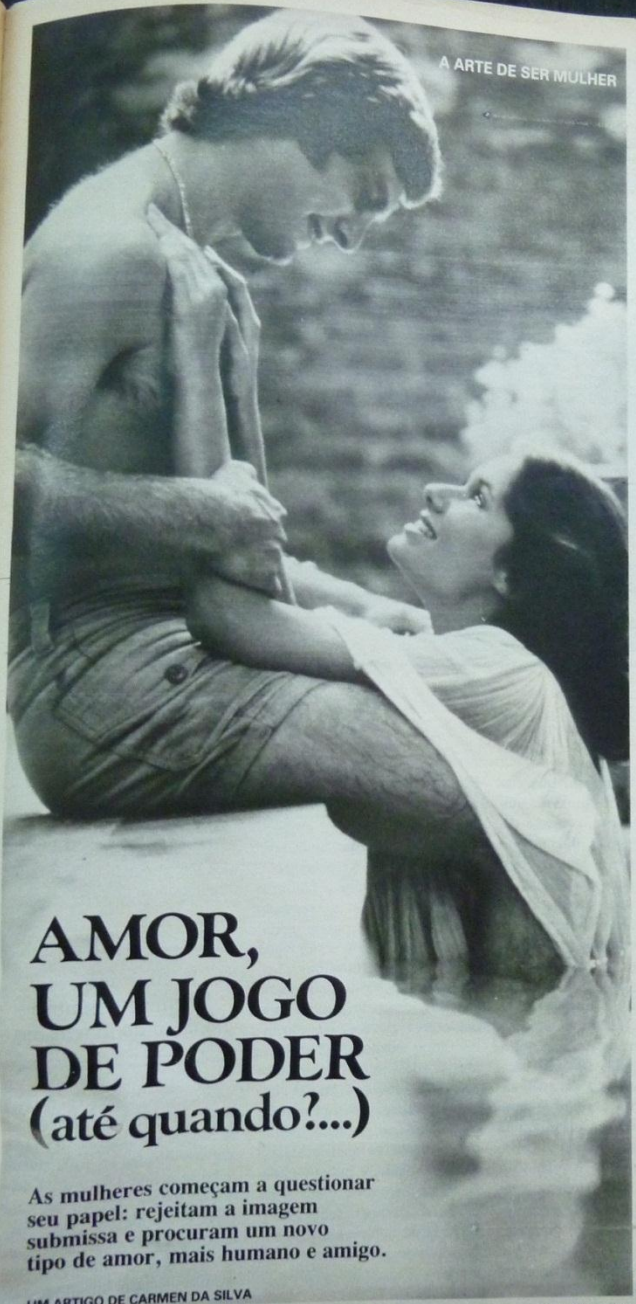
CA

que
a
num
ão!
em

ue

a

A ARTE DE SER MULHER



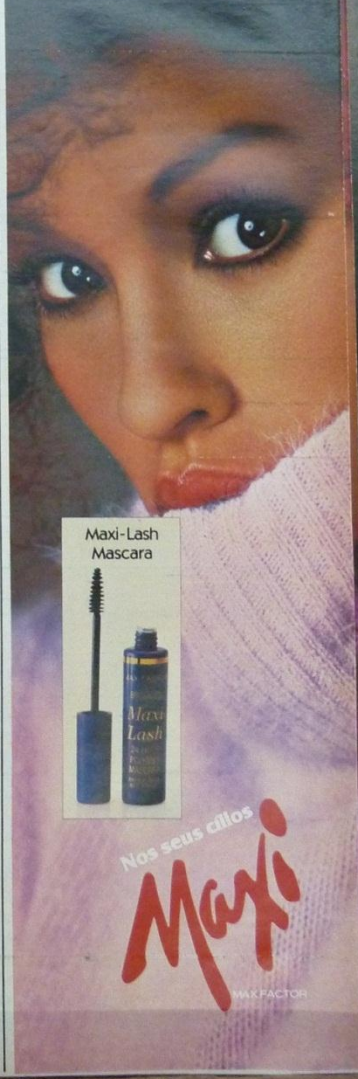
AMOR, UM JOGO DE PODER (até quando?...)

As mulheres começam a questionar seu papel: rejeitam a imagem submissa e procuram um novo tipo de amor, mais humano e amigo.

UM ARTIGO DE CARMEN DA SILVA

CLAUDIA - 187

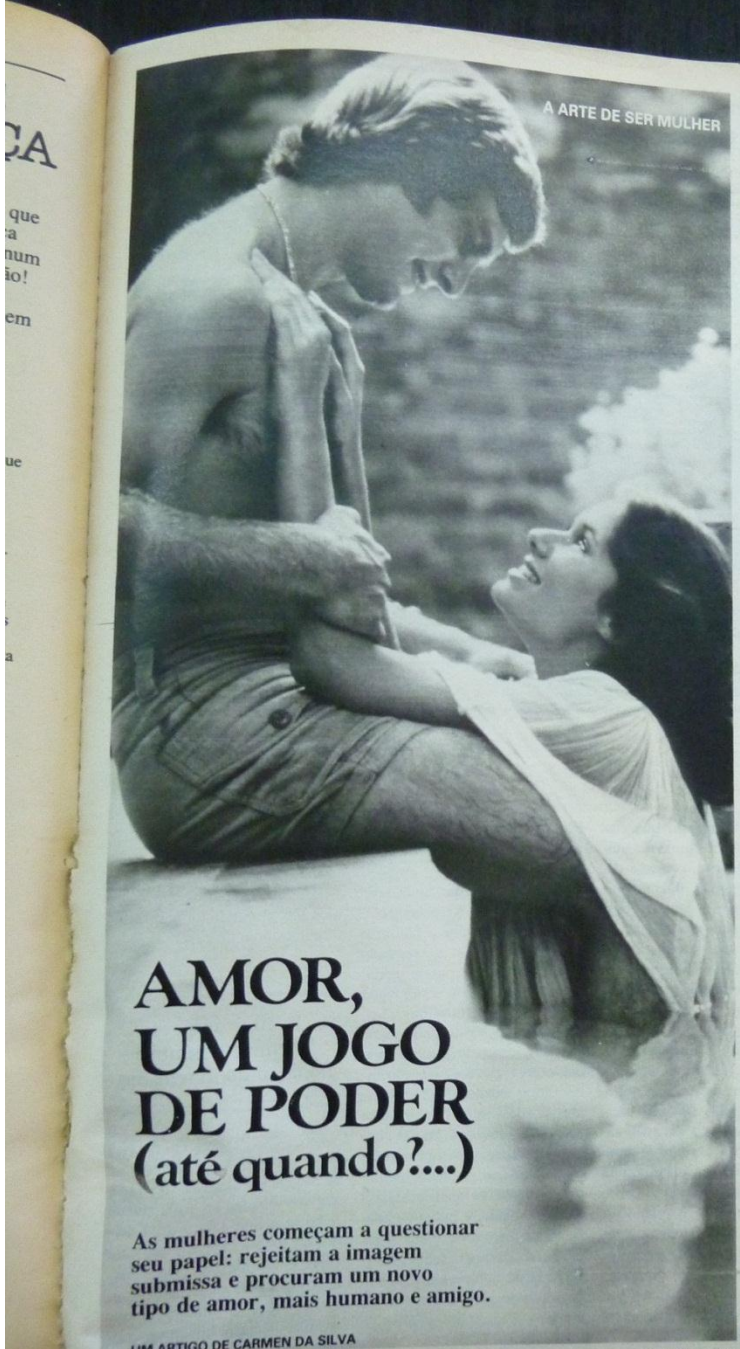
Não apenas longos.
Nem apenas duradouros. Mas cílios longos e duradouros, que permanecem assim por 24 horas.



Nos seus cílios

Maxi

MAX FACTOR



A ARTE DE SER MULHER

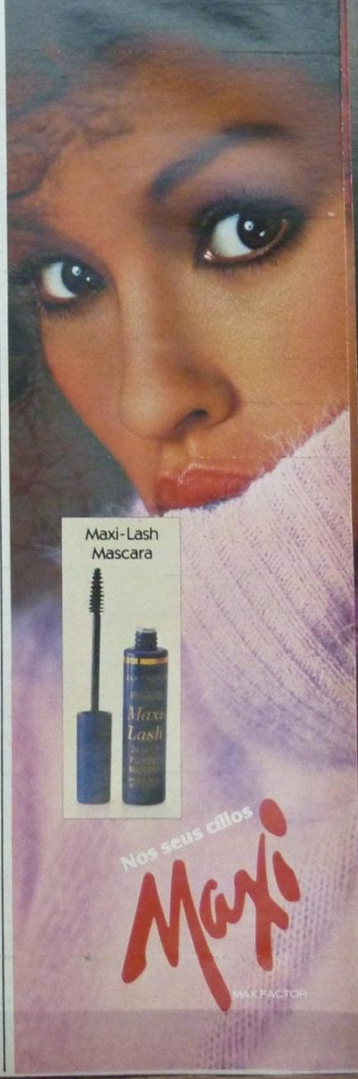
AMOR, UM JOGO DE PODER (até quando?...)

As mulheres começam a questionar seu papel: rejeitam a imagem submissa e procuram um novo tipo de amor, mais humano e amigo.

UM ARTIGO DE CARMEN DA SILVA

CLAUDIA - 187

**Não apenas longos.
Nem apenas duradouros. Mas
cílios longos e duradouros, que
permanecem assim por 24 horas.**



Maxi-Lash Mascara

Nos seus cílios
Maxi

MAX FACTOR

más in-
o de in-
que em
nodam
os pal-
suges-
ossam
álogo
ado o
oman-

pes-
vál-
vida-
uto-
ínico
pri-
reci-
pelo
os
seu
anto
sem
n o
iam
do:
ida
re-
ão
de
de
s-
is-
er
e-
de
j-
o
-

res; era somente seu modo de marcar presença, de afirmar o seu direito a exercer autoridade.

Essas imposições às vezes são feitas com doçura, em tom protetor ou mesmo sedutor, na base do "vou-morrer-de-ciúme-se-outro-homem-olhar-para-isso-ou-aquilo-tão-bonito-e-que-é-só-meu" — o jeito lisonjeiro de coisificar uma mulher, reduzi-la a mero objeto do olhar masculino, dando-lhe a ilusão de ser preciosa.

Já a proibição de trabalhar, muitíssimo mais imperialista — além de inconstitucional —, não deixa de ser inconsciente e retórica, baseada no pressuposto, bem pouco realista no Brasil de hoje, de que as bênçãos do céu sempre choverão sobre o casal. Pois se a situação econômica apertar, o marido machão não hesitará em aceitar de bom grado o trabalho remunerado da esposa, se não for o primeiro a reclamá-lo. E continuará pretendendo ser servido, atendido e paparicado dentro de casa como se ela não tivesse nada mais a fazer.

Em todo caso, impedir o trabalho de uma mulher adulta, sadia e preparada, obrigando-a a depender exclusivamente do marido para sua subsistência, além de ser uma atitude decididamente anti-social, é também uma forma de comprar dela indulgência, concessões e total submissão a um preço amargo e humilhante.

Já o "trabalhar sem viajar" parece mera vontade de incomodar a paciência por nada, como essas crianças manhosas que reclamam e choramingam sem saber por quê. Não dá para descobrir o que se passa na cabeça de quem inventou essa curiosa restrição. De saída, é um veto a atividades de aviação, rodomoça e outras de natureza itinerante, como artista de circo, nenhuma delas incluída nos planos de Suyá. Suponho que a idéia era permitir-lhe exercer qualquer profissão — médica ou gari, arquiteta ou pintora de paredes — que

não a levasse a reuniões, congressos e seminários a mais de vinte quilômetros do lar.

Os homens mandam pelo prazer de mandar

Os noivos de Suyá entram aqui apenas como símbolo: eles representam os noivos, namorados, amantes, maridos e companheiros da maioria das mulheres deste nosso vasto Brasil, onde, ao contrário do que Suyá pensa, o Sul-maravilha não é menos reacionário e machista do que o Nordeste onde ela vive ou qualquer outra região. Se os pus na berlinda com certo tom de chacota foi para destacar o caráter caprichoso, arbitrário e ridículo de suas imposições. Analisando-as, acaba-se por perceber que os homens não estão muito interessados no conteúdo de suas ordens e proibições e sim unicamente na sensação de poder que lhes advém da faculdade de ordenar e proibir. Ao dizer algo tão tolo e tão mínimo como "não quero que você corte o cabelo", o que conta não é o penteado: o homem está apenas reafirmando sua condição de "cabeça do casal", consagrada no nosso ataradíssimo Código Civil, seus direitos de proprietário, a total soberania de sua vontade sobre a da mulher. Trata-se de cultivar seu próprio mito, reforçar ante os próprios olhos a figura ideal do macho forte e senhor das circunstâncias, manter a "imagem".

Só que a imagem não vem dando resultados positivos. O entendimento entre os sexos, hoje em dia, anda de mal a pior, como até as estatísticas evidenciam. Não são só as mulheres que já repudiam o autoritarismo masculino e reclamam novas bases de convivência democrática: os próprios homens

segue
CLAUDIA - 189

Não apenas mais hidratante. Nem apenas mais brilhante. Mas um batom com 83% de umectantes para lábios 100% inquietantes.



Nos seus lábios

MAX FACTOR

estão achando cada vez mais difícil agüentar a fachada de suficiência e fortaleza num mundo como o atual, complexo e esmagador.

Pode ser que um indivíduo se sinta menos inseguro e até engrandecido ao dominar a mulher; entretanto, se ele tiver dois dedos de raciocínio, perceberá que seu comportamento autoritário no plano privado equivale a uma definição política mais ampla: é uma adesão moral e de fato a um sistema autoritário, é cumplicidade e apoio a uma sociedade baseada na opressão, no poder, no domínio do mais forte. E certamente esse tipo de sociedade não é o que mais lhe convém e favorece. A menos que ele seja um dos pouquíssimos privilegiados colocados no topo da pirâmide social.

Pergunta-se então: por que eles insistem em preservar formas de relacionamento difíceis, lesivas à dignidade humana e tão frustrantes para todo o mundo?

A resposta a essa pergunta — pelo menos a uma parte dela — pressupõe um salto meio brusco do Brasil para o Extremo Oriente, das discretas experiências de uma pacata moça nordestina para algo que provocou escândalo nacional e clamor internacional, da vida para a arte.

De um mundo para o outro, a compreensão

Refiro-me ao filme *O Império dos Sentidos*, de Nagisa Oshima.

Premiado no festival de Chicago em 1976, aclamado pela crítica mundial, aqui no Brasil ele ficou vários anos na geladeira, enquanto a censura decidia se um cidadão adulto e pagador de impostos tinha ou não o direito de vê-lo. Por

190 - CLAUDIA

Nem escrava nem megera, assim o homem deve ver a mulher



fim, chegou a nossas telas em salas ditas "especiais" — que são salas comuns com preços triplicados.

O primeiro que chama a atenção é a dignidade com que a câmara mostra os atos sexuais mais crus. Ao contrário da pornografia, que barateia o sexo, transformando-o numa grotesca ginástica, aqui a sexualidade claramente revelada se torna ritual, litúrgica, uma espécie de dança sagrada. O tema é simples: Sada, uma prostituta, se apaixona por seu patrão, o dono do bordel: os amantes esquecem o mundo em torno e entregam-se ao "império dos sentidos" num crescendo delirante, até que, a pedido dele próprio e para atingir o paroxismo de prazer, ela o acaba matando. Toda a crítica especializada assinalou uma alegoria da inevitável e indisso-

lúvel associação entre paixão e morte — presente, aliás, na maioria das grandes obras da literatura universal.

A certa altura, porém, comecei a achar que o vínculo paixão/morte não bastava para explicar a estranha fascinação desse filme lento, repetitivo, obsessivo no ritmo e na temática. Pressenti que havia mais, algo ainda indefinido me aflorava ao umbral da consciência — o quê? Mesmo pon-do toda a atenção na tela, vi-nham-me à memória os mitos e cerimoniais de várias tribos e sociedades e a interpretação psicanalítica das fantasias subjacentes. Tudo isso em minha mente combinava com as imagens do filme, coincidia com elas.

E de repente veio a iluminação. Compreendi que, além das razões estéticas, houera

também razões subjetivas para o deslumbramento dos críticos homens, sem uma só voz discordante. Eu estava assistindo a uma completa, elaborada e minuciosa descrição do que me parece ser o sonho masculino básico, a fantasia do homem sobre a mulher, sua visão do éden — enfim, em poucas e populares palavras, "aquilo que todo homem pediu a Deus".

Uma mulher feita à medida do machismo

Sada é apagada e submissa, faz o que desejam seus clientes, não tem opiniões, não discute, não reivindica, chama seu amante de "patrão" ou "senhor", é o modelo mais acabado de docilidade que os homens secularmente impuseram à fêmea como suprema virtude e encanto maior de feminilidade.

Só num ponto Sada se torna autoritária, impositiva, exigente: sexo. Quer sexo a todo momento e, para conseguir isso, fecha o amante com ela num mundo onde só existe sexo, não lhe dá descanso.

Transparece aqui a fantasia masculina da fêmea-objeto, eternamente à sua disposição, mas não só numa disponibilidade passiva, pois com sua habilidade e insistência ela consegue arrancar dele o mais incrível rendimento sexual: é o princípio absoluto do prazer, o macho superpotente e permanentemente servido.

O princípio de realidade só invade esse paraíso quando Sada tem de sair para receber clientes. O amante se lamenta e ela responde: "Se eu não vou, não teremos mais nenhum dinheiro". O trabalho dela garante a subsistência dos dois, ela vende seu corpo para que o amante tenha alimento,

ações subjetivas para
ramento dos críticos.
em uma só voz dis-
Eu estava assistindo
mpleta, elaborada e
descrição do que
ser o sonho mascu-
a fantasia do ho-
a mulher, sua vi-
— enfim, em pou-
ulares palavras,
e todo homem pe-

mulher à medida achismo

gada e submissa,
e desejam seus
tem opiniões,
não reivindicam,
nante de "pa-
rior", é o mode-
o de docilidade
de secularmente
mea como su-
encanto maior

Sada se torna
positiva, exigen-
xo a todo mo-
conseguir isso,
com ela num
existe sexo,
so.

qui a fantasia
mea-objeto,
a disposição,
disponibilida-
om sua habi-
ia ela conse-
o mais incrí-
ual: é o prin-
prazer, o ma-
permanente-

realidade só
quando Sa-
ara receber
se lamenta
Se eu não
s mais ne-
O trabalho
istência dos
corpo para
a alimento,

ção e prazer. É a fêmea nutri-
triz, a mãe que embala, alimenta
e provê a todas as necessida-
des; por vezes, a figura de Sa-
da se desdobra em outras fê-
meas nutrizas e servis — as
gueixas que vêm trazer chá e
saquê para o homem deitado;
em outras cenas, tornando a
fantasia ainda mais explícita,
Sada alimenta o amante na bo-
ca, dando-lhe comida que ela
finge tirar de dentro de seu pró-
prio corpo.

Mas esse sonho de beatitude
masculina tem seu avesso, o
fundo angustioso e, portanto,
bem menos próximo da consci-
ência presente em toda a
idealização. Sada aprisiona o
amante em seus braços, anula-
o, esgota-o, faz amor com
uma faca na mão ameaçando
castrá-lo se ele lhe for infiel. É
a Sada-sádica, a idéia da mu-
lher-aranha envolvendo o ho-
mem em sua teia sexual para
dominá-lo e aniquilá-lo (Circe,
as sereias e ondinas, as feitiцей-
ras das fábulas), a fêmea voraz
que lhe suga a vitalidade e lhe
devora a carne até deixar o es-
queleto limpo (não é casual
que as mulheres sexualmente
atrativas sejam chamadas de
"panteras" e as prostitutas de
"piranhas").

Voltam à cena os "noivos de Suyá"

Freud assinalou a divisão
da figura feminina, na
mente dos homens, em duas
imagens opostas: a mãe asse-
xuada, toda amor e altruísmo,
e sua antítese, a prostituta ávi-
da, exigente, agressiva. Não
me estenderei em explicações
sobre esse ponto bastante divul-
gado da doutrina freudiana,
mas gostaria de lembrar aqui
seu exemplo mais comum: os
homens que extravasam fora
do lar, com mulheres "fáceis"
ou mercenárias, uma sexualida-
de que consideram indigna da

"mãe de seus filhos". O amor
genuíno e sadio só seria possí-
vel quando o indivíduo logra
superar essa dissociação em
sua psique e integrar ambas as
imagens numa só: completa,
nem deusa nem megera, ape-
nas humana.

O *Império dos Sentidos*, em
vez de encarnar em mais de
um personagem as duas faces
contrastantes da imagem femi-
nina, como a arte tem feito até
hoje, reúne-as numa só figura,
junta a mãe e a prostituta na
mesma mulher. Mas não conse-
gue integrá-las numa fusão har-
moniosa: obtém uma superposi-
ção impossível, uma mistura
mal enjambada e explosiva
que culmina em destruição e
morte.

A tentativa de integração fra-
cassa porque se dá a nível da
fantasia infantil; é nesse plano
ideal que o homem cria seu Jar-
dim de Delícias: ser onipoten-
te, um bebê constantemente
deitado, mantido, servido, ali-
mentado, gratificado, com seu
ego lisonjeado pela submissão
feminina, e, ao mesmo tempo,
um macho afagado, estimula-
do, levado a um transe ininter-
rupto de prazer sexual. A oni-
potência é necessária para com-
pensar a total dependência e
desvalidez do bebê e o terror
supersticioso do macho ante o
mistério do ventre feminino ca-
paz de criar vida.

E aqui voltam à cena "os
noivos de Suyá". Eles têm de
mostrá-la caseira, recatada,
com roupas sóbrias, para pro-
var a si mesmos e ao mundo
que a escolhida merece ser "a
mãe de seus filhos", mas, sob-
retudo, eles necessitam con-
trolar a sexualidade dela para
evitar a todo preço que a
"mãe dos filhos" se transfor-
me na fêmea devoradora, o se-
xo-aranha, a mãe-pantera. To-
da a vez que um deles proíbe
ou consente, diz "mulher mi-
nha isso ou aquilo", está ten-
tando convencer-se da própria
onipotência, sem a qual cairia
irremediavelmente nas garras
da Sada que cada homem leva
dentro de si.

114
CLAUDIA - 191

Não apenas suave.
Nem apenas colorido.
Mas um colorido
suave, que desliza
docemente.



Maxi Soft
Eye Shadow



Nos seus olhos

Maxi

MAX FACTOR

AS DESVENTURAS DA EX-CASADA



fotos: Sérgio Duarte

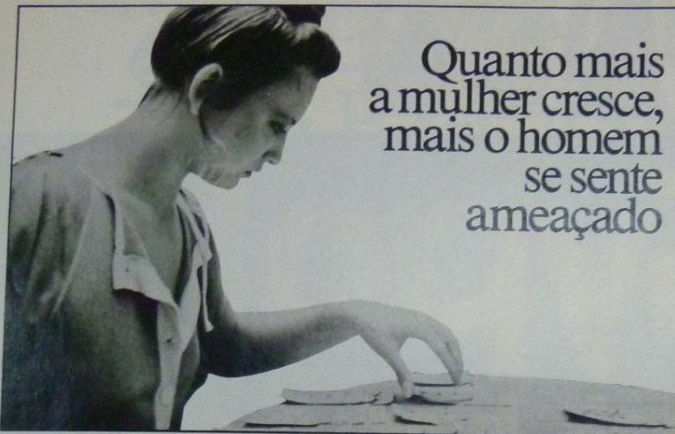
Não é segredo para ninguém que a mulher separada enfrenta uma verdadeira batalha: são os preconceitos, a solidão, a falta de vivência (que nunca lhe permitiram ter) para ser dona de si mesma. Mas é na luta discreta, silenciosa, feita de mil coragens diárias que ela encontra seu novo caminho.

UM ARTIGO DE CARMEN DA SILVA

A solidão da ex-casada é tema de crucial atualidade. Há algum tempo atrás, o escritor e cronista José Carlos de Oliveira o abordou num artigo que teve inusitada repercussão: as leitoras escreveram, comentaram, o jornal organizou debates, que culminaram com a publicação de uma série de depoimentos de mulheres ex-casadas.

O autor partia do pressuposto de que as mulheres andam largando seus homens como quem joga fora um par de sapatos velhos: por "veleidades feministas", fantasias de independência e auto-afirmação. Dando a entender que eles são uns perfeitos anjinhos, mas nem sempre os anjos conseguem contentar essas fêmeas de hoje, exigentes, cheias de reivindicações e não-me-toques.

segue



Quanto mais a mulher cresce, mais o homem se sente ameaçado

Baseado nessa premissa, ele pergunta às leitoras se tinha valido a pena, se na hora da solidão não se arrependiam, achando que teria sido melhor sacrificar seus desejos de autonomia e continuarem ao lado do "porco-chovinista" em vez de ficarem sozinhas numa triste cama fria e com espaço de sobra.

A mera presença física não significa companhia

Toda essa colocação é, a meu ver, gritantemente falsa e impregnada de ideologia machista. Nem feminismo é "veleidade" nem as mulheres desfazem uma união em nome de meros rótulos. A designação de "porco-chovinista", expressiva porque sintetiza um tipo de mentalidade masculina ainda muito corrente entre nós, em geral só é usada em debates intelectuais e textos humorísticos. Nunca a ouvi nas desavenças reais do casal, nas brigas ao vivo, em que eles se enfrentam com queixas muito definidas, acusações precisas. Mulher nenhuma abandona um "porco-chovinista", ela não rompe com um símbolo, rompe com um homem concreto, João, Pedro ou José, o parceiro que ela acha infiel, irresponsável, grosseiro, sexualmente insatisfatório ou seja lá o que for. Que seu julgamento peque por exagero é outra questão. O fato é que ela não está mais tolerando o convívio com esse indivíduo concreto em particular.

E algumas mulheres estão só simplesmente porque não têm escolha: a iniciativa da separação não foi sua.

Já a pergunta/desafio do autor é de uma evidente ingenuidade: ele imagina

que ter alguém dentro de casa equivale a estar acompanhado. Ora, quando duas pessoas deixam de entender-se, a mera presença física não é mais companhia: é irritação, estorvo. Dificilmente um casal cogita de separar-se enquanto ainda podem ter momentos de real comunicação, em que cada um sente o outro como um escudo contra a solidão interior. A ruptura só vem quando cada um já está intimamente sozinho, isolado em seu rancor, sua hostilidade, sua frustração. E chegadas as coisas a esse ponto, continuar materialmente juntos só serve para exacerbar o antagonismo. Uma vez acabado o que justifica uma união — amor, solidariedade, confiança, projetos comuns, alegria da presença mútua — e quando nem mesmo um calmo afeto é possível porque há ressentimentos demais, continuar juntos só por medo à solidão, à cama vazia e às contas a pagar no fim do mês é fazer à covardia mais concessões do que a auto-estima agüenta. Melhor mesmo é dispor da cama inteira só para si, ainda que seja para a insônia, as lágrimas, a solidão, do que ter ao lado alguém que já se transformou em trambolho.

Se me detive a examinar essas distorções é porque acho importante destacar como a ideologia machista, martelada com uma insistência de lavagem cerebral, permeia os julgamentos dos homens, influencia seus critérios e opiniões e, por tabela, os das mulheres. É através dessa ótica deformada que eles nos interpretam e se arvoram em portas-vozes do ser feminino: "Mulher é assim ou assado, sente isso, deseja aquilo, pensa de tal ou qual modo". E o tom de suficiência professoral, típico de quem sempre deteve o monopólio da cultura e se habituou a ditar regras, confere uma solene autoridade aos preconceitos deles.

Neste caso, como em quase todos, a preocupação básica é culpabilizar a mulher. Segundo a visão patriarcal, ela seria a principal responsável pela felicidade do casal e a única culpada de sua própria infelicidade. Até pouco tempo atrás, a moça casadoura invariavelmente ouvia de sua mãe, das amigas, dos amigos do noivo, dos conselheiros, do confessor, a afirmação/advertência de que a harmonia conjugal depende cem por cento da mulher — como se um só pudesse responder pelo entendimento dos dois. E quando a mulher abandona ou é abandonada pelo parceiro, nunca falta quem lhe caia em cima com comentários ácidos: "Foi *trouxa*, não soube reter seu homem".

É a velha tática de fazer a mulher sentir-se sempre em falta, sempre colocada no banco dos réus, batendo no peito e perguntando-se: "Onde é que *eu* falhei, o que é que *eu* fiz de errado?" Não se precisa de muita esperteza para entender a manobra: quanto mais cheia de culpa, mais insegura e, portanto, mais dócil, mais fácil de reduzir à submissão.

A ex-casada é quase uma heroína, feita de coragens cotidianas

Apesar do enfoque machista, a matéria deu oportunidade para que várias descasadas, falando de si mesmas, descrevessem suas experiências, suas dificuldades, suas esperanças. E dos relatos emergiu uma figura de contornos quase heróicos, desse heroísmo discreto, silencioso, feito de mil pequenas coragens cotidianas.

Vimos uma mulher assoberbada pelo desempenho simultâneo de vários papéis: chefe de família que trabalha para sustentar os seus, presença doméstica atenta e vigilante, que faz a casa funcionar bem, mãe carinhosa que se desdobra, para criar, educar, cuidar, preencher as lacunas emocionais e, bem ou mal, dar aos filhos um senso de lar, de família ainda inteira. Não raro ela é também uma mulher jovem, atraente, solicitada e sem qualquer vocação celibatária, fazendo malabarismos para, com muito esforço, muita culpa, arranjar uma beiradinha de tempo para sair, divertir-se, namorar, ter um pouco de vida pessoal.

Lendo esses depoimentos, bem como outros, recolhidos em diversas publicações, surpreendeu-me ver como coincidem com o testemunho de centenas de cartas que recebo, de inúmeras confidências que ouço, de situações que conheço por observação direta. Pareceria que, à margem das diferenças individuais, houvesse um padrão fixo de comportamen-

segue

A ARTE DE SER MULHER



Os homens
querem uma
mãe e babá.
As mulheres não
aceitam mais
"crianças grandes"

to, certa uniformidade nas experiências e nas expectativas das ex-casadas.

Partindo desses aspectos comuns, dessas semelhanças tão chamativas quanto numerosas, tive a audácia de traçar um perfil — esquemático, aproximativo, é claro — da descasada brasileira de classe média, com ou sem títulos universitários, numa faixa de idade entre os trinta e os quarenta e poucos anos.

**Toda mulher separada
sonha com o recomeço,
uma segunda chance**

De saída, o primeiro traço que se observa contradiz a opinião do cronista: por maior que seja sua solidão, por graves que sejam seus problemas de readaptação psíquica e social, nenhuma mulher que tenha tomado a iniciativa da separação está arrependida e desejando voltar para o "porco-chovinista". E nenhuma delas vê os demais homens como outros tantos porcos-chovinistas, dos quais só quer distância: pelo contrário, todas sonham com o recomeço, a segunda chance, o companheiro melhor, uma nova união mais certa.

Notei que, nos primeiros tempos da separação, é quase inevitável que a descasada enfrente uma crise de identidade. Toda mulher traz do berço, e até de antes, por atavismo, um condicionamento de apêndice, de alguém que não conta muito por si mesmo e sim em função de seus vínculos familiares: ela é filha de alguém, esposa de alguém, mãe de filhos que levam o sobrenome paterno. Em sociedade, ela nem sequer tem o nome: é a Senhora Fulano de Tal. E se não o for, aos olhos dos outros ela será

um fracasso, um destino frustrado, um ser incompleto que passará a vida ouvindo cobranças, dando explicações e surpreendendo, em torno de si, ora olhares compassivos, ora risinhos maldosos. Mesmo a feminista mais lúcida e consciente não consegue escapar de todo à influência de um preconceito cultural tão insistente e arraigado. Assim, a mulher que se casa tem a sensação de encaixar-se no escaninho social correto, onde está ao abrigo de equívocos e ambigüidades; dizer que "Fulana é uma senhora" não é apenas esclarecer seu estado civil: é passar-lhe um atestado de respeitabilidade. Já a descasada é a mulher que salta fora do nicho, perde a etiqueta, cai num limbo de indefinição que provoca desconfianças no ambiente e cria situações constrangedoras, até mesmo de ordem prática: para alugar apartamento, por exemplo, hospedar-se em hotéis, solicitar créditos, etc.

Na verdade, mulher que termina um casamento e não volta a morar com seus pais começa, por fim, a ser ela mesma, sem escoras familiares e sociais, e mulher nenhuma entre nós foi preparada para isso. A brasileira adulta de hoje jamais recebeu na infância a formação necessária para pensar-se como pessoa autônoma e assumir sua individualidade.

Esse "salto qualitativo" e mais a mudança de sua imagem desencadeiam a crise de identidade: ei-la confusa, insegura, em pleno processo de autodesvalorização pessoal e social. A descasada desconfia dos convites e solicitações: terão pena dela? ou intenções ocultas? Acha humilhante ir a espetáculos, restaurantes e lugares de diversão sozinha ou em companhia feminina, mas fica inquieta e com culpa saindo com homens, pois ainda se vê como casada; e andando com ca-

segue

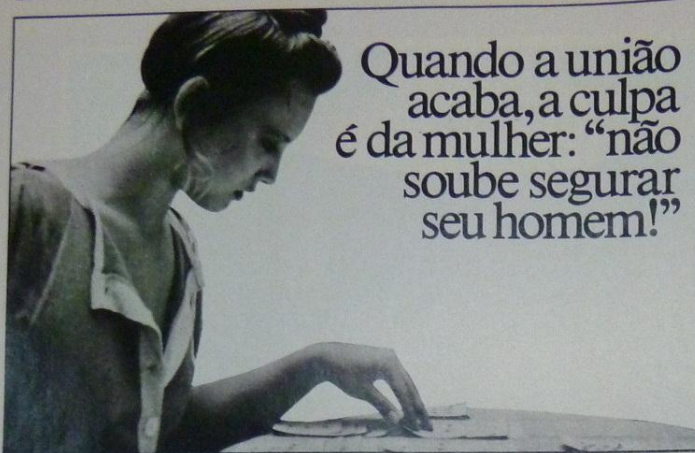


ONDE ENCONTRAR
OS BIQUINIS DA INEZ

RIO DE JANEIRO Ananas Alôita Armação Bagaçerie Carniço 4 Cribb Emphasis Grafitti Gardenia Local 244 Mucho Louco Mille Maria Bonita Milano Nectar Pepper Patchouli Scarabochio Sacada Stress Stop Light Smuggler Traflic Tchanga Terrak Vans Port	SÃO PAULO Alameda Beyssa Blowup Chez Moi Drogstore Dasilu Frank Stein Happy Days Helena motin Lua Nova Modas Pier Maria Inez New York Pandemônio Paraphernalia Patchouli Paroli Ruth Salem Soft Machine Snoopy Shardas Modas Terracota Zueira	SALVADOR Bagaçeria Camomila Dia e Dia Fuxia Loka Preta Porter Panda Sportbel Snoopy Fraia Tareli
NITERÓI Alessandra Casa 56 Loura Boutique Lippo Lippo Preludio Proteus Shop 126	CURITIBA Boutique Brasinha Iara Boutique Martini' sport Noi Boutique One One Realice Rony Spell Boutique Trancham	RECIFE Becco Chic Let Paraphernalia Charm Modas Giri's Minha Modas Scale Chopper
Búzios Abracadabra	PORTO ALEGRE Genesis Boutique Griffus	FORTALEZA Broadway Modinha Boutique Orintha Robert Suzuki Mode
BELO HORIZONTE Biscuit Presentes À Baiana Papua Tucha Washy Boutique	FLORIANÓPOLIS Geranon Boutique	NATAL Enequina Leticia Boutique Mistura Fina
UBERLÂNDIA Saci Curtson	PINHAL Veruska's Brecho	MACEIÓ Marinha Pirel Sabelle
UBERABA Carnaby Avenida	RIBEIRÃO PRETO História Boutique Savannah	ARACAJU Girny's
VITÓRIA Click Boutique	CAMPINAS Boutique Liroca Krishna	JOÃO PESSOA Boutique Happy Em
CACHOEIRO Bill	JUIZ DE FORA Sport Bel	BELÉM Lecy Vieira
	GUARUJÁ Sappho Boutique	PARNAÍBA Suplibem
	TERESÓPOLIS Maison 166 Opção	BRASÍLIA Gizay Kravo e Kanela Luti Lilly's Margarida Sol e Vento

REPRESENTANTES DE INEZ MYNSSEN

SÃO PAULO - Maringá	282.7406
RECIFE - Rocha	241.5246
BRASÍLIA - Luctene	248.6663
B. HORIZONTE - Tania	464.9909
CURITIBA - Brandão	232.4631
NITERÓI - Carlos	719.0666
SALVADOR - Gloria Marize	



Quando a união acaba, a culpa é da mulher: "não soube segurar seu homem!"

sais considera-se a quinta roda, um estorvo, ou receia o ciúme das outras; em festas e reuniões está desconfortável, sozinha em casa sente-se jogada fora e na fossa. Enfim, é um período ingrato, de conviver mal consigo mesma e com os demais.

Ela quer amar e ser amada. Ele quer continuar possuindo

Superada essa fase, é comum que a descasada caia na maior urgência de arranjar logo um namorado, apaixonar-se, ter um caso. Em parte, para recuperar seu lugar no escaninho antigo e tranquilizador, em parte por temer que um longo recesso a ponha fora de circulação erótica, uma como que superstição de que "parando, enferruja". O que tem seu fundo de verdade, no sentido de que o hábito torna mais fácil tanto a solidão como a disciplina sexual.

Na pressa, algumas acumulam aventuras, quase sempre decepcionantes porque, justamente como não escolhem muito, é raro que o parceiro mereça um segundo encontro. Outras, sexualmente mais tímidas, limitam-se a aceitar saídas e jantares com quanto homem aparece, tateando o terreno, impacientes e frustradas porque não conseguem se interessar a sério por nenhum deles. De tudo isso, o aspecto mais gratificante é a sensação da liberdade de solteiras.

Após um bom número de desenganos, sobrevém certa calma e a descasada se adapta a sua situação, entra numa rotina vivível, e, às vezes, até agradável.

E quando, à força de golpes e sacudidas, ela já se tornara cauta, evitando pre-

cipitar-se, indo com prudência para não repetir erros passados, vem o deslumbamento. A segunda chance. Agora sim, surgiu por fim o homem certo, o companheiro esperado. Seu coração põe-se a entoar hosanas e aleluias. E aí "o príncipe e a princesa casaram-se e foram felizes para sempre".

Ou não?

Na verdade, não. Na maioria dos casos de que tenho notícia, após um tempo variável de convívio — alguns meses, um ano, dificilmente mais — ela chega à conclusão de que se deixou iludir por sua própria vontade de amar; até voltar à lucidez e admitir que não dá certo: o indivíduo revelou-se dependente, imaturo, mais precisado de uma *psico-babá* do que de uma parceira amorosa e sexual. E a estas alturas, depois de já ter rompido uma primeira união insatisfatória, de ter provado a si mesma que é capaz de enfrentar sozinha todas as barras, ela já não está disposta a fazer concessões demais: ou um bom relacionamento, ou nada.

Não faltarão os ultra-psicologistas, com o argumento de que a desgraça e o fracasso só recaem sobre quem os busca: ótima teoria para responsabilizar a mulher pelos abusos que o homem comete contra ela, do mesmo modo como o *slogan* de que "os povos têm o governo que merecem" pretende justificar os abusos dos tiranos e opressores. Claro que não há conflito humano com uma dose maior ou menor de cumplicidade psíquica dos envolvidos. Mas não vamos incorrer no exagero de negar o peso e a influência de fatores sociais e culturais, de circunstâncias reais alheias à vontade pessoal de cada um.

E hoje em dia, a circunstância real mais chamativa na relação homem/mulher é a defasagem na evolução dos

dois. Mais ela cresce do ponto de vista humano, intelectual, social, mais ele se sente ameaçado. Mais ela amplia sua consciência e seus horizontes, mais ele se apegava a seus ilusórios privilégios. Ela tenta abolir barreiras sexistas e criar entre eles um diálogo cordial e igualitário, ele se debate para manter as velhas formas de domínio e opressão. Enquanto ela quer amar e ser amada, ele quer continuar possuindo e controlando.

Nada disso é novo: a crise latente, quase tão velha como o mundo, por fim explodiu e está complicando tudo. Não é de hoje que os homens, com raras exceções, são imaturos, dependentes, querendo fazer a mulher de mãe e babá — e sua insegurança atual só faz acentuar essas características. A diferença é que as mulheres, depois de séculos de cegueira e de ter a maior indulgência maternal com eles, cansaram de conviver com crianças grandes e estão desejando outro tipo de vínculo. E os cavalheiros não se têm mostrado à altura.

A segunda coragem é bem mais fácil que a primeira. A descasada já se sabe capaz de sobreviver, econômica, social e psicologicamente, por si mesma. A experiência fortaleceu seu senso de independência, consolidou sua individualidade, deu-lhe dimensão intelectual para poder rir do discurso patriarcal que a limita ao papel social de apêndice e ao destino biológico de reprodutora: ela agora sabe o quanto pode esperar de si mesma. Aprendeu até a *curtir* as alegrias do celibato: "Romance, para mim, só lá fora — disse-me uma amiga, mãe de dois adolescentes. Depois de seis anos de separação, com meus filhos e uma empregada antiga, chegamos a um clima tão harmonioso em casa, um entendimento tão espontâneo que não me animo a introduzir uma pessoa nova nesse quadro".

A luta da descasada de hoje abre novos caminhos às próximas

Segundo meus dados, quase todas as mulheres que se descasaram após os trinta anos já viveram a "segunda experiência" e, depois disso, continuam sozinhas. Comprovação melancólica. Mas aprenderam a ser gente por si mesmas e isso é importantíssimo. Acho que a maioria delas, embora privada de grandes exaltações sentimentais e sexuais, encamparia a frase do prócer uruguaio José Artigas: "Não venderemos nosso rico patrimônio ao vil preço da necessidade".

É uma etapa difícil que coube à sua geração e que, provavelmente, abrirá caminhos novos e mais fecundos para as próximas. Dias melhores hão de vir.

FIM

NOSSO CORPO NOS PERTENCE

Após participar do "Encontro de Mulheres Sobre Sexualidade, Saúde, Contraceção e Aborto", promovido pela Casa da Mulher do Rio de Janeiro, Carmen da Silva reafirma a necessidade de a mulher lutar contra as leis masculinas que determinam como elas devem usar seu próprio corpo.

UM ARTIGO DE CARMEN DA SILVA

Com a presença de centenas de mulheres das mais diversas condições e procedências, a Casa da Mulher do Rio de Janeiro organizou recentemente um "Encontro de Mulheres sobre Saúde, Sexualidade, Contraceção e Aborto". Participaram profissionais, donas-de-casa, estudantes, funcionárias, deputadas, vereadoras, uma senadora e, inclusive, algumas mulheres pertencentes a grupos que têm raras oportunidades de se fazer ouvir, como operárias, camponesas, artesãs. Havia cariocas e gente provinda de quase todos os recantos do Brasil: só dois Estados não puderam enviar delegações.

Durante três dias elas se confraternizaram, apresentaram e debateram trabalhos, entusiasmaram-se, aplaudiram, polarizaram, tudo isso num clima absolutamente "feminino", isto é: cálido, espontâneo, cordial, sem formalismos nem papéis.

Realizado sob o lema "Nosso Corpo nos Pertence", o Encontro girou em torno de uma idéia fundamental: a necessidade de a mulher recuperar a autonomia e o poder de decisão sobre o próprio corpo e suas funções.

Dizer que o sistema patriarcal se apropriou do corpo feminino não é exagero nem radicalismo. Em nossa sociedade, o corpo da mulher deixou de ser a expressão concreta de sua individualidade

para tornar-se mero repositório de valores e interesses masculinos. Sua estética é ditada por conveniências empresariais e de mercado. Sua sexualidade é custódia da "honra" dos homens, em nome da qual até sua mobilidade - o direito constitucional de ir e vir - é cercada, pois mulher "honesta" é a que fica confinada em casa em vez de andar badalando por aí. Sua saúde em geral e, em particular, suas funções reprodutoras, são objeto de toda sorte de manipulações, nem sempre escrupulosas. Seu ventre, depositário da espécie e instrumento que o homem utiliza para garantir a continuidade de seu nome, é submetido a um rigidíssimo controle.

As leis sobre sexualidade, moral e natalidade partem de cabeças masculinas

Assim, ignorando a mulher, seus desejos, interesses e necessidades, passando olímpicamente por cima de sua cabeça, são os homens que legislam sobre a sexualidade, a moral, a família, a maternidade; são eles que traçam políticas de natalidade, permitem, estimulam ou coíbem métodos anticoncepcionais, muitas vezes usando a mulher como cobaia para testar técnicas e produ-

tos; são eles que marginalizam a mãe solteira e impõem à mãe casada um comportamento sobre-humano para manter viva a fantasia masculina da mãe sublime; e ainda profibem o aborto, lucram debaixo do pano com o aborto, praticam cesarianas supérfluas, aplicam DIUS sem o conhecimento da interessada, têm a última palavra para autorizar ou negar uma ligação de trompas - enfim, exercem sobre o corpo feminino o mesmo domínio incontestado que o senhor exercia sobre o corpo de escravo.

O Encontro serviu para reunir dados históricos, médicos, psicológicos, políticos e econômicos, trocar informações, comunicar experiências e traçar estratégias que permitam à mulher recuperar a soberania sobre o próprio corpo, de modo a poder viver suas funções corporais com liberdade, alegria e saúde. Entendendo-se por saúde, como o Encontro definiu logo de saída, não apenas a simples "ausência de doença" e sim um conjunto de condições que possibilitem o exercício pleno e harmonioso de todas as capacidades físicas, psíquicas e mentais do ser humano.

Na impossibilidade de relatar todos os temas abordados, centralizo minha exposição sobre o assunto que mais mobilizou a assistência e esquentou o debate: o aborto.

O direito ao aborto é uma questão

segue

Atualmente existe uma verdadeira (e lucrativa) indústria de aborto clandestino

candente que, por despertar susceptibilidades religiosas e reações emocionais intensas, até agora vinha sendo tratado com luvas de pelica pelas feministas brasileiras. Mesmo assim, o véu de hipocrisia social se esgarça cada vez mais, revelando com crescente cruza os interesses mercantis escondidos sob a capa de falso moralismo, e as manobras criminosas perpetradas contra o organismo feminino.

Pesquisas realizadas sobre vários aspectos da sexualidade feminina (atualmente as vitrines das livrarias estão repletas de textos a respeito) mostram que, nos mais diferentes meios sócio-econômicos, é rara a mulher adulta que não haja abortado ela mesma ou testemunhado aborto em amiga íntima, parente próxima. Contudo, é tão forte o clima de terrorismo psicológico, a tal ponto as mulheres são responsabilizadas, que é muito comum observar-se uma flagrante contradição entre o ato e o discurso: consultadas sobre a legalização do aborto, reagem negativamente: "Sou contra. Fiz porque não tinha mais remédio, mas sou contra".

São mais ou menos 3 mil abortos por ano. Fora os de fundo de quintal

Calcula-se que o número de abortos clandestinos no Brasil anda em torno dos três mil por ano. Esta cifra não abarca as chamadas "práticas de fundo de quintal" com tisanas, agulhas de tricô e outros meios primários usados por "curiosos" ou pelas próprias interessadas, e dos quais só se fica sabendo quando as vítimas vão desembocar nos hospitais públicos com hemorragias, infecções, perfurações de órgãos e outras conseqüências, não raro fatais. E aí as pobres coitadas ainda têm que agüentar as gracinhas sádicas dos médicos que

fazem tratamentos e curetagens sem anestesia, "para que elas aprendam".

Já a mulher de classe acomodada conta com um atendimento mais ou menos correto em clínicas que são verdadeiras indústrias de produção de abortos em escala maciça, para quem possa pagar as altíssimas tarifas cobradas.

Não surpreende, pois, que grande número de médicos reaja mal quando se fala em legalização do aborto: para muitos, seria o fim de uma atividade lucrativa e livre de impostos. "Sou pela vida", alegam - e até aí não dizem nada novo, pois todo o mundo que não seja tarado é a favor da vida. Mas... que tipo de vida? É aqui que mesmo as pessoas sinceras e desinteressadas incorrem em ingenuidade e cegueira: que espécie de vida aguarda o bebê não desejado, nascido num ambiente onde não há condições econômicas e/ou emocionais para recebê-lo bem? Vida, vida verdadeira, é intercâmbio não só no plano físico como no afetivo, viver é integrar-se numa constelação emocional, complementar-se com outros seres numa troca de sentimentos, desejos, gratificações. E nesse sentido, que perspectivas tem o filho inoportuno e acolhido de má vontade? Em nome de uma *possibilidade de vida* - pois nas primeiras semanas o embrião não é mais do que isso - impõe-se a uma futura criatura de carne e osso um destino real de frustração, solidão, aridez. Para os que nascem em lar de boa situação econômica, será a privação afetiva, a eterna insatisfação, o vazio jamais preenchido; para os pobres, a fome, o abandono, a marginalidade, o cárcere. E para chegar a tão dramáticos resultados, uma mulher - uma vida concreta e não apenas potencial - é obrigada, sabe-se lá a que preço - físico, psíquico, moral, social -, a levar a termo uma gravidez. Sofrendo, em geral, sérios transtornos, causados justamente pela rejeição psicológica; enfrentando um parto tanto mais doloroso

e angustioso porque nenhuma alegria vem contrabalançar a violência física do processo; devendo talvez renunciar a uma carreira, interesses, projetos, para criar seu filho e, ao mesmo tempo, torturando-se de culpa por não sentir prazer em tais sacrifícios. E ainda há casos em que, sendo solteira e vivendo num meio preconceituoso, ela é empurrada pelo repúdio familiar e social ao desamparo e à miséria.

Nada mais certo que aquele aforismo das feministas: se os homens comessem a parir, o aborto seria liberado agora mesmo.

Uma vez mais repito o óbvio: o aborto *não* é um método anticoncepcional; é apenas uma solução de emergência a ser usada quando já nenhuma outra é possível. Aliás, é o mesmo critério que os médicos conscienciosos aplicam a todas as intervenções cirúrgicas.

O Código pune o médico e a paciente pelo aborto. Nunca o pai

As feministas reivindicam maior reconhecimento da mulher sobre o próprio corpo, de modo a evitar o mistério que fomenta o terror e facilita a exploração por parte dos profissionais inescrupulosos; melhor atendimento médico e psicológico à gestante, assegurando-lhe uma gravidez bem-sucedida e feliz; não intervenção do Estado no campo da natalidade, ficando o planejamento familiar ao arbítrio de cada casal; acesso de todas as mulheres à informação e aos recursos que facultem a cada uma programar sua reprodução e escolher o sistema de contracepção que mais lhe convenha. O Encontro criticou especificamente o fato de que no Brasil não seja fabricado o diafragma, proteção de baixo custo e longa duração, que não acarreta nenhum da-

segue

Atenção: a 22 de setembro próximo teremos o "dia nacional pelo direito ao aborto"

no à saúde, vantagens essas que não se podem alegar a favor da pílula ou do DIU.

A insistência aparentemente prioritária no direito ao aborto é porque, pelo menos na primeira etapa, essa solução depende de muito pouco.

Nosso Código Penal capitula o aborto como crime - curiosamente, responsabilizando o médico e a paciente, mas não o homem que a engravidou e/ou a induziu a abortar. Bastaria suprimir apenas algumas linhas do Código e já não haveria crime: tudo aquilo que a lei não proíbe é lícito.

Esse seria apenas o primeiríssimo passo, ainda insuficiente para oferecer garantias adequadas à mulher. De pouco vale um direito legal sem uma regulamentação eficaz e uma fiscalização rigorosa: veja-se, por exemplo, a lei das creches, que ninguém respeita. Aliás, a própria lei do aborto pode servir de ilustração. Ela permite interromper a gravidez resultante de estupro (e aqui já se evidencia a flagrante hipocrisia: onde fica o argumento altissonante do respeito à vida? Vida é sempre vida, seja qual for sua origem). Para ser dispensada do "castigo" bíblico e social, a mulher tem de provar que sofreu pela força a sexualidade do macho e não exerceu a sua por prazer. Mas para praticar o aborto, os médicos precisam da autorização judicial, sem a qual os temerosos da lei não ousam agir e os clandestinos se expõem a sair da clandestinidade. E a justiça é lenta: mais ainda quando entra em jogo a ambivalência dos juizes que não querem tocar nesses problemas nem com pinças. Enquanto a burocracia dos tribunais se arrasta, a gestação avança até ultrapassar o prazo em que o aborto pode ser praticado sem riscos. De uma notícia de jornal: "O juiz da 21.ª Vara Criminal, Dr. X (omito o nome), disse não ser 'lícito autorizar nem proibir' à menor J. F. O., de 13 anos, submeter-se à intervenção. Ela há mais de um ano vinha sofrendo vio-

lências sexuais de seu padrasto". Essa obra-prima de omissão é um caso entre muitíssimos outros que, em geral, nem chegamos a saber: este só ganhou notoriedade porque foi recolhido no livro "Cicera, um Destino de Mulher", da autoria de Danda Prado, segundo um depoimento de Cicera Fernandes de Oliveria, a mãe da menor em questão. Após uma peregrinação de Herodes para Pilatos em nossa indecisa justiça, a menina acabou dando à luz.

Até isso; um aborto bem feito é muito mais barato do que um mal feito

O que as feministas pleiteiam, pois, é que junto com um vasto programa de conscientização e esclarecimento sobre métodos anticoncepcionais seguros e inócuos - sempre respeitando-se a autonomia de cada mulher - o aborto seja *legalizado e regulamentado*, passando a integrar os serviços normalmente prestados pela previdência social. É justo e necessário que também a mulher pobre possa, se achar necessário, interromper uma gravidez contando com uma garantia de bom atendimento que não lhe espolie a saúde.

Cabe destacar que esta é uma das poucas medidas progressistas cuja adoção, em vez de aumentar as despesas de nosso mal aquinhoado INPS, viria redundar em economia: um aborto bem feito sai muitíssimo mais barato em pessoal, tempo, equipamento e horas/leito do que tratar seqüelas de um aborto mal feito. Tanto mais que, a partir da legalização, certamente será adotado o sistema *Karman* de sucção, hoje predominante na maioria dos países europeus, incruento, rápido, indolor, econômico, menos traumático e perigoso do que qualquer outro método conhecido e suscetível de ser rea-

lizado por pessoal paramédico ou até mesmo por leigos com um curto período de adestramento.

Vários países ocidentais reconhecem ao médico o direito à chamada "objeção de consciência": por razões de foro íntimo, religiosas ou outras, ele pode recusar-se a praticar um aborto, mesmo que este seja legal.

No Brasil, essa faculdade, se outorgada sem discriminação, daria lugar a uma infinidade de manobras indesejáveis. Deve ficar bem claro que um médico só pode alegar objeção de consciência dentro do seu consultório ou clínica particular, nunca em hospitais públicos, pois neste caso, na qualidade de empregado do Estado, ele perde o direito de objetar a qualquer ato que o Estado, seu empregador, autoriza.

Mulheres com formação jurídica, pertencentes a diversos grupos feministas de todo o Brasil, estão redigindo o texto de proposta de modificação do Código Penal a ser apresentado às autoridades competentes. O êxito, é claro, depende em grande parte no nosso número: quanto mais numerosas formas, mais poderoso será nosso clamor.

Nesse sentido, o Encontro fixou o dia 22 de setembro próximo como o Dia Nacional de Reivindicação do Direito ao Aborto, com reuniões, debates e, sobretudo, manifestações públicas e o máximo de presença nos meios de comunicação.

Vamos obter um direito que ninguém quer usar mas que, de qualquer modo, nos é devido.

Assim como obtivemos o divórcio, embora todo o mundo prefira que seu casamento dê certo.

Assim como o direito de usar óculos ou muletas, de amputar um membro gangrenado ou fazer uma ponte safena.

Perspectiva que ninguém deseja para si, mas liberdade da qual, surgindo a necessidade, ninguém nos pode razoavelmente privar.

O LIRISMO DOS HOMENS DIANTE DOS PROBLEMAS FEMININOS

Apesar de alheios aos problemas especificamente femininos, os homens continuam se achando no direito de ditar regras e fazer leis que vão regular assuntos fundamentais na vida das mulheres. Mesmo diante de situações irrefutáveis, eles saem pela tangente das abstrações, desprezando solenemente os fatos. Ao fenômeno vivo, opõem o esquematismo de teorias muitas vezes inventadas na hora, sem a menor consistência. Veja um bom exemplo desse tipo de comportamento.

UM ARTIGO DE CARMEN DA SILVA

A questão da legalização do aborto está na ordem do dia: palestras, discussões, mesas-redondas, passeatas, manifestações a favor e contra. Parece oportuno: já era mais do que hora de romper o espesso véu de hipocrisia que envolve o assunto no Brasil.

Mas não é tanto pela atualidade do tema que vou comentar aqui um debate a que assisti por televisão, aliás prolongado por dois domingos consecutivos, no programa Hebe Camargo. Ele evidenciou com meridiana clareza as incoerências da lei e a inconsistência dos argumentos dos auto-intitulados "defensores da vida". Mas, sobretudo, tornou escandalosamente visível um aspecto que ultrapassa o problema do aborto em si e abrange uma vastíssi-

ma gama de situações — e é este que desejo destacar. Refiro-me ao extremo "lirismo", o verdadeiro desligamento com que os homens encaram as questões de interesse feminino. A realidade está aqui, eles estão sempre ali ou acolá. Têm o fato concreto ante os olhos e saem-se pela tangente das abstrações. Ao fenômeno vivo, opõem o esquematismo de teorias esdrúxulas que eles próprios inventaram — e, às vezes, improvisadas na hora.

Participavam do debate o procurador de Justiça Dr. Antônio Sérgio Camargo Aranha, a médica Dra. Stela Alves de Souza, a psicóloga social Dra. Danda Prado e a jornalista Sônia Abraão, sob a coordenação da própria Hebe. Na segunda rodada, o procurador fez-se acompanhar por um sacerdo-

te, o padre Lepargneur, cuja atuação me abstenho de comentar porque a posição da Igreja, amplamente conhecida e fundada no dogma, não se pretende lógica nem racional. E só é válida para os católicos praticantes — que, não raro, força é admiti-lo, incorrem em alguns curiosos manejos de consciência.

Baseada em sua formação médica, a Dra. Stela afirmou que hoje em dia o exame do líquido amniótico permite traçar *com total certeza* — ela o acentuou — o mapa genético do feto, a partir de 45, 50 dias de gestação. Assim, desde o princípio pode-se detectar a existência de anomalias irreversíveis, como o mongolismo ou outras. Não é iníquo, perguntou a Dra., *condenar à vida* uma criatura nessas condições? Não é perverso obrigar uma mulher a

segue
CLAUDIA - 199

gestar, parir, criar e cuidar até o fim de seus dias de um filho que jamais será auto-suficiente, cujo futuro não apresenta a mínima esperança de saúde, normalidade, realizações humanas?

Embora especializado em outro campo, o procurador não aceitou a palavra da médica: "A medicina jamais pode ter certeza", contestou uma e outra vez, passando por alto as garantias científicas da Dra. Stela. Ora, sabemos que a ciência não é infalível e que há grande número de casos de diagnóstico duvidoso. Mas uma parcela de saber conquistada é uma parcela de saber conquistada, e aí acabou-se a conversa. Aliás, se partimos da dúvida sistemática, como podemos saber que uma mulher está grávida, antes dos cinco ou seis meses? Claro que gostaríamos de compartilhar o otimismo do procurador, sua crença no milagre. Infelizmente, porém, *algumas* certezas atuais são incontornáveis: se uma biópsia delata um câncer, quinhentas biópsias do mesmo material vão confirmar o diagnóstico — e não cabe mais discussão.

A insistência do procurador em negar, a partir de seus conhecimentos de *direito*, uma certeza médica que atrapalhava suas convicções, parece bastante típica do irrealismo masculino: "Se os fatos me incomodam, vou decretar que eles não existem". Tanto mais quando as possíveis consequências desses fatos só vão recair sobre a cabeça das mulheres.

Lembro, a respeito, outros exemplos, já sem relação com o problema do aborto mas igualmente expressivos. Debatia-se o caso de uma mulher que fora barrada num bar à beira-mar por estar sem companhia masculina: em nome da moral e dos bons costumes (!), a direção não admitia mulheres sós. "Sós" quer dizer sem homem: elas podem estar num grupo de dez e continuarem sendo "mulheres sós". Disse um advogado que isso estava muito errado: entrar desacompanhada num bar é "um direito líquido e certo" de qualquer pessoa e, portanto, ela podia e devia ter insistido em sentar-se e tomar seu chopinho em santa paz. Muito bem: mas quem afirma seu

A lei perpetua o domínio masculino sobre a sexualidade da mulher

direito líquido e certo quando o outro se nega a reconhecê-lo? Que mulher vai sentar-se a força numa mesa de bar quando o proprietário não a quer admitir, os garçons não a servem e o público, se vê esboçar-se uma situação desagradável, reage mal achando que a escandalosa é ela? Quem vai procurar um advogado ou juiz, às nove horas de uma noite de sábado, para garantir o exercício de seu direito líquido e certo?

Direito líquido e certo é sermos nomeadas para um cargo que ganhamos por concurso — mas, em Pernambuco, a própria Justiça eliminou as vencedoras nas provas para promotor, por serem mulheres. Direito líquido e certo, consagrado em lei, são as salas de aleitamento e as creches nos lugares de trabalho que empregam trinta ou mais mulheres — e onde estão as creches e as salas de aleitamento?

Da outra vez, foi um debate sobre a mãe solteira. Com ar muito desenvolvido, um psicólogo declarou que a mulher que resolve ter um filho fora do casamento ou de uma união estável "não tem uma cabeça boa": a seu juízo, trata-se de uma escolha neurótica. "Escolha", essa é ótima! Acreditava o santo varão que a mulher se torna mãe solteira porque quer! Situações em que o filho sem pai é uma decisão pesada e calculada contam-se nos dedos da mãe e, em geral, só ocorrem entre gente que tem uma posição privilegiada em prestígio e dinheiro nos círculos mais inconventionais, como o mundo do espetáculo. E, assim mesmo, nem sempre o que elas dizem é a verdade: às vezes, estão escondendo frustrações inconfessadas. Fora disso, a mulher é mãe solteira porque o pai da criança deu no pé. Ou então portase de um modo tão intolerável que a

gestante acha mais sadio, para ela e para o filho, levar adiante sua gravidez sozinha.

E dificilmente se passa um dia sem que ouçamos algum homem afirmar, muito lampeiro, que hoje em dia a mulher já conquistou todos os direitos, tem acesso a todos os postos e só não chega aonde não quer ou aonde sua competência não alcança.

Pimenta nos olhos dos outros não arde — a menos que nosso olho tenha aprendido uma verdadeira visão humanista, pela qual eu sou o outro, ponho-me na pele dele e sinto suas vivências como minhas. Mas esse ainda é um dom raro. Por isso, o branco afirma que no Brasil não há preconceito de cor, o homem está crente que, com meia dúzia de manifestos, congressos e passeatas, as mulheres brasileiras derrubaram todas as discriminações sexistas e vivem no melhor dos mundos possíveis.

Homem não engravida. Pode até ignorar que é pai — ou sabê-lo e sumir do mapa, lixando-se solenemente. Mesmo o homem que assume com alegria e orgulho a condição de pai não é quem vai gestar, parir, amamentar, interromper suas atividades — trabalho, carreira, lazer, solicitações normais da vida — ou desdobrar-se em dois para cumpri-las, em função de cuidar de seu bebê. O que pode ser muito gratificante quando corresponde a uma *opção* — e seria ainda mais gratificante e menos pesado se o pai desse uma ajudinha — mas que não é justo impor a quem quer que seja a título de sacrifício. Tanto mais que o próprio bebê será prejudicado por futuras cobranças, conscientes ou não. Homem não tem de escolher entre realização pessoal e paternidade. Aliás, para ele, a paternidade é mais um fator de realização pessoal que não lhe custa nada, a não ser o ônus econômico — *se e quando* ele o assume. Colocando a questão em termos um tanto brutais, gravidez e filhos *não são problemas dele*.

Daí que não lhe custe nada, nem sequer um pouco de raciocínio objetivo, fazer declarações altissonantes: "Sou a favor da vida". Homem não tem com a vida um envolvimento direto e

segue

carnal como o nosso: vida, para ele, é uma abstração: a mulher faz os filhos, ele só faz as estatísticas de natalidade — quando não faz as guerras. Aliás, a frase aparentemente humanista de defesa da vida mostra-se de todo falsa e vazia porque encerra um desprezo fundamental pela vida *real*, concreta, a consciência, a vontade, a liberdade de alguém que não é mera *promessa de existência* e sim existência verdadeira: a mulher grávida.

“Não autorizo nem proíbo o aborto”, sentenciou um juiz no caso de uma menina de doze anos engravidada por seu padrasto (vide “Cícera, um Destino de Mulher”, depoimento de Cícera Fernandes de Oliveira recolhido em livro por Danda Prado). Ante esse monumento de ambigüidade, médico nenhum se atreveu a praticar a intervenção — e hoje a menina é mãe, a operária Cícera assumiu sozinha a responsabilidade pela filha e pela neta-enteadada que lhe caiu nas mãos. Mãos que nela são calosas e conspurcadas pelo trabalho duro, enquanto os juizes-Pilatos mantêm as suas muito bem lavadas.

A Justiça brasileira admite o aborto em caso de estupro. É preciso prová-lo — e os esturpadores não têm testemunhas, quando muito, têm cúmplices. A Justiça é lenta, os juizes são vagos deixando os médicos de pé atrás. As clínicas clandestinas (de cuja existência, aliás, todo o mundo sabe) jamais intervêm nos casos que transitam em julgado, para não perder a “clandestinidade”. A vítima tem de provar o estupro, atravessar todas as peripécias do processo — e, mesmo se o juiz for menos ambivalente, sua sentença sairá quando o fruto do estupro estiver reclamando sua primeira bicicleta.

Mas não é só aí que se delata a manipulação do corpo feminino pela lei dos homens. A Dra. Danda Prado esclareceu que os médicos funcionários (do INAMPS, dos hospitais públicos), as enfermeiras e assistentes sociais são proibidos, sob pena de demissão e processo judicial, de ensinar meios anticoncepcionais às pacientes. Isso equivale a colocar a mulher contra a parede: ou a abstinência sexual, ou sucessi-

Quando os fatos incomodam, a maioria dos homens prefere ignorá-los

vas maternidades. A menos que ela pertença aos muito minoritários setores privilegiados que têm acesso à instrução, à assistência médica privada — e ao caríssimo aborto praticado de baixo do pano. Aliás, a jornalista Sônia Abraão denunciou com corajosas palavras a hipocrisia da sociedade a esse respeito.

A lei também permite o aborto quando, sem ele, a gestante corre o risco de vida. Ora, risco de vida é uma situação de emergência que requer decisões imediatas: fazê-las depender de uma autorização judicial é uma sinistra piada.

Assim, as exceções que a lei prevê transformam-se numa burla e servem para perpetuar o domínio do homem sobre a sexualidade feminina.

Tudo isso parte de uma incoerência de base. Se aceitamos o princípio, várias vezes reiterado pelo procurador, de que o embrião é vida, vida real e não apenas potencial e que sua supressão equivale a assassinato, não cabe permitir o aborto nem em caso de estupro. Vida sempre é vida, seja qual for sua origem — e o feto não é culpado do ato que o gerou. O autor da violência pode ficar impune — geralmente fica — e o castigo mais drástico, a supressão da vida, recai sobre o fruto da violência. Desse modo, o único caso em que a lei brasileira admite a pena de morte é justamente contra um inocente! E depois falam da “lógica feminina”...

É claro que o procurador, em seu afã de defender o indefensável, misturou as coisas. A equiparação entre aborto e assassinato pertence à Igreja — aliás, coerente em seu dogmatismo

— e não à lei. Esta permite (muito re- lativamente, como já vimos) abortar o feto resultando de estupro tendo em vista o problema da sucessão: que o filho de outro sangue não vá herdar os bens do marido legítimo, ou do pai da gestante se ela for solteira. Nos dias que correm, este critério fundado na herança tem tanto a ver com nossa realidade como um forró tocado num enterro. São precisamente as mulheres ricas que podem abortar quando bem entendem. As outras, em geral, querem livrar-se do feto porque não há marido legítimo nenhum — e muitas delas sabem que serão expulsas por um pai prepotente que as lançará ao desemprego e à miséria. Ou são jovens casais que não têm condições econômicas de manter mais um filho. Enfim, quando há bens a herdar — propriedades, títulos, ações, polpudas contas bancárias —, não há problema nenhum. E nem costuma haver estupro entre as muito ricas, protegidas por mordomos, *chauffeurs*, dispositivos de segurança. Quem corre o risco são as outras, as que não têm proteção nem bens a transmitir a quem quer que seja.

E tanto misturou as coisas que várias vezes afirmou seu temor de que a legalização do aborto multiplicasse o número de clínicas clandestinas — como se coubesse clandestinidade onde não há proibição nenhuma!

O debate deixou bem clara uma coisa: todas as mulheres (pelo menos duas, eu sei que são mães), inclusive Hebe Camargo que não se distingue propriamente por tomadas de posição revolucionárias, eram a favor da legalização do aborto. O procurador, homem, era contra. A Igreja — que só admite mulheres no grau mais baixo de sua hierarquia — é contra. Na elaboração das leis, a mulher jamais foi consultada. Os homens são “pela vida”. E nós, que damos vida com nossa própria carne e sangue, que nutrimos a vida com o leite de nossos peitos, que cuidamos da vida, às vezes sozinhas, com mais absorvente e amorosa dedicação, aparecemos como as vilãs da história.

Não dá a impressão de que há algo muito errado em tudo isso?

FIM

CLAUDIA - 201

Carmen da Silva apresenta a você

A FACE OCULTA DOS EXECUTIVOS E SUAS INFELIZES SENHORAS

Você se lembra de Joan Kennedy, típica sombra do marido, corpo e alma mergulhada no alcoolismo? Ou de Betty Ford, esposa do ex-presidente Gerald Ford, que escolheu o álcool e as drogas para amortizar a falta de cor do seu dia-a-dia? Ou ainda aquela amiga mais próxima que um dia se casou com um executivo ousado e audacioso e hoje anda — apesar de rica e do sucesso do marido — mergulhada na mais funda depressão? Este artigo revela como a busca do poder e status pode matar a individualidade e corromper a relação do casal.

Telejornal com as últimas de hoje: guerras, crimes, catástrofes, devastação ecológica, troca de xingamentos entre figurões nacionais e estrangeiros, diga-se de passagem, bem que poderiam ter mais linha. Panorama econômico brasileiro: recuperação à vista, cresce a oferta de empregos para executivos. Entrevista relâmpago com um deles: "Em que consistem suas funções?" Blablablá. "E como o senhor vê isto ou aquilo?" Blablablá. "E qual é o maior problema que um executivo enfrenta?"

Aqui a resposta vem rápida e incisiva: — Tensão. E ele não se inquieta por seu coração? Não, faz cooper todos os dias, dedica duas ou três horas semanais ao tênis e outras tantas à ginástica aeróbica e musculação.

— E suas funções se refletem sobre sua vida familiar?

— Muitíssimo. A família se queixa, chego em casa tão cansado que nunca posso dar suficiente atenção a minha mulher e meus dois filhos.

Assim de simples. Em poucas palavras ele despachou o drama de vários milhares de mulheres frustradas, da semi-orfandade de vários milhares de crianças.

— É justo culpá-lo? Ele tem uma vida árdua, responsabilidade, decisões com-

plexas e prementes envolvendo somas bilionárias, programas importantíssimos a traçar, que repercutem na estrutura sócio-econômica do país. Isto sem falar — e é claro que ele não falou — na luta interna pelo poder, na desgastante disputa de cargos no seio das grandes corporações.

Executivos, técnicos, administradores, políticos; gente que vive se equilibrando na corda bamba com o abismo aberto a seus pés. Tensão, pressão, vertigem, ansiedade. Horinhas roubadas para a mensagem relevante, o exercício, o esporte praticado sem prazer, só para afastar o fantasma do enfarte. E, no fim do dia, relatórios para ler ou redigir, cálculos a verificar, discursos a preparar, reuniões a comparecer, jantares a oferecer a personalidades, a vida social transformada num permanente esforço de relações públicas.

E os filhos? Orfãos de pai vivo, meninos criados sem modelo paterno, meninas que crescem com uma visão mítica e remota da figura masculina. E as mulheres? Supermordomos de luxo, providenciando que os drinques sejam servidos, que o jantar saia perseguido, que as crianças não incomodem. Elemento indispensável de uma dem. Elemento indispensável de uma moldura de respeitabilidade (o celibatário masculino sempre cheia a boetia masculina sempre cheia a boetia), parte do cenário para as entre-

vistas e fotos: elegância discreta, maquiagem correta, penteado impecável e, congelado nos lábios, um sorriso luminoso que deve confirmar a imagem de um homem triunfante no seio de uma família feliz.

Admitindo que sobrem ao casal alguns instantes para ficarem a sós, como reencontrar a intimidade? Um homem esgotado não quer falar de seu trabalho nem ouvir sobre o trabalho da companheira, se ela o tiver. E menos ainda espremer o cérebro num debate abstrato. Com a cabeça cheia de preocupações transcendentais, ele está se lixando para "futilidades" como o relato das gracinhas e travessuras das crianças, aos comentários sobre os vizinhos e amigos, as miudezas do dia-a-dia. Impacienta-se com as coisas demasiado alheias a seu mundo: a beleza, a emoção de uma música, um livro, um filme. E sobretudo — SOBRETUDO! — não tolera que a mulher lhe venha com o que os homens costumam chamar de caraminholas: estados de ânimo, sentimentos, matizes de subjetividade: "Ah, filhinha, por favor, não dá, estou reventado!"

Observação da mulher de um executivo: — Não chega nem a ser um robô. Afinal, um robô bem programado, quando se vê na cama com uma mulher, faz amor com ela!

segue
CLAUDIA - 16*

Enquanto o homem triunfa, a mulher vira "mordomo de luxo," os filhos, orfãos de pai

Não vou abordar aqui um aspecto do problema, tão sério que já originou uma exaustiva pesquisa por parte de sociólogos e psicólogos norte-americanos: o desenraizamento das famílias de executivos das multinacionais constantemente transferido de cidades ou de país, levando atrás mulher e filhos, que mal começam a se ambientar num lugar já têm de empreender nova mudança. Deixo de lado os deslocamentos geográficos, limitando-me a encarar aqui a aridez emocional a que estão condenadas essas mulheres.

A família funciona, mas só como moldura de respeitabilidade

Para começar, é muito raro que uma delas trabalhe, a menos que tenha uma posição de destaque numa profissão liberal valorizada — medicina, direito, arquitetura, museologia — ou goze de prestígio na arte, na literatura. "Pegaria mal" para a imagem dele ter uma esposa trabalhando por um salário sob as ordens de alguém ou mesmo em atividade autônoma, porém sem projeção. E sobressair na arte ou profissão é extremamente difícil para quem tem seu tempo absorvido pela administração de um lar de padrão elevado e pela tarefa de secundar a carreira de um marido importante. Assim, mulher de executivo conta com pouquíssimas chances de realização pessoal.

Ela não é livre de escolher suas amizades a partir de afinidades e simpatia. O delicado e complicadíssimo jogo de xadrez social exige que mulher de executivo cultive as relações "certas", evitando frequentar gente de posição inferior à de seu marido. Também não pode ter intimidade com as mulheres do mesmo nível, porém casadas com executivos de empresas concorrentes. Ela está treinada para transar cordialmente com a concorrência, usando as necessárias táticas e cautelas. Mas como confiar nela que, além de ser "impulsiva como todas as mulheres" (ou ingênua, sentimental demais, trapalhona — qualquer dos muitos rótulos gratuitamente

aplicados ao sexo feminino), desconhece as regras do mercado — que, aliás, ele nunca se deu ao trabalho de revelar-lhe?

Assim, a lealdade — não propriamente ao marido e sim à empresa onde ele trabalha — limita seu círculo social. Azar o dela se tem interesses amplos, se estudou filosofia, música, sociologia, história, e as mulheres do grupo "recomendável" são umas chatas de cabeça vazia.

Na condição de porta-estandarte do sucesso do marido, ela não se pode permitir engordar dois quilos além do peso ideal nem conformar-se com eventuais imperfeições de sua natureza: pernas grossas, nariz comprido. Também deve eliminar os sinais do tempo, sob a forma de ruguinhas, flacidez. Dietas, massagens, fisioterapia, cirurgias plásticas e tudo o mais que a mantenha sempre decorativamente exibível deixa de ser opção para transformar-se em dever.

Alguns poucos anos vividos em função da imagem, da exterioridade, das conveniências, das relações formais, das atitudes diplomáticas, fatalmente lhe embotam as faculdades intelectuais e emocionais. E como essas mulheres atravessarem um período de crise no momento de tomar consciência do que lhes está acontecendo: o estreitamento de seus horizontes, a diluição de sua identidade, a renúncia a projetos individuais. É a hora da psicanálise, dos tranquilizantes, talvez do alcoolismo, das cobranças e conflitos conjugais que o marido tratará de paliar com panos quentes, pois o divórcio não favorece sua fachada social. E em geral os panos quentes funcionam porque muitas delas, por inércia, comodismo, interesse ou falta de hábito de agir com autenticidade, soterram o problema e seguem adiante. Com o tempo, vão ficando cada vez mais parecidas umas com as outras, assim como seus maridos se assemelham entre si.

O sacrifício, já de si intolerável, da própria individualidade, não lhe traz sequer a compensação de uma vida conjugal afetivamente satisfatória: "A família se queixa, chego em casa tão cansado que nunca posso dar suficiente atenção a minha mulher e meus filhos".

O executivo falou sem emoção: era simples comprovação de um fato que, de certo modo, não o envolvia: "A família se queixa", não ele. Ou então uma incômoda porém inevitável fatalidade: os ossos do ofício.

Cada vencedor se considera, no fundo, uma espécie de fraude

Os homens costumam dar-se importância demais. No seio de uma sociedade altamente competitiva, que entroniza valores de fachada — posição, prestígio, status, o "vencer na vida" —, quem subiu alguns degraus na escala social tende a adotar hábitos, comportamentos e caçoetes destinados a proclamar essa ascensão. Não se contenta com o poder real: precisa também do alarde de poder, do pedestal visível. O sistema vigente equipara sucesso e virilidade: os homens têm de ser fortes, duros, triunfantes, invulneráveis. Claro que não são: são apenas humanos como todo o mundo, com suas fraquezas, receios, vacilações. Ser bem-sucedido significa atingir aos olhos do mundo o padrão ideal de masculinidade, afirmar-se potente. Mas *por dentro, ante os próprios olhos*, ninguém se sente assim tão seguro e maravilhoso: cada um sabe de suas próprias debilidades, incertezas e temores, cada um se confronta intimamente com a supervalorizada imagem oficial da virilidade e tem de reconhecer que, por melhor que faça, por mais êxitos que acumule, nunca estará à altura dela. No fundo, cada um dos indivíduos socialmente "vencedores" se considera uma espécie de fraude — e teme vir a ser desmascarado.

Dá a necessidade das aparências, da cobrança, do ritual. Dá o medo às emoções porque as emoções desnudam, revelam a essência humana de cada um, derrubam o herói mítico e deixam em seu lugar apenas um homem imperfeito, frágil — mas total e, por isso mesmo, digno de amor.

Eu me pergunto se não seria bem mais simples e racional admitir essa realidade, aceitar a inevitável defasagem

O poder real é pouco para esse homem: ele quer exibir-se sobre um pedestal

gem entre a imagem pública do triunfador e a fragilidade essencial da condição humana. E se a comunicação espontânea com os seus, a troca de afeto com a companheira, umas horas de convívio com o universo mágico das crianças, participando de suas fantasias e brincadeiras, não seriam o melhor antídoto contra o stress, bem mais relaxante do que uma sessão de ginástica, massagem e sauna.

Eu me pergunto, enfim, se o homem que não dá atenção e diálogo à família por cansaço e excesso de preocupações não estará apenas usando o trabalho como pretexto para bloquear uma afetividade que o assusta porque reduz o super-homem que ele tenta imitar à mera dimensão humana.

Atrás do eterno cansaço dele, graves problemas se escondem

Todo o indivíduo normal está capacitado para usar ao máximo suas potencialidades e faculdades. O desgaste natural que esse exercício provoca é facilmente sanável; o organismo se recupera com algumas horas de repouso, a mente se refaz com um simples girar do dial: muda-se o foco da atenção e pronto. Só a neurose, absorvendo as energias para o interior, enfiando-as em torno do núcleo da doença, deixa tão pouca disponibilidade que torna extenuante qualquer esforço.

Acho oportuno lembrar aqui uma experiência que tive há muitos anos. Eu fora contratada para atuar como tradutora num congresso internacional, tarefa temporária mas sem limite de horários: era enfrentar o que desse e viesse. Vareei três dias e três noites sem mais descanso que um cochilo de duas horas numa poltrona, no próprio local de trabalho, rodeada de movimento, ruído, gente falando em cinco idiomas. No quarto dia, pude encerrar a tarefa às 20 horas: hurra! Mais tarde haveria um baile oferecido às delegações estrangeiras, mas eu nem sonhava comparecer.

Antes de ir aterrissar na cama feito um chumbo, arrastei-me até o analista:

já faltara a três sessões e queria desabafar minhas queixas de trabalhadora explorada: estavam sugando-me o sangue.

Não encontrei nenhuma simpatia. O analista assinalou que uma mulher (então) jovem, saudável, fazendo um trabalho interessante e bem remunerado, não podia ficar "morrendo de cansaço": aquilo chamava *depressão*. Protestei, discuti até que ele acabou pondo o dedo no nervo sensível e trazendo à tona a causa da depressão: estava "lá dentro", não tinha nada a ver com o trabalho.

Foi quase mágico: a fadiga sumiu, senti-me invadida por uma onda de vitalidade. Daí, muito lépida, rumei para um banho, um visual caprichado e passei a noite inteira dançando.

Cabe agora indagar: por que será que um executivo, intelectual e tecnicamente preparado para exercer suas funções, chega em casa cansado demais para dar atenção aos seus? Não haverá aí um módulo de depressão corroendo-lhe as energias? Quem sabe o que lhe anda no fundo: agressões reprimidas, equiparações inconscientes en-

tre pessoas e situações atuais com as do passado, culpas não elaboradas ou mesmo a própria carência afetiva que, quanto mais o deprime, mais o impede de solucioná-la, num círculo vicioso de frustração e depressão. Em outras palavras: que elementos psicológicos se escondem atrás desse cansaço que inibe a comunicação emocional?

Não pretendo em absoluto minimizar suas tarefas e responsabilidades. É certo, porém, que, quanto mais pesado o fardo, mais necessárias as compensações. Ele não carrega o mundo nas costas: enfrenta apenas um desafio — sim, sério e importante — para o qual foi devidamente adestrado. Age no setor que ele mesmo escolheu e que conquistou graças a sua capacitação. Olhadas desse jeito, suas funções parecem muito menos esmagadoras. Acho que se ele não se imbuísse tanto do papel de esteio-do-universo, se tentasse desprender-se da "imagem" e dar mais chance a seu lado humano, haveria menos enfartes entre a classe. E, sem dúvida, mais felicidade entre os executivos e suas famílias. FIM



Ninguém mais duvida: o Santo Sudário é autêntico

Você sabia que uma das maiores relíquias da Igreja Católica, o Sudário de Turim, já foi examinado criteriosamente por cientistas? Em 1978 um grupo da NASA munido de equipamentos avançadíssimos realizou várias pesquisas com esse pedaço de linho, que os católicos acreditam ter envolvido o corpo de Jesus Cristo no sepulcro. O mistério é que no tecido está impressa a figura de um homem (frente e costas) que morreu de forma violenta. E, para completar, os traços da figura, as chagas, as marcas de tortura coincidem com os relatos dos Evangelhos sobre a morte de Jesus Cristo.

Os cientistas descartaram a hipótese de ser uma pintura do infan-

cio da era cristã. Isso porque a imagem corresponde a um negativo fotográfico, é tridimensional e só atinge as fibras superiores. Além disso, não descobriram sinais de corantes e pincéis. Como então a imagem teria aparecido? A explicação mais provável é surpreendente! Ela seria resultado de uma leve queimadura. O corpo daquele homem teria sofrido uma transformação nuclear, mudando-se para outra forma de matéria e produzindo luz e calor suficientes para gravar a imagem do Sudário. Essa hipótese só aumenta a crença dos católicos na ressurreição de Jesus Cristo. Afinal, que homem comum teria poderes para se transformar dessa maneira?

